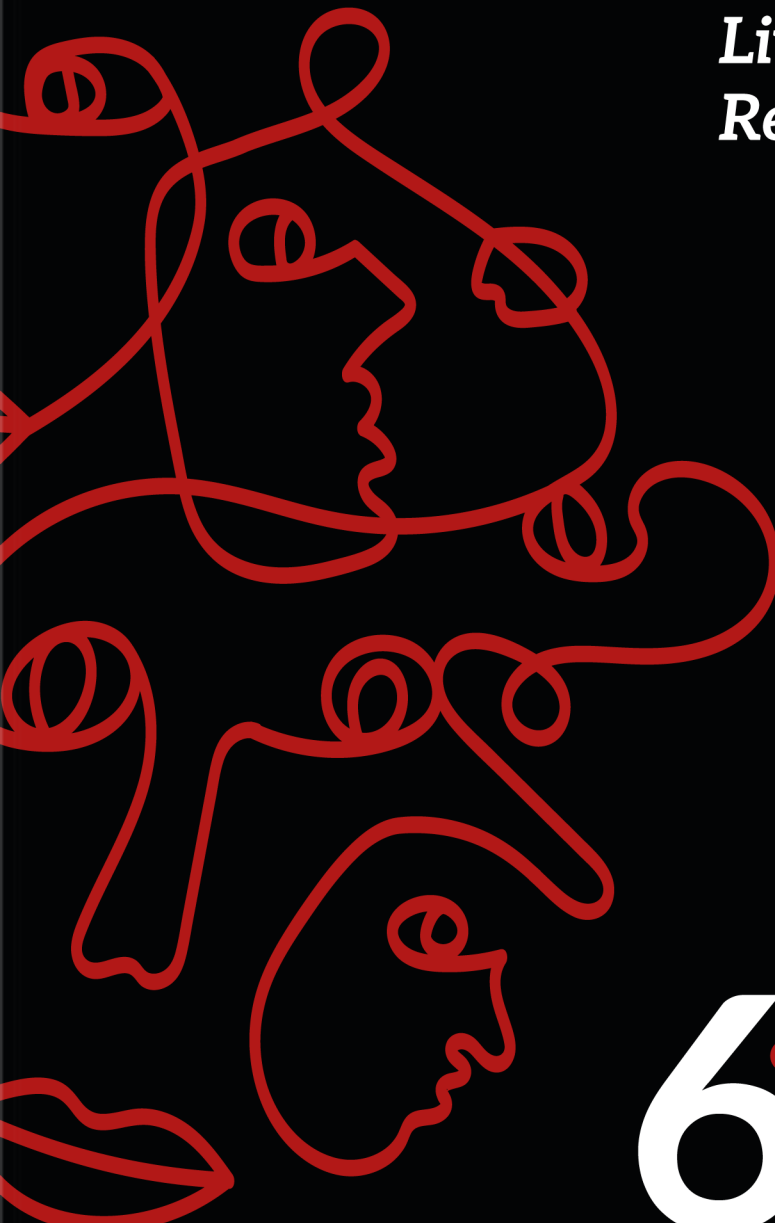


An abstract red line drawing on a black background. It depicts two faces in profile, facing each other. The lines are thick and expressive, with some loops and curves that suggest movement and emotion. The faces are composed of simple outlines for the head, nose, mouth, and chin, with some internal lines for the eyes and hair.

Livro de Resumos

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA

6 **SE
BRA
MUS**
TERESINA — PIAUÍ

6º SEBRAMUS

Seminário Brasileiro de Museologia

MUSEUS, MUSEOLOGIAS E INSERÇÃO SOCIAL

LIVRO DE RESUMOS

Universidade Federal do Piauí

Teresina, Piauí

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seminário Brasileiro de Museologia (6. : 2025 :
Teresina, PI)
Livro de resumos do 6º Seminário Brasileiro de
Museologia [livro eletrônico] / organização Áurea da
Paz Pinheiro, Rita de Cássia Moura Carvalho. --
Teresina, PI : Educar Artes e Ofícios, 2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86484-12-0

1. Museologia I. Pinheiro, Áurea da Paz.
II. Carvalho, Rita de Cássia Moura. III. Título.

25-260847

CDD-069

Índices para catálogo sistemático:

1. Museologia 069

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

© Copyright 2025

Educar artes e ofícios

Créditos

Esta publicação é um dos resultados do 6º Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), uma realização da Rede de Cientistas e Docentes do Campo da Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí e Universidade Federal do Delta do Parnaíba sob a coordenação geral da Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro. Tem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico | CNPq e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior | Capes | Ministério da Educação do Governo Federal do Brasil.

Design Gráfico | Bruna Negreiros

Diagramação e editoração | Rosa Karina Carvalho Cavalcante

Museu da Vila | Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Rua José Quirino | Bairro Coqueiro | Luís Correia | PI

www.museologiapiaui.com | [@museologiapiaui](https://www.instagram.com/museologiapiaui)



COORDENAÇÃO GERAL

Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro (UFPI - UFDFPar)

Profa. Dra. Artemísia Lima Caldas (UFPI)

Profa. Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho (UFDFPar)

REALIZAÇÃO

Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia

Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

LOCAL

Centro de Tecnologia

Campus Ministro Petrônio Portela

Universidade Federal do Piauí

Teresina, Piauí

DATA

24 a 28 de março de 2025

APOIO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / CNPq

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Capes

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dra. Áurea da Paz Pinheiro / UFPI – UFDPAr

Dra. Artemísia Lima Caldas / UFPI

Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho / UFDPAr

Ma. Bruna Gabrielle da Costa e Silva Negreiros / UFPI

Ma. Maria Carvalho Pinto de Mendonça / UFPI

COORDENAÇÃO DA REDE DE DOCENTES E CIENTISTAS DO CAMPO DA MUSEOLOGIA

Dr. Jezulino Lúcio Mendes Braga / UFMG

Dra. Anna Paula da Silva / UFBA

Dra. Thainá Castro Costa / UFSC

Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino / UFRGS

COMISSÃO CIENTÍFICA

Norte

Dra. Rosângela Marques de Britto / UFPA

Nordeste

Dra. Áurea da Paz Pinheiro / UFPI – UFDPAr

Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho / UFDPAr

Dr. Rodrigo de Sousa Melo / UFDPAr

Dra. Anna Paula da Silva / UFBA

Dr. Bruno Melo de Araújo / UFPE

Dra. Janaína Cardoso de Mello / UFS

Dr. José Cláudio Alves de Oliveira / UFBA

Dra. Rita de Cássia Silva Doria / UFRB

Dra. Sura Souza Carmo / UFS

Dr. Valério Rosa de Negreiros / UESPI

Centro Oeste

Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers / UFG

Dra. Clovis Carvalho Britto / UnB

Dra. Marijara Souza Queiroz / UnB

Sudeste

Dra. Elizabete de Castro Mendonça / UNIRIO

Dr. Jezulino Lúcio Mendes Braga / UFMG

Dra. Cláudia Penha dos Santos / MAST

Dra. Elena Cunha de Uzeda / UNIRIO

Dra. Julia Nolasco Leitão de Moraes / UNIRIO

Dra. Heloisa Meireles Gesteira / MAST

Sul

Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria / UFRGS / IBRAM

Dr. Daniel Maurício Viana de Souza / UFPel

Dra. Thainá Castro Costa / UFSC

Dra. Renata Cardozo Padilha

Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino / UFRGS

Dra. Zita Rosane Possamai / UFRGS



Sumário

1. Apresentação | 14

2. Instituição Receptora e Programa de Pós-graduação receptores do 6º seminário brasileiro | 18

3. Contribuições | 21

4. Grupos de Trabalho | 22

GT1 . Grupo de Trabalho 1 - Políticas e Processos Decisórios em Museus e Patrimônio Cultural no Brasil | 24

Coordenação

João Victor Polaro Soares

Júlia Erminia Riscado

GT2. Grupo de Trabalho 2 - Patrimônio e Memória da Alteridade em Coleções Museológicas de Arte e Cultura Populares | 40

Coordenação

Vânia Dolores Estevam de Oliveira

Elizabete de Castro Mendonça

Ricardo Gomes Lima

GT3. Grupo de Trabalho 3 - História e Cibernuseologia | 78

Coordenação

Valério Rosa de Negreiros

Francisco de Assis de Sousa Nascimento

GT4. Grupo de Trabalho 4 - Museologia e Educação: história, práticas e políticas públicas | 96

Coordenação

Kamylla Passos

Mona Ribeiro Nascimento

Saulo Moreno Rocha



GT5. Grupo de Trabalho 5 - Museus, Memória e Museologia LGBTQIA+ | 136

Coordenação

Tony Willian Boita
Jezulino Lúcio Mendes Braga

GT6. Grupo de Trabalho 6 - Musealização da Arte: políticas identitárias, coletividades e a preservação de obras e acervos de arte | 164

Coordenação

Anna Paula da Silva
Emerson Dionisio Gomes de Oliveira
Fernanda Carvalho de Albuquerque

GT7. Grupo de Trabalho 7 - Museologia, Cultura Digital e Inserção Social | 206

Coordenação

Rafael Teixeira Chaves
Rita de Cássia Maia da Silva
Carmen Silva

GT8. Grupo de Trabalho 8 - Ecomuseus e Museus Comunitários – Grupo de Museus e Ecomuseus em Zonas Úmidas: um diálogo oportuno | 250

Coordenação

Áurea da Paz Pinheiro
Rita de Cássia Moura Carvalho
Francisco Stefano Ferreira Dos Santos
Luísa Gertrudis Duran Roca

GT9. Grupo de Trabalho 9 - Pesquisas com Coleções e Museus Universitários | 300

Coordenação

Mauricio Candido da Silva
Graciele Karine Siqueira
Ana Luísa de Mello Nascimento
Jéssica Tarine Moitinho de Lima

GT10. Grupo de Trabalho 10 - Museus e memórias traumáticas: a museologia produzida entre os embates de políticas de memórias | 370

Coordenação

Ana Paula Brito
Letícia Julião

GT11. Grupo de Trabalho 11 - Museus como Agentes de Transformação na Sociedade Contemporânea: Uma Perspectiva da Museologia Social | 394

Coordenação

Anne Kareninne Souza Castelo Branco
Virginia Marques da Silva Neta
Maria do Amparo Alves de Carvalho

GT12. Grupo de Trabalho 12 - Acessibilidade em museus: reflexões sobre a inclusão das pessoas com deficiência – Museus e Ações Inclusivas | 438

Coordenação

Gilson Antonio Nunes
Viviane Panelli Sarraf
Rejane da Silveira Several
Márcia Regina Bertotto

GT13. Grupo de Trabalho 13 - Conservação Participativa e de Bens Culturais Móveis | 470

Coordenação

Silmara Kuster de Paula Carvalho
Vanilde Rohling Ghizoni

GT14. Grupo de Trabalho 14 - História e Memória dos Museus e da Museologia | 508

Coordenação

Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro
Priscilla Arigoni Coelho
Ana Carolina Gelmini de Faria

GT15. Grupo de Trabalho 15 - Museologia em Processo: Formação e Pesquisa | 542

Coordenação

Maria Cristina Oliveira Bruno
Judite Santos Primo

GT16. Grupo de Trabalho 16 - Documentação Museológica como Ferramenta para a Transformação Sociocultural | 568

Coordenação

Renata Cardozo Padilha
Mara Lucia Carrett de Vasconcelos
Ana Celina Figueira da Silva

GT17. Grupo de Trabalho 17 - Exposições, Curadorias e Diálogos Interculturais | 592

Coordenação

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino
Julia Nolasco Leitão de Moraes

GT18. Grupo de Trabalho 18 - Museologia e Arqueologia: processos, contextos e práticas educativas | 622

Coordenação

Itamar Soares Oliveira
Igor Linhares de Araújo





Apresentação

O 6º Seminário Brasileiro de Museologia acontece tradicionalmente de forma presencial, decisão fundamental para garantir o impacto e a eficácia do Evento de natureza itinerante e descentralizada. Sua natureza presencial proporciona um ambiente para a interação direta entre participantes, palestrantes, professores (as), pesquisadores (as) e estudantes. Essa interação é essencial para a formação de conexões significativas, parcerias e colaborações que impulsionam o campo da museologia no Brasil. A experiência presencial permite aos participantes uma imersão no ambiente sociocultural do território que recebe o Seminário, incomparável com eventos on-line. Os participantes podem explorar as exposições e experiências práticas, enriquecendo sua compreensão dos museus, das várias formas de museologia e da relação-interação das instituições museais com os diversos públicos e com as comunidades locais. As discussões e os debates presenciais permitem que os participantes expressem suas opiniões, façam perguntas e troquem ideias imediatamente. Isso promove um ambiente de aprendizado dinâmico e enriquecedor.

A realização do Seminário Brasileiro de Museologia em Teresina, Piauí, oferece a oportunidade de vivenciar a cultura local, enriquecendo a compreensão dos participantes sobre a interação entre museus e comunidades. Além disso, essa imersão cultural fortalece os laços entre o Evento e a região que o acolhe, criando uma conexão mais profunda com a temática do Seminário, que inclui sessões teórico-práticas, cursos e visitas a museus locais, que proporcionam uma aprendizagem significativa e tangível, difícil de replicar em um ambiente virtual. A realização do Seminário presencial em Teresina beneficia a economia local ao incentivar a utilização de serviços e recursos locais, desde hospedagem e alimentação, serviços de transporte etc.

A considerar que “Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam



a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos” (ICOM, 2022), é com essa motivação provocada pela definição de museu que a Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia (criada em 2008) e o Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (criado em 2013) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar) realizam a **6ª edição do Seminário Brasileiro de Museologia (6º SEBRAMUS) com o Tema “Museus, Museologias e Inserção Social”**, com o propósito de aprofundar estudos e intervenções em museus e em instituições de ensino acadêmico e profissional de museologia.

Nesta edição, a ênfase é na participação das comunidades em experiências museológicas que privilegiam a partilha de conhecimentos, as relações entre o ser humano, seus patrimônios e os territórios que habitam. Museus entendidos como dispositivos de transformação social, que têm como potência a intervenção dos detentores/as dos patrimônios em suas comunidades. Museus como instituição social, educativa e política, como dispositivo que provoca discussões de problemas recorrentes na contemporaneidade. As discussões são atravessadas por uma pluralidade de museus, de museologias e de formas de inserção social que oportunizam a construção de conhecimentos e de políticas públicas que possam garantir direitos aos/às detentores/as de gerir seus patrimônios.

O 6º SEBRAMUS potencializa diálogos sobre teorias e métodos no campo da museologia, para se conhecer e compreender estudos contemporâneos, críticos, experimentais e de inserção social, com dimensão aplicada, que se organiza a partir do ciclo vivo de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição, ação educativa e avaliação).

Nas diversas atividades, conhecemos estudos e forma de inserção social dos museus que se afirmam em abordagens teóricas, históricas, de planejamento e governança museal, sobre os fenômenos museológicos, que incidem em proposições e análises do fenômeno museológico, com conhecimentos e serviços que atendem as demandas das comunidades.

Diálogos com memórias, histórias e geografias dos territórios. Portanto, temas e problemas que permitem compreender e propor novas políticas públicas para os patrimônios e museus; compreender e aprender com as experiências no campo museal em nível nacional, regional e local, com estudos do patrimônio cultural, com a promoção de diálogos com estudos no campo teórico e prático, que propõem a decolonização dos patrimônios, dos museus e das museologias, que orientam sobre métodos e técnicas de pesquisa, que permitem conhecer e aplicar metodologias colaborativas, que incluem os inventários participativos do patrimônio cultural imaterial; metodologias associadas à história oral, etnografia, fotografia e cinema documental, conhecimentos teórico-práticos no campo das museologias e dos museus, museografia com atenção à programação coletiva e participativa de exposições, educação e ação cultural em museus, gestão e documentação museológica, o que incluem além dos acervos digitais institucionais (coleções/objetos) e acervos operacionais (em uso no território).

Discussões e diálogos sobre museologias e patrimônios no plural em uma perspectiva dinâmica e atual, experiências entre profissionais com formação inicial diversa, que na condição de docentes, discentes, profissionais de museus e outras instituições culturais e educacionais têm a oportunidade de conhecer o campo de estudos da museologia experimental, da inserção social; compreender a museologia como uma ciência social aplicada, interdisciplinar e multiprofissional, o que permite trocas de competências e habilidades entre profissionais múltiplos que, gradativamente, se afirmam no ofício e modos de saber-fazer dos museus e das museologias, das artes e dos patrimônios.

Há a oportunidade de conhecermos estudos e intervenções realizados diretamente com as populações em seus territórios e patrimônios, com os modos de ser e existir, trabalhos teórico-práticos, estudos e vivências em instituições museais sediadas em um edifício, com coleções e públicos, mas, sobretudo, estudos e vivências nos territórios, o que se justifica as opções pela museologia como um fenômeno contemporâneo, crítico, experimental, que considera o museu comunitário e integral, com foco nos territórios, nas pessoas, nos patrimônios, que permitem conhecer, refletir, dialogar e interpretar o conceito clássico de museu, de museologia, que ao longo dos anos passou por mutações de ideias e de práticas com interfaces com campos disciplinares diversos, para construir conhecimentos sobre as relações entre o ser humano e a realidade, de forma sistêmica e complexa, campos que envolvem tempo, espaço, patrimônios e museus no plural.

No 6º SEBRAMUS, consideramos os museus como instituições com permanências e mudanças, sustentabilidade e serviços prestados com e para sociedade, o que inclui uma diversidade de públicos, habitantes dos territórios onde estão instalados, equipamentos-instituições culturais que adquirem, conservam, estudam, comunicam os patrimônios em sentido amplo, com fins de estudo, educação e deleite (ICOM).



2 Instituição Receptora e Programa de Pós-graduação receptores do 6º seminário brasileiro

A Universidade Federal do Piauí (UFPI) foi instituída em 1968 e teve sua efetivação consolidada em 1971, com a nomeação e posse do primeiro reitor. As articulações para a criação da UFPI remontam à década de 1930, se intensificando ao longo dos anos até a fundação da Faculdade de Direito na década de 1960. A constituição da Universidade teve como base cinco experiências de ensino superior já existentes no Piauí, além da Faculdade de Direito: as Faculdades de Filosofia, Odontologia, Medicina (em Teresina) e Administração (na cidade de Parnaíba).

O Campus Universitário da Ininga, que sedia o 6º Seminário Brasileiro de Museologia, foi inaugurado em 1973. À época, reunia os cursos que já funcionavam na capital, situando-se em uma área então considerada afastada do centro urbano, caracterizada por mata densa e quintas de recreio. Ao longo de mais de quatro décadas de existência, a UFPI promoveu uma significativa expansão, ampliando sua oferta de cursos de graduação e desenvolvendo iniciativas institucionais alinhadas à sua missão como universidade pública. Nesse processo, consolidou seu Campus em Parnaíba e estabeleceu novas unidades em diferentes cidades-polo do Piauí.

A partir da década de 1990, a Universidade intensificou a estruturação de seus programas de pós-graduação *stricto sensu* em diversas áreas do conhecimento, fortalecendo suas atividades de pesquisa e ações de extensão universitária. No cenário nacional, a UFPI se configura como uma instituição de médio porte, desempenhando um papel relevante no desenvolvimento acadêmico, científico e cultural da região.

Os idealizadores da UFPI conceberam a Universidade como um agente catalisador do desenvolvimento social do Piauí, por meio da qualificação de profissionais, do aprimoramento cultural e da formação de uma elite intelectual e política capacitada para atuar na transformação da realidade local. Esse projeto, contudo, permanece em constante construção, delineado por desafios, avanços e ajustes ao longo de sua trajetória institucional.



Teresina, sede da Instituição, está situada nos limites de dois estados da Federação (Piauí e Maranhão), é considerada uma cidade-polo de prestação de serviços, dentre eles, se destaca a rede escolar de ensino superior, com dezenas de instituições particulares, que acolhem milhares de estudantes de outros estados e países. A UFPI se destaca dentre todas, por ser pública e a mais antiga, além de ser uma referência regional de qualidade, palco de um protagonismo cultural-político, referência de experiências e formação de quadros para as demais instituições de ensino e pesquisa, o que lhe confere responsabilidades ainda mais complexas.

Foi na UFPI que em 2015 iniciamos a formação da 1ª Turma do Programa de Pós-graduação, modalidade profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM), com Área de Concentração em Artes, Patrimônio e Museologia e 3 (três) linhas de pesquisa: (1) Artes, Patrimônio e Museologia; (2) Patrimônio, Sociedade e Educação em Museus (3) Patrimônio, Turismo e Sustentabilidade.

Os Trabalhos Finais de Mestrado (TFMs) são elaborados, aplicados, testados e entregues às comunidades e colaboradores (as) - agentes públicos, privados e sociais. O fluxo e componentes curriculares se firmam nas relações sistemáticas e contínuas entre teoria e prática. Pela opção do Programa por uma museologia crítica e experimental, os patrimônios (no plural), os museus e a museologia ou museologias são entendidos como recursos a serviço das comunidades locais, logo, os estudos e pesquisas se alicerçam em ações culturais, de educação e ensino, socialização e inserção de usos dos patrimônios no campo da economia criativa, afirmação de identidades, prestígio dos territórios, conhecimento dos serviços e políticas públicas, dos direitos e obrigações dos habitantes, gestores etc.

A seleção de conteúdos e métodos partem das necessidades de conhecer e compreender o campo de estudos das ciências da arte e dos patrimônios, da museologia contemporânea, crítica, experimental e de inovação social, o que justifica a existência de disciplinas que orientam a construção de projetos de natureza ação, com produtos e serviços, aplicados e avaliados a partir de tecnologias sociais - criatividade, baixo custo e resultados a curto, médio e longo prazos.

Desde o início do Mestrado se promove a compreensão do campo da museologia, conforme orientação do documento de área e literatura especializada do campo, em sua dimensão aplicada, que se organiza a partir do ciclo salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição, ação educativa e avaliação).

Nossos estudos e intervenções, que se materializam no TFM, vão além de abordagens teóricas, históricas e de planejamento e governança museal sobre os fenômenos museológicos, incidem em proposições e análises referentes ao ciclo mencionado, gerando conhecimentos e serviços que atendem às características híbridas (teoria e prática) e, sobretudo, às demandas das comunidades locais. Na organização curricular, as disciplinas dialogam com as histórias, memórias e geografias dos territórios, com foco nos aspectos teóricos e metodológicos da conservação e salvaguarda dos patrimônios natural e cultural, arquitetura e urbanismo, com estudos de mobilidade urbana, nomeadamente, em centros históricos tombados, protegidos; diálogos com a ciência do direito, que permitem refletir sobre direitos associados à cultura, aos patrimônios, à proteção do meio ambiente.

3 Contribuições

O 6º Seminário Brasileiro de Museologia é relevante para a ciência, tecnologia e inovação no campo dos museus e museologias no Brasil. Reúne pesquisadores (as), professores (as) e estudantes da área de museologia e disciplinas correlatas, o que proporciona um ambiente propício para a apresentação e discussão de pesquisas e estudos de caso, que permitem o avanço do conhecimento científico no campo. Participantes de diferentes regiões do Brasil têm a oportunidade de compartilhar experiências e boas práticas. Esse intercâmbio de conhecimento proporciona melhorias significativas nas estratégias e abordagens utilizadas em museus e instituições culturais em todo o país.

O Seminário é um espaço para discutir o uso de tecnologias inovadoras nos museus, como realidade virtual, realidade aumentada, inteligência artificial e aplicativos móveis. Essas tecnologias têm o potencial de transformar a maneira como os museus interagem com os públicos, como preservam o patrimônio e contam histórias. O Seminário promove discussões sobre museologia social e comunitária, enfatizando o envolvimento das comunidades na preservação e gestão do patrimônio cultural. Essa abordagem está alinhada com as demandas da sociedade contemporânea e inspira a criação de novas tipologias de museus. As discussões sobre a relação entre patrimônio cultural e sustentabilidade resultam em abordagens inovadoras para a preservação e utilização sustentável de bens culturais e têm impacto direto na proteção do patrimônio cultural do Brasil.

O Evento destaca o papel dos museus no desenvolvimento econômico local, através do estímulo ao turismo cultural e à criação de empregos, permitindo parcerias entre museus e o setor privado, impulsionando o crescimento econômico em várias regiões do Brasil. A reflexão sobre a decolonização, narrativas indígenas, negras e marginalizadas promovem a sensibilização e o respeito pela diversidade cultural brasileira. Esse entendimento é fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural. As discussões e colaborações resultantes do Seminário têm o potencial de influenciar positivamente as práticas museológicas, a preservação do patrimônio e a relação entre museus e a sociedade brasileira.





GT1

Grupos de Trabalhos
[GTs]



GT1

Grupo de Trabalho 1. Políticas e Processos Decisórios em Museus e Patrimônio Cultural no Brasil

Coordenação

João Victor Polaro Soares

Filiação Institucional: Museu Casa Francisco Bolonha

E-mail: jhonpolaro@gmail.com

Júlia Erminia Riscado

E-mail: julia_riscado@yahoo.com.br

Filiação Institucional: Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Esta proposta de Grupo de Trabalho (GT) visa abordar pesquisas que conectem os estudos sobre Museus e Patrimônio Cultural com a agenda da política e os processos decisórios das instâncias governamentais brasileiras, sejam elas municipais, estaduais ou federais. Nosso objetivo é dialogar com pesquisas que compreendem como a política impacta diretamente na gestão e administração dos museus, memoriais, patrimônio e demais espaços musealizados, sejam eles caracterizados por políticas públicas, projetos legislativos ou decisões judiciais. Entendemos que a inserção social dos museus e a participação das comunidades são fundamentais para a construção de políticas públicas que garantam os direitos dos detentores de gerir seus patrimônios. Nesse sentido, nosso GT pretende explorar como as instituições museológicas podem funcionar como dispositivos de transformação social, promovendo a inclusão e a diversidade. O debate teórico deste GT permitirá interseções entre a Museologia e os estudos epistemológicos de bibliografias da Sociologia e Ciência Política entre outras. Abordaremos as formas pelas quais as políticas públicas, as legislações e as decisões políticas moldam a maneira como os museus e os patrimônios culturais são administrados e preservados, destacando a importância da participação comunitária e do engajamento social. Pretendemos fomentar a discussão sobre como os museus, como instituições sociais, educativas e políticas, podem provocar debates sobre problemas contemporâneos e servir como plataformas para a reflexão e a partilha de conhecimentos. Ao integrar as teorias e métodos do campo da Museologia com os estudos sobre inserção social, este GT visa contribuir para a compreensão e a promoção de práticas museológicas que sejam inclusivas e participativas. Convidamos pesquisadores que tenham interesse em explorar as interseções entre Museologia, Patrimônio Cultural e Política a se juntarem a nós neste GT, para juntos promovermos um debate enriquecedor sobre os desafios e as oportunidades de gestão e administração dos museus e patrimônios culturais no Brasil.

EXTROVERSÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS - pensando em soluções

Marcelo Rodrigues Serrão

Email: marcelo.serrao@ufpe.br

Ana Catarina peregrino Torres Ramos

Email: ana.tramos@ufpe.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

O grande e crescente acervo presente nas reservas técnicas arqueológicas têm gerado discussões sobre sua gestão e a necessidade de preservar seu potencial informativo. A pesquisa apresentada busca propor soluções práticas para diminuir a sobrecarga nas reservas técnicas, assegurando que os artefatos mantenham seu valor como fontes de conhecimento. Diversos estudos conduzidos por antropólogos, museólogos, arqueólogos, historiadores e outros especialistas discutem o conceito de extroversão, evidenciando pontos de interseção na multidisciplinaridade que permeia o tema. Do ponto de vista metodológico, a extroversão do patrimônio arqueológico é uma abordagem que envolve a expansão, difusão e compartilhamento de conhecimentos e artefatos resultantes de pesquisas arqueológicas. Esse conceito está associado à devolutiva ou restituição de objetos culturais e artefatos arqueológicos, armazenados em reservas técnicas, museus, coleções privadas ou instituições de pesquisa, para seus contextos de origem. Além de promover a democratização do conhecimento produzido pela arqueologia, a extroversão possibilita uma reaproximação entre as comunidades e seus patrimônios culturais (Bastos, 2008). A devolutiva de acervos arqueológicos para as comunidades de onde os artefatos foram originalmente retirados emerge como uma prática justa e necessária, mas ainda enfrenta desafios devido à ausência de ferramentas legais e protocolos específicos. Em muitas situações, comunidades reivindicam o retorno de objetos que consideram parte essencial de sua identidade e memória cultural. Nesse contexto, cabe aos pesquisadores, instituições e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o desenvolvimento de normativas e diretrizes que viabilizem a restituição. A extroversão não apenas contribui para aliviar a sobrecarga das reservas técnicas, mas também promove a valorização do patrimônio arqueológico em seu contexto original. Para isso, é fundamental criar protocolos culturais, desenvolver legislações específicas e implementar práticas colaborativas entre arqueólogos, gestores de patrimônio e comunidades, garantindo um equilíbrio entre as necessidades institucionais e os direitos das populações locais. Esse esforço interdisciplinar é essencial para assegurar que o patrimônio arqueológico seja preservado e acessível às gerações futuras, ao mesmo tempo em que respeita as histórias e identidades das comunidades que o originaram.

Palavras-chave

Extroversão, Educação Patrimonial, Museus Comunitários

PROCESSOS DECISÓRIOS LOCAIS E GESTÃO DE PATRIMÔNIO

Adria Emanuelle da Costa Guedes

E-mail: adriaemanuelle01@gmail.com

Alessandra Torres Pinho

E-mail: alessandragillead@gmail.com

Marcela Guedes Cabral

E-mail: marcelagcabral@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

Os processos decisórios locais são fundamentais na gestão do patrimônio cultural, pois ajudam a preservar a memória coletiva e a identidade cultural, além de sensibilizar a sociedade e atrair apoio governamental para garantir recursos às ações de preservação. Um exemplo importante é o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), que, com um arquivo, um museu e uma biblioteca, promove a conservação do patrimônio cultural e incentiva debates sobre a cultura paraense em áreas como História, Geografia, Antropologia e Artes. Este estudo examina as estratégias do IHGP para fortalecer sua gestão e como as políticas públicas nos âmbitos municipal, estadual e federal têm apoiado a missão institucional da entidade. A metodologia adotada envolveu pesquisa bibliográfica e entrevistas com membros do IHGP e especialistas. Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre teorias e práticas contemporâneas em gestão de patrimônio cultural, que forneceu uma base teórica. Em complemento, entrevistas com a diretoria do IHGP trouxeram uma visão específica das necessidades institucionais e dos desafios locais, permitindo identificar práticas sustentáveis adotadas e a influência das políticas públicas nessas ações. Os dados evidenciaram a necessidade de criar um programa específico de restauração e preservação de acervos nos museus, memoriais e centros culturais no Pará. Propomos que o programa selecione anualmente instituições para receber recursos destinados ao acervo, promovendo a conservação física dos bens culturais móveis. O programa incluiria também a implementação de projetos de educação patrimonial, com atividades que envolvam a comunidade e iniciativas de conservação participativa para promover engajamento e responsabilidade social em torno do patrimônio cultural local. Além disso, a catalogação e digitalização dos acervos são fundamentais para ampliar o acesso público e garantir a preservação digital. Assim, a combinação de apoio governamental, políticas públicas eficazes e o envolvimento social se mostra essencial para assegurar a preservação do patrimônio cultural de Belém, fortalecendo sua memória coletiva e identidade cultural.

Palavras-chave

Patrimônio Cultural, Acervos, Políticas Públicas

REVISÃO COLABORATIVA DA PNEM: **Fortalecendo Educação Museal e Inclusão nos Museus**

Moises Bezerra de Moraes

E-mail: moraes.moises@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Acre

Charlline Vladia Silva de Melo

E-mail: charlline.melo@gmail.com

Filiação Institucional: Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará

Nágila Gonçalves Lima

E-mail: nagilainfu@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

Aline Escandil de Souza

E-mail: escandil@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A participação no Grupo de Trabalho de Análise do PNEM, iniciado em abril de 2024, foi um processo enriquecedor e desafiador para a revisão da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Ao longo desses seis meses, o grupo organizou um cronograma de ações, culminando na proposta de uma nova redação da portaria, com o objetivo de adequá-la aos desafios contemporâneos no campo da educação museal no Brasil. Foram analisadas versões anteriores da portaria (2007 e 2021), além do mapeamento de relatórios dos grupos de trabalho do I Encontro Nacional de Educação de Museal (EMUSE) e de outros grupos. A estruturação em subgrupos permitiu uma análise sistêmica de aspectos essenciais da educação museal. Um dos pontos mais relevantes foi a necessidade de atualizar a definição de “educação museal” para refletir a diversidade de públicos e práticas educativas, garantindo a inclusão, acessibilidade e diálogo contínuo com a sociedade. O caráter interdisciplinar foi outra questão chave, resultando em ajustes no texto para que ele refletisse essas demandas. Outro ponto crucial foi o fortalecimento dos setores educativos nos museus. Dados alarmantes da PEM BRASIL, apontaram que apenas 34,2% dos museus brasileiros possuem setores educativos formalizados. A nova redação reforça a importância de equipes multidisciplinares e orçamento adequado, para que os museus tenham a educação museal como função essencial. Outro aspecto fundamental abordado foi a formalização da profissão de Educador Museal, que também emergiu como um tema central. A falta de reconhecimento oficial e a ausência de regulação adequada para esses profissionais motivaram o grupo a propor medidas para sua inclusão na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Além disso, discutiu-se o fortalecimento das Redes de Educadores em Museus (REMs), reconhecendo-as como espaços essenciais para a troca de saberes e a construção coletiva de conhecimento. Outro avanço foi a criação de indicadores de implementação da PNEM, que permitirão a avaliação contínua do impacto das ações educativas nos museus, promovendo uma cultura de monitoramento e adaptação das diretrizes às necessidades emergentes. Esse relato destaca como o trabalho colaborativo do GT de Análise resultou em uma proposta de revisão que responde diretamente aos desafios contemporâneos da educação museal no Brasil. A minuta final reflete as demandas atuais e busca consolidar a educação museal como função essencial nos museus do país.

Palavras-chave

Política, Educação Museal, Práticas Educativas

POLÍTICAS CULTURAIS E MUSEUS (2003-2014): articulações globais e diferença cultural

Michel Platini Fernandes da Silva

E-mail: mplatini@ufg.br

Filiação Institucional: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas

Resumo

Este estudo investigou a política cultural direcionada aos museus no Brasil entre 2003 e 2014. Será apresentada uma análise sobre como as políticas culturais têm sido implementadas através de uma combinação de interesses globais e demandas locais, utilizando a cultura como um meio para equilibrar e viabilizar o desenvolvimento. A fim de ilustrar essas relações, serão exploradas as maneiras pelas quais um conjunto de conceitos elaborados pela Unesco foi empregado pela Política Nacional de Museus para criar expectativas de desenvolvimento social e econômico. Metodologia Foram realizados levantamentos nas plataformas SalicNet e SalicWeb visando informações sobre proponentes, projetos e valores dispendidos por meio do Mecenato, além de levantamento via Diário Oficial da União e portais do Iphan e Ibram, de cerca de 87 documentos entre excertos de editais e resultados de premiação. Objetivos: Evidenciar a gênese transnacional do léxico e das ações operadas pela PNM; Demonstrar as práticas e os sentidos que concretamente têm sido vinculados a um vocabulário da diferença promovido pela Política Nacional de Museus. Fundamentação teórica A pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva dos Estudos Culturais, abordagem que se interessa pela articulação entre uma economia política da cultura e as formas específicas com que as instituições (os museus) materializam uma lógica de governamentalidade por meio da instrumentalização das diferenças culturais e em favor do desenvolvimento. Há uma articulação entre os conceitos de governamentalidade (Foucault, 1979) e conveniência da cultura (Yúdice, 2006) para demonstrar como o papel da cultura se expandiu para a economia e a política de forma que suas noções convencionais se esvaziaram. Discussão / Resultados Demonstrei como as políticas culturais no Brasil, em particular a Política Nacional de Museus, adotaram um léxico que visa criar expectativas de acesso a uma cidadania cultural e ao desenvolvimento social e econômico. Minha análise apontou a PNM como resultado de uma política cultural que canalizou demandas locais para alinhá-las a interesses globais, utilizando a cultura como instrumento para equilibrar e viabilizar o desenvolvimento. Nessa perspectiva, a PNM é compreendida como parte de um processo global que elegeu os museus como ferramentas para validar a preservação e a promoção da diversidade como forma de mitigar impactos e superar obstáculos ao desenvolvimento.

Palavras-chave

Gestão da diferença, museus, políticas culturais

RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL NA AMAZÔNIA: o registro da Marujada Bragantina

Waldir Cardoso

E-mail: waldircardoso@live.com

Marina Fernandes de Figueiredo Souza Teixeira

E-mail: marinaffteixeira@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

As Marujadas de São Benedito no Pará são uma manifestação cultural da Amazônia de base religiosa cristã que celebra a devoção, especialmente a São Benedito, na região Bragantina. Realizada anualmente, a Marujada reúne músicas, danças e rituais festivos nos quais os devotos, vestidos com trajes típicos que incluem fardas e saíões, participam de cortejos acompanhados por instrumentos como retumbantes, expressando sua fé e tradição com alegria e entusiasmo. A Marujada é uma mistura singular de procissão religiosa e festa popular, marcada por ritmos característicos que lhe conferem uma identidade própria. Mais do que uma celebração, ela é um símbolo de resistência e afirmação da história afro-brasileira na Amazônia, sendo uma referência cultural não apenas paraense, mas também nacional. Reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Marujada foi inscrita no Livro de Registro das Celebrações em setembro de 2024. Esse reconhecimento reflete a importância de salvaguardar manifestações culturais que, há mais de dois séculos, são preservadas pelas comunidades guardiãs dessas tradições. Além de destacar o valor imaterial do bem cultural, o registro representa o respeito e o apoio às histórias, lutas e aspirações das comunidades que mantêm viva essa tradição. O presente trabalho tem como objetivo problematizar o processo de registro da Marujada sob a ótica da teoria decolonial, questionando as narrativas de identidade e resistência que emergem desse reconhecimento oficial. A pesquisa busca compreender como o registro reforça ou transforma as dinâmicas culturais locais e as relações de poder subjacentes. A metodologia adotada incluiu pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas com técnicos do IPHAN e representantes do poder público local. Assim, procura-se explorar de que forma o registro da Marujada contribui para valorizar as práticas culturais e as narrativas identitárias da Amazônia, ao mesmo tempo que reflete sobre os desafios de preservação e respeito às tradições populares.

Palavras-chave

Marujada de Bragança, Patrimônio Imaterial, Amazônia Paraense

O PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO DO CINE BRASÍLIA (DF) E A PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM MUSEU DO CINEMA NO DISTRITO FEDERAL

Ana Lucia de Abreu Gomes

Email: anaabreu@unb.br

Yasmin Sousa Tavares

Email: yasmin.tavares0114@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Em 2007, o Governo do Distrito Federal tombou o imóvel que abriga o Cine Brasília, um dos poucos cinemas de rua em funcionamento em uma cidade capital brasileira. A principal motivação para o tombamento foi o fechamento do equipamento para reformas e a morosidade de todo esse processo. Outro elemento que potencializou o pedido foi o fato de o projeto ser de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer. Na ocasião do tombamento, já havia no Distrito Federal legislação de tombamento e decreto com sua regulamentação. O argumento que procuramos defender nesta comunicação é o de que o corpus documental que instrui processos administrativos de patrimonialização é fundamental para a constituição do corpus patrimonial. Nos processos administrativos deve haver documentação comprobatória dos valores atribuídos aos bens pela comunidade detentora do espaço. Em termos de política pública não há patrimônio material, imaterial ou ainda patrimônio chancelado, sem um processo administrativo a ele vinculado. Consideramos nesta comunicação ainda outros dois aspectos: o corpus documental que instrui o processo de tombamento do Cine Brasília é insuficiente para identificar os valores patrimoniais atribuídos ao bem e mesmo assim, o imóvel foi tombado, indicando um forte agenciamento da estrutura política em prol do processo, podendo, igualmente, demonstrar a ausência de um campo patrimonial estabelecido no Distrito Federal. Consideramos, portanto, que a análise dos processos de patrimonialização é fundamental para compreendermos a natureza dos processos decisórios que têm fundamentado a política de patrimônio cultural no Distrito Federal. Um segundo aspecto que pretendemos apresentar é o da proposta de criação de um museu do cinema do Distrito Federal considerando a relevância não só do Cine Brasília, mas também do cine drive-in (em processo de tombamento), e do registro do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro como patrimônio imaterial do DF, procurando entender as interfaces entre museus e patrimônio no Distrito Federal.

Palavras-chave

Patrimônio Material, Cine Brasília, Museu do Cinema, Distrito Federal

SISCULT:
a Gestão do Patrimônio Cultural na Força Aérea Brasileira

Mariana Silva Santana

E-mail: msilvasantana@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Resumo

O estudo aborda o Sistema do Patrimônio Histórico e Cultural do Comando da Aeronáutica (SISCULT), sua concepção, objetivos e atuação, no contexto das políticas públicas para a gestão do patrimônio cultural no Brasil. O SISCULT foi criado em 2010, pelo Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, órgão gestor de cultura da Força Aérea Brasileira (FAB). Com a finalidade de planejar, orientar, coordenar e controlar as atividades culturais nas áreas de História, Museologia e Música, desenvolve instrumentos legais que regulamentam as ações para a preservação do patrimônio cultural, sendo a principal diretriz institucional a Concepção da Cultura no Comando da Aeronáutica. O Sistema estabelece relações com as organizações culturais da Marinha do Brasil e do Exército Brasileiro, com a Chefia de Educação e Cultura do Ministério da Defesa e com demais instituições de cultura que legislam sobre a preservação do patrimônio cultural nas esferas federal, estadual e municipais. Em particular, na área da Museologia, o SISCULT atua em articulação com a Política Nacional de Museus e com o Plano Nacional Setorial de Museus. Essa articulação resulta na criação de normas, estratégias e metas direcionadas às atividades culturais gerenciadas no âmbito das organizações militares da Força Aérea. A Museologia praticada no domínio do SISCULT está relacionada à gestão do patrimônio cultural, material e imaterial. Nesse sentido, desenvolve instruções para a preservação da memória institucional e dos bens culturais, bem como para o gerenciamento dos espaços culturais. No intuito de identificar e salvaguardar os bens materiais e imateriais, portadores de valores culturais no âmbito da FAB e do País, o SISCULT possui mecanismos de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural, sendo eles: a Custódia, equiparada ao Tombamento, e o Cadastro, equiparado ao Registro. O presente estudo contempla uma revisão bibliográfica acerca das políticas públicas que embasaram a concepção do Sistema, visando evidenciar os aspectos inerentes a sua sustentação conceitual. A partir de pesquisas nos documentos que respaldam o SISCULT, o artigo investiga as características que sugerem o alinhamento dos objetivos do Sistema com as normativas de gestão do patrimônio cultural. Ainda, por meio da análise das Instruções desenvolvidas para a operacionalização do Sistema, o trabalho busca apontar processos que orientam a sua atuação e que se relacionam com as políticas de gestão do patrimônio cultural no Brasil.

Palavras-chave

Museologia, Gestão do Patrimônio Cultural, Políticas Públicas





GT2



GT2

Grupo de Trabalho 2. Patrimônio e Memória da Alteridade em Coleções Museológicas de Arte e Cultura Populares

Coordenação

E-mail: vaniadeoliveira137@gmail.com

Vânia Dolores Estevam de Oliveira

Filiação Institucional: Universidade Federal de Goiás

Elizabete de Castro Mendonça

E-mail: elizabete.mendonca@unirio.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ricardo Gomes Lima

E-mail: rgomeslima50@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

As novas tipologias de museus e, como decorrência disso, as novas configurações de acervos, trazem variadas possibilidades de pensar e exercitar a museologia, e ao mesmo tempo, desafios para a gestão de coleções, sobretudo nas ações de conservação e documentação de acervos museológicos. Este GT está em sua quarta edição no 6º Sebramus e tem como proposta congregar trabalhos sobre colecionismo, percursos, estudos de performances culturais e representações artísticas em coleções de museus, com ênfase nos acervos relacionados a expressões de cultura popular. Considerando que a atuação cultural, sobretudo na esfera museal, e mais pontualmente, no estímulo e apoio à cultura popular, é forma de luta e resistência, serão apreciados principalmente, mas não exclusivamente, trabalhos que abordem musealizações de acervos de arte e cultura populares e seus assemelhados, tais como objetos de cultos de matriz africana e de origem indígena, que apresentem aspectos não usuais, ou que causem estranheza no contexto tradicional da formação de coleções museológicas. Interessam-nos trabalhos que abordem os conceitos de arte e cultura populares, com possíveis implicações na política de constituição de acervo e nos sistemas de documentação e conservação das instituições museológicas; a exemplo de objetos que são alterados em sua forma física ao longo de sua trajetória no museu, por serem postos em interação constante com a realidade social circundante, ou por tomarem parte em eventos do calendário festivo das cidades em que se inserem, pelo envolvimento e ação comunitária. Interessam-nos igualmente, acervos relacionados a temáticas incomuns ou que levantem questionamentos relativos à patrimonialização, documentação e conservação, em contraposição aos interesses e anseios da sociedade envolvida com o bem em questão. São bem-vindos trabalhos de pesquisa e relatos de experiência que subvertem ou põem em discussão a origem e aquisição de acervos de arte e cultura populares que fujam aos padrões tradicionais de constituição das coleções museológicas. Resultados de disputas, em campos de tensão criados e performados no interior do mundo museológico, esses objetos espelham visões de mundo que têm se modificado, alterando também as instituições que os abrigam.

**PATRIMÔNIO, MUSEUS E ACESSO PÚBLICO –
institucionalização do Circuito da Herança Africana
no Rio de Janeiro**

Cristina Lodi Reis

E-mail: mcrislodi@gmail.com

Maria Amélia de Souza

E-mail: amelia.souza.reis@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Essa comunicação faz parte da pesquisa de tese em curso, intitulada Políticas públicas para a preservação da memória da Pequena África: apagamentos e/ou reparações históricas, sob a Orientação da Profa. Dra. Maria Amélia de Souza Reis, no Programa de Pós-graduação em Patrimônio e Museus da UNIRIO, cujo objeto é o estudos do processo de patrimonialização da região portuária do Rio de Janeiro e seu entrelaçamento com a musealização, confrontando os termos e discursos oficiais nacionais com as visões e anseios da comunidade afro-brasileira, atuante na luta secular pela preservação das suas memórias da região da Pequena África. O recorte nessa etapa objetiva a análise da institucionalização, documentação e apropriação pública do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana (CHACHA), instituído pelo Decreto Municipal nº 34.803/2011, que pelo seu caráter colaborativo, incluindo agentes públicos e a comunidade afro-brasileira, é adotado como referencial na tese. Como resultado da redescoberta do Cais do Valongo em 2011, a partir da mobilização da comunidade junto aos entes públicos, foram definidos seis lugares de memória no CHACHA, como os principais elementos materiais para a preservação da cultura afro-brasileira, irradiados a partir do Sítio Arqueológico Cais do Valongo, inscrito na Lista do Patrimônio Mundial em 2017. A metodologia teórico-prática de caráter qualitativa é desenvolvida através da análise de documentos patrimoniais nacionais e internacionais, leis e artigos, assim como na coleta de dados primários encontrados no IRPH-Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, ente criador da política pública local e em dois dos lugares do CHACHA: no museu híbrido, de território e histórico - MUHCAB- Museu da História e da Cultura Afro-brasileira, apropriador do território do CHACHA e responsável pela inovadora sistematização desses lugares no Sistema de Gerenciamento de Acervos Museológicos - SISGAM, como objetos territoriais do museu; e do IPN - Museu Memorial Instituto Pretos Novos, principal agente de disseminador do CHACHA, através da promoção de visitas guiadas ao território desde 2016. Apesar de ser uma política pública local, a qual não encontra correspondência na legislação nacional referente aos bens tombados federais na região, excluindo a proteção do Sítio Arqueológico Cais do Valongo-Patrimônio Mundial e sua área de amortecimento, o alcance das ações pesquisas extrapolou as fronteiras locais, quando os lugares de memória institucionalizados, transformados em objetos /documentos patrimoniais musealizados, resultou no amplo acesso público de agentes patrimoniais e museais, guias turísticos e a comunidade em geral. As ações da pesquisa podem ser consideradas como estruturais na preservação e disseminação da cultura afro-brasileira, se vinculadas à gestão do Cais do Valongo - Patrimônio Mundial.

Palavras-chave

Patrimônio Afro-brasileiro, Museu de Território, Políticas Públicas

OBJETOS DO ROSÁRIO NO MUSEU: tensões e disputas na musealização da “cultura popular”

Mariana Ramos de Moraes

E-mail: marianaramosdemoraes@gmail.com

Filiação Institucional: Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O reinado – conhecido também como congado, congada, congo, dentre outras denominações – é uma prática religiosa de matriz africana centrada na devoção a Nossa Senhora do Rosário, aos santos católicos, como São Benedito e Santa Efigênia, e aos ancestrais. Ele advém das coroações dos reis e das rainhas do Congo ainda nos tempos coloniais, tendo vínculos com as irmandades negras católicas. O reinado tem sido classificado como catolicismo negro ou catolicismo popular, como cultura popular e folclore – por vezes, adjetivado “negro” –, sendo considerado um folguedo ou uma dança dramática. Tais classificações são, em certa medida, contestadas por meus interlocutores. Reverbera entre eles a ideia de que no reinado cultua-se, em festa, os santos católicos africanamente. Esse entendimento acentua o caráter étnico dessa prática religiosa que, por sua vez, reverbera na maneira como o reinado tem sido mobilizado em processos de patrimonialização e musealização, atrelados, em alguns casos, às demandas por reparação decorrentes das lutas pós-coloniais. Um movimento que incide na maneira como diferentes grupos sociais reivindicam sua participação em uma nova configuração de identidade brasileira. É nesse contexto que se inscreve a exposição de longa duração “Uma rainha na favela”, dedicada ao reinado, no Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), localizado na entrada de um conglomerado de vilas e favelas de Belo Horizonte (MG). Essa exposição, inaugurada em 2018, é foco desta comunicação que visa refletir sobre a sua conformação. Ela foi montada para abrigar os objetos rituais de uma Rainha de Santa Efigênia de um grupo de reinado da comunidade onde o Muquifu está situado. A referida exposição está em constante mudança, já que recebe novos objetos, na maioria das vezes doados por pessoas vinculadas aos reinados, e fica sem a posse, definitiva ou temporária, de outros objetos demandados por aqueles que os deixaram sob a guarda do museu. Essa característica está relacionada à dinâmica própria do Muquifu, que se autocalifica como um museu comunitário, como também pela qualidade dos objetos que compõem a exposição. Tratam-se de objetos religiosos, que envolvem noções sofisticadas de animação e agência, e que, uma vez nos museus, contribuem para a desnaturalização de classificações. A partir da análise da conformação da exposição “Uma Rainha na favela”, intento, assim, pensar sobre as tensões e as disputas que novas propostas museológicas que englobam as culturas ditas populares têm gerado no mundo dos museus.

Palavras-chave

Reinado, cultura popular, museu

FIGUREIROS DA FAMÍLIA SANTOS (CACHOEIRA, BA) EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS E COLETIVO

Suzane Tavares de Pinho Pêpe

E-mail: suzanepinho@ufrb.edu.br

Rodrigo Rebouças Lyra

E-mail: rrlyra@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

Este trabalho busca refletir sobre a literatura e a musealização em museus de cultura e arte popular como mecanismos de legitimação de produções locais, particularmente da produção da Família Santos, oriunda de Cachoeira (Bahia), que se dedica ao figurado cerâmico com muita originalidade e sem qualquer preocupação com a unicidade das peças. Representam “Exu Boca de Fogo”, “Barcas de Exu, orixás, figuras de presépio, pombais, rodas de capoeira, irmãs da Boa Morte, caboclos/as, entrecruzando heranças culturais e matrizes religiosas. O estudo aceita a proposição de Néstor Canclini de que a arte popular tenha formas de produção, distribuição e consumo distintas das em geral empregadas pela tradição ocidental. Entre anos 1970 e 1980, em Cachoeira, Cidade Monumento Nacional (1971), houve uma maior movimentação artística e cultural motivada pelo Programa de Desenvolvimento de Cachoeira (MEC/Prefeitura/UFBA), com a organização de oficinas e festivais, entre outros acontecimentos. Além disso, escultores, que já haviam começado a comercializar seus trabalhos no Mercado Modelo (Salvador), e ceramistas locais começavam a ser percebidos por pessoas da cidade e visitantes. As cerâmicas eram vendidas na feira livre e na Cabana do Pai Thomaz (Cachoeira). A abordagem situa o Reinado da Lua: Escultores Populares do Nordeste (1980), livro de Silvia Coimbra et al.; e o texto “Criação liminar na arte do povo: a presença do negro”, escrito por Lélia Coelho Frota (1988), apontando a importância dessa literatura que traz os irmãos Armando Santos e Tamba Xavier, “iniciadores da tradição”. Igualmente mapeia a inserção de seus trabalhos em coleções de museus de arte e cultura popular. Nos últimos anos, novas pesquisas, filmes e outras ações resultaram na formação do coletivo Ponto de Memória Amigos da Família Santos, composto por Alentícia Ribeiro, Florisvaldo, Marilene, Márcia e Marciana Ribeiro dos Santos, junto com professores, pesquisadores e produtores culturais. A metodologia empregada na pesquisa é analítica, baseada em fontes diversas, além do viés participante, dado o envolvimento dos autores com o tema.

Palavras-chave

Arte Popular, Museus, Pontos de Memória

DEUS ESCOLHEU ESTE LUGAR?

A obra de Eli Heil no Conjunto Franciscano de João Pessoa,
Paraíba

Raisa Filgueira Soares Gomes

E-mail: raisagomes96@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

O Centro Cultural São Francisco, localizado na cidade de João Pessoa na Paraíba, abriga desde a década de 1990 a coleção de arte popular curada pela museóloga, escritora e curadora Lélia Coelho Frota. Fazem parte do acervo artistas de todo o Brasil, que transitaram entre a arte dita “popular”. Muitos desses artistas tinham em comum a representação de um cenário social que caminhava do rural para o urbano pós industrializado e a curadoria apresentava em sua narrativa a aproximação da estética com a antropologia, sujeito e objeto. A exposição “Brasil, Arte Popular Hoje” foi inaugurada no Grand Palais, França em 1987 e voltou para o Brasil no seguinte, quando foi exposto no Museu de Arte de Brasília, até chegar ao recém-inaugurado Centro Cultural São Francisco, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Após um período de comodato, boa parte da coleção foi doada ao equipamento cultural, associado à arquidiocese de JP/PB e passou a ser permanente. Dentro desse acervo está presente até hoje a obra em óleo sobre courvin, Deus escolheu este lugar, da catarinense Eli Heil. A artista teve o seu trabalho reconhecido na década de 1960 por João Evangelista de Andrade Filho, crítico de arte. Eli Heil participou de mostras individuais e coletivas e Bienais, partindo de uma temática que trazia a ideia do ovo como epicentro, o que estimulava a sua criação. No trabalho da artista há uma relação com o universo rural, como apontam os títulos de suas obras: bicho tinta, bicho ovo, bicho pássaro, entre outros, bem como, com o ideário católico. É a obra Deus Escolheu Este Lugar do ano de 1984, que vai adentrar e ocupar espaços do antigo Convento Franciscano, transformado em Centro Cultural, sendo o seu lugar de permanência até hoje. Entre espaço expositivo e reserva técnica, o estado adverso de conservação da obra aponta para um longo período na estrutura que foi designada para ser reserva técnica. A obra hoje se encontra em um ateliê de restauro, mas sem uma previsão para que alguma intervenção, visando a sua preservação, aconteça. Em decorrência da potência da criação de Eli Heil, bem como dos demais artistas presentes neste acervo, esta comunicação tem como finalidade pensar acerca do processo de musealização e preservação de obras e acervos de arte popular em equipamentos culturais, que resultam, em muitos casos, como o aqui apresentado, na degradação do patrimônio material artístico, parte constituinte fundamental da nossa memória e identidade.

Palavras-chave

Arte Popular, Musealização, Preservação

CONSIDERAÇÕES SOBRE CATEGORIZAÇÃO DE OBJETOS DE MUSEUS: O Conjunto da Girândola

André Felipe dos Santos Alves

E-mail: andrefelipe.alves@outlook.com.br

Jaddy Nascimento Parovszky Gomes de Sousa

E-mail: jaddyparovszky@outlook.com

Paulina Aparecida Marques Vieira Albuquerque

E-mail: paulina.vieira@unirio.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, de natureza aplicada e exploratória, com abordagem qualitativa, tendo como objetivo compreender o que caracteriza um objeto como simples, composto e/ou integrante de conjunto, a partir do processo de documentação em museus. A inquietação embrionária surge em meio às atividades de documentação de objetos associados aos conhecimentos tradicionais populares, desenvolvidas pelos autores, no Plano de Trabalho “Documentação de bens culturais populares e compartilhamento de saberes: uma proposta articulada para acervos”, vinculado ao projeto de pesquisa e inovação “COSUMUD: Compartilhando Saberes entre Universidades, museus e detentores de conhecimentos tradicionais populares”, realizado em parceria entre o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e o Núcleo de Gestão do Patrimônio e Documentação em Museus, ao lidarmos com os desafios que o objeto de cultura popular “Girândola”, nos propôs, durante o processo de catalogação. Dado que, a partir de diversos autores, compreendemos a documentação em museus como uma ação que envolve e articula políticas, processos e procedimentos que fazem uso da palavra e de recursos visuais, a fim de representar os objetos de museu, em que a ação é destinada a organizar, representar, recuperar, atualizar e gerir as informações sobre eles (Mendonça, 2020). Aliada a essa perspectiva, conforme Ferrez (1994), entendemos que há uma transformação nas coleções dos museus em fontes de pesquisa científica, ou em mecanismos de difusão de informação, devido a documentação em museus. Há de se considerar, conforme exposto por Matos (2010), a necessidade de normatizar a documentação, visto que esta é um conjunto de procedimentos adotados pelos museus, visando gerir de forma eficaz suas coleções. O objeto Girândola, conforme UNESCO (1989), constitui o que compreendemos como objeto de cultura popular, uma vez que é entendido como um conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição e que, reconhecidamente, respondem às expectativas da comunidade, enquanto expressão de sua identidade cultural e social. Visando atender à demanda por categorização, a natureza do objeto que pode ser composta de diversas maneiras e seu objetivo fim, a definimos como um conjunto, que possui um objeto composto, visto que a mesma dispõe de quatro partes estruturais e noventa e três elementos que, quando catalogados e expostos juntos, possuem uma temática comum.

Palavras-chave

Documentação em museus, Gestão de coleções, Normatização

A INCLUSÃO DA PLURALIDADE CULTURAL: Desafios e Oportunidades na Representação dos Acervos Museológicos

Beatriz Tarré Alonso

E-mail: bettytarrealonso@gmail.com

Thainá Castro Costa

E-mail: thainacastrocosta@gmail.com

Dalton Martins

E-mail: daltonmartins@unb.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este projeto de pesquisa tem por objetivo atualizar o campo da documentação museológica, focando na análise das terminologias usadas para descrever acervos e sua capacidade de refletir a pluralidade dos museus brasileiros. A documentação é essencial para a organização, representação e disseminação de informações, conforme enfatizado pela legislação brasileira (Leis 11.906/2009, 11.904/2009 e Decreto 11.236/2022), que demanda padronização dos metadados na gestão de acervos nos museus. Contudo, essa padronização precisa ser adaptada à diversidade social e cultural do Brasil. O Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (Resolução Normativa nº 6 de 31 de agosto de 2021) é utilizado como uma ferramenta que permite a descrição das coleções museológicas, porém não foi criado para esse fim, e, portanto, precisa de revisão. A ausência de normas que considerem diferentes realidades sociais exige uma atualização que promova a representação plural de vozes e memórias nos acervos. Fundamentado em princípios éticos, legais e sociais, o projeto propõe uma abordagem teórico-metodológica que desafia estruturas coloniais que limitam a representatividade e alimentam fobias e racismo estrutural (Lopes; Padilha; Ladeia, 2021; Versiani, 2021). A metodologia compreende três etapas: levantamento dos padrões de metadados existentes por meio de uma revisão sistemática da literatura; análise crítica das terminologias aplicadas na descrição dos acervos; e formulação de recomendações para promover a diversidade cultural e a interoperabilidade entre sistemas de documentação museológica. A fundamentação teórica investiga a função social, cultural e educativa da museologia, conforme abordado por Camargo-Moro (1986) e Ferrez (1994). Bottallo (2010) e Padilha (2014) ressaltam a importância da catalogação e representação da informação na organização dos acervos. Os resultados parciais indicam a carência de normativas que abordem a pluralidade dos museus brasileiros e destacam a necessidade de ampliar o debate para estabelecer padrões de metadados que garantam o direito à memória de diferentes grupos sociais, assegurando uma representação justa e inclusiva nos acervos.

Palavras-chave

Documentação museológica, padrão de metadados, descrição de acervos, diversidade, memória

AS MULHERES E O BARRO NO POTY: Cerâmica, Gênero, Memória e Patrimônio

Lorena Francisca de Oliveira Castro

E-mail: lorenacastroarqueo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Em 29 de junho de 2024, durante a XII Feijoada dos Pescadores na Casa da Canoa, no bairro Poty Velho, em Teresina, ocorreu a 2ª edição da exposição “Coisas de Pescador”. A mostra foi realizada em colaboração com Seu Celso, a Casa da Canoa e o Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (MAP/UFPI) em uma atividade de pesquisa e extensão que promove a troca de saberes científicos e populares e é realizada com materiais cedidos pela comunidade e pelo museu (objetos arqueológicos e paleontológicos). Para a edição em questão, solicitamos a Dona Raimundinha, artesã e presidente da COOPERART-POTI, peças produzidas pelas ceramistas para utilizarmos em nossa exposição. Dentre os itens que foram emprestados, estava a coleção de bonecas Mulheres do Poty que representam a mulher de pescador, mulher ceramista, mulher da olaria, mulher religiosa e mulher das continhas. Tais manifestações artísticas simbolizam suas contribuições para a identidade cultural, a diversidade de habilidades e técnicas, assim como o vínculo com as tradições locais, com o território, o compartilhamento de experiências e memórias, e sua sociabilidade. Desta forma, enquanto elemento fundamental do patrimônio cultural material e imaterial, o trabalho das artesãs e as bonecas se constituem como demarcador identitário (de gênero, cultural e social) da cultura popular e que, portanto, é de suma importância seu reconhecimento com tal. O trabalho objetiva analisar como a inserção das bonecas no acervo do MAP/UFPI pode contribuir para o enriquecimento da memória local, ao promover o reconhecimento do trabalho das artesãs como elemento essencial do patrimônio cultural e propor uma abordagem colaborativa com as artesãs no processo de musealização das bonecas e outros elementos expográficos que façam referência ao Poty Velho e a produção cerâmica. Logo, a possibilidade de incorporação das bonecas às coleções museológicas, em especial ao MAP/UFPI, contribuiria para ampliar suas ações, atualmente, voltadas às coleções arqueológicas e paleontológicas, ao evidenciar peças de seu acervo que transcendem esses temas e adicionar também elementos da cultura popular teresinense. Abordando assim, os desafios enfrentados no contexto da produção artesanal e os significados atribuídos ao trabalho com o barro, vinculados à história do bairro e da cidade de Teresina. Ademais, passaria a colaborar contra a marginalização imposta às comunidades tradicionais, ao divulgar, proteger e educar sobre a importância de sua preservação cultural. Assim, resguardar a memória da alteridade e da cultura popular em espaços inicialmente elitizados e de poder, privilegia a pluralidade e valorização de identidades historicamente negadas, e destaca a importância da multivocalidade na construção da memória coletiva.

Palavras-chave

Artesãs, Cerâmica, Museu

A EXPOSIÇÃO “CERTOS MODOS DE SER CAIÇARA”: tradições, memórias e saberes da Ilha Grande

Cynthia Caroline Espírito Santo Cavalcante

E-mail: cynthiacavalcante@gmail.com

Filiação Institucional: Programa de Pós-Graduação em História da Arte da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

A exposição “Certos Modos de Ser Caiçara”, realizada pelo Ecomuseu Ilha Grande, preserva e valoriza a cultura caiçara da Ilha Grande apresentando seu patrimônio imaterial. Esta exposição foi criada a partir de pesquisas de campo que documentaram aspectos desse modo de vida local marcado por tradições seculares. Carregada de simbolismos, foi instalada no Museu do Meio Ambiente, núcleo do Ecomuseu Ilha Grande, na Vila Dois Rios. A mostra foi dividida em setores que englobam elementos da arquitetura, religiosidade, cozinha, ervas medicinais, lúdico, casa de farinha e pesca. Cada setor é ilustrado com relatos dos próprios moradores, especialmente os mais idosos, que detêm conhecimento ancestral. Designados como “Tesouro Humano”, pois, devido a todo o conhecimento acumulado ao longo de suas vidas, transportavam em suas memórias a mais importante riqueza regional: os saberes e fazeres que possibilitaram a sobrevivência em consonância com a natureza por seus antepassados. No setor das ervas medicinais, a exposição inclui uma “árvore da vida” simbólica com diversas ervas, ressaltando a relação dos caiçaras com a natureza e sua independência em tratamentos de saúde. A exposição também integra o projeto “Museólogas de Família”, onde as histórias e objetos foram coletados em rodas de conversa, revelando suas vivências. A pesca ocupa um lugar especial na mostra, destacando-se como principal atividade de subsistência e simbolizando a ligação com o mar. Artefatos como canoas, remos, canoas artesanais e redes de pesca são exibidos, enquanto depoimentos de pescadores relembram o papel essencial da pesca para a identidade caiçara. O setor lúdico explora as brincadeiras e o linguajar característico, resgatando a memória e as histórias locais no intuito de incentivar o reconhecimento e valorização de sua herança cultural, utilizando arte e linguagem visual. No setor da cozinha e da casa de farinha, se destaca a mandioca, uma planta central para as comunidades, muito usada na fabricação de biju e farinha, produtos típicos da alimentação caiçara. No conjunto, a exposição “Certos Modos de Ser Caiçara” atua como uma salvaguarda da cultura caiçara, ressaltando a importância da preservação de saberes tradicionais e do fortalecimento de identidades locais em um mundo cada vez mais globalizado.

Palavras-chave

Cultura caiçara, Ilha Grande, memória

BORDADO E MEMÓRIA NA COLEÇÃO NINA SARGAÇO

Rosana Gomes dos Santos Rocha

E-mail: rosanarocha.uerj@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Saber-fazer milenar presente em artefatos diversos, que englobam caráter simbólico significativo, indicando a cultura e tradição de diferentes grupos sociais, o bordado faz parte do cotidiano feminino há muitos anos no Brasil e em todo o mundo. Configura modo de fazer secular, reunindo traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social, produzindo relações de pertencimento e identidade. (Unesco, 1982). Esses objetos guardados, protegidos da passagem do tempo, refletem peculiaridades do cotidiano, relacionando modos de fazer e práticas educativas. Suas materialidades conservam singularidades e simbologias, deixando fluir características imagéticas, espirituais, intangíveis, de extrema relevância sob o ponto de vista cultural. A Coleção Nina Sargaço, localizada no bairro dos Jardins, na cidade de São Paulo, reúne mais de 10 mil peças relacionadas à prática do ofício da agulha e linha no país. Trata-se de importante acervo de trabalhos manuais femininos, constituindo relevante memória das práticas e métodos de aplicação de bordados e do ensino de corte e costura em território nacional. Muitas das peças tornam-se extensões do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória (Mignot, 2000). Entre elas, álbuns, cadernos escolares, revistas, livros, panos, acessórios, rendas, bordados, vestimentas, fios, carretéis, dedais, tesouras, riscos, desenhos, máquinas de costura, diplomas, crochês, tricôs, pequenas esculturas, móveis, métodos de ensino etc. Tal acervo vem sendo estudado na pesquisa de doutorado “Bordar, guardar, sonhar: representações do feminino na Coleção Nina Sargaço”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). O objetivo é investigar os trabalhos manuais existentes nesse acervo, com ênfase no bordado, revelando a importância desse saber-fazer na estrutura social das primeiras décadas do século XX. A coleção, que surgiu de forma seletiva e voluntária, por vontade individual, num processo de acumulação de itens corriqueiros do cotidiano relacionado ao universo têxtil, torna-se lugar de memória de modos e métodos de fazer e saber, bem como de rituais e crenças. São práticas que visam a reconhecer uma identidade social, marcam definitivamente a existência do grupo, da comunidade ou da classe (Chartier, 1989), revelando uma maneira própria de ser no mundo. Na elaboração do presente estudo foram considerados artigos, livros, teses, sites, legislação, matérias e notas em veículos impressos, publicações online, além da pesquisa na Coleção Nina Sargaço. A estrutura do trabalho será dividida em três capítulos, abordando a relevância dos modos de saber-fazer, com base no bordado, na formação do acervo e na construção do feminino.

Palavras-chave

Bordado, Memória, Patrimônio Cultural

INFOPOLÍTICA E COLEÇÕES DE FOLCLORE: as práticas documentárias no IBECC (1947-1951)

Jean Costa Souza

E-mail: jheansouza97@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Este estudo apresenta a formação de uma rede de intelectuais técnico-científicos no Brasil, com foco nos estudos e estímulo à realização de coleções de Folclore, consoante as diretrizes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) entre 1947 e 1951. Nesse período, com a criação do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) e sua Comissão Técnica de Folclore, é criado um espaço expoente de práticas documentárias que contribuíram para o registro e a formação de coleções reconhecidas como de Folclore no país. Para tanto, o objetivo do estudo é apresentar, por meio dessa rede promovida pelo IBECC em diálogo com a Unesco, a concepção de coleções de Folclore, mediante a defesa de uma perspectiva científica, consolidando um “regime de informação” numa política cultural transnacional. Dito isso, focaremos neste estudo os indícios de um exercício analítico resultante de práticas documentárias que englobavam o que consideravam como “documentação técnica”. Entre essas práticas estavam inquéritos, levantamento bibliográfico, coleções, catálogos, boletins e a definição de diretrizes para a coleta e documentação do folclore. A pesquisa, qualitativa e descritiva, é fundamentada pelo paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989) ao realizarmos um exame crítico sobre a narrativa institucional da Comissão, a partir de uma análise documental e uma revisão bibliográfica. O referencial teórico dialoga com autores da Ciência da Informação que abordam a natureza da materialidade dos documentos e sua importância como guias institucionais (Rabello, 2022). E, a partir do conceito de Infopolítica, aplicado à formação de coleções, perceber os fluxos de informações globais aparelhando uma rede de agentes e agências internacionais atrelada à configuração de um campo de estudos classificado como Folclore (Braman, 2004). Desse modo, evidenciamos como as atividades documentárias promovidas pela Comissão do IBECC foram importantes para articular os estudos sobre Folclore brasileiro com uma rede de pesquisadores/as e instituições externas. Contribuindo para a compreensão das práticas documentárias e formação de coleções no processo de autonomização do Folclore no Brasil.

Palavras-chave

Coleções de Folclore, Unesco, Práticas Documentárias

MAÉ DA CUÍCA E O LEGADO DO SAMBA EM CURITIBA: Musealização e Resistência no Acervo do Museu Paranaense

Mirian Cardoso

E-mail: cardoso.mirian@outlook.com

Filiação Institucional: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo

Esta pesquisa busca refletir a trajetória da coleção Maé da Cuíca, composta por mais de 600 itens que pertenciam a Ismael Cordeiro da Silva, conhecido como Mestre Maé da Cuíca, o fundador da primeira escola de samba de Curitiba, a Colorado. O objetivo é apresentar uma abordagem exploratória, que compreende o início da investigação que vem sendo desenvolvida em torno desses artefatos, a fim de compreender relações entre a coleção e o perfil do carnaval na cidade. Mestre Maé foi um dos principais expoentes da cena carnavalesca curitibana e sua coleção é um testemunho significativo da história do samba e do Carnaval na capital paranaense. Após seu falecimento em 2012, o conjunto é formado por objetos colecionados desde a década de 1940, e era guardado e exposto em sua residência, foi incorporado ao acervo do Museu Paranaense. A coleção, composta por instrumentos musicais, indumentárias, fotografias, documentos textuais e pessoais e recortes de jornais, entre outros objetos, oferece uma janela única para o estudo das tradições carnavalescas e da resistência cultural afro-brasileira em Curitiba. Ao explorar o processo de musealização dessa coleção, buscamos refletir sobre as questões étnico-raciais e de classe que o atravessam uma vez que o samba, enquanto expressão cultural e política, carrega em si as marcas da resistência negra e de uma luta histórica, somado à importância desses objetos no contexto histórico e social do Carnaval curitibano. Nesse sentido, é possível afirmar que a coleção carrega em si as complexidades de um movimento cultural que transcende festas e desfiles e toca a memória coletiva, a resistência e a afirmação da cultura afro-brasileira. Assim, trazer à tona essas narrativas, pode contribuir para o reconhecimento do Carnaval e do samba em Curitiba como expressões de resistência, ampliando as discussões sobre a musealização de objetos culturais ligados a movimentos sociais, étnicos e populares.

Palavras-chave

Acervo, cultura popular, carnaval

MESTRE FRANCISCO BIQUIBA GUARANY E O RETRATO DO BRASIL:

uma análise sobre o perfil dos artistas que compõem as coleções de Jacques Van de Beuque, Lina Bo Bardi e Emanuel Araújo na construção de discursos sobre brasilidade.

Daniela Ortega

E-mail: danielaortega137@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Resumo

Neste trabalho, partiremos da análise da trajetória de três colecionadores com diferentes perfis e da formação de suas respectivas coleções de arte popular brasileira, para analisar a visão de cada um e os conceitos criados por eles a respeito de um mesmo artista e suas obras, na construção de narrativas sobre a identidade brasileira. Tendo como principal objeto para análise as obras e a trajetória de Mestre Biquiba Guarany artista que ficou conhecido pelas suas carrancas do rio São Francisco. Jacques Van Beuque artista plástico francês nascido em 1922 buscou no Brasil através do imaginário dos trópicos esquecer os horrores da guerra e acabou por construir uma coleção que deu origem ao Museu Casa do Pontal, Lina Bo Bardi arquiteta italiana nascida em 1914 chegou ao Brasil a convite de Assis Chateaubriand para construir o Museu de Arte de São Paulo e acabou por morar alguns anos na Bahia período em que formou sua coleção de arte popular brasileira e por fim, Emanuel Araújo artista plástico baiano, nascido em Santo Amaro da Purificação no recôncavo baiano em 1940, amou durante sua vida uma numerosa coleção que deu origem ao Museu Afro Brasil Emanuel Araújo em São Paulo. Pretendemos então, fazer uma breve análise sobre os perfis dos artistas que compõem as respectivas coleções selecionadas e refletir de que maneira suas origens étnicas e sociais podem ter influenciado na construção dos discursos sobre suas obras, sobre a arte popular e sobre a identidade brasileira de maneira geral Neste trabalho, para se estabelecer um comparativo entre eles será analisado, como cada um dos três vê e aborda as carrancas criadas pelo Mestre Francisco Biquiba Guarany, pois encontramos obras deste mesmo artista em destaque nas três citadas coleções e também analisar, de que maneira a trajetória deste artista aparece nas narrativas criadas por esses colecionadores.

Palavras-chave

Arte popular, coleções, carrancas, Mestre Guarany

“QUE EMOÇÃO NO CORAÇÃO”:
Patrimônio e Memória no caso do Museu Flamengo

Desirree dos Reis Santos

E-mail: desirsantos@gmail.com

Filiação Institucional: Clube de Regatas do Flamengo

Resumo

Experiência imersiva, emoções herdadas, cultura popular e paixão nacional tornam-se algumas categorias-chave ao fitar processos de musealização em casos de clubes esportivos no Brasil. A presente comunicação visa analisar tais aspectos, em perspectiva de balanço, a partir de olhar retrospectivo sobre o desenvolvimento do Museu Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado em 2023, na sede social do clube de Regatas do Flamengo (CRF), tem-se como um dos desafios iniciais a representação da história de uma instituição centenária e da cultura rubro-negra para (e com) milhões de torcedores flamenguistas de diferentes gerações - e com os outros públicos do museu. Das escolhas curatoriais e pedagógicas, têm sido acionados acervos históricos, interações tecnológicas, personagens emblemáticos, territórios e memórias de afeto na elaboração das narrativas possíveis sobre um dos maiores clubes poliesportivos já existentes. É esse o caminho desta apresentação. Tal relato de experiência tecerá reflexões, mirando desafios, potencialidades, práticas gerenciais, avanços, oportunidades e metodologias aplicadas neste contexto. Parte-se, dessa maneira, do foco de pesquisa das áreas integradas do Departamento de Patrimônio Histórico do Clube, a saber Educação, Museologia, História e Arquivística, para pensar a comunicação dos acervos em espaços expositivos junto à equipe operacional da instituição recém-inaugurada. Para tanto, o trabalho será apresentado sob a ótica de três eixos temáticos: tecnologia e emoção; acesso e diversidade; nação rubro-negra e mundialização. Temas estes, entendidos como possibilidades de leitura dos procedimentos de musealização e patrimonialização, formação e gestão de acervos, educação e inclusão, bem como estratégias de diálogo e encontro com um público (torcida) global. Ele mesmo, parte protagonista da história contada pelo próprio museu. Se, por um lado, pode-se compreender o Museu Flamengo como novo equipamento cultural do Rio de Janeiro, colaborando para consolidação de museus esportivos no roteiro turístico e na economia criativa, por outro, propomos refletir sobre sua contribuição para o campo em debates sobre musealização e emoção.

Palavras-chave

Patrimônio Esportivo, Memória, Emoção, Clube de Regatas do Flamengo

MANIFESTAÇÕES DE AUTONOMIA POPULAR PARA DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

Rita de Cássia Maia da Silva

E-mail: ritamaiapro@gmail.com

Manuela de Oliveira Santos Ribeiro

E-mail: mannyribeiro86@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

Introduzimos esta pesquisa como proposta para avaliar a ideia de que os processos de musealização – preservação, documentação, exposição e educação –, específicos da cadeia operatória dos museus, são práticas de um fenômeno reconhecido como o objeto de estudo da museologia: o interesse humano sobre o que pode ser identificado e valorado como patrimônio (institucionalizado ou não) os bens materiais e imateriais resultantes da sua ação sobre o mundo. Seguimos trajetórias para levantamentos de dados em pesquisa qualitativa, com observação sistemática e realização de entrevistas com agentes envolvidos nestas manifestações. Delineamos os elementos do cenário criado pelos espetáculos *A Noite da Beleza Negra*, do Ilê Aiyê e *O Museu é a Rua*, do Grupo A Pombagem, reconhecendo as personagens e a criação de sentidos e significados referentes às ações e aos objetos criados em tal contexto, a saber: artistas, organizadores, participantes e o público em suas várias tipologias. O objetivo do trabalho é verificar os mecanismos através dos quais existiria uma eficácia dos processos de musealização popular para preservação do patrimônio, contribuindo para o reconhecimento destes processos como uma manifestação do exercício pleno do Direito à Cultura. O principal referencial para fundamentação teórico/ideológica encontra-se no documento resultante da Mesa de Santiago do Chile que rompia com o discurso ou *modus operandi* dos museus que são objetos centrados. Do mesmo modo, reconhecemos uma museologia contemporânea que se ocupa em desenvolver métodos para observar, analisar e intervir na sociedade que amplia o fenômeno de criação, ressignificação e instituição de patrimônios musealizáveis. Assim revisitamos Paulo Freire, Waldisa Rússio, Mário Chagas e Maria Célia Teixeira Moura Santos reconhecendo nesses autores e suas obras um pensar-fazer museal que apresenta um paradigma diverso, original e dialógico contribuindo, assim, com a tradição da Escola de Brno na figura de Stránský. Como conclusão, buscamos verificar a eficácia destas ações nos processos de ressignificação e valoração positiva de espaços, atributos e artefatos e, em consequência, de identidades fragilizadas o que seria o objetivo final dos processos de musealização. Com isso, acreditamos que este trabalho contribui para o avanço em direção à democratização e para uma maior autonomia daqueles que devem exercer seus direitos culturais enquanto agentes de produção e preservação do patrimônio cultural de um povo.

Palavras-chave

Musealização, Democratização, Cultura

**FOLIA DE REIS NA COLÔNIA SANTA MARTA.
MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA DOS RESIDENTES QUE ALI
ENVELHECERAM**

Janice de Almeida Matteucci

E-mail: janicematteucci@gmail.com

Isis Maria Antunes de Jesus Paula de Souza

E-mail: isisantunes@discente.ufg.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Goiás

Resumo

A pesquisa de doutorado em Performances Culturais analisa o envelhecimento em instituições de acolhimento de idosos, com foco no Hospital Colônia Santa Marta, fundado em 1937, em Goiânia, como unidade de internação compulsória para pessoas com hanseníase, então conhecida como lepra. Atualmente, 13 idosos residem na instituição, tendo sido internados ainda na infância ou juventude, privados do convívio familiar e da sociedade não por escolha, mas por imposição estatal. Com o passar das décadas, esse espaço tornou-se seu único lar, dificultando qualquer tentativa de reinserção social. Entre as memórias resgatadas na pesquisa, a Folia de Reis emerge como uma festividade significativa, tradicionalmente realizada no antigo clube da Colônia. O estudo adota uma abordagem metodológica baseada em entrevistas, registros fotográficos e observação, com o objetivo de compreender o processo de envelhecimento nesse contexto e o papel das memórias na resignificação da velhice. O envelhecimento, fenômeno biológico inerente a todos os seres vivos, assume contornos distintos no ser humano, dada a manutenção dos vínculos familiares e sociais ao longo da vida. Entretanto, a crescente longevidade expõe o despreparo social para lidar com essa realidade, sobretudo quando se trata de idosos que passaram a vida institucionalizados. A pesquisa se fundamenta em teóricos como Guita Grin Debert (1999), abordando o envelhecimento físico e social em unidades hospitalares compulsórias, conforme análise de Sonza e Sena (2014). Nesse cenário, a Folia de Reis, como expressão da cultura popular, adquire um papel essencial na preservação das memórias e no alívio emocional dos residentes. A Colônia Santa Marta, marcada por sofrimento e resiliência, encontra-se ameaçada pela demolição progressiva, que apaga não apenas edificações, mas também as histórias daqueles que ainda lá vivem. Nenhum dos residentes escolheu passar a vida em uma instituição hospitalar, mas a falta de alternativas os levou a aceitar essa condição. No passado, o clube da Colônia era um espaço de socialização e celebração, promovendo eventos como aniversários, casamentos e, especialmente, a Folia de Reis. Em 2022, Messias, uma das moradoras, recebeu a folia com profunda emoção, lembrando a alegria que esse evento lhe proporcionava em tempos passados. Contudo, a constante demolição do local preocupa os moradores, que não possuem voz nas decisões que os afetam diretamente. Para eles, a liberdade ainda é cerceada, como ocorria no passado, quando a internação era compulsória. As visitas continuam sendo controladas e o direito de ir e vir permanece condicionado à autorização prévia. A pesquisa evidencia a relevância da Folia de Reis na preservação das memórias e no auxílio ao processo de envelhecimento dos residentes da Colônia Santa Marta, demonstrando que a festividade não apenas traz alegria, mas também reforça os laços afetivos e a identidade dos idosos. No entanto, o apagamento de suas histórias representa uma ameaça à memória coletiva e ao bem-estar dos residentes, reforçando a necessidade de considerar a memória como uma ferramenta de resistência e dignidade.

Palavras-chave

Envelhecimento, Folia de Reis, Memórias

ÉS A GUARDA IMORTAL DA BAHIA: O cortejo do 2 de Julho como Patrimônio do povo

Inah Irenam Oliveira da Silva

E-mail: inahios@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

O Cortejo do 2 de Julho da Bahia, que remonta às comemorações da Independência da Bahia, ocorrida em 1823, é um processo de ressignificações de memória e identidade. Por meio dos decretos estaduais nº 10.179/2006 e nº 11.632/2009, o Cortejo foi registrado no Livro do Registro Especial de Eventos e Celebrações, que abarca rituais e festas que marcam a vivência coletiva e outras práticas da vida social, tornando-se Patrimônio Imaterial da Bahia. Como uma das ações de comemoração ao Bicentenário da Independência da Bahia, o Conselho Estadual de Cultura aprovou, no dia 15 de junho de 2023, a revalidação do Registro, que tem o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), como autores. O cortejo, que celebra a resistência e a luta histórica de diversos grupos sociais – como negros, indígenas e caboclos – é um evento cívico e religioso que percorre as ruas centrais de Salvador, é composto por milhares de pessoas, manifestações religiosas, culturais e populares, que desafiam e redefinem o conceito de patrimônio dentro das instituições museológicas. Os objetos de arte presentes nesse processo são o emblemático casal que representa populares que participaram das lutas pela Independência: O Caboclo e a Cabocla, personagens centrais que realimentam simbologias sociais, culturais e religiosas com a comunidade soteropolitana, a exemplo da oferta de oferendas nas carruagens que conduzem as imagens feitas de madeira e adornadas com vestimentas na cor do orixá regente do dia em que o cortejo acontece. A ocupação nas ruas por populares de todas as classes sociais e políticas, abarca um sem fim de reivindicações sociais contemporâneas e marca a disputa por narrativas outras, a exemplo da emergência da trajetória de luta e participação ativa e política de uma das grandes heroínas das batalhas: a negra marisqueira itaparicana Maria Felipa, responsável pela mítica surra de cansação, como estratégia de luta contra os colonos. O desfile não é apenas uma comemoração, mas também um palco de reivindicações políticas e sociais, em que movimentos sociais, sindicatos e organizações políticas disputam, visivelmente, narrativas e direitos, transformando o cortejo em um momento de afirmação da identidade e da luta por justiça social. A atual ênfase em figuras históricas de origem popular e marginalizada, que desafiam os antigos heróis brancos e patriarcais, aponta para uma releitura do patrimônio cultural que valoriza a alteridade e a diversidade.

Palavras-chave

2 de julho, Patrimônio, Manifestações culturais

EX-VOTOS EM MONTE SANTO:

O acervo e a conexão entre cultura popular e tradição religiosa

Fernanda A. Camelier Mascarenhas

fernandacamelier@hotmail.com

José Cláudio Alves de Oliveira

claudius@ufba.br

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1pXy6vM4YgrzGcp47kNc6ISGAKOptDk_j/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT3



GT3

Grupo de Trabalho 3. História e Cíbermuseumologia

Coordenação

Valério Rosa de Negreiros

E-mail: valerionegreiros@frn.uespi.br

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Piauí

Francisco de Assis de Sousa Nascimento

E-mail: franciscoufpi@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

O Grupo de Trabalho está em sintonia com o tema geral do 6º SEBRAMUS, ao propor uma reflexão sobre as práticas museológicas contemporâneas em um cenário de avanço tecnológico. A cibermuseologia surge como um campo de estudo e prática que responde às demandas de preservação, salvaguarda e democratização do patrimônio cultural, unindo memória, tecnologia e inovação social. Com a crescente digitalização dos acervos e a virtualização das instituições museológicas, torna-se pertinente e necessário debater o impacto dessas tecnologias tanto na preservação física e digital dos patrimônios, quanto na mediação e no acesso do público a esses conteúdos. A cibermuseologia oferece formas de inserção social e ressignificação dos museus temas centrais abordados pelo SEBRAMUS. O objetivo deste Grupo de Trabalho é reunir pesquisadores/as e profissionais que atuam na interseção entre história e cibermuseologia para discutir como as tecnologias digitais podem tornar os museus mais participativos, inclusivos e inovadores. Além disso, busca-se refletir sobre os desafios e as oportunidades trazidas pela digitalização, curadoria digital, biossegurança de acervos e divulgação científica, elementos que estão diretamente relacionados ao campo museal contemporâneo, com foco na preservação e valorização do patrimônio cultural. Acolheremos trabalhos que reflitam sobre a cibermuseologia como uma subdivisão emergente da museologia, destacando sua relevância na preservação e popularização dos acervos científicos e culturais; que discutem como as tecnologias digitais fortalecem as práticas museológicas, especialmente na curadoria digital, acessibilidade e visitas virtuais, promovendo maior inclusão social; trabalhos que avaliem o impacto da virtualização dos museus na ampliação do acesso e sua contribuição para a inovação nos museus. Portanto, neste GT analisaremos o papel da cibermuseologia na qualificação profissional de trabalhadores/as de museus, museólogos/a; historiadores/as e pesquisadores/as em geral, destacando sua relevância para a inovação nos campos de curadoria e gestão de acervos. Temas como Memória, Tecnologia e Inovação Social, discutindo como a digitalização pode ressignificar os museus; Curadoria Digital e Divulgação Científica, explorando novas formas de exibir e interpretar coleções em ambientes virtuais; Acessibilidade e Inclusão Social, refletindo sobre a virtualização dos museus; Inovação Tecnológica e Museus, analisando o impacto nas redes de resistência social; a Formação Profissional e Cibermuseologia, abordando as oportunidades e desafios da profissionalização no campo serão bem-vindos neste GT.

EXPOSIÇÕES 2.0:

Como o Tainacan viabilizou a Ciberexposição
“Objetos que Aproximam”

Leonardo Monteiro Alves

E-mail: leoalves1993@hotmail.com

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

E-mail: vteixeira2010@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

No primeiro semestre de 2020, as pessoas foram obrigadas a se isolar em suas casas devido às exigências sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19. Somente no final do primeiro semestre de 2022 é que houve a retomada segura das interações sociais presenciais. Ao longo desse período as instituições museológicas enfrentaram os desafios da suspensão das atividades presenciais e, em vista disso, o ciberespaço emergiu como palco para as atividades de comunicação museológica, inovando estratégias e proporcionando aos públicos diferentes formas de acesso ao patrimônio cultural por meio do ambiente digital. Diante desse cenário, o Museu das Coisas Banais (MCB), criado em 2014 e vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), organizou sua primeira ciberexposição: “Objetos que aproximam: dentro de casa”, realizada no 2º semestre de 2020. Logo, o presente trabalho visa analisar como o uso da plataforma Tainacan contribuiu para a realização desta exposição em formato digital produzida durante o período pandêmico. Essa investigação integra o Projeto de Pesquisas e insere na linha de pesquisa “Forma & Conteúdo: reflexões sobre as exposições museológicas”, do Grupo de Pesquisa SÉPIA: Preservação, Memória, Acervos (CNPq), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa, de natureza descritiva e exploratória, utilizou revisão bibliográfica pertinente ao tema, análise documental e visitas técnicas à exposição. O estudo englobou a análise das escolhas curatoriais, como o uso da plataforma de código aberto WordPress e do plug-in de gestão de acervos digitais Tainacan, utilizados como ferramentas para a concepção desta exposição digital, assim como as definições expográficas voltadas ao design da exposição. Por fim, esta pesquisa almeja discernir as especificidades, por vezes subliminares e inerentes ao âmbito do conhecimento museológico, sobre o conceito de ciberexposição - uma exposição pensada e desenvolvida para existir apenas no formato digital, dentro do ciberespaço e desterritorializada - reconhecendo a importância deste crescente modelo de comunicação no contexto museológico contemporâneo e o seu desempenho singular durante a pandemia, o qual ressignificou as relações entre museus e seus públicos através do ciberespaço.

Palavras-chave

Ciberexposição, Tainacan, Museu das Coisas Banais

PRESERVAÇÃO E VIRTUALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDUCATIVO: a experiência do Museu da Escola Catarinense

Yasmin Sayegh Al Kas

E-mail: mhin.yeh@gmail.com

Sandra Makowiecky

E-mail: sandra.makowiecky@gmail.com

Beatriz Goudard

E-mail: beatriz.goudard@udesc.br

Filiação Institucional: Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da
Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo

Texto. O Museu da Escola Catarinense (MESC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), situado em Florianópolis, vem construindo uma experiência de preservação de seus espaços físicos, bem como de seu acervo, ambicionando que essa ação possa garantir uma valorização do patrimônio histórico educativo. Entendendo que os museus são espaços que geram interesse que não se esgota na visualidade efêmera, criando vínculos identitários, o uso de tecnologias digitais tem favorecido a divulgação do patrimônio e a inclusão social. A reestruturação da página do MESC, evidenciando a construção de arquivos virtuais, incluindo tour virtual, tem legitimado a missão do museu e oportunizado uma divulgação do patrimônio histórico educativo com maior interatividade, ampliando projetos de pesquisa e acessibilidade a um acervo significativo. Nos interessa mostrar as ações que promovem a disseminação do conhecimento, que oportunizam o acesso a um público cada vez maior e aumentam o engajamento com o patrimônio educativo e histórico da instituição. Este trabalho de grande envergadura apresenta várias problemáticas com as quais os museus se defrontam, tanto por dificuldades operacionais, financeiras, bem como a falta de equipes especializadas. Ademais, pretende-se levantar a discussão sobre a insegurança em disponibilizar ao público informações administrativas e de gestão, o receio da diminuição de público visitante no museu físico e como o MESC tem avaliado esses impactos. No contexto atual da cibermuseologia, o uso de museus virtuais vem sendo amplamente discutido, especialmente quanto às suas contribuições para a acessibilidade e preservação digital do acervo. O tour virtual do MESC é um exemplo de como a tecnologia pode enriquecer a experiência do visitante, permitindo uma navegação interativa que ultrapassa as barreiras físicas. A adoção de tecnologias, como o audioguia em três idiomas, indicam um esforço para ampliar o alcance do museu, facilitando o acesso de um público mais diversificado e ampliando as fronteiras físicas. Atualização constante e manutenção adequada dos recursos tecnológicos empregados na construção de museus virtuais são fatores observados na experiência do MESC que podem auxiliar outras instituições. Apresentar a concepção desse projeto e os resultados alcançados até o momento visam contribuir para o compartilhamento de experiências bem-sucedidas de virtualização museal

Palavras-chave

Acessibilidade, preservação, virtualização

VIRTUALIZANDO A MEMÓRIA DA FAVELA: uma perspectiva social

Adelita Puchalski da Silva

E-mail: itapuchalski@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Tecnológica do Paraná

Resumo

Partindo do conceito da utilização da tecnologia como forma de digitalizar o patrimônio e a memória de bens culturais musealizados, a presente pesquisa analisa a virtualização museológica da identidade cultural como recurso de preservação da memória, indo além da aproximação física do público com o acervo. Como objeto de análise, utilizei o acervo digital do Museu da Maré, banco de dados e de imagens disponibilizados para consulta pública no site da instituição. Situado na Favela da Maré, complexo de comunidades localizado na cidade do Rio de Janeiro-RJ, o museu possui como proposta abrigar, salvaguardar e expor objetos e fotografias das comunidades pertencentes à Favela da Maré e de seus/as moradores/as, além de promover ações educativas que aproximam os visitantes do território de favela e de seu cotidiano. Para a efetividade do presente estudo, além de me apoiar em um referencial teórico que potencializa o trabalho com a construção de interseções entre a museologia social e a virtualidade museológica, examinei a proposta do acervo digital do Museu da Maré e observei de que forma a instituição articula suas identidades, fazeres e saberes por meio da seleção dos objetos e fotografias apresentados no site. Os estudos sobre museologia social desenvolvidos por Mário Chagas onde o pesquisador propõe que o museu atue como um mecanismo capaz de refletir a população, somado a urgência nos processos de decolonização das instituições museológicas apontados por Françoise Vergès, me ajudou a entender de que maneira os espaços museais podem emancipar-se da hegemonia tradicional apresentada pelos grandes museus, trazendo como protagonista e narrador de sua própria história, moradores de comunidades como os da Favela da Maré. Vilém Flusser me auxiliou a desvendar o papel das mídias e dos meios de comunicação do mundo moderno por meio da significação das imagens e a correlação entre artefato, artifício e artificial; e Andrew Feenberg contribuiu no entendimento de como a tecnologia pode afetar as sociedades atuais e de que forma as instituições podem utilizá-la a favor da população, distanciando-se do determinismo tecnológico.

Palavras-chave

Acervos virtuais, memória, Museu da Maré

DESAFIOS E POTENCIALIDADES NA PRESERVAÇÃO DIGITAL DO MUSEU DA PATOLOGIA (IOC/FIOCRUZ)

Bianca Scofano Barbosa

E-mail: biancascofano@gmail.com

Newton Marinho da Costa Junior

E-mail: junior.c.50cent@gmail.com

Marcelo Barbosa

E-mail:marcelo.barbosa87@gmail.com

Victor de Moraes Topfer

E-mail: victor.topfer@fiocruz.br

Mateus Nogueira de Freitas

E-mail: mateus_nog_freitas@hotmail.com

Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira

E-mail: barbara.micro@gmail.com

Marcelo Pelajo Machado

E-mail: marcelo.pelajo@fiocruz.br

Filiação Institucional: Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz

Resumo

O Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz (MP), criado em 1903 por Oswaldo Cruz e pelo patologista Rocha Lima, foi concebido como repositório científico de espécimes anatomopatológicos para estudo epidemiológico no então Instituto Soroterápico de Manguinhos, atualmente Instituto Oswaldo Cruz - IOC. Ao longo de 121 anos, o MP gerencia, atualmente, três coleções histopatológicas institucionalizadas: a Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), Coleção de Febre Amarela (CFA) e a Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT). Na década de 1970, durante o regime militar, ocorreu uma significativa dissociação do acervo, especialmente na CSAP e na CFA. Este evento, conhecido como Massacre de Manguinhos, gerou um passivo que é um dos pontos principais de atuação do museu: pesquisar, recuperar e associar os dados sobre as coleções do museu de maneira multidisciplinar e integrada a outras fontes como documentos em papel, fotografias e diapositivos. Parte do acervo documental referente às coleções sob a guarda do MP estão no Departamento de Arquivo e Documentação - DAD/COC/Fiocruz. Dessa forma, a reestruturação atual, no cenário dos desafios da preservação e gestão digital, consiste na implementação de um sistema de banco de dados para cada coleção, desenvolvido mediante um inventário sistemático e associação com os acervos biológico e documental do Museu digitalizados. O processo de modernização inclui a digitalização, destacando-se a conversão de aproximadamente 500.000 lâminas da CFA em imagens de alta resolução através de microscopia digital. Estas imagens são armazenadas nos servidores do IOC e disponibilizadas para acesso remoto a partir do Neon, um software de gerenciamento de imagens que efetua o manuseio seguro das imagens, onde o usuário solicitante recebe um link para acessar o software e visualizar remotamente uma imagem digitalizada. Foi implementada também digitalização tridimensional das peças da CSAP, permitindo manipulação virtual remota dos espécimes anatomopatológicos bem como a digitalização de documentos em papel, fotografias e diapositivos do MP. Esta iniciativa representa avanço significativo na preservação de coleções biológicas, como também contribui para tornar os museus mais participativos, inclusivos e inovadores.

Palavras-chave

Preservação Digital, Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, Patrimônio científico-cultural

A CIBERMUSEOLOGIA COMO FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA DO MUSEU DA VILA

Cristhianne Castro da Silva

E-mail: thianneartes@gmail.com

Artemisia Lima Caldas

E-mail: artecaldas@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

O Museu da Vila (MUV), situado na APA do Delta do Parnaíba, tem desempenhado um papel crucial na vida da comunidade local, contribuindo para a construção da identidade regional e o reconhecimento do Ecomuseu Delta do Parnaíba. Com a pandemia da Covid-19, o museu enfrentou o desafio de manter sua relevância e conexão com o público em um cenário de restrições. A produção do plano de comunicação do MUV baseado na cibermuseologia emergiu como uma solução eficaz para superar essas dificuldades, permitindo que o museu continuasse a compartilhar sua história e promover o engajamento do público através de plataformas digitais. Este estudo tem como objetivo analisar a importância da cibermuseologia na preservação e divulgação da história do Museu da Vila, demonstrando como as ferramentas digitais contribuíram para a superação dos desafios impostos pela pandemia e fortaleceram a presença do museu no ambiente online. A pesquisa se baseia em uma revisão bibliográfica sobre a história dos museus, a cibermuseologia e o *marketing* digital, combinada com uma análise das estratégias de comunicação online adotadas pelo Museu da Vila, especialmente no Instagram. A colaboração com a comunidade local foi fundamental para o desenvolvimento de um plano de ação eficaz. O estudo destaca o uso estratégico de páginas e redes sociais, como o Instagram, para promover o engajamento do público e divulgar as atividades do museu. As estratégias de *marketing* digital, incluindo o *Blended Marketing*, permitiram que o Museu da Vila se conectasse com a comunidade e visitantes de forma inovadora, expandindo seu alcance e impacto. A cibermuseologia se mostrou uma ferramenta essencial para a preservação e divulgação da história do Museu da Vila, especialmente durante a pandemia. O uso estratégico de plataformas digitais e ações de *marketing* digital permitiu que o museu superasse as barreiras físicas e mantivesse sua relevância social e cultural. O estudo contribui para a compreensão do papel da cibermuseologia na adaptação dos museus aos desafios contemporâneos e na promoção do patrimônio cultural em um mundo cada vez mais digital.

Palavras-chave

Cibermuseologia, Museu da Vila, Redes Sociais, *Marketing* Institucional

MEMÓRIAS AUDIOVISUAIS DIGITAIS: digitalização e acessibilidade no acervo Foto Elite (1954-2018)

Giuvane de Souza Klüppel

E-mail: giuvane_sk@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

Esta comunicação apresenta o projeto “Memórias audiovisuais digitais: digitalização do acervo Foto Elite (1954-2018)”, desenvolvido entre fevereiro de 2024 e fevereiro de 2025 com recursos da Lei Paulo Gustavo, no Estado do Paraná. O projeto teve como objetivo preservar e democratizar o acesso a um dos mais importantes fundos iconográficos do Museu Campos Gerais (MCG), museu universitário da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), localizado na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. Este fundo é derivado do ateliê fotográfico Foto Elite, que acumulou mais de 1 milhão de registros fotográficos ao longo de sua trajetória de mais de 60 anos de funcionamento. O projeto realizou uma cadeia de atividades, iniciada com práticas de conservação preventiva, criação de metadados e digitalização, resultando na disponibilização pública e gratuita de mais de 40 mil fotografias (positivos e negativos em vidro), através do repositório institucional Memórias Digitais, do MCG/UEPG. Este processo permitiu que registros históricos, antes restritos ao acesso físico, se tornem acessíveis a uma ampla gama de públicos. Parte das fotografias passaram pelo processo de descrições textuais de imagens, o que viabilizou a promoção de acessibilidade a pessoas com deficiência visual, de acordo com os princípios da democratização cultural. Para isso, foi utilizada inteligência artificial, para automatizar e refinar a criação de metadados e descrição de imagem, o que potencializou a eficiência do trabalho. A integração da IA foi fundamental para expandir as possibilidades de uso do acervo digital, aumentando seu alcance e contribuindo para uma museologia mais inclusiva. O projeto também fomentou discussões sobre a importância da preservação digital como ferramentas contemporâneas para ressignificar o papel dos museus e arquivos na sociedade. O Fundo Foto Elite, ao ser digitalizado e disponibilizado, preserva um importante patrimônio visual, o que viabiliza e potencializa novos estudos e interpretações sobre a história local, conectando-a ao contexto mais amplo do Paraná e do Brasil.

Palavras-chave

Digitalização, inteligência artificial, acessibilidade

MUSEUS ORIENTADOS PARA O FUTURO - uma perspectiva para o amanhã

Bruno Wichinheski

E-mail: bruno.wichinheski.branco@gmail.com

Universidade Estadual do Paraná

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/104AtY49CsZIUXVCgU2aBi9daCzANnywa/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT4



GT4

Grupo de Trabalho 4. Museologia e Educação: história, práticas e políticas públicas

Coordenação

Kamylla Passos

E-mail: kamylla.passos@hotmail.com

Filiação Institucional: Instituto Butantan

Mona Ribeiro Nascimento

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

E-mail: monaribe@gmail.com

Saulo Moreno Rocha

E-mail: smr.museologo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Ceará

Qual o lugar da Educação na Museologia? Histórica e empiricamente esses campos se confundem, com aproximações, confluências e distanciamentos ao longo do tempo e das transformações socioculturais, econômicas e sociais. Mesmo antes do início das discussões acerca do papel social dos museus e o protagonismo da educação nesse contexto, o caráter educativo dessas instituições era evidenciado pela ação institucional e pelas mobilizações descritivas e/ou teóricas de seus profissionais. Desde os gabinetes de curiosidade, passando pela emergência do museu moderno e chegando aos museus de território e comunitários, é possível estabelecer diálogos com diversas correntes da educação e ideias pedagógicas, seja para compreender os fundamentos das práticas educativas museais ou para analisá-la à luz do tempo histórico específico em que foram realizadas. Entretanto, se estas aproximações vêm de longe, não faz muito tempo que a educação museal, com essa terminologia, se tornou no Brasil um campo autônomo com reflexões específicas e se propondo a um diálogo transdisciplinar entre os campos científicos da museologia e da educação. Assim, percebe-se a urgência de refletir sobre o lugar que a educação ocupa na museologia contemporânea e nas agendas do setor museal, lendo essas relações a partir de variadas lentes e entrecruzadas por diversas abordagens teóricas, metodológicas, práticas e políticas. É a educação museal um processo museológico? E sendo, qual o seu papel nos processos de musealização? Neste contexto, este GT acolherá trabalhos produzidos nas interfaces entre a Museologia e a Educação, com especial interesse em abordagens históricas e teóricas que analisem a prática educativa dos museus como um fenômeno inteligível a partir da ação de diferentes agentes, interessados no estabelecimento de relações entre os museus, a sociedade e o seu patrimônio. Envolvendo a relação da Museologia e Educação, em perspectiva histórica; Construção teórica nas relações entre museologia e educação; Relação das práticas educativas com a conservação, documentação, exposição, gestão e avaliação; Educação museal na formação em Museologia, na graduação e pós-graduação; Educação museal decolonial, contra-colonial e anticolonial; Educação museal, práticas sociais colaborativas e desenvolvimento social.

**MUSEU DAS MEMÓRIAS DE CHATILA E SUAS
POSSIBILIDADES EDUCATIVAS SUPERADORAS:
no resgate da ética e dos direitos humanos face a um projeto
civilizatório colonial**

Renata Nascimento y Mansour

E-mail: renata.nmansour@gmail.com

Maria Amélia de Souza Reis

E-mail: amelia.souza.reis@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Museu de Astronomia e Ciências Afins

Resumo

Este trabalho examina, em caráter preliminar de pesquisa de doutorado, os aspectos educativos observados no Museu das Memórias de Chatila, campo de refugiados palestinos localizado na cidade de Beirute, no Líbano, após o massacre de Sabra e Chatila, em 1982. Focalizamos o modo pelo qual o museu, compreendido como espaço diferenciado de produção de saberes interdisciplinares, por meio do conjunto de sentimentos e emoções traduzidos em relação aos objetos de memória recolhidos e expostos pelos refugiados, realiza seus processos educativos de dinamização e agenciamento, tornando estes objetos, patrimônios capazes de garantir a permanência no tempo de referências de memória de povos destituídos, espoliados de seus direitos fundamentais. Trata-se de fazer emergir, por intermédio de problemáticas de ordem global, sob o prisma universal da justiça e da ética nos direitos humanos, em diálogo com as políticas culturais e conjunturais mundiais, metodologias educativas em museus, capazes de transgredir as imposições colonizadoras e de construir consciências identitárias em processos de patrimonialização democráticos, participativos e emancipatórios, a partir de uma história de exclusão social colonialista das mais terríveis. A investigação proposta vem analisando a elaboração do discurso pedagógico da Museologia, como ciência, para identificar como se dá o processo de construção de identidades favorecido pelos processos educativos no Museu das Memórias de Chatila, bem como seus conflitos com outros procedimentos análogos que se dão fora dele. Enfatizamos a necessidade de se criarem técnicas e condições para a aceitação social da diversidade com destaque para o papel deste museu na construção e reorganização de novas composições sociais. Buscamos, assim, ampliar os vínculos entre Patrimônio, Museu e Educação presentificados em projetos civilizatórios voltados à formação e promoção da cidadania, dos direitos sociais, humanos e culturais e de substanciar o desenvolvimento de museologias comprometidas com a ética e a transformação social com a ética e a transformação social.

Palavras-chave

Museu, Patrimônio, Museologia, Educação, Direitos Humanos, projeto civilizatório mundial

SABERES DO SCIENTIA OPARÁ: A Relação Educação e Museologia nas Águas do Velho Chico

Roberto Fernandes Dos Santos Junior

E-mail: roberto.agroifect@gmail.com

Mateus Santos Neves

E-mail: mateus_santosn@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Sergipe

Resumo

O trabalho tem como objetivo apresentar as fluências e confluências da aplicação do Projeto de Pesquisa *Scientia Opará: Entrelaçamentos entre Saberes Locais, Ciências e Literaturas*, na condição de balizador de memórias locais e a produção científica enquanto elemento de reconhecimento identitário e regional na cidade de Piranhas/AL por meio da interseccionalidade entre corpo e objeto. Versando por uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, será analisada a aplicação da disciplina eletiva “Resgatando a Memória Afetiva Através do Bordado” para os alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Xingó II-EEXII, bem como as suas reverberações no contexto formativo de reconhecimento do patrimônio imaterial do Povoado Entremontes (Capital do Bordado). Dessa forma, o trabalho percorre um itinerário que começa com a proposição da disciplina no ano letivo de 2023, a preparação da equipe aplicadora do projeto com a Oficina “Memórias do Opará: Um convite para conhecer as Águas”, aplicação de Oficina “Convite para entrelaçar os fios nas águas do Opará” com os discentes da EEXII, finalizando com a coleta dos resultados. Versando por uma lógica pautada em um método de ensino horizontal, o trabalho visa a promoção da prática educativa no processo de reafirmação identitária por meio da experiência do Museu do Estandarte. Pautado em um experimento decolonial da vivência museológica, onde o museu acontece e se torna o seu protagonista e antagonista. Atracando sentidos e formas de experivivências subjetivas na concepção do ensino por meio de uma escuta sensível, singular e plural. Utilizando-se de conceitos relativos à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e os desdobramentos da Museologia Social expressa nas teorias de Hugues de Varine. O trabalho atraca-se no porto das experimentações de uma relação interdisciplinar que transversaliza as relações científicas entre o campo da Educação e da Museologia na consolidação de (re)pensar novas ações educativas para além das paredes que limitam o museu e suas ideologias.

Palavras-chave

Rio São Francisco, *Scientia Opará*, Museologia, Educação

ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO MUSEAL EM EMERGÊNCIA: tradução e subjetivação

Thiago Consiglio

E-mail: thiago.consiglio@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de São Carlos

Resumo

Este trabalho parte do debate que considera a Educação Museal enquanto um campo em consolidação. Nesse sentido busca contribuir, através de uma reflexão epistemológica, para seu reconhecimento. A reflexão acompanha um processo de doutorado em Educação na linha de pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação Escolar e Não Escolar. Aqui, destaca-se uma preocupação por se articular perspectivas teórico-metodológicas no sentido de pensar os limites e potenciais de um território em processo de constituição. Para a investigação utilizo o procedimento de tradução enquanto ferramenta metodológica que realiza uma leitura antropofágica da tradição, o que possibilita também uma intervenção no campo da museologia. Através da tradução, a história tanto é transformada a partir do olhar do presente quanto há a produção de um texto autoral, novo. Desta forma, aponto que o atual termo Educação Museal pode significar a convergência de diversas nomenclaturas utilizadas historicamente, a partir do marco da 1ª política pública nacional para a área, a PNEM. Nesse sentido, o campo da Educação Museal em consolidação também se dá em processo de emergência. Uma teoria do conhecimento para uma Educação Museal situada e contingente (que nasce no Brasil, América Latina) busca condições para “surgir”, se tornar presente. Para isso, fundamentalmente acompanha um processo de subjetivação. Para ser nomeada ela também precisa de uma instância instauradora que busca seu reconhecimento. Algumas das estratégias metodológicas para uma Educação Museal brasileira em emergência: Contra uma teoria geral, uma metodologia pluralista anárquica (diálogo entre perspectivas diversas, museologia e educação, por exemplo). A partir da multiplicidade histórica, observar a formação das práticas discursivas do campo através da arqueologia do saber (história feita através de descontinuidades). Se inspirando na ancestralidade do território brasileiro, busco também uma perspectiva cosmológica inspirada pelo perspectivismo multinaturalista ameríndio (toda instância que enuncia também produz mundos). Segundo Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e ambos os contextos estão entrelaçados através da linguagem. Toda leitura implica um leitor e todo leitor é um espectador. Um espectador emancipado se aventura em uma floresta de signos e coisas sem saber onde vai chegar. A Educação Museal em processo de subjetivação não se reconhece mais como subalterna, é preciso avançar nessa trilha.

Palavras-chave

Epistemologia, educação, tradução

A CONSTITUIÇÃO DO MEMORIAL HELITON SANTANA NO IFPB SANTA RITA

Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita

E-mail: valdirpoesia@gmail.com

Alexandre Jose Goncalves Costa

E-mail: alexandre.costa@ifpb.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O Acervo Pessoal de Heliton Santana encontra-se sob os cuidados do IFPB desde o final de 2023, quando seus curadores, o professor Valdir Lima e as filhas Andila Nahusi e Caiala Nahahy, transferiram a responsabilidade por sua curadoria para o IFPB. Heliton Santana foi um criador cultural negro da cidade de Santa Rita na Paraíba, que atuou em movimentos sociais e culturais, de entre os anos de 1975 e 2005. Uma individualidade potente que sempre atuou em coletivos. O acervo que deixou foi objeto de pesquisa e identificação através de projetos desenvolvidos, em 2023 e 2024, pelo Núcleo de Estudos em Humanidades e Linguagens do Campus Santa Rita (NEHUL/SR), que produziram um banco de informações com a descrição de cada peça do Acervo. Foram descritos 1.514 objetos: 205 objetos tridimensionais, 381 escritos, 178 sonoros, 750 imagens. São documentos relacionados à militância de Heliton Santana no Movimento do Teatro Popular (MTP), nas décadas de 1970 a 2000; no Movimento Negro da Paraíba (MN-PB), nas décadas de 1980 a 2000, na ação social e cultural católica da Arquidiocese da Paraíba, nas décadas de 1970 a 2000 (CEDOP). São dois os tipos de conteúdo da documentação: os de teor normativo, norteador de diretrizes do MTP, do MN-PB, do CEDOP; e os que se referem à militância de Heliton Santana nos três movimentos. O projeto está sendo desenvolvido em parceria com o Grupo de Estudo e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP/ UFPB). A estrutura física do Memorial Heliton Santana visa atender seus objetivos de preservação, pesquisa, extensão e ensino. Será constituída por uma Sala de Pesquisa com o acervo de documentos aberto a pesquisadores e a pesquisadoras; a Reserva Técnica para acondicionamento adequado aos objetos do acervo; a Sala da Administração, para o gerenciamento da funcionalidade da estrutura do Memorial; a Sala de Exposição, para receber os arranjos de exposições temporárias sobre a atuação de Heliton Santana no teatro, no movimento negro, nas pastorais católicas. O Memorial foi inaugurado em 09 de outubro de 2024, e encontra-se aberto à visitação pública com a exposição “O Teatro de Heliton Santana”. Nosso intuito é colocar em prática uma política pública de preservação de um patrimônio cultural que porta uma dimensão pedagógica fundamental: franquear acesso à comunidade paraibana à memória de Heliton Santana significa compartilhar com ela informações sobre movimentos sociais que interferiram diretamente na história do estado.

Palavras-chave

Heliton Santana, Santa Rita-PB, Movimentos Sociais

O ALMANAQUE DO SURRUPIRINHA DO GANGÁ: valorizando as encantarias afro-amazônicas

Wemerson Cardias Barreto

E-mail: wem.cardias@gmail.com

Gisele Nascimento Barroso

E-mail: gisa.barroso@gmail.com

Diogo Melo

E-mail: diogojmelo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da criação e disseminação de um material educativo, no formato de almanaque, voltado ao público jovem e infantil, com enfoque nas religiões afro-amazônicas, destacando as mitopoéticas. A proposta central deste material educativo, intitulado “Almanaque do Surrupirinha do Gangá”, é a de explorar elementos culturais e religiosos, tendo como figura principal a dos Surrupiras, principalmente o Surrupirinha do Gangá, uma entidade das matas vinculada às tradições da Pajelanças, Tambor de Mina e Umbanda. O conteúdo em desenvolvimento utiliza-se de aspectos didáticos como uma comunicação visual e linguagem lúdica, com o objetivo de engajar o público-alvo. O mesmo é composto por uma série de atividades recreativas e exercícios interativos, como caça-palavras, labirinto, jogos dos sete erros e palavras cruzadas, com temática inspirada nas tradições e mitologias afro-diaspóricas a fim de promover o conhecimento cultural, memória e identidade. Antes da versão final vir a ser realizada, um protótipo do projeto foi desenvolvido para fins de divulgação durante o SBPC jovem, evento associado à reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 2024. A produção do almanaque protagonizado pelo Surrupirinha do Gangá, desenvolvido pelo Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas, insere-se em uma proposta de que dialoga com os princípios da decolonialidade e da educação para as relações raciais. Enquanto perspectiva crítica, desafia a matriz eurocêntrica do conhecimento e propõe uma valorização dos saberes e práticas culturais marginalizadas pelas narrativas coloniais. Nesse sentido, a criação de um material educativo que celebra a encantaria amazônica e as religiões de matriz afrodiaspórica se apresenta como uma iniciativa que subverte a hegemonia cultural e epistemológica, destacando as raízes ancestrais afro-amazônicas. Essa abordagem também contribui diretamente para a educação das relações raciais, ao fomentar o respeito e a compreensão das tradições africanas e afrodescendentes, frequentemente estigmatizadas ou ignoradas nos currículos convencionais. Mais que isso, ao abordar a figura do Surrupira e seus encantados é destacado a importância das florestas e da natureza dentro dessas tradições, reforçando, inclusive, aspectos de conservação ambiental que são intrinsecamente ligados à espiritualidade afro-amazônica. Esse projeto também reafirma o papel da museologia na educação, ao perceber o museu como um espaço de construção de sentidos e valorização de culturas subalternizadas. A abordagem museológica aqui proposta almeja a democratização do saber e a valorização da história de populações preponderantemente invisibilizadas. Este projeto desafia os paradigmas tradicionais de ensino, promovendo uma educação mais plural e inclusiva.

Palavras-chave

Religiões Afro-amazônicas, Comunicação visual, Educação

EDUCAÇÃO MUSEAL E GESTÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA PEDAGOGIA UNIRIO

Thatiana Antunes Vieira da Silva

Email: vieira90.thatiana@gmail.com

Ana Cristina Prado de Oliveira

Email: ana.oliveira@unirio.br

Hiago Cesar Franklin

Email: hiagocesarfranklin@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho apresenta um diálogo entre a educação e a cultura, trazendo para a arena os campos da Gestão Educacional e da Educação Museal através da experiência de estágio supervisionado de alunos da Pedagogia UNIRIO. O objetivo central foi propor uma aproximação entre as duas áreas, entendendo os museus, com sua função educativa, como possibilidade de campo para ampliar a compreensão dos conceitos e práticas de gestão educacional para além dos contextos escolares. Analisou-se três categorias que envolvem as experiências de Estágio Supervisionado em Gestão Educacional nos Museus: “olhar discente”, “olhar docente” e “olhar dos Museus”. O “olhar discente” considerou 20 relatórios de alunos que estagiaram em 6 Museus/Centros de Ciência no período compreendido entre o 2º semestre de 2019 e o 2º semestre de 2023. Não houve estágio nos museus em 2020 e 2021 devido ao período de isolamento social, dada a pandemia de Covid-19. O “olhar docente” considerou as respostas, via Google Forms, da docente responsável pela disciplina de estágio. O “olhar dos museus” considerou as respostas, via Google Forms, dos gestores do Museu do Universo/Fundação Planetário da Gávea e da Casa da Ciência. A análise temática (Alhojailan, 2012) dos dados se deu em diálogo com Vieira, (2007), Cury (2012), Paro (2008), com a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) e com a Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros (PEM Brasil, 2023). O estudo evidenciou a relação entre a gestão educacional e as práticas educativas nos Museus, reforçando o tema para além do espaço escolar. Diversos conceitos próprios da educação permeiam as práticas cotidianas dos profissionais da educação museal. No entanto, percebeu-se uma lacuna acerca da compreensão do conceito e das práticas de gestão educacional relacionados aos processos educativos nos museus, o que indica a necessidade de um maior aprofundamento sob a ótica da Educação Museal.

Palavras-chave

Educação Museal, Gestão Educacional, Pedagogia

EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS CULTURAIS: o olhar da escola sobre os museus no Distrito Federal

Ana Lucia de Abreu Gomes

E-mail: anaabreu@unb.br

Leandra Furst Signori Prado

E-mail: leandra.furst@aluno.unb.br

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

As interfaces da relação entre a Museologia e a Educação podem ser pensadas por diferentes ângulos. Quando se trata das práticas de mediação em museus, podemos falar da cadeia operatória da Museologia dedicada às atividades de comunicação dos museus com seus diferentes públicos. Podemos recortar dentre as atividades de comunicação dos museus, as diferentes abordagens de mediação das exposições, talvez a interface mais clara desse processo e mais próxima dos públicos. A tarefa da Museologia, neste caso, é a construção de abordagens críticas dessa interface que opera nos espaços de musealização. Em 2023 o Instituto Brasileiro de Museus e o Observatório da Economia Criativa da Bahia junto às universidades federais da Bahia e do Recôncavo Baiano lançaram os resultados da Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros: um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Tendo sistematizado um conjunto de informações sobre a referida política, o objetivo da pesquisa foi o de verificar a adesão e o impacto dos museus brasileiros a tal política. Os resultados da pesquisa indicam que estamos no caminho certo, apesar da necessidade de ajustes. No entanto, observa-se que, assim como a maioria dos estudos sobre educação museal, a pesquisa não tem a escola, os educadores e os educandos da Educação Básica como seu principal campo de investigação. Não se trata aqui de silenciamentos ou esquecimentos. Provavelmente há pesquisas sendo desenvolvidas e que por motivos variados não chegaram aos periódicos da área para ampla divulgação. Ademais é conhecida a falta de recursos humanos e financeiros para criar equipes de pesquisa e canais de escuta que veiculem as avaliações de docentes e discentes da educação básica que se encontram em ação nas pontas do processo e que frequentam os diferentes equipamentos museais. Por isso, tendo consciência da relevância de abrir canais de escuta a esse público frequentador dos museus, e, igualmente da relevância dos dados para pensarmos na formulação de qualquer política pública, organizamos no ano de 2024 por meio dos editais de Iniciação Científica e Extensão em nossa instituição de pesquisa projetos que viabilizaram a escuta de 29 escolas do Distrito Federal. Foi elaborado questionário que foi aplicado presencialmente nas referidas escolas e respondido ou por diretores, supervisores, coordenadores pedagógicos, ou docentes. O instrumento de coleta de dados buscou avaliar quais disciplinas têm a iniciativa de procurar os museus como espaços de aprendizagem, buscando identificar a motivação dos agentes escolares, os elementos facilitadores e os empecilhos encontrados para essas visitas, dentre outros aspectos..

Palavras-chave

Educação museal, educação básica, Distrito Federal

EDUCAÇÃO MUSEAL EM PERSPECTIVA: Novos Caminhos na Produção Acadêmica

Idanise Sant'ana Azevedo Hamoy

E-mail: idahamoy@gmail.com

Aymêe Larisa Lisboa Marçal

E-mail: aymeelisboa@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

A educação museal passou por um período de transformação e adaptação de práticas e abordagens nos últimos anos. Nesse contexto, temos por objetivo analisar a produção científica sobre o tema da Educação Museal no período de 2020 a 2024 identificando os temas que suscitaram o interesse de pesquisas e as tendências emergentes nesse período de intensa transformação social e tecnológica. Em princípio foram selecionadas quatro revistas de circulação na América Latina: ICOM Education, Museos, Educa Museo e Museologia e Interdisciplinaridade refletem essas mudanças ao explorar novos desafios e inovações no campo museológico. A revista ICOM Education destacou-se ao abordar a mediação cultural e as práticas educacionais no âmbito global, discutindo o papel social dos museus e a importância de integrar públicos diversos. O Comitê de Educação e Ação Cultural (CECA) reforçou a necessidade de museus adaptarem-se para proporcionar acessibilidade e inclusão cultural. A publicação Museos, do Chile, apresentou diversos artigos com a análise do impacto da pandemia sobre os museus, evidenciando os efeitos do fechamento de atividades presenciais e a subsequente reinvenção dos museus no pós-pandemia. Diversos artigos reafirmaram a função social dos museus e a importância de estratégias de participação comunitária, conforme o legado da Mesa de Santiago de Chile, que promove a inclusão e o comprometimento dos museus com suas comunidades. No cenário argentino, a revista Educa Museo apresenta uma linha editorial com ênfase na decolonialidade e no potencial da educação para a transformação social, abordando metodologias e casos de programas educativos inovadores. Ressaltou a importância de adaptar as práticas museais aos diferentes grupos sociais para enriquecer as experiências educativas. A publicação brasileira Museologia e Interdisciplinaridade, por sua vez, traz o diálogo entre a museologia e disciplinas como antropologia e história, realçando o papel interdisciplinar para uma compreensão integral do museu. Essa abordagem enfatiza que os museus precisam ser agentes de justiça social, equidade e sustentabilidade, promovendo vínculos comunitários e respondendo a contextos culturais específicos. As publicações no período demonstram uma crescente valorização da mediação cultural, inclusão e inovação tecnológica pela ótica de autores como Fernanda Castro, Ricardo Rubiales, Silvana Lovay, Alam Trampe entre outros que discutem e atuam no campo da Educação em Museus. Mapear a produção acadêmica sobre educação em museus é essencial para compreender o impacto nos estudos e práticas da Educação e suas interfaces com a Museologia, identificando tendências e lacunas para direcionar futuras pesquisas, práticas no campo e políticas públicas..

Palavras-chave

Educação Museal, Museologia Contemporânea, Formação Acadêmica

EDUCAÇÃO MUSEAL EM EXPOSIÇÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA NO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Ana Cecília da Cunha Santos

E-mail: anaceciliacunh@gmail.com

Iana Keila Lima dos Santos Duarte

E-mail: ianakeiladuarte@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O trabalho objetiva analisar exposições do Salão Arte Pará que ocorreram no Museu Paraense Emílio Goeldi, com intuito de sistematizar reflexões da educação sensível mediada pelas linguagens artísticas, em especial neste trabalho, as artes visuais contemporâneas, e seus desdobramentos educativos, em um museu, que tem o papel social de ser uma instituição científica secular da Amazônia. O Salão Arte Pará existe desde a década de oitenta, é de iniciativa privada, pensado pela Fundação Rômulo Maiorana, tem uma expressividade importante no cenário regional e nacional, selecionando artistas jovens e estabelecidos. Há uma movimentação de profissionais de várias frentes das Artes Visuais, entre curadores, artistas, educadores, críticos de artes, assim como um público especializado e não especializado. Como via de análise da pesquisa, buscarei a aproximação entre aportes teóricos do campo da educação, da museologia e das artes visuais. Trata-se de uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa, e com realização de entrevistas semiestruturadas. Entendo a entrevista como um recurso técnico relevante que se insere como meio de coleta dos fatos relatados por atores sociais que vivenciaram experiências relacionadas, no nosso caso, com as exposições do Salão Arte Pará ocorridas no Museu Paraense Emílio Goeldi. A pesquisa envolve um mergulho nos documentos relacionados ao Arte Pará, tais como catálogos e livros de assinaturas das exposições, registros fotográficos da imprensa e dos arquivos dos servidores. A relevância em desenvolver uma proposta de estudo relacionada a essa temática, enseja o desenvolvimento de debates acerca da função educativa dos museus no campo da educação museal em território amazônico. Campo que busca a partir de políticas públicas como a Política Nacional da Educação Museal (PNEM) gerida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), de 2017, e diversas publicações que evocam a nomenclatura Educação Museal, delimitar seu espaço epistemológico de saberes e práticas, assentando suas diretrizes, e contribuindo para práticas educativas outras que respaldem e respeitem as singularidades do campo museológico.

Palavras-chave

Exposição, Educação Museal, Processos educativos não escolares

MUSEOLOGIA SOCIAL: uma perspectiva para decolonizar a educação

Gizela Costa Falcão de Carvalho

E-mail: gizelafalcao@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Resumo

A origem e o desenvolvimento da Museologia Social estão profundamente conectados com a busca de superação da colonialidade. Desde o final dos anos 60, com a emergência de diversos movimentos sociais estudantis, feministas, negros, ambientalistas e pacifistas, entre outros, as instituições culturais, incluindo os museus, passaram ser criticadas por não abordarem as questões sociais emergentes, restringindo sua ação à difusão de uma história e uma cultura elitizadas, que não representavam a diversidade dos movimentos e das identidades existentes. Em 1979 o museólogo francês Hugues de Varine (CHAGAS e GOUVEIA, 2014), denunciou o caráter colonial da museologia e evidenciou a necessidade do desenvolvimento de outras práticas museológicas e patrimoniais, com uma “nova ética” e uma “nova política”, baseadas em saberes e fazeres alternativos. Assim, em 1972, reunidos na Mesa Redonda de Santiago do Chile, convocada pelo ICOM, museólogos afirmaram seus compromissos com a transformação da realidade, entendendo o museu como espaço educativo capaz de despertar a consciência crítica e o engajamento na ação coletiva para enfrentar as desigualdades, a pobreza, as ameaças aos direitos humanos e a ausência de democracia. Assim se deu a origem da Museologia Social enquanto campo do saber, que defende a possibilidade de compreender e ativar os processos formais de educação como dispositivos de apropriação cultural e construção de conhecimento contextualizado e situado numa perspectiva decolonial (QUIJANO, 1993). Nosso objetivo nesta pesquisa é compreender a Museologia Social como uma ferramenta importante para a decolonização da educação na contemporaneidade, oferecendo caminhos para a transformação humana e das relações sociais no âmbito educacional das escolas e universidades. Para isso, vamos contextualizar e caracterizar o movimento decolonial na educação e observar a origem e desenvolvimento da Museologia Social numa perspectiva histórica, observando seu potencial para operar uma decolonização na educação. Tomamos como referencial teórico para este estudo o pensamento de Paulo Freire (2018) e a sua concepção da educação como um espaço para revolução social.

Palavras-chave

Museologia Social, Educação, Decolonização

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO:
análise de práticas de educação patrimonial no contexto urbano

Amanda Dabéss de Carvalho

E-mail: amandadabess@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

O presente artigo investiga os desafios da educação patrimonial em contextos urbanos, especialmente na cidade de Belo Horizonte. Com base no entendimento de educação patrimonial definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN (2016), esta pesquisa se apoia em um corpus teórico que inclui as contribuições a respeito de educação e cidadania advindas do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, e a Declaração de Québec- ICOMOS (2008) acerca da noção de espírito do lugar. A escolha desses referenciais teóricos se justifica pelo seguinte problema de pesquisa: De que maneira a educação patrimonial pode contribuir para a formação de uma cidadania ativa em relação ao espaço urbano? Para responder a essa questão, optou-se por desenvolver uma abordagem qualitativa, ancorada em revisão bibliográfica que se concentra nos autores e documentos mencionados, além de analisar o estado da arte encontrado nos Cadernos Temáticos de Educação Patrimonial, da Superintendência do IPHAN da Paraíba, a fim de situar a educação patrimonial no debate contemporâneo sobre cidadania e participação social no espaço urbano. A análise deste corpus teórico e documental permite estabelecer uma visão crítica sobre como a educação patrimonial pode se articular com práticas de cidadania ativa, especialmente em uma cidade como Belo Horizonte, considerando sua diversidade cultural. A pesquisa encontra-se em andamento, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG (PPGCI-UFMG), na linha de pesquisa Memória Social, Patrimônio e Produção do Conhecimento, e visa contribuir para a compreensão das práticas educativas que fomentam o engajamento dos cidadãos na interpretação, apresentação e apropriação do espaço urbano, em conjunto com a diversidade de referências culturais subjacentes ao patrimônio. Além disso, o estudo explora, também, quais as contribuições possíveis do campo da educação museal para práticas educativas no patrimônio, especialmente quando o próprio espaço urbano é tratado como um espaço museológico.

Palavras-chave

Patrimônio cultural; educação patrimonial; contexto urbano

AÇÕES EDUCATIVAS DO ECOMUSEU SÍTIO DO FÍSICO

Maria de Lourdes Nery Mendonça de Sousa

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

Este trabalho expõe as experiências do Ecomuseu Sítio do Físico em São Luís do Maranhão com a educação museal/patrimonial cujo propósito é a conservação, preservação e comunicação de seu patrimônio arqueológico, histórico, natural e cultural. As atividades educativas partem dos resultados das pesquisas científicas e observações do território. Tendo um patrimônio arqueológico, histórico, natural e cultural de valor excepcional o Ecomuseu Sítio do Físico acumula pesquisa em várias áreas do conhecimento que são socializadas com a comunidade em forma de oficinas, caminhadas exploratórias, palestras, exposições, visitas dialogadas, acampamentos, trilhas, coletas de material, atividades, observação e experimentos diversos. Em relação ao meio natural as oficinas versam sobre a fauna, a flora e a água do Parque Estadual do Bacanga onde o Sítio do Físico está inserido. Em relação a ocupação do território, as caminhadas e oficinas tratam da presença dos povos originários que viveram ali há mais de 6.600 anos, dos Tupinambás com suas camboas, da ocupação no período colonial com as ruínas de um complexo industrial do final do séc. XVIII e início do séc. XIX e a ocupação atual. Além dessas temáticas ainda discute-se questões atuais como: preconceito ambiental, o artesanato a partir de determinados resíduos sólidos, saúde a partir da mudança de hábitos como a caminhada, a redução do consumo de açúcar e a inserção de frutas, legumes e verduras na dieta alimentar, formação de professores em literatura infantil maranhense, as músicas, as danças, o grafite, o bordado, o crochê, a formação profissional e o empreendedorismo local. O Polo Coroadinho destacou-se recentemente como uma das comunidades mais empreendedoras do Brasil segundo dados da FIEMA – Federação das Indústrias do Maranhão. Entretanto, o evento que produziu maior aprendizado foi a criação de uma tecnologia social denominada Coroados de Natal que se iniciou como um evento, transformou-se num movimento e hoje, 18 anos após está consolidado numa rede gerida pelo Instituto Rede Coroados de Natal que agrega cerca de 30 organizações que discutem e elegem políticas de interesse da comunidade e faz o diálogo com as autoridades competentes e desta forma vem mudando a qualidade de vida da população.

Palavras-chave

Ecomuseu Sítio do Físico, Educação, Rede Coroados de Natal.

EDUCAÇÃO MUSEAL E ACESSIBILIDADE: experiências acadêmicas e práticas

Júlia Mayer de Araujo

E-mail: juliamayera@gmail.com

Filiação Institucional: Museu do Amanhã

Andréa Costa

E-mail: andrea@mn.ufrj.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O trabalho apresenta um relato de experiência das autoras na formação e atuação em Educação Museal com ênfase na Acessibilidade em Museus, sendo o primeiro momento enquanto professora e monitora do projeto de ensino “A UNIRIO e a formação em Educação Museal: contribuições para a implementação da PNEM (Política Nacional de Educação Museal)” vinculado à disciplina Museologia e Educação, componente curricular dos Cursos de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e o segundo momento, enquanto educadoras museais, junto ao projeto Entre Museus Acessíveis (EMA), proposto pelo Museu do Amanhã para públicos de pessoas com deficiência que se dedica a ampliar as políticas de inclusão e a democratização do acesso em museus. A disciplina ofertada de modo remoto durante a pandemia de COVID-19 em 2020 e 2021 oportunizou o contato dos discentes com a temática, sendo possível verificar o interesse de futuros museólogos pela temática e sua relação com a Educação Museal. Em 2023, o EMA fez parceria com o Museu Nacional - UFRJ, e além da visita aos museus, o projeto ajudou a incorporar recursos como vídeos em Língua Brasileira de Sinais, audiodescrição e formação para os educadores. No mesmo ano, foi desenvolvido o “Curso-diálogo”, uma proposição que parte dos processos de análise e diagnóstico do impacto do projeto, com objetivo fomentar a formação de pessoas interessadas, majoritariamente pessoas com deficiência, em práticas de Educação Museal anticapacitistas. As autoras percebem que apesar da acessibilidade em museus não ser responsabilidade somente da área da Educação Museal, essa é normalmente o primeiro contato dos alunos na graduação em Museologia na UNIRIO, e através análise dos trabalhos finais da disciplina não só evidencia um interesse ampliado dos discentes pelo tema, mas também a relevância do mesmo para a formação pessoal e profissional destes. Quanto à atuação no EMA e Curso-diálogo, enquanto proponentes de atividades e formadoras, foi percebido um importante engajamento dos públicos com deficiência quando as atividades eram pensadas para serem acessíveis desde o começo. Foi possível registrar o interesse e participação também de graduandos de Museologia e pessoas com deficiência no curso, evidenciando a existência de uma demanda por formações dessa natureza, comprometidas com uma formação teórica e prática em Educação Museal que considere a Acessibilidade em suas diferentes dimensões, desde a concepção.

Palavras-chave

Formação em Educação Museal, Projetos de Educação Museal acessíveis, Relato de experiência

A ELABORAÇÃO DE ELEMENTOS PARA A POLÍTICA EDUCACIONAL DO MUSEU DA VILA

Sabrina Araujo Castro

E-mail: sabrina.castro@professor.edu.pi.gov.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

O presente trabalho foi constituído a partir do Relatório Final de uma pesquisa-ação, com dados obtidos de junho de 2018 a janeiro de 2020, ligada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí - (UFPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba - (UFDPar), Campus Ministro Reis Veloso. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito interno do Museu da Vila (MUV) que fica localizado na comunidade da Vila-bairro Coqueiro da Praia, na cidade de Luís Correia, no Piauí; e partiu da necessidade de ser elaborada uma Política Educacional para o Museu da Vila no início da elaboração do seu Plano Museológico, uma ferramenta de planejamento estratégico relacionada à gestão dos museus. A pesquisa teve como objetivo geral construir elementos para a Política Educacional do Museu da Vila com base na Política Nacional de Educação Museal - (PNEM), uma política pública nacional instituída pela Portaria nº 422, de 30 de novembro de 2017. Na pesquisa, foi entendido que uma política educacional em museus trata da identidade e de escolhas de um direcionamento teórico para a prática educativa. A base teórica que sustentou a investigação foi a noção de patrimônio comunitário e de desenvolvimento local de Hugues de Varine (2013) e os pressupostos políticos e conceituais da obra de Paulo Freire (1996; 2019) sobre a educação libertadora. A abordagem metodológica foi a pesquisa qualitativa e participante de Carlos Brandão (2006) e de Michel Thiollent (2011) que fundamentaram a realização de um inventário compartilhado sobre as ações educativas e culturais do Museu da Vila. Através do compartilhamento de dados informacionais, os mestrandos responsáveis pelo planejamento e execução de projetos, eventos, ações e atividades educativos e culturais tornaram-se colaboradores desta pesquisa. Os dados registrados foram complementados com informações obtidas em observações participantes, conversas informais e na revisão bibliográfica. Dessa forma, o inventário compartilhado subsidiou a elaboração de elementos para a Política Educacional do Museu da Vila, delineando a identidade educativa desse equipamento cultural. O Museu da Vila pretende promover a participação comunitária e tratar do patrimônio cultural em suas ações educativas e culturais.

Palavras-chave

Museu da Vila, Pesquisa Participante, Política Educacional

MUSEOLOGIA COMO PEDAGOGIA DA MEMÓRIA:
premissas e engrenagens do fazer museológico como prática
educadora, libertadora e intercultural.

Camila A. de Moraes Wichers

E-mail: camilawichers@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Goiás

Resumo

Em 1958, Regina Monteiro Real declarava “Nada de positivo será obtido, enquanto não houver essa estreita colaboração e mútuo entendimento entre museologia e pedagogia.” Quase cinco décadas depois, Cristina Bruno (2006), apontava a existência de uma Pedagogia Museológica, que pode ser entendida como Pedagogia da Memória voltada à percepção, seleção, guarda e comunicação de referências patrimoniais. Por um lado, a pedagogia museológica busca amparar do ponto de vista técnico os procedimentos e processos de musealização e, por outro, procura ampliar as perspectivas de acessibilidade e problematizar as noções de pertencimento (BRUNO, 2006). Por sua vez, o termo Pedagogia Museal (ALLARD e BOUCHER, 1991) se define como um quadro teórico e metodológico à serviço da elaboração, da realização e da avaliação das atividades educativas no meio museal, atividades cujo objetivo principal é a aprendizagem de saberes (conhecimento, habilidades e atitudes) pelo visitante. Essa compreensão da pedagogia museal, muitas vezes impressa na educação museal realizada no Brasil, pode levar a uma visão reducionista da relação entre Museologia e Educação, uma vez que essa relação se espalha, a meu ver, por toda cadeia operatória museológica. Essa comunicação parte da premissa de que todo processo de musealização é um processo educativo (SANTOS, 1996) e uma política da memória (MORAES WICHES, 2024). É urgente que a Museologia assuma esse papel, a partir de uma abordagem crítica, libertadora e intercultural. Visando defender esse argumento trarei algumas cenas de processos de musealização, desenvolvidos em museus convencionais e orgânicos, que evidenciam a importância de uma educação libertadora e intercultural, vistas como componentes intrínsecos de uma museologia comprometida com a justiça social. Cenas de processos educativos em instituições como o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, o Museu da Cultura Karajá Maurehi e o Museu de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Uberlândia compõem o material empírico a ser utilizado na apresentação. Paulo Freire (1968), bell hooks (1994) e Catherine Walsh (2009) são algumas das autorias inspiradoras desse estudo, bem como Maria Célia Santos (1996), Cristina Bruno (2006) e Kamylla Passos (2023).

Palavras-chave

Museologia, Pedagogia Museológica, Memória, Educação Museal, Interculturalidade

EPITÁFIOS, GÊNERO E MEDIAÇÕES: AÇÕES EDUCATIVAS NO PARQUE CEMITÉRIO SOLEDADE

Kayla Eduarda Santos Evangelista

E-mail: eduarda2016kayla@gmail.com

Benedita Luvinda da Silva Almeida

E-mail: b.luvinda@gmail.com

Idanise Sant'ana Azevedo Hamoy

E-mail: idahamoy@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O Parque Cemitério Soledade, está localizado no centro da cidade, contando sobre a história de Belém do final do século XIX. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1964, é um espaço de relevância cultural, histórica e patrimonial. Embora os espaços cemiteriais sejam frequentemente associados a perda, luto ou a ideia de lugar assombrado, a equipe de educação patrimonial que atua no local destaca sua importância para a memória coletiva, promovendo um aprendizado crítico e inclusivo. O trabalho analisa como as ações educativas ativas no Parque Cemitério Soledade, com foco na mediação, podem contribuir para uma compreensão ampla e crítica das representações de gênero através dos epitáfios dos sepultados no Soledade. A pesquisa será fundamentada na perspectiva teórica de Joan Scott, que define o conceito de gênero como uma categoria útil para a análise histórica, onde as relações de gênero são construções sociais que refletem e legitimam as desigualdades de poder entre homens e mulheres. Utilizar Scott na análise dos epitáfios possibilita uma leitura crítica, expondo os discursos sobre o feminino e o masculino e como eles foram historicamente construídos e perpetuados em espaços de memória, em particular no Soledade. A pesquisa também analisa o papel do educador como agente na reconstrução das narrativas de gênero, onde o educador patrimonial oferece novas perspectivas que enriquecem o processo de musealização desse museu a céu aberto. Quanto aos objetivos específicos, destacamos os seguintes: fazer um mapeamento das sepulturas, relacionando com a questão de gênero, propondo-se também a desenvolver e aplicar práticas de mediação que estimulem a participação ativa dos visitantes, convidando-os a engajar-se criticamente nas discussões sobre gênero através dos epitáfios. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, com foco descritivo, garantindo uma interação entre o visitante, o mediador e o patrimônio cultural. O trabalho baseia-se na observação das mediações realizadas no Parque Cemitério Soledade, ao longo do primeiro semestre de 2024. Além de ser um espaço de resistência, é um lugar para discutir os papéis sociais de homens e mulheres na sociedade do século XIX e como esses papéis precisam ser revalidados e analisados atualmente sob a ótica da igualdade de gênero.

Palavras-chave

Epitáfios, Gênero, Educação Patrimonial

O QUE A COLEÇÃO NOSSO SAGRADO TEM A CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL ANTIRRACISTA?

Ana Paula Zaquieu

E-mail: zaquieuanapaula@gmail.com

Filiação Institucional: Museu da República

Resumo

O objetivo desta comunicação é refletir sobre o papel da Educação Museal no trabalho multidisciplinar desenvolvido em torno da Coleção Museológica Nosso Sagrado, transferida para o Museu da República no final de 2020. As discussões partirão das experiências construídas durante a execução das 15 edições do projeto educativo “Conhecendo Nosso Sagrado”, desenvolvido entre abril de 2022 e outubro de 2023. Partimos do pressuposto de que os museus são espaços não apenas de memórias, como também de epistemologias em disputa. Nesse sentido, entendemos que a chegada da coleção vai ao encontro da demanda crescente pela democratização do acesso às discussões em torno dos processos de musealização e patrimonialização que, durante décadas, foram encaminhados estritamente por agentes do Estado. Entretanto, alguns pontos permanecem desafiadores: o trabalho de ressignificação dos objetos realizado pelo museu seria suficiente para garantir sua descolonização? Considerando o baixíssimo acesso de grupos historicamente marginalizados aos grandes museus brasileiros, que sujeitos teriam acesso aos resultados do processo em curso? Assim, como garantir que seus resultados cheguem ao grande público, especialmente o escolar? Como fazer dessas peças, cuja trajetória é um importante testemunho de questões estruturantes da sociedade brasileira, com também um suporte de saberes e tecnologias ancestrais, numa oportunidade para a construção de um programa educativo antirracista? O projeto Conhecendo Nosso Sagrado integra um conjunto de ações propostas pelo Setor Educativo do Museu da República voltadas para professores da Educação Básica e alunos e professores de Licenciatura. Entre seus objetivos, destacamos: 1 - avançar na construção de novas interlocuções entre o Museu e a Educação Básica; 2 - aproximar professores e alunos de Licenciatura de discussões relacionadas aos processos museológicos; 3 - compartilhar parte das experiências de um processo institucional concreto, relacionado à garantia ao direito à memória e à reparação histórica; 3 - buscar subsídios para a construção de ações comprometidas com a Educação para as relações étnico raciais, em parceria com escolas e universidades e com base nas Leis 10.639/2003 e 11645/2008.

Palavras-chave

Educação Musea, Relações étnico-raciais, Educação Antirracista

VISITA MEDIADA NO MUSEU CASA DE CABANGU EM SANTOS DUMONT-MG:

Uma parceria da escola para com o museu

Izabel Cristina Rodrigues

E-mail: izabel.rodrigues@ifsudestemg.edu.br

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

Carina Martins Costa

E-mail: martinsgaruda@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1sWQHj50zuTWoi_IVlpx8gOKmnN54xd5L/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT5



GT5

Grupo de Trabalho 5. Museus, Memória e Museologia LGBTQIA+

Coordenação

Tony Willian Boita

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Paraná

E-mail: memoriasinstituto@gmail.com

Jezulino Lúcio Mendes Braga

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: jezulinolmb@gmail.com

Este Grupo de Trabalho visa reunir pesquisas que tratem de museus, memória e Museologia, com foco nas produções da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais), grupo historicamente excluído dos museus brasileiros. O principal objetivo é problematizar e analisar estratégias museológicas voltadas para a superação da LGBTfobia, conceito amparado pelas políticas públicas brasileiras, dentro do que se denomina Museologia LGBTQIA+. A proposta explora novas abordagens teóricas, contemplando políticas públicas, direitos humanos, estudos queer e interseccionalidade, além de promover práticas inovadoras, como a criação de museus e iniciativas comunitárias em memória e museologia social de tipologia própria voltados à comunidade LGBTQIA+. Além disso, pretende-se debater o fato museal e a cadeia operatória museológica, abordando a musealização de coleções representativas dessa comunidade e questões relacionadas à história dos museus, monumentos, patrimônios e arquivos. A ressignificação de exposições e acervos já existentes, as estratégias de formação de coleções, musealização de memórias orais, atualização das missões, visões, políticas e procedimentos técnicos e a invisibilização das sexualidades dissidentes em exposições de curta e longa duração são temáticas centrais que demonstram a diversidade de atuação e o potencial desta proposta. O Grupo de Trabalho, portanto, busca aprofundar essas discussões e ampliar o campo da Museologia LGBTQIA+ com novas abordagens. Paralelamente, propõe-se refletir sobre a incorporação desses temas no ensino de Museologia, tanto na graduação quanto na pós-graduação, fomentando o debate sobre o ensino, pesquisa e extensão das questões LGBTQIA+ no âmbito acadêmico e nas práticas museológicas.

IMPrensa LGBTQIA+ NO FINAL DO SÉCULO XX

Jezulino Lúcio Mendes Braga

E-mail: jezulinoimb@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

A proposta da pesquisa é analisar os principais temas que circulavam na imprensa LGBTQIA+ na cidade de Belo Horizonte no final do século XX. Estamos pesquisando no Acervo Especial Cintura Fina que está localizado na Biblioteca da FAFICH. O acervo pertenceu ao pesquisador Luiz Morando que fez uma doação ao Núcleo de Direitos Humanos (NUH). Os documentos, fotos e livros estão sendo inventariados pelo curso de Museologia da UFMG e parte foi usado em uma exposição no ano de 2022 que refletia sobre a imprensa belohorizontina que tratava especificamente da temática LGBTQIA+. A exposição Imprensa a Cores revelou o universo cultural LGBTQIA+ dos anos 90 a 2001. A exposição Imprensa a cores: bastidores da resistência exibiu panfletos, revistas, cartazes e outros impressos que divulgavam os locais de sociabilidade LGBTQIA+ nos anos 1990 e 2000, em Belo Horizonte. Também constam da coleção cartilhas e outras peças gráficas informativas destinadas à promoção da saúde, ao combate do preconceito e à conscientização em relação às infecções sexualmente transmissíveis, bem como notícias sobre mudanças na legislação brasileira, reconhecimento de direitos e definição de políticas inclusivas. O projeto permanece em desenvolvimento. Até o momento discutimos a bibliografia pertinente com a leitura de artigos sobre imprensa LGBTQIA+ e fizemos uma discussão sobre os jornais que estão depositados no Acervo Especial Cintura Fina. A leitura dos artigos selecionados na bibliografia até o momento nos proporcionou abranger concepções de fenômenos e conceitos que nos auxiliam no olhar aos periódicos disponíveis no Acervo Especial Cintura Fina, como noções linguagem, símbolos, disputas narrativas, visibilidade, tipologias de historiografia, dispositivos e regimes, e a aplicabilidade conceitual situada em seu tempo histórico. Nos próximos meses faremos uma consulta ao Acervo para definir os jornais que serão consultados. Posteriormente a elaboração de uma ficha de pesquisa. Posteriormente serão elaboradas fichas de pesquisa. A definição de campos será feita de forma colaborativa com pesquisadores do MUSASEX (MUSEOLOGIA E SEXUALIDADES-<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/766439>). Os pesquisadores do grupo validarão a tabela que será elaborada pela bolsista e pelo orientador. A análise será feita tomando como referencial teórico e metodológico a museologia e a história. Pretendemos levantar como a imprensa independente ou a produção de impressos pela e para a comunidade LGBTQIA+ atuou para dar visibilidade a sua cultura e luta pelos direitos.

Palavras-chave

Museus, Memória, LGBTQIA+

APAGAMENTO REPRESSIVO E PRESCRITIVO: A Memória Queer na Alemanha entre 1933 e 1980

Rogério Neves

E-mail: nevessatil@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Eötvös Loránd, Budapeste, Hungria –
Universidade Karlova, Praga, República Tcheca

Resumo

A política da memória desempenha um papel fundamental na construção de identidades coletivas, pois comunidades engajam-se em processos seletivos de lembrança e esquecimento para reforçar e ajustar sua autoimagem. No âmbito do Estado, a criação de novas identidades — ou legitimação — e a estabilidade social dependem da interação entre história e identidade nacional, em que o “passado” é seletivamente “lembrado”, “esquecido” e “criado” (Graves-Brown & Gamble, 2013, p. 6). Paul Connerton (2008) identifica sete tipos de esquecimento, e neste artigo, foco nos conceitos de “apagamento repressivo” e “esquecimento prescritivo” no contexto da Alemanha, abrangendo o período do regime nazista até o pós-guerra. O artigo apresenta uma releitura de parte da minha pesquisa de mestrado. Durante o regime nazista, o conceito de “apagamento repressivo” é útil para entender a eliminação de identidades desviantes que não se alinhavam à ideia de uma identidade nacional unificada. A destruição do Institut für Sexualwissenschaft (Instituto para a Ciência Sexual) em 1933, a intensificação da repressão pelo Parágrafo 175 e a proibição de publicações e espaços queer são exemplos de como o regime buscava não apenas eliminar fisicamente os indivíduos LGBTQ+, mas também erradicar todo traço de sua cultura e patrimônio. Esse apagamento almejava uma extinção total da memória e das contribuições culturais queer, eliminando qualquer referência a essas identidades na sociedade alemã. No período pós-guerra, o conceito de “esquecimento prescritivo” permitiu à Alemanha reconstruir uma nova identidade sem enfrentar totalmente as atrocidades do passado. A perseguição aos homossexuais foi amplamente excluída das narrativas oficiais e dos processos de memória, perpetuando o silêncio e a marginalização dessa comunidade. Esse silêncio institucional contribuiu para uma exclusão contínua, mantendo esses indivíduos à margem e fora do processo de reconciliação. Contudo, entre as décadas de 1970 e 1980, movimentos sociais emergiram para desafiar essa ausência e reivindicar reconhecimento e justiça.

Palavras-chave

Memória, Queer, Identidade, Patrimônio, Nazismo

TEORIA E METODOLOGIA EM MUSEOLOGIA LGBTQIA+ INTERSECCIONAL: aspectos epistemológicos

Jean Baptista

E-mail: jeantb@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Sergipe

Resumo

A presente comunicação, integrante do projeto “Teoria e Metodologia em Museologia LGBTQIA+ Interseccional”, versa sobre três aspectos epistemológicos do campo brasileiro que se reconhece como Museologia LGBTQIA+. A partir de uma metodologia seletiva de levantamento bibliográfico minucioso sobre a produção acadêmica dos últimos 10 anos sobre Museologia LGBTQIA+, a comunicação procura apresentar um conjunto de subsídios que evidenciam uma epistemologia própria de uma comunidade marginalizada em um campo elitista, demonstrando, com isto, que resistências e intenções de superação das desigualdades que enfrentamos cotidianamente sejam diretamente problematizadas e intelectualizadas no saber e fazer dos museus e do pensamento museológico. Neste sentido, a comunicação põe em discussão: a) os principais conceitos norteadores que regem a Museologia LGBTQIA+, com destaque para a teoria Queer Interseccional e os conceitos de gênero e sexualidade enquanto ficções; b) um conjunto de autorias brasileiras e propostas teóricas-metodológicas inovadoras providas de pessoas acadêmicas LGBTQIA+, sobretudo aquelas publicas em dossiês temáticos, artigos científicos, livros, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, entre outras formas de expressão científica; c) delineamento dos conceitos de Museologia Queer indígena, Museologia Sapatão e Transmuseologia, compreendendo-as como proposições conceituais revolucionárias que colaboram na formação de um arcabouço teórico fundamental para compreensão do tema e suas particularidades temáticas e de demandas próprias da comunidade LGBTQIA+. A partir disso, a comunicação pretende demonstrar que a Museologia LGBTQIA+ desenvolvida no Brasil está atuando por meio de pesquisas científicas de modo ativo contra os fluxos ultraconservadores que procuram manter os museus e o pensamento museológico preso à LGBTfobia, racismo e segregação social. Em virtude disto, os resultados compreendem que a Museologia LGBTQIA+, quando em desenvolvimento técnico-científico, entende ser possível encontrar meios não apenas para enfrentar as ondas de ódio, mas, sobretudo, colaborar na guinada de um presente orientado pela hegemonia da masculinidade branca, cis e heterocentrada, para um futuro mais justo, democrático e orientado pelo respeito e segurança de corpos, memórias, histórias e epistemologias diversas.

Palavras-chave

Museologia LGBTQIA+, Teoria Queer, Interseccionalidade, Queer indígena, Museologia Sapatão, Transmuseologia

O FECHAMENTO DO ATARI CLUB -

Notas sobre memória a partir de um episódio de homofobia

Vinicius Magnun Santos Rocha

E-mail: vinicius.magnun.rocha@usp.br

Resumo

Desde meados da década de 1990 até meados dos anos 2000, a região dos Jardins, na capital do estado de São Paulo, vinha se tornando um território com muitas opções de lazer para pessoas que, naquela época, se entendiam como GLS de classe média (hoje as classificariamos como LGBTQIAPN+). Na época, existia até mesmo a expectativa de que a região pudesse ser reconhecida como um “bairro gay”, iniciativa capitaneada por empresários e jornalistas ligados ao que Isadora Lins França (2006) chama de “mercado GLS”. No entanto, e de acordo com a mesma autora, a partir de 2005 os planos são frustrados e, um a um, os lugares de sociabilidade GLS na região são fechados. Nosso objetivo inicial com esta pesquisa era compreender a correlação de forças que fez de uma área de efervescente lazer um espaço estritamente residencial. Para tal, usamos como estudo de caso o fechamento do Atari Club, uma das boates que havia na região. O caso se deu a partir da descoberta pelo público geral de fotos dos frequentadores em poses sexualmente sugestivas disponíveis no site da boate. Em reação, houve um certa histeria generalizada, semelhante a um pânico moral, nos termos de Cohen (1987), tendo como consequência final o fechamento do espaço pela prefeitura por alegações de falta de alvará. Tanto o dono como frequentadores da boate alegam que houve homofobia no caso, como revela notícia da Folha de São Paulo da época intitulada “Prefeitura fecha Atari e dono vê homofobia”. Para a investigação do caso, utilizamo-nos, como ponto de partida, de pesquisa nos próprios arquivos pessoais do pesquisador autor deste trabalho (diários e blogs), além de suas lembranças. Também fizemos e faremos revisão bibliográfica sobre o período, análise de fontes jornalísticas e uso de técnicas de história pública, como chamamentos gerais para depoimentos, e história oral. O contato com as fontes orais, no entanto, vem revelando que os sentidos atribuídos ao período e ao Atari são muito mais ligados à descoberta sexual, pertencimento a uma comunidade, identificação com estilos musicais e tribos urbanas, amores e desilusões amores e nostalgia pela juventude do que a lembrança do fechamento e da homofobia em si. Neste sentido, a pesquisa se encontra numa encruzilhada entre uma investigação engajada ligada ao estabelecimento de uma memória de militância ligada ao caso de homofobia e a produção de um memorial, um lugar de memória (NORA, 1993) sobre o Atari e os Jardins dos anos 2000.

Palavras-chave

Memória, história oral, história pública, noite paulistana, comunidade LGBTQIAPN+

PRESENÇA LGBTQIA+ NO SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA

Gabriel Andrade de Freitas

E-mail: gabriel.dfaf@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Ao longo dos dez anos de existência do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS) e de suas cinco distintas edições ocorridas nesse período: em Minas Gerais (2014), Pernambuco (2015), Pará (2017), Brasília (2019) e Rio Grande do Sul (2022), a presença da temática LGBTQIA+ perpassou inúmeros trabalhos de diferentes pessoas que pesquisam e desenvolvem ações na Museologia nacional. Além disso, permitiu a criação de Grupos de Trabalho (GTs) que abrangem de forma direta as questões referentes às identidades de gênero e orientações sexuais divergentes da heterocisnormatividade. O objetivo geral desta comunicação é demonstrar a repercussão do discurso LGBTQIA+ na pesquisa sobre Museologia no Brasil. Para isso utiliza como fonte principal os anais do SEBRAMUS, dada sua importância e grande participação de profissionais ligados a essa área no evento. A análise baseia-se em metodologia descritiva e exploratória (Gil, 2008; Bernardo; Rocha, 2011) por meio de uma abordagem quantitativa dos dados presentes no repositório online e nos arquivos digitais dos anais, efetuando-se uma revisão integrativa destes. Tem como objetivos específicos: contextualizar as discussões sobre gêneros e sexualidades na Museologia; investigar o impacto da Museologia LGBTQIA+ nos GTs e trabalhos apresentados; e realizar uma revisão integrativa dos anais do SEBRAMUS visando explorar a presença LGBTQIA+ nas comunicações apresentadas ao longo de todas as edições do evento. A discussão teórica baseia-se na concepção de campo científico de Pierre Bourdieu (2004), de sexualidade (Foucault, 1999; Lauretis, 1994), performance de gênero de Judith Butler (2003) e interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002). Visa determinar como o discurso sobre sexualidades e identidades de gênero e o surgimento da Museologia LGBTQIA+ (Baptista; Boita; Wichers, 2020) contribuiu para o amadurecimento de uma bibliografia própria, responsável por tratar uma diversidade de temas de forma interseccional, o que pode proporcionar a superação de silenciamentos historicamente construídos através da integração com o discurso acadêmico oficial da Museologia.

Palavras-chave

Museologia LGBTQIA+, Revisão Integrativa, SEBRAMUS, LGBTQIA+

REVISITANDO ÀS MEMÓRIAS DA REDE LGBTQIA+ DE MEMÓRIA E MUSEOLOGIA SOCIAL

Tony Willian Boita

E-mail: memoriasinstituto@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Paraná

Resumo

A Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social foi criada coletivamente em 2012, na cidade de Petrópolis, durante o 5º Fórum Nacional de Museus. Na ocasião, as pessoas presentes construíram uma carta de fundação, estabelecendo quatro metas essenciais para promover a inclusão de questões LGBTQIA+ no setor museal brasileiro, especialmente em diálogo com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Este trabalho visa analisar o alcance e a eficácia dessas metas após 12 anos da criação da Rede. A primeira meta propõe a criação de um programa específico no Ibram voltado para políticas públicas museológicas de gênero e sexualidade, com editais e premiações que estimulem iniciativas inclusivas. Embora algumas tentativas de participação LGBTQIA+ tenham ocorrido durante o período analisado, os resultados foram limitados, e muitas demandas da Rede permaneceram sem recursos financeiros. A inclusão formal de mulheres e pessoas LGBTQIA+ ainda está ausente nas políticas do Programa Pontos de Memória, entretanto, o último edital do programa apresentou um aumento significativo de ações vinculadas às dissidências de gênero e sexualidade. A segunda meta busca explorar acervos existentes nos museus brasileiros, especialmente nos tradicionais, a partir de uma perspectiva de gênero. A resistência de muitos museus a abordar temas LGBTQIA+ contrasta com a receptividade dos museus comunitários, que têm sido pioneiros ao refletir sobre sexualidade e diversidade em suas coleções. Museus como o Museu da República e o Museu Histórico Nacional começaram a incorporar essas temáticas, embora ainda de maneira escassa e com representações muitas vezes estereotipadas. A terceira meta foca na problematização da heteronormatividade dentro dos museus. A Rede LGBTQIA+ tem abordado a ausência de representações diversificadas, buscando incluir a diversidade de gênero e orientação sexual de maneira interseccional nos acervos museais. Por fim, a quarta meta sugere uma articulação anual entre museus e pontos de memória para promover questões de gênero e diversidade sexual. Embora documentos tenham sido enviados ao Ibram para que a 'Primavera dos Museus' inclua temáticas LGBTQIA+, a proposta foi oficialmente acolhida apenas em 2023, com menos de 16% das ações voltadas para a memória LGBTQIA+ entre os museus inscritos. A atuação da Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social nos últimos anos tem provocado discussões importantes, fomentando a pesquisa e promovendo eventos para dar visibilidade à diversidade sexual e de gênero no campo museológico. Embora a trajetória apresente avanços significativos, ainda há um longo caminho a ser percorrido para a plena inclusão LGBTQIA+ nos museus brasileiros.

Palavras-chave

Memória, LGBTQIA+, Rede, Museus, Museologia

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL: Trajetória, Conquistas e Desafios na Preservação das Memórias LGBTQIA+ brasileiras

Tony Willian Boita

E-mail: memoriasinstituto@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Paraná

Resumo

O Museu da Diversidade Sexual de São Paulo é um marco fundamental na salvaguarda e comunicação das memórias LGBTQIA+ no Brasil, fruto de um longo processo de reivindicação e luta dos movimentos sociais dissidentes sexuais brasileiros. Inicialmente, idealizado como o Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual, o espaço sempre funcionou no mezanino da estação de Metrô República, inicialmente desenvolveu dezenas de exposições em um espaço de 100 m² com o passar dos anos se consolida como museu oficialmente em 2018 através do Decreto N.º 63.375 de 4 de maio de 2018. Essa formalização trouxe uma nova fase, marcada pela ampliação do seu espaço físico, aumento do seu orçamento e uma maior visibilidade política. Ao longo de sua trajetória, o Museu da Diversidade Sexual implementou diversas ações, como exposições temáticas, programas de formação e estratégias de engajamento voltadas para o fortalecimento da identidade LGBTQIA+ e a preservação de suas histórias. Cada exposição e/ou iniciativa visa de forma coletiva e comunitária apresentar e refletir sobre as lutas e conquistas dessa comunidade, mas também reafirmar a importância de salvaguardar essas memórias como parte integrante do patrimônio cultural brasileiro. Entretanto, após mais de uma década de atuação, surgem questões fundamentais sobre o impacto concreto dessas ações na sociedade brasileira. Quais legados institucionais o museu construiu ao longo dos anos? Como ele tem contribuído para o fortalecimento da representatividade LGBTQIA+ e para a formação de uma memória LGBTQIA+ brasileira? Além disso, qual é o estado atual do acervo preservado nesse espaço e como ele reflete as múltiplas identidades e histórias da comunidade? Quais são as ações culturais e educativas? Como a comunidade vê e vivencia o museu? Por tanto, este trabalho tem como objetivo examinar a trajetória do Museu da Diversidade Sexual, investigando seus desafios e conquistas refletindo sobre o papel dessa instituição na preservação das experiências e narrativas LGBTQIA+.

Palavras-chave

Museu, Museologia LGBTQIA+, Memória

TRA(NS)VESSIAS PEDAGÓGICAS NO PROJETO ARTE NAS ESTAÇÕES

Janaina Melo

E-mail: janamercia@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcus Vinicius Sudario Perez

E-mail: marcus.sudario.perez@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Resumo

O “Projeto Arte nas Estações” consiste no desenvolvimento simultâneo de três exposições: “Sofrência”, “Entre o céu e a terra” e “A ferro e fogo” esse conjunto de mostras apresenta obras selecionadas do Museu Internacional de Arte Naïf (1995-2016). As exposições aproximam o acervo de artistas populares, suas narrativas e diferentes visões de mundo com o sertanejo e, seu programa educativo, tornou-se um espaço de diálogos, experimentação e criação com os públicos. Embora estejamos falando de experiências mais próximas de uma ocupação efêmera proporcionada por um acervo de passagem do que por sua instauração de um espaço museal fixo - acreditamos que as ações ali experienciadas com os públicos resistem a serem tomadas apenas como itinerâncias, uma vez que se atrelam a um museu que não existe mais, mas como a agenda de um museu em ação nos sujeitos que tomam para si a posição de irradiador de discursos. Acreditamos que existe aqui uma agência onde ocorre uma reversibilidade entre os papéis dos públicos e das obras, revezando continuamente posições e lugares de fala, ou seja: cada um diz, mas também escuta. Nessa escuta atenta, o programa educativo em sua 2ª edição nacional, tem operado na capital sul-mato-grossense, Campo Grande, sob a ordem da interseção. Costurando museologia, arte, educação e as teorias queer, tem promovido práticas que questionam as normas de gênero e sexualidade e desdobram as experiências dos/das/des visitantes. Na tentativa de reconfigurar a maneira como os espaços culturais abordam a história, as culturas e as representações das orientações sexuais e identidades de gênero, o educativo incorpora perspectivas que desafiam as narrativas hegemônicas e binárias. Ao operar diante de uma pedagogia e museologia queer, o programa visa ocupar o tempo e o espaço presente, rachar um pedaço de chão do centro oeste do país e incentivar a reflexão crítica e a formação de públicos mais conscientes das existências e pluralidade de/do gênero. As propostas artístico-pedagógicas desenvolvem metodologias que possibilitam uma abordagem outra no processo das visitas mediadas, promovendo um ambiente democrático e pautado pela equidade, onde as subjetividades não normativas possam ser vistas, construídas e celebradas, transformando as relações de ensino-aprendizagem em espaços de resistência e ocupação. A proposta de comunicação compreende-se como uma prática museológica contemporânea, que atua como base para a criação de outros espaços educativos mais inclusivos, que assumem a existência das corpos dissidentes e valorizam a pluralidade das identidades brasileiras.

Palavras-chave

Pedagogia queer, museologia queer, arte popular

SOCIOMUSEOLOGIA-ZAMI: em busca de táticas contracoloniais na museologia

Geanine Escobar

E-mail: a22009526@alunos.ulht.pt

Filiação Institucional: Filiação Institucional: Universidade Lusófona

Tony Willian Boita

E-mail: tonywboita@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Paraná

Jean Baptista

E-mail: jeantb@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Sergipe

Resumo

Este artigo apresenta parte dos resultados preliminares dos estudos realizados no meu Doutorado em Museologia na Universidade Lusófona de Lisboa no ano de 2024. Zami é uma palavra caribenha, significa “mulheres que trabalham juntas como amigas e amantes”, proposto por Audre Lorde (1982) como sinónimo de lesbianidade negra na diáspora. Optou-se por adaptar o conceito Zami, uma prática política e social ancestral de reivindicação do presente e o futuro de uma genealogia negra, sexo-gênero dissidente em diferentes temporalidades do Atlântico Negro (Ortega, 2019) e nomear uma “Sociomuseologia-Zami” com o propósito de demarcar uma disputa epistêmica afrodiaspórica contracolonial lésbica negra (Bispo, 2015; Brand, 2022) na Escola de Pensamento da Sociomuseologia (Primo & Moutinho, 2020; 2021). Evidencio como base impulsionadora desta revisão de literatura uma coleção de fotografias, parte de uma utopia coletiva que partiu de idealizações e imaginações radicais, de integrantes do Coletivo Zanele Muholi de Lésbicas e Bissexuais Negras, movimento autónomo de lésbicas negras, oriundas de países como Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau e Brasil, no qual atuei, fui co-fundadora e responsável por capturar as referidas fotografias entre os anos de 2016 à 2019, em Lisboa e na cidade do Porto. Compreendo como central na minha perspectiva teórica uma escrita diaspórica, aquilombada e dissidente, com destaque para algumas pesquisas, tais como: Protagonismo LGBTQIA+ e a Museologia Social (Baptista & Boita, 2014), Epistemologia Feminista Decolonial (Espinosa-Miñoso, 2014), Epistemologia Negra Sapatão (Saunders, 2017) Contracolonizar (Bispo, 2015), Decolonizar o Museu e Tática Decolonial (Vergès, 2023), Um mapa para a porta do não retorno (Brand, 2022), Fotografia, Curadoria e Visibilidade das Experiências Queer Negras (Ikwe-Tyehimba, 2020; Muholi, 2013), da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra (Nascimento, 2018), entre outres. Diante do exposto, este artigo tem como objetivo, e desafio, teórico-conceitual articular a necessidade de questionar o discurso colonial hetero-cis-normativo no campo da museologia e, ao mesmo tempo, aprofundar epistemologias lésbicas negras, buscando combater o apagamento histórico-social-político-cultural, sobretudo, identificar potenciais táticas contracoloniais da lesbianidade negra na diáspora. Procuo, nesta etapa inicial da minha investigação, enfatizar lutas por visibilidade epistêmica negada secularmente no “país dos brancos costumes” (Kilomba, 2019, Henriques, 2018). E entendo que este estudo exercita, tanto nas técnicas de salvaguarda, preservação, difusão do acesso a coleção mencionada, quanto na construção teórica: a experimentação metodológica, seguindo os processos denominados colaborativos, a partir de uma lente interseccional, feminista negra decolonial e das lutas pela ampliação de práticas museológicas antirracistas, contracoloniais e antilgbtfóbicas.

Palavras-chave

Museologia LGBTQIA+, Museologia Lésbica Negra, Sociomuseologia, Zami, Táticas Contracoloniais

COMO TRANSICIONAR UM MUSEU?

Traindo o Cistema, Práticas e Iniciativas Transcetradas no
Museu da Imagem e do Som do Ceará

Sophia Chagas Aires

E-mail: sophiachagasaires@gmail.com

Filiação Institucional: Rede Transmuse

Resumo

O projeto “Trair o Cistema,” desenvolvido no Museu da Imagem e do Som do Ceará, é uma iniciativa que questiona e subverte as normas cis-heteronormativas que historicamente excluem pessoas trans, travestis e não-binárias de espaços culturais e museológico. Criado pelas artistas e educadoras trans Aires, Ana Paula Braga e Lipe da Silva e agora continuado por Aires, Garu Pirani e rômã, o programa visa criar fissuras nos padrões tradicionais dos museus, possibilitando novos futuros para corpos dissidentes de gênero. “Trair” aqui representa uma ruptura: desafiar as estruturas sociais normativas e repensar a forma como a arte e a memória são exibidas, criando um espaço inclusivo e de resistência. Com ações educativas, pesquisa e difusão, “Trair o Cistema” busca construir um museu que abrace a diversidade de gênero e sexualidade e que reconheça as violências historicamente invisibilizadas, promovendo a valorização das vidas e produções artísticas de pessoas LGBTQIA+ tendo como principal foco a comunidade trans, travesti e não binária. Em um contexto de museologia social e inclusiva, o programa desafia as práticas excludentes que, ao aderirem ao pacto cisheteronormativo e ao racismo estrutural, contribuem para a opressão de comunidades diversas. Ao nomear a norma e expor seus mecanismos de controle, o programa não só desconstrói o “conforto ontológico” das posições privilegiadas, como também propõe uma redistribuição das violências de gênero, sexualidade, raça e classe nos espaços museais. A fabulação — ato de imaginar e construir uma nova realidade — torna-se uma ferramenta central na luta contra o sistema opressor. O programa visa a reinvenção de si e do ambiente museológico, criando rotas de fuga para que corpos dissidentes possam existir plenamente. Em uma sociedade onde os corpos trans são marginalizados, “Trair o Cistema” se posiciona como uma estratégia de sobrevivência e criação de espaços férteis para futuros possíveis, convidando o público a imaginar, junto, um mundo onde esses corpos possam florescer e resistir. O trabalho se debruça na realização do programa em mais de um ano e meio de ações continuadas, trazendo a discussão da criação desses espaços em museus públicos.

Palavras-chave

Museologia LGBTQIA+, transmuseumologia, transexualidade

REDE TRANSMUSE:

Explorando a Conexão da Diversidade, por uma
Museologia Transcisional

Luan Apollo Ribeiro Santos Messias

E-mail: trans.memorias@gmail.com

Brune Ribeiro da Silva

brune.ribeirodasilva@gmail.com

Sophia Chagas Aires

E-mail: sophiachagasaires@gmail.com

Filiação Institucional: Rede Transmuse

Resumo

Criada durante o I Encontro Nacional de Educação Museal (EMUSE), em julho de 2023, na cidade de Cachoeira – BA, a Rede TransMuse reúne pessoas trans atuantes no campo museal e cultural brasileiro. Sua formação deu-se a partir de reverberações das discussões presentes no evento e da própria configuração do painel de pessoas convidadas/especialistas na programação, confirmado e documentado em dado apresentado pela PEM Brasil – Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros. O dado em questão é referente à identidade de gênero das pessoas educadoras museais, onde chamou atenção a ausência de mulheres trans (0%, 0) e a inexpressividade de homens trans (0,3%, 2) e de pessoas não-binárias (2,8%, 19), o que reflete, como nos apontou o relatório final da pesquisa. É evidenciado constantemente lacunas do campo no exercício de se pensar mais plural no que tange à diversidade de gêneros. Idealizada por Luan Apollo, Brune Ribeiro da Silva e Sophia Aires como um espaço para trocas e conversas, inicialmente o grupo reunia pessoas trans presentes no I EMUSE. Contudo, com a chegada de novas participações e o contexto de preparação para o 8º Fórum Nacional de Museus, o coletivo se estrutura e assume um caráter de organização da sociedade civil. Como objetivo, a Rede se propõe a disputar o espaço museal propondo debates e reformulações ao campo teórico e prático da Museologia, reivindicando a entrada e permanência de pessoas trans nas construções dos espaços de memórias e cultura, museus galerias de arte e ambientes em geral, estabelecendo coletivamente estratégias de subversão desses espaços. A Museologia Transicional oferece, portanto, uma estrutura para que os museus se tornem espaços mais dinâmicos, equitativos e responsáveis. Esta metodologia incentiva os museus a se transformarem em agentes de impacto social, promovendo o diálogo intercultural e a educação para a cidadania. Ao adotar essa abordagem, os museus podem se posicionar como catalisadores de transformação na sociedade, promovendo a empatia, o respeito e o entendimento entre diferentes culturas e gerações.

Palavras-chave

TransMuse, Museologia Transicional e Transmuseologia

ESPAÇO CUIR:
espacialidades dos museus LGBTQIAPN+ do Brasil

Victor Hugo Duarte Martins

E-mail: vhd.duarte24@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1Mh43rm61XFhYE9ardf42VMdB1auxZgBd/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT6



GT6

Grupo de Trabalho 6.

Musealização da Arte: políticas identitárias, coletividades e a preservação de obras e acervos de arte

Coordenação

Anna Paula da Silva

E-mail: anna.silva@ufba.br

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

E-mail: dionisio@unb.br

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Fernanda Carvalho de Albuquerque

E-mail: fer.albuquerque@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A proposição da noção de museu, enquanto espaço que fomenta a diversidade, contempla as dinâmicas atuais de algumas instituições museais, especialmente por meio de aquisições de obras/objetos aos acervos e de exposições que almejam realizar, ou, que propiciam debates sobre pautas identitárias, coletividades, em meio aos seus processos de preservação e em suas práticas a serviço da sociedade e com participação das comunidades. Nesse sentido, coaduna-se com a proposição de Silvia Pantoja (2021) de “sistema confluyente museológico” acerca dos “processos científicos das funções museais”, ou seja, processos de preservação/ de salvaguarda que envolvem pesquisa, documentação, conservação e comunicação. Os processos de musealização envolvem o desenvolvimento desse sistema confluyente museológico, considerando escalas de análise das temporalidades e dos espaços (Silva, Oliveira, Cortês, 2023) de obras de arte e de objetos, bem como o agenciamento sobre eles, ou seja, a interpretação dos contextos dos bens culturais. Desse modo, o grupo de trabalho, Musealização da Arte: políticas identitárias, coletividades e a preservação de obras e acervos de arte, propõe diálogos sobre a produção artística, os processos institucionais e as perspectivas dos agentes envolvidos no que tange a produção de conhecimento sobre obras em espaços museais, a criticidade e as proposições das instituições, dos grupos sociais e dos indivíduos envolvidos – artistas, público, museólogas e outros profissionais de museus – acerca da produção artística, sobretudo quando se trata de inserção social e do debate das lacunas de representatividade em acervos. Espera-se comunicações que possam debater os processos de musealização da arte a partir de experiências artísticas e das obras de arte em museus e em outras instituições museais, considerando diálogos sobre identidades, memórias e patrimônios, a partir da documentação museológica, conservação preventiva, curadorias, expografias, ações culturais e educativa, inclusive vislumbrando possibilidades teóricas de diferentes museologias, das práticas em museus sobretudo com seus acervos/ suas coleções, nas provocações das obras e dos artistas às instituições, bem como as discussões acerca das pautas identitárias e decoloniais no sistema da arte.

ENTRE JESUS E OGUM:

Religiosidade Brasileira na obra “Quintais” de Rose Afefé

Mariana Barbosa Soares

E-mail: marianabarbosas.mb@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

A obra “Quintais” da artista baiana Rose Afefé faz parte das obras que compõem a exposição “Diversos”, atualmente no Museu Nacional da República em Brasília. Trata-se de uma instalação que remete ao quintal de uma casa do interior baiano, sendo composta por plantas medicinais, um altar com imaginárias de santos, orixás e caboclos, quadros religiosos e um televisor com um vídeo. Além da relação afetiva com o espaço, a obra traduz a relação entre as religiões no interior brasileiro e os diálogos entre as divindades católicas e iorubás no imaginário da religiosidade popular, algo que se aprofunda com a crença na ação das curandeiras representadas no vídeo e na presença das ervas medicinais. A questão central deste trabalho é: que realidades religiosas e culturais são inseridas no espaço museológico? Isto é, ainda que a obra componha o acervo de uma exposição itinerante, sua proposta artística evoca uma memória afetiva da artista, ao mesmo tempo que coloca as representações divinas em pé de igualdade na sua disposição pelo espaço, construindo uma multiplicidade de sentidos para cada símbolo religioso presente. Neste trabalho, a obra “Quintais” se torna também um meio para se pensar no conceito de arte popular e arte sacra e do papel da Museologia na difusão desses conceitos. Todos os aspectos da obra, ao serem confrontados pela questão do trabalho e o pensamento museológico contemporâneo, possibilitam tecer um paralelo sobre o pensamento mestiço de Serge Gruzinsky e as teorias decoloniais de autores brasileiros e latino-americanos, como Paula Monteiro e Flávia Ribeiro Amaro, permitindo pensar em “Quintais” como uma síntese estética da religiosidade e da cultura popular brasileira. Na medida que os elementos imagéticos fazem memória as festas e rituais presentes nas cidades interioranas do Brasil, para além da Bahia, ao mesmo tempo que evoca o imaginário de uma casa baiana, se ilustra a construção de uma religiosidade brasileira que ressignifica os símbolos da religião colonizadora e os soma à um novo universo simbólico e cultural.

Palavras-chave

Religiosidade Popular, Decolonialidade, Rose Afefé

PROJETO TAINACAN MACRS. Preservação e Difusão de Acervos Artísticos. Pesquisa e Documentação no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Marília de Oliveira Frozza

E-mail: frozza.marilia@gmail.com

Filiação Institucional: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia Universidade de São Paulo

Fernanda Carvalho de Albuquerque

E-mail: fer.albuquerque@gmail.com

Filiação Institucional: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Esta pesquisa investiga a adoção do Tainacan pelo Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, para a preservação e difusão do acervo artístico. O Projeto Tainacan MACRS demandou que a equipe do Museu revisasse as informações de catalogação das obras e desenvolvesse metadados específicos para a arte contemporânea. Enquanto usuárias-pesquisadoras do repositório digital, interessa-nos compreender como a pesquisa e a documentação museológica realizadas para a inserção das obras no repositório contribui para o aprimoramento e a ampliação da comunicação online da coleção do Museu. Utilizando a metodologia de estudo de caso, foram selecionadas quatro obras da exposição *Matéria Difusa*, catalogadas e disponibilizadas no Tainacan da instituição. Além de analisar o repositório, foram entrevistadas a diretora Adriana Boff e a curadora Gabriela Motta sobre o chamado Laboratório Tainacan, espaço criado para discutir a pesquisa e documentação das obras. Buscaram-se, assim, identificar as discussões e investigações do Laboratório que contribuíram para a elaboração dos metadados no Tainacan do MACRS. Para esta comunicação, focamos a análise nas seguintes obras: *Espaços para esconderijos (1973-1975/2011)*, de Carlos Pasquetti; *Polícia inspecionará poços em busca de jovem sumida (2013)*, de Dirnei Prates; *Operação Caverna (1987)*, de Lia Menna Barreto; e *deleitar-se um pouco com os brilhos (2000)*, de Têti Waldraff. O quadro teórico utiliza os seguintes conceitos e discussões: musealização e comunicação museológica (Cury, 2005); musealização da arte (Freire, 1999; Nascimento, 2014; Rubio, 2014; Barriendos, 2020; Alves, 2020; Caetano e Oliveira, 2020; Heimig e Albuquerque, 2023); pesquisa museológica (Brulon, 2018; Silva, 2019); e pesquisa e documentação museológica em acervos de arte contemporânea (Magalhães, 2014; Silva e Lara, 2021; Llamas-Pacheco, 2022). Desse modo, esta investigação discute como a pesquisa e a documentação museológica realizadas para a inserção de tais obras no repositório Tainacan contribuem para a preservação e a difusão da coleção do Museu, além de promover a produção de conhecimento sobre a instituição e seu acervo. A partir da análise da difusão das obras no Tainacan do MACRS, em diálogo com as entrevistas realizadas e articulando questões e reflexões instigadas pelo quadro teórico, destacamos como considerações finais: a importância da pesquisa e documentação museológica serem ações contínuas e em aberto; o necessário diálogo com os artistas; e o reconhecimento, pelo Museu, da complexidade da documentação de arte contemporânea ao criar o Laboratório Tainacan.

Palavras-chave

Musealização da arte, Documentação museológica, Tainacan

HÉLIO MELO E AS HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA - uma exposição no Museu dos Povos Acreanos

Paola Caroline Soares da Silva Ribeiro

E-mail: paolacs.ribeiro@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Em agosto de 2024, para celebrar um ano de inauguração do Museu dos Povos Acreanos (MPA) em Rio Branco/AC, foram reunidas 19 pinturas do artista Hélio Melo na exposição intitulada “Hélio Melo e as Histórias da Amazônia”. A exposição de curta duração pretendia mostrar o trabalho do amazonense para as novas gerações, considerando que o artista não tinha sua obra exposta na capital acreana desde 2015. As obras selecionadas pela curadoria de Paola Ribeiro representavam as experiências de Hélio Melo como seringueiro no interior do Amazonas e as transformações sociais que este testemunhou após sua ida para Rio Branco, como a transição das terras de seringais para os pastos, a substituição da seringueira pelo gado e a migração dos povos tradicionais para a cidade em favor do dito progresso, conforme relatado pelo Jornal Varadouro no fim dos anos 1970. Nas pinturas, desenvolvidas com sua própria técnica com nanquim e pigmentos obtidos de extratos de folhas, já que, segundo o artista era impossível pintar a mata sem o sumo das plantas, adentramos na floresta ao mesmo tempo ancestral, mítica e atual, nas palavras de Visconti Jacopo. Alguns dos poemas e composições de Hélio Melo também foram selecionados para contextualizar as narrativas pintadas, tendo em vista que o museu recebe turistas de outros estados e vários países, a maioria desconhecedores da importância do extrativismo na região e da cultura acreana. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica e exploratória, busca-se compreender como a exposição organizada na Galeria Sansão Pereira do MPA entre agosto e dezembro de 2024, apresentou um recorte da identidade acreana e passados regionais, através deste artista autodidata que vem recebendo cada vez mais reconhecimento. Hélio Melo, que teve suas obras reunidas na Galeria Almeida & Dale no ano de 2023 em São Paulo, resultando num catálogo próprio e com uma obra presente na exposição “Fullgás – Artes Visuais e os anos 1980 no Brasil”, no CCBB RJ entre outubro de 2024 e janeiro 2025, foi um artista que de diversas formas alertou sobre a destruição da floresta e como a chegada impactante da pecuária e da indústria madeireira afetava as populações tradicionais e seus modos de viver, que soube retratar e denunciar o que acontecia na Amazônia Acreana de forma singular e crítica.

Palavras-chave

Hélio Melo, Arte Amazônica, Exposição de Curta Duração

PROJETO RESPIRAÇÃO:

A instalação de Nelson Leirner na Casa Museu Eva Klabin

Fernanda Kohatsu Feliciano

E-mail: feliciano.fernzie@gmail.com

Fernanda Carvalho de Albuquerque

E-mail: fer.albuquerque@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A presente comunicação aborda parte da pesquisa em andamento no PPGMUSPA/UFRGS sobre intervenções de arte contemporânea no Projeto Respiração, programa de curadoria de Márcio Doctors, realizado na Casa Museu Eva Klabin, no Rio de Janeiro, entre 2004 e 2023. Considerando que a categoria de casa-museu de colecionador enfatiza a memória e a coleção do antigo proprietário da residência musealizada, bem como os desafios da curadoria em espaços tão demarcados pelo tempo, investiga-se como o Projeto Respiração, ao convidar artistas contemporâneos a intervirem nos espaços desta instituição, propicia uma abertura para discussões sobre a expografia presente nesses locais. Trata-se de compreender que casas-museus de colecionador não são apenas museus históricos, mas também podem ser compreendidas como instituições que integram o sistema da arte, produzindo, refletindo e divulgando tanto a coleção de arte de Eva Klabin Rapaport, como trabalhos que dialogam ou se contrapõem ao que é apresentado na exposição de longa duração do espaço. Nesse sentido, destaca-se a intervenção Nossa Casa, Minha Vida, de Nelson Leirner, que compôs a 19ª edição do Projeto Respiração, entre setembro de 2014 e janeiro de 2015. Tal obra resgata o sentido original do museu como residência (Doctors, 2014), ao mesmo tempo em que realiza uma crítica sobre o local ter pertencido e ser frequentado por pessoas de alto poder aquisitivo – e sua tentativa de ser acessível a visitantes de diferentes classes sociais. Para tanto, o artista transforma um dos espaços da casa-museu numa réplica de um apartamento do programa governamental Minha Casa, Minha Vida, que concede descontos no financiamento de habitações populares. A partir desta investigação, indaga-se se o Projeto Respiração, por meio do trabalho de Leirner, realiza uma leitura crítica da Casa Museu, aproximando-se da chamada terceira onda de crítica institucional (Sheikh, 2006), que tem como premissa processos de autorreflexão e autorrevisão institucional por meio de obras comissionadas pelo próprio museu.

Palavras-chave

Casa-museu, Arte Contemporânea, Nelson Leirner

REVOADA DE ANTONIO OBÁ:
confluências entre as artes visuais e as artes literárias

Luzia Gomes Ferreira

Email: luziagomes@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

A exposição Revoada do artista brasileiro Antonio Obá, ocorreu no período de 24 de junho de 2023 a 18 de fevereiro de 2024, no Edifício Pina Contemporânea, da Pinacoteca de São Paulo, com curadoria de Ana Maria Maia e Yuri Quevedo. A mostra buscou, de certa forma, olhar para a trajetória dos vinte anos de carreira do Antonio Obá e as obras que compuseram a exposição foram pinturas e instalação, fazendo referências em especial as infâncias negras. A convite do curador Yuri Quevedo fui solicitada a escrever um ensaio para o catálogo dessa ação expositiva, a partir de seis pinturas do artista, a saber: Tocaia; Angelus; Variação sobre Sankofa - Quem toma as rédeas abre caminhos; Fata Morgana nº1; Banhistas nº 3 - Espreita e Alvorada - música incidental Black Bird. A proposta era realizar confluências entre as obras pictóricas e as artes literárias, com base na minha pesquisa “Memórias que vêm das palavras: olhares museológicos para as Literaturas de Mulheres Negras”, realizada entre 2020 a 2023. Nesta investigação um dos eixos tratava das memórias de crianças negras representadas em prosas de escritoras afrodiáspóricas. Para a construção do ensaio o primeiro passo foi com o meu olhar opositor, numa perspectiva bellhookiana, exercitar uma escuta política das imagens. Foram vários dias olhando silenciosamente para as fotografias das telas, procurando compreender através do gesto artístico o que as crianças ali apresentadas e representadas estavam falando. A segunda etapa do processo de escrita foi dialogar com Antonio Obá por uma chamada de vídeo no google meet, mais do que fazer várias perguntas me dispus a ouvi-lo sobre a sua poética e a sua forma de estar no mundo. Mas compreendi que a auscultação do artista, não podia direcionar as minhas cosmopercepções diante da sua criação. O terceiro e último ato para escrever foi trilhar as frestas das obras de artes literárias e perceber quais personagens crianças dos livros que li podiam se encontrar numa conversa confluyente com as crianças pulsantes criadas por Antonio Obá. Diante do exposto, minha proposta de comunicação visa refletir como a partir dessa minha vivência de escrita ensaística para o catálogo da exposição Revoada, é possível ampliarmos as interlocuções entre as artes visuais e as artes literárias de autorias negras, tecendo confluências emancipatórias para almejar um regime de visibilidade antirracista sustentado pela ética do cuidado e do amor.

Palavras-chave

Antonio Obá, Infância, Revoada

“O MUNDO DE FLOR DO PENAR”:
musealização e corporeidades afro-amazônicas

Anicée do Carmo e Silva

E-mail: anidcarmo80@gmail.com

Diogo Melo

diogojmelo@gmail.com

Gisele Nascimento Barroso

E-mail: gisa.barroso@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

Pensar formas de musealizar o mundo é um dos escopos propositivos da teoria museológica. Nesse aspecto, apresentamos uma proposta de integração entre o conceito de musealização e acepções da corporeidade e performance, em uma ação museal do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. Partimos de duas pinturas de José de Moraes Rego (1926-1990) sobre a afrorreligiosa Flor do Penar da Bandeira [Barreira] Branca Rear, cujo nome de registro era Guiomar Martins Gonçalves. Sabemos muito pouco sobre ela, mas provavelmente foi uma sacerdotisa da pajelança cabocla, de pena e maracá ou umbanda, que atuou na região Tocantina (PA) (Mangabeira em Mocajuba e Tucuruí). Provavelmente não teríamos nenhum conhecimento de sua existência se não tivesse sido registrada por José de Moraes Rego. Pintor, médico e folclorista que nutria grande admiração por ela, ao ponto de tê-la descrito em trabalhos, livros e ter pintado pelo menos dois quadros em sua homenagem - “Flor do penar da barreira branca rear dos encantos do mar” e “O Mundo de Flor do Penar” (ambos da década de 1980). A partir das pinturas, principalmente a primeira, desenvolvemos uma série de ações de educação museal, que compunha um processo de construção a partir desta memória pictográfica. Já que consideramos que tais representações artísticas nos deixou um forte legado representativo das culturas afro-amazônicas. Primeiramente realizamos oficinas de leituras simbólicas das imagens e suas possíveis contextualizações ritualísticas e mitopoéticas. Para então realizarmos posteriormente oficinas de criação de indumentárias e de corporeidade. Esta última, utilizando-se da dança como uma expressão que transcende o movimento físico, integrando aspectos espirituais e culturais, evocando a construção de memórias de Flor do Penar. A partir disso, obtivemos com o registro desses processos um material audiovisual e destacamos que tais atividades foram constituídas a partir de concepções da Etnocenologia, com o conceito de “Encantaria do Corpo”, o qual compreende a importância da organicidade e da técnica na construção da poética cênica, considerando sistemas e práticas religiosas. No caso, acepções sobre as encantarias afro-amazônicas, que nos permite apreciar riquezas e complexidades da dança na encantaria, revelando práticas ao mesmo tempo artísticas, culturais e espirituais. Compreendemos assim, este processo como uma experimentação museal, considerada um ato de musealização. Onde o objeto é o ato construtivo de uma acepção de musealidade, de imaginários, sobre a Flor do Penar.

Palavras-chave

Museologia, Musealização, Memória, Corporeidade, Dança, Religião Afro-Amazônica

IDENTIDADES PERIFÉRICAS E DISCURSOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NAS EXPOSIÇÕES MUSEOLÓGICAS DA GALERIA RISOFLORES, CEILÂNDIA, DF

Marijara Souza Queiroz

E-mail: marijara@unb.br

Rafaela Rocha dos Santos

E-mail: rafaela-rocha.rr@aluno.unb.br

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Essa proposta de comunicação parte de pesquisa desenvolvida no âmbito da iniciação científica (2023-2024) cujos resultados foram apresentados durante o 30º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (UnB), em 06 de novembro de 2024. Analisa as exposições museológicas desenvolvidas na Galeria Risofloras, situada em Ceilândia, no Distrito Federal, com foco em discursos e narrativas voltadas para a afirmação de identidades periféricas. Partimos da hipótese de que a Galeria Risofloras desenvolve curadorias participativas por meio de práticas de museologia social com vistas à inclusão de pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+, de modo a corroborar com a promoção da diversidade cultural e da dignidade humana. Os métodos de abordagem basearam-se nos estudos interseccionais de gênero, raça e classe e nos processos de metacuradoria aplicados na ação museal em comunidades. Os métodos de técnicas consistiram na análise e produção de dados com base no catálogo das exposições realizadas na Galeria Risofloras, organizado pelo Coletivo Jovem de Expressão e disponibilizado em meio digital. Ainda, nossa experiência imersiva no desenvolvimento da Exposição “Travessia”, que tratou da crise sanitária, das incertezas, das estratégias de autocuidado e da resiliência dos moradores da periferia do Distrito Federal durante a pandemia da Covid 19, contribuiu para a identificação de processos musealização aplicados no desenvolvimento das exposições e a compreensão das escolhas de discursos e narrativas presentes nos conteúdos expográficos. Das dezesseis (16) exposições realizadas entre 2019 e 2022, as exposições “Ceilombra” e “O corpo da mulher indígena no contexto urbano”, por exemplo, exploraram as complexas camadas de desigualdades no contexto da justiça social e dos direitos humanos por meio da obra de artistas como Gú da Ceí, Didi Colado, Ana Paula Barbosa e Sormani Vasconcelos. Observamos que a participação social na ação museal, amplia exponencialmente as possibilidades de inserção da população periférica no circuito das artes e dos museus, seja como artistas, públicos ou produtores, pois gera espaços que, ao mesmo tempo, documentam, preservam, comunicam e valorizam as expressões artísticas e as identidades locais.

Palavras-chave

Galeria Risofloras, Exposições Museológicas, Musealização da arte, Interseccionalidades, Identidades periféricas

ASPECTOS DA MUSEALIZAÇÃO DE OBJETOS NATODIGITAIS: videogames no acervo do MOMA (NY)

Vinicius Bard Mathias de Souza

E-mail: vinicius_bard@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O museu contemporâneo apresenta-se de maneiras diversas, sua noção de entendimento não está mais restrita a uma tipologia material de acervos ou até mesmo a existência de um espaço físico concreto. Assim, o museu contemporâneo deve ser compreendido como um fenômeno em constante transformação. Estas transformações ocorrem em suas mais variadas perspectivas de atuação, seja na digitalização de acervos, na utilização do ciberespaço para interação com o público ou até mesmo na identificação de novas tipologias de acervo passíveis de integrarem suas coleções, por que o museu contemporâneo não se limita a sintetizar ou representar o mundo, mas torna-se uma manifestação dos novos modos pelos quais as pessoas veem o mundo (Scheiner, 1998). Neste sentido, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) anunciou, em 2012, a aquisição de 14 videogames como parte da sua exposição “Never Alone” (MoMA, 2012) que visava discutir o design interativo como ponto de contato entre objetos e pessoas. No momento de produção deste trabalho, em novembro de 2024, a instituição já conta com 34 títulos adquiridos e integrados a sua coleção permanente de obras de arte. A musealização desses objetos revela um esforço em refletir novas formas de expressão cultural, demonstrando como a incorporação de acervos digitais expande o papel do museu enquanto espaço de diálogo e reflexão sobre a cultura contemporânea. O objetivo deste trabalho é apresentar, de maneira exploratória, a presença desta tipologia específica de objetos nato-digitais em uma instituição museológica, e assim demonstrar as transformações do fenômeno museal e evidenciar os desafios de musealização de acervos exclusivos desta dimensão digital. Para isso, pretendemos realizar uma análise diante de duas perspectivas: a legitimação destes objetos nato-digitais enquanto obras de arte, apresentando o seu processo de incorporação ao acervo da instituição, e seu processo de musealização, enquanto objetos culturais que demandam estratégias de preservação específicas dada a sua efemeridade e complexidade tecnológica. De forma geral, nos propomos a contribuir para discussões que explorem a relação entre a Museologia e a musealização de objetos nato-digitais, pois entendemos que o museu contemporâneo deve acolher, valorizar e legitimar novas tipologias de acervo, sobretudo aquelas que refletem mudanças significativas na relação entre a sociedade e seus produtos artísticos e culturais.

Palavras-chave

Arte contemporânea, objetos nato-digitais, videogames

**“ISSO NÃO É UMA TELEVISÃO” -
musealização da subcoleção Claudio Goulart na FVCB**

Bruna Martin

E-mail: brunamartindeabreu@gmail.com

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

E-mail: vteixeira2010@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A subcoleção Claudio Goulart na Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB) constitui um caso singular de musealização e preservação do legado do artista no Brasil. Com sua carreira em Amsterdã, Goulart produziu uma vasta obra multimídia, incluindo videoinstalações, performances e registros audiovisuais, como na obra “Videorama” (1985), desenvolvida para a TVE de Porto Alegre. Desde 2015, o acervo de Goulart foi transferido da Art Zone para a FVCB, onde passou por triagem, catalogação e digitalização, totalizando mais de 500 obras em 2024. Este acervo trouxe à Fundação a necessidade de adaptar-se aos materiais e suportes de Goulart, ao mesmo tempo que impulsionou o desenvolvimento de métodos de exibição e interação digital para a conservação do conteúdo artístico. O processo de musealização da subcoleção confronta as práticas museológicas tradicionais, uma vez que o conjunto de registros e vestígios de performances de Goulart questiona a própria essência do que é a obra e o registro na videoarte e na performance. A migração das informações para o Tainacan, sistema implementado pela FVCB em 2023, reforça esse propósito, ao organizar e tornar acessível o acervo de Goulart a um público mais amplo, que agora pode visualizar frames e descrições de suas obras. Esse projeto documental também reflete a crescente valorização do artista no mercado de arte e sua inclusão em coleções internacionais. A difusão das obras de Goulart no Brasil ocorre paralelamente ao seu processo de musealização. Exibições como o projeto “Curta no Jardim” (2023), na Casa de Cultura Mário Quintana, recriaram a proposta de exibição pública das obras, ao ar livre e fora dos espaços convencionais. Esse encontro reflete a importância do ambiente de exibição na compreensão de suas obras, possibilitando ao público o contato com o caráter efêmero de sua produção, cujas obras são, em muitos casos, fragmentos ou vestígios de uma experiência original, já passada. A consolidação da subcoleção na FVCB, além de contribuir para a preservação do legado de um artista brasileiro de importância histórica para a videoarte, configura-se como um projeto de repatriação de sua memória e produção para o Brasil. Esta subcoleção torna-se, assim, uma plataforma de pesquisa e difusão, fortalecendo as bases da FVCB como guardião da produção artística de Goulart e possibilitando à instituição explorar novas formas de interação entre o acervo e o público, seja em contextos presenciais ou em meio digital.

Palavras-chave

Musealização, Videoarte, Claudio Goulart

CLASSIFICAR SEM PERDER A TERNURA - a catalogação da obra “Desleitura” no MACRS

Adriana Boff

E-mail: adrianaboff7@gmail.com

Gabriela Kremer da Motta

E-mail: gabitabu@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente trabalho visa refletir sobre o sistema classificatório de objetos de arte contemporânea musealizados, a documentação e a transmissão de informações intrínsecas e extrínsecas de obras de arte e os transbordamentos necessários para garantir que a poética e o conceito da criação artística sejam preservados. Nossa reflexão tem como referencial teórico central a abordagem de Bruno Brulon (2018) que compreende a musealização como um objeto empírico e um modelo metodológico onde a pesquisa museológica deve se concentrar no estudo teórico e experimental da cadeia da musealização. Na medida em que acervos de arte contemporânea possuem características muito próprias, transitando entre as fronteiras de espaço e temporalidade, materialidade e intangibilidade, a reflexão acerca de novas possibilidades de documentação desse acervo e o compartilhamento de saberes e experiências entre profissionais de museus e de outras áreas de conhecimento conexas torna-se central no esforço de se evitar prejuízo na transmissão de informações. Partindo desses pressupostos, nossa abordagem tem como ponto de partida as discussões desenvolvidas no Lab Tainacan – grupo criado pelo Museu de Arte Contemporânea do RS (MACRS), para problematizar a catalogação do acervo e desenvolver práticas que atendam às necessidades das obras de arte contemporânea disponibilizadas no repositório Tainacan. Já como estudo de caso, apresentaremos a análise da série “Desleitura”, de Jorge Menna Barreto. Tal estudo de caso, por sua vez, define-se em função dos complexos debates gerados por ocasião de sua apresentação na exposição “Matéria Difusa - um olhar sobre a coleção MACRS”, desenvolvida em 2022. A noção de transbordamento, sugerida como fundamental nos processos classificatórios das obras de arte contemporânea é, muitas vezes, uma característica da própria manifestação artística, que não se acomoda plenamente na categoria objeto de arte. Tal perspectiva será debatida em relação à série “Desleitura”. As discussões sobre catalogação e documentação da arte contemporânea são cruciais para que os museus possam não apenas preservar as obras, mas também contextualizá-las de maneira que o público possa compreender a complexidade de suas narrativas e significados. Além disso, esse tipo de trabalho pode inspirar novas abordagens na forma como a arte contemporânea é exibida e interpretada, promovendo um diálogo mais dinâmico entre o patrimônio cultural e a sociedade.

Palavras-chave

Arte Contemporânea, Classificação, Musealização

OS IMPACTOS DA FALTA DE MUSEALIZAÇÃO NA CIRCULAÇÃO DA OBRA DE ELZA O.S

Gabriela Kalindi Daduch Lima

E-mail: gabrieladaduch@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Reconhecendo o papel relevante que a musealização da arte desempenha para a circulação da obra de artistas, o artigo busca analisar como a falta dos processos de musealização de obras da artista recifense Elza de Oliveira Souza em acervos afeta sua circulação. A pesquisa de mestrado em andamento da autora busca analisar os percursos artísticos desta pintora, mais conhecida como Elza O.S. Durante a pesquisa, depreendeu-se que há um número incipiente de obras da artista musealizadas em instituições, constando apenas uma obra no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e duas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM RJ). Ainda se constatou que parte considerável dos trabalhos produzidos por Elza O.S. encontram-se em coleções privadas. Nessa direção, um dos objetivos do artigo é analisar como a “não musealização” de obras de Elza O.S. impactou em sua circulação. Outro aspecto que se apresentou na pesquisa foi o de como a falta de processos de musealização de trabalhos da artista pode estar conectada à classificação em que o sistema artístico deu à sua obra: termos como “primitivo”, “naïf”, “popular” ou “ingênua”. Constatou-se, em pesquisa anterior, que produções artísticas consideradas como “popular” circulam e são legitimadas, por vezes, pelo mercado de arte. Nesse sentido, compreende-se que a questão possui maior amplitude do que a obra de uma só artista, entretanto, o recorte de abordagem (a obra de Elza O.S.) se deu por ser uma pesquisa de mestrado e por entender que os caminhos da obra da artista podem possuir semelhanças com outras artistas do mesmo período (1960). Ou seja, a análise é um exercício profícuo na medida em que parte de um aspecto micro para uma questão de maior dimensão, compreendendo a inviabilidade de analisar o macro no curto período de mestrado. Para alcançar os objetivos propostos, estão sendo realizados revisão bibliográfica, levantamento quantitativo de obras de Elza O.S. e as respectivas coleções nas quais se encontram e aprofundamento na análise dos percursos artísticos de Elza O.S. Uma das hipóteses é de que a falta de processos de musealização de obras de artistas vinculados a classificações hierarquizantes pode ter impactado na preservação desses trabalhos.

Palavras-chave

Arte naif, Musealização da arte, Elza O.S.

OS VIRTUAIS DE LÚCIA GOMES

Marcela Guedes Cabral

E-mail: marcela.cabralit@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O projeto de extensão Inventário de Obras Performáticas (IOP) tem como objetivo desenvolver instrumentos de registro para obras performáticas, visando facilitar o conhecimento e o controle da produção artística, beneficiando também colecionadores e instituições nos processos de aquisição, exposição e pesquisa. Consideramos essencial a colaboração dos artistas na musealização de suas produções, especialmente no caso das obras performáticas, que se caracterizam por sua ação como marco de instauração e por sua capacidade de se desdobrarem em múltiplos modos de existência. Com base nessa perspectiva, o projeto adota a ideia de modos de existência virtual (Souriau, 2020), que reconhece as obras performáticas como possibilidades que transcendem o tempo e o espaço, sendo tênues, como a ideia de uma obra que pode ou não ser realizada, mas que já existe virtualmente no pensamento do artista. Nesse contexto, o projeto propõe a criação de um instrumento de coleta de informações voltado para as obras virtuais da artista performática Lúcia Gomes, reconhecida por sua produção intensa e dinâmica. Entre a concepção e a realização de uma obra, os intervalos podem ser curtos ou longos, dependendo dos recursos necessários. Muitas obras permanecem “adormecidas” em sua mente, sendo comuns relatos como: “Sobre isso eu tenho uma obra”, seguidos de descrições detalhadas. O instrumento desenvolvido é um formulário simples e intuitivo, pensado para que a artista registre de forma segura as informações de suas obras recém-concebidas. O formulário conta com no máximo dez campos para entrada de dados, que incluem metadados sobre a obra, permitindo o controle e a quantificação tanto das ideias quanto das obras em execução. Inicialmente, o formulário foi desenvolvido no *Google Forms*, permitindo à artista registrar informações assim que as obras são concebidas. Dados serão coletados durante um ano, com avaliações mensais para ajustar o sistema às necessidades da artista e sua prática de registro. Esse instrumento busca capturar informações no estágio inicial de concepção das obras, possibilitando que elas se desenvolvam ou não como obras artísticas completas. Após a coleta, os dados serão analisados em conjunto com Lúcia Gomes, buscando alinhar as informações registradas à sua prática criativa. Atualmente, o formulário está em fase de testes, e em breve será realizada a primeira coleta de dados, marcando o início de uma abordagem sistemática e colaborativa para a organização da produção artística performática.

Palavras-chave

Registro de obras performáticas, existências virtuais, Lúcia Gomes

O QUE PRESERVA A DOCUMENTAÇÃO QUANDO ELA SE DESENCONTRA DA PESQUISA?

Silvia Raquel de Souza Pantoja

E-mail: silviakhaleesi@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O processo de musealização ocorre a partir de muitas ações dentro dos processos museais, onde a pesquisa está permeada em todas elas. Tendo o “sistema confluyente museológico” (Pantoja, 2022) como proposta de denominação das ações de preservação de caráter museológico e com base nas atividades do “Projeto de Pesquisa e Documentação Museológica do Acervo de Artes Visuais do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, em Belém-PA”, financiado pelo CNPq e executado pela Universidade Federal do Pará-UFPA, abordamos o trabalho de inventário realizado a partir deste projeto com o acervo do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas-COJAN, um museu de arte moderna e contemporânea inaugurado em 2002 na cidade de Belém-PA, vinculado e gerido pelo Sistema Integrado de Museus e Memoriais-SIMM/SECULT-PA. Apresentamos casos de obras inventariadas da Coleção FUNARTE, cujo processo de inventário levantou inúmeras dúvidas quanto a diferentes dados e informações que caracterizam e identificam essas obras a partir da documentação museológica, que por sua vez pode conter para além da ausência de um dado, dispor de dados e informações discrepantes em diferenciados suportes de informação, como a própria obra, catálogos, inventário, laudos de conservação, termos de doação, entre outros. A Coleção FUNARTE, proveniente da instituição de mesmo nome, possui obras participantes das dezoito edições do Salão Nacional de Artes Plásticas ocorridos entre os anos de 1978 e 1998. A exposição de tais ocorrências se caracteriza devido às informações rarefeitas que dificultam ou impossibilitam a identificação de obras, a exemplo das formas de expor determinadas obras, suas localizações de guarda e ainda o desalinhamento dos diferentes tipos de documentação museológica que geram complexidades e impedimentos para a comunicação de tais obras, sendo necessário por vezes a tentativa de contato com as autorias dos trabalhos artísticos, neste caso havendo algumas tentativas bem sucedidas. Em vista disso, as ações de pesquisa e de documentação elaboradas no âmbito do projeto supracitado, e configuradas também como práticas museológicas no processo de preservação do acervo de um museu, se integram a outras ações que confluem para a musealização ou o sistema confluyente museológico. Na medida em que essas práticas são realizadas e compartilhadas entre agentes envolvidas/os na salvaguarda destes bens museológicos, uma vez que essas pessoas são ainda responsáveis pela manutenção desses suportes de informações, seja a obra ou a sua documentação, podemos navegar em direção a hábitos mais eficientes para a sistematização de informações no museu para que em algum momento estes hábitos se transformem em protocolos de gestão de acervo.

Palavras-chave

Documentação museológica, Pesquisa, Acervo

PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E APAGAMENTO:
as tensões socioculturais em torno do tombamento do painel
“O Calvário de Cristo Hoje”

Pablo Harrison

E-mail: pabloxharrison@gmail.com,

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapazpinheiro@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Resumo

Este estudo busca investigar os conflitos socioculturais de tombamento do Painel “O Calvário de Cristo Hoje” (1983), um mural localizado no altar-mor da igreja matriz de Nossa Senhora da Boa Esperança, município de Esperantina, no estado do Piauí. O Painel, pintado há 40 anos pelo artista João Batista Bezerra da Cruz, narra cenários de opressão e sofrimentos impostos à população do território pela elite latifundiária local, que ao longo de séculos de colonização, reverbera a colonialidade do tempo presente. O fio condutor da narrativa é Jesus Cristo crucificado com os olhos abertos para essa realidade. Repleta de referências, a obra de arte provocou tensões e desagradou parcela da população – sobretudo a elite – que, por diversas investidas, no período de reforma da igreja em 2016, tentou excluir essas marcas de memória. Em 2017, o painel foi tombado pela Secretaria do Estado de Cultura do Piauí, por pressão de segmentos progressistas da Igreja Católica dentro e fora do país. Diante desse contexto, se propõe o questionamento: Em que medida as políticas de proteção do patrimônio cultural brasileiro permitem a salvaguarda de memórias sensíveis? Como metodologia se privilegiará a história oral, para reconstrução dessas memórias sensíveis da população que participou ativamente dos movimentos de resistência da Igreja contra a opressão dessa elite fundiária. Utilizar-se-á, igualmente, a pesquisa hemerográfica digital a fim de entender como o processo de tombamento repercutiu nas mídias locais. Como aporte teórico se recorrerá a produção de Jacques Le Goff, José Reginaldo Gonçalves e Maria Fonseca, para dar sustentação às noções de história, memória e patrimônio. Acredita-se que esta investigação pode revelar as diversas perspectivas de atores sociais distintos em relação ao Painel, pondo também em reflexão os desafios inerentes ao processo de “ressonância” patrimonial. A análise dos conflitos em torno do Painel sugere que o processo de disputa pela memória e a violenta tentativa de apagamento desse patrimônio cultural estão associados à resistência da administração da Igreja atualmente em resguardá-lo bem como de uma parcela da população que, por diversos motivos, não se reconhece nas representações do painel.

Palavras-chave

Patrimônio Sensível, Memória, Apagamento.

UMA HISTÓRIA PARA VER, IMAGENS PARA CONTAR:
biografias visuais da Argentina e do Uruguai em seus museus
históricos nacionais

Doris Rosangela Freitas do Couto

E-mail: doris.couto@hotmail.com

Ana Albani

E-mail: ana_albanidecarvalho@yahoo.com.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A comunicação visa socializar o estudo transnacional, em nível de doutoramento, que se debruça sobre a criação e as exposições fundantes dos museus históricos nacionais da Argentina e Uruguai, localizados respectivamente em Buenos Aires e Montevideu. As duas instituições se encarregam, valendo-se de pinturas históricas, em diálogo com objetos presentes nas telas, da produção de uma biografia visual que consolida a ideia de nação. Fundados em comemorações à Independência de ambos os países, os museus consolidam suas coleções de arte especialmente a partir da aquisição, por compra ou doação, de pinturas históricas encarregadas das representações de políticos e dos heróis das guerras e conflitos que levaram à proclamação de suas Repúblicas, especialmente por meio dos pincéis de Juan Manuel Blanes, Cândido Lopes, Pedro Subercaseaux, dentre outros artistas. O estudo chama a atenção para o fato de que a fundação de museus nacionais é marcada por uma complexidade intrínseca e não pode ser compreendida de forma isolada das relações de poder, (CANCLINI, 2019, p.162) cuja teatralização do patrimônio opera como “força política em comemorações, monumentos e museus” tensionando a conexão simbólica de uma memória coletiva. Para Canclini, essa teatralização representa um esforço de “simular uma origem, uma substância fundadora, à qual deveríamos nos vincular hoje. A partir do estudo de caso das duas instituições busca-se compreender qual o papel da pintura histórica em suas exposições e que mudanças ocorreram ao longo do tempo, de modo a analisar as exposições fundantes e os movimentos curatoriais contemporâneos, rumo a um posicionamento que questiona a invisibilidade de negros, indígenas, mulheres e outras camadas sociais historicamente excluídas das narrativas oficiais da nação e de nacionalidade. Os conceitos de lugar e documento/monumento de Le Goff, os estudos de cultura visual de John Berger e papel e função em Peter Burke fazem a ancoragem teórica da pesquisa.

Palavras-chave

Cultura Visual, pintura histórica, museu histórico, expografia

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM ATELIÊ DE XILOGRAVURAS

Aracely Ferreira Lucena

E-mail: aracely@ifpi.edu.br

Elenilce Soares Mourão

E-mail: elenilcemourao@ifpi.edu.br

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação

Resumo

A salvaguarda de um acervo requer uma série de esforços interligados e complementares que envolvem a documentação e conservação das informações presentes. Dentre os meios de preservação fundamentais na gestão do acervo, cabe destacar a conservação preventiva, que atua diretamente na preservação da estrutura física do objeto; e a documentação, que objetiva a preservação das informações. Ao realizarmos uma pesquisa voltada para a documentação do acervo de matrizes xilográficas pertencentes ao ateliê da artista Yolanda Carvalho, observamos a ausência de condições adequadas para o acondicionamento das 150 peças, matrizes em madeira, que já apresentavam indícios de deterioração. Pautados na compreensão da documentação museológica não pode ser dissociada da conservação material, decidimos estender a pesquisa criando um tentáculo para o campo da conservação preventiva. Dessa forma, empreendemos ações diagnósticas e estabilizadoras no sentido de compreender os principais fatores de deterioração para em seguida agirmos de forma a estabilizar o processo. Através de análise organoléptica selecionamos as principais patologias apresentadas no universo de 150 peças e a partir do diagnóstico confirmamos que a maioria das peças que apresentavam patologias, estas, eram oriundas de infestação biológica por ataque de insetos xilófagos – térmitas e cupins – que estavam em estado inativo. Além dos biológicos, fatores antrópicos relacionados ao manuseio e acondicionamento das peças também figuravam entre os mais recorrentes. Pautados no diagnóstico apresentamos à artista uma proposta de conservação preventiva que visava ações estabilizadoras ao ataque de xilófagos, higienização mecânica e um novo acondicionamento às peças. A pesquisa desenvolveu-se entre os anos de 2023 e 2024 em Teresina Piauí, especificamente no ateliê da artista Yolanda Carvalho, reconhecida como a grande referência da Xilogravura no estado do Piauí, e que possui uma trajetória de três décadas dedicadas a essa técnica. Esperamos com a pesquisa contribuir para o campo da museologia, além de promover a proteção e o reconhecimento da obra de Yolanda Carvalho na cultura local.

Palavras-chave

Conservação preventiva, Matrizes Xilográficas, Yolanda Carvalho

A ARTE DA MAURITIA FLEXUOSA

Angey Darling Carvalho Soares

E-mail: angeydarling777@gmail.com

Marcela Guedes Cabral

E-mail: marcelagcabral@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1bnXhfDjhvJOylHPzEY84VwUYrrF7hMZ9/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



ARQUIVOS DOS SALÕES DE ARTE DA BAHIA

Juliana Santos Rios

E-mail: ju.juba1313@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1sFr8SCSxMqyhHVEXs73DZehWBu7VrKxi/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



RELATO DE EXPERIÊNCIA: Inventário de obras performáticas

Rafaely Souza Conceição

E-mail: sconceirafaely@gmail.com

Marcela Guedes Cabral

E-mail: marcelagcabral@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1vRKDkUDwYv_PTPICV6h1bXH-gOuCcbA1/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT7



GT7

Grupo de Trabalho 7. Museologia, cultura digital e Inserção Social

Coordenação

Rafael Teixeira Chaves

E-mail: rafateixeirachaves@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rita de Cássia Maia da Silva

E-mail: ritamaiapro@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Carmen Lucia Souza da Silva

E-mail: carmensilva@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Os avanços no uso de tecnologias digitais em museus apresentam um desafio para profissionais e pesquisadores: como garantir a coerência na aplicação dessas ferramentas, promovendo a participação das comunidades em experiências museológicas? Com o surgimento da web 2.0, a internet e as mídias digitais têm ampliado as oportunidades de partilha de conhecimentos, além de criar formas de interação entre grupos culturais e seu patrimônio. Nesse contexto, as instituições museais e seus profissionais são instigados a aprofundar o entendimento sobre o uso dessas tecnologias como um recurso para a transformação social, criando ambientes em que o protagonismo profissional e comunitário seja exercido de acordo com os princípios da museologia contemporânea. Este GT busca abrir espaço para o intercâmbio de experiências, métodos e debates sobre os impactos das tecnologias digitais da informação e comunicação nos processos museológicos e nas diversas experiências museais voltadas à difusão do patrimônio e à valorização das identidades como recursos para a democracia e a inclusão social. Questões como mobilização social e política, sustentabilidade, aplicação da LGPD, avanço das Fake News, uso da Inteligência Artificial e as mudanças cognitivas e psicológicas associadas ao avanço das TICs sobre a formação profissional e as formas de conceber os museus são temas transversais essenciais para refletir sobre o papel dessas instituições no mundo contemporâneo. Alinhado com os objetivos do 6º SEBRAMUS, este GT visa promover trocas e discussões que contribuam para a construção de conhecimentos e de políticas públicas que assegurem aos detentores a gestão de seus patrimônios, por meio da análise crítica dos impactos das TICs no campo museal e nos estudos da Museologia.

MUSEU VIRTUAL ALÉM DA DESTRUIÇÃO: ativismo patrimonial (Ucrânia)

Michel Kobelinski

E-mail: mkobelinski@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Paraná

Resumo

A curadoria pública Museu Virtual Além da Destruição: Ativismo Patrimonial (Ucrânia) teve como objetivo criar vínculos entre as imagens expostas e os visitantes, tratando-os como catalisadores educativos. Essas conexões foram planejadas para ocorrer por meio de interações que fomentaram a reflexão e o diálogo sobre o impacto da guerra na preservação do patrimônio cultural ucraniano. Por meio de uma abordagem que combinou representações visuais, textos, vídeos e até poesia, a exposição online buscou criar uma atmosfera de empatia e conscientização, com uma proposta de ensino e ativismo. O objetivo foi transformar a passividade dos visitantes em participação ativa, incentivando-os a contribuir para a narrativa expositiva e para suas próprias histórias. Isso foi promovido através de depoimentos em áudio/vídeo e entrevistas curtas, permitindo que os visitantes expressassem suas percepções e histórias relacionadas ao tema. Esses testemunhos enriqueceram a compreensão coletiva sobre o legado cultural em risco e destacaram a importância da solidariedade e do ativismo patrimonial. A educação patrimonial efetiva requer programas interativos que conectem os visitantes aos “objetos” da exposição. O uso da tecnologia, a produção de materiais didáticos e a autoavaliação institucional são fundamentais para enriquecer o aprendizado e garantir a qualidade educativa. Além disso, os museus devem atender às necessidades educacionais modernas, integrando a educação não formal com as modalidades formal e informal. Promovendo a interdisciplinaridade e a conexão entre conhecimento, tecnologia e meio ambiente, os museus podem se tornar espaços de interatividade e participação, assegurando aprendizado contínuo com o público. O patrimônio, seja natural, arqueológico, cultural ou histórico, representa o passado e está intrinsecamente ligado à história, contribuindo para a construção de identidades e o controle de como o passado é percebido e utilizado. A obsessão por recuperar perdas gera ilusões de um patrimônio restaurado. Reconhecer a destruição cultural na Ucrânia é essencial para a educação patrimonial e para sua salvaguarda após o conflito bélico.

Palavras-chave

Museu, história pública, comunidades

MUSEOLOGIA DO LUTO:

Google Street View e a “Imortalização” online do Cotidiano

Rafael Teixeira Chaves

E-mail: museu.rafaelchaves@gmail.com

Teresa Cristina Moletta Scheiner

E-mail: museupatrimonioefemero@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O *Google Street View*, lançado em 2007, tornou-se uma ferramenta poderosa para mapeamento e visualização urbana, permitindo que usuários naveguem por ruas e espaços públicos em uma perspectiva tridimensional. Embora sua função original fosse voltada para a exploração geográfica, o *Street View* passou a ser utilizado de formas inesperadas e criativas, incluindo o registro de memórias pessoais. Este estudo explora o fenômeno da “Museologia do Luto, congelada no tempo”, em que familiares e amigos de entes falecidos utilizam o *Google Street View* para revisitar momentos e lugares onde seus entes queridos ainda estão “presentes” em imagens capturadas pelas câmeras do serviço. Essa prática reflete o modo como a tecnologia contemporânea se entrelaça com a vivência do luto e da memória, oferecendo a perspectiva de um consolo visual e emocional por meio da preservação digital de cenários do cotidiano. O fenômeno, ao viralizar em redes sociais, gera um engajamento significativo, evidenciando como a nostalgia e o luto ganham novas formas de expressão no ambiente digital. As imagens capturadas, que permanecem disponíveis durante anos no *Street View*, tornam-se relíquias digitais, imortalizando momentos banais, mas profundamente significativos para aqueles que buscam se conectar com o passado. Assim, o *Google Street View* se transforma em um arquivo não apenas do espaço físico, mas também de memórias afetivas, destacando seu papel inesperado na construção da cibermemória e na redefinição das práticas de memorialização no contexto virtual contemporâneo. O fenômeno do uso do *Google Street View* como ferramenta de preservação de memórias evidencia a maneira como a tecnologia contemporânea redefine as práticas de luto e recordação, conectando-se diretamente à ideia de uma “Museologia do Luto” no ambiente digital. Ao permitir que usuários revisitem locais onde seus entes queridos foram capturados em momentos cotidianos, a plataforma se transforma em um arquivo digital de memórias afetivas, oferecendo consolo a partir de imagens congeladas no tempo. Essa prática reflete não apenas o impacto da tecnologia na vida cotidiana, mas também a crescente interseção entre o digital e o emocional, destacando como as novas mídias podem se entrelaçar com experiências humanas fundamentais, como o luto e a saudade, ressignificando o conceito de Museologia para abarcar a preservação de memórias e afetos na virtualidade.

Palavras-chave

Google Street View, Museologia do Luto, Memorialização online

A IMORTALIZAÇÃO DE MEMES PÓS-FALECIMENTO: memória e cultura digital

Rafael Teixeira Chaves

E-mail: rafateixeirachaves@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rosali Henriques

E-mail: rosalih@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Embora em termos históricos seja um fenômeno recente, a internet tem modificado a forma como as pessoas lidam com várias questões seu no cotidiano. Uma dessas questões é o luto digital. Com o surgimento das redes sociais online a partir de 2004 a internet deu um novo sentido à cultura cultural digital. A cultura digital, ao longo das últimas décadas, tem transformado profundamente a forma como as pessoas interagem com o conteúdo online e como lidam com a memória de figuras públicas e anônimas que viralizam nas redes sociais. Este trabalho analisa o fenômeno da imortalização de memes após o falecimento de indivíduos que se tornaram conhecidos por vídeos, imagens ou comportamentos que viralizaram na internet. A cultura de memes, inicialmente percebida como uma forma passageira de entretenimento, se revela como um poderoso mecanismo de preservação de memória no ambiente digital. Casos como o de Stephany Rosa, conhecida por um vídeo viral após ser detida em estado de embriaguez, e de Kabosu, a cadela que inspirou o meme “Doge”, mostram como essas figuras permanecem presentes nas redes mesmo após sua morte. A análise aborda também a forma como o luto e a saudade são ressignificados pelas plataformas digitais, incluindo o Instagram e o WhatsApp, onde a luta pela vida, como no caso de Stephany, foi documentada até sua morte, criando um vínculo afetivo com o público. A permanência desses memes nas redes sociais oferece uma nova dinâmica para a cibermemória, onde o registro audiovisual e textual se perpetua, alimentando um ciclo de lembrança e nostalgia compartilhadas coletivamente. Assim, os memes, que outrora eram efêmeros, tornam-se ícones duradouros de memória coletiva, mostrando que o espaço digital não apenas transforma as práticas de entretenimento, mas também redefine as formas de memorialização contemporânea. As questões que queremos abordar são as seguintes: seriam os memes uma nova forma de elaboração do luto nas redes sociais? De que forma a memória daqueles que faleceram estão perpetuados em memes nas redes sociais online?

Palavras-chave

Cibermemória, luto digital, memes imortalizados

REPOSITÓRIO DIGITAL DE ESPAÇOS INDEPENDENTES DE ARTE CONTEMPORÂNEA: o Ateliê397

Bianca de Andrade Mantovani

E-mail: mantovani.bianca@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

Esta comunicação pretende apresentar a pesquisa de mestrado sobre o arquivo e a memória do Ateliê397, espaço independente de arte contemporânea com mais de 20 anos de atuação em São Paulo. Ao longo da dissertação, empreendeu-se esforço para desenvolver um pensamento sobre o que seria o arquivo de um espaço independente que prezasse pelas suas características intrínsecas de autogestão, liberdade de programação e independência financeira. Como dar destino de arquivo àquilo que é visto como banal ou efêmero? Como armazenar os documentos de um lugar cuja atuação é marcada, em muitos momentos, pela instabilidade de recursos, equipe, entre outras? Em quais plataformas ou mídias digitais estão armazenadas as histórias sobre esse lugar importante para a arte contemporânea paulista? Como usar as tecnologias disponíveis para a extroversão dessa memória, levando em consideração experiências coletivas? Como construir metodologias colaborativas para a construção de um arquivo? Partindo dessas premissas, chegou-se à proposta de um banco de dados estruturado no repositório digital Tainacan, reunindo materiais que contribuíssem para a preservação da memória do 397 durante os anos de 2016 a 2020. Com esse primeiro exercício de salvaguarda da memória, criou-se o “Projeto Arquivo Ateliê397” (<https://arquivo397.shiftdot.com.br/>), arquivo resultado do mestrado. Refletir sobre o que constitui o arquivo de um espaço independente e como sistematizar seus documentos à luz de Teorias Museológicas, como a Nova Museologia e a Museologia Crítica (LORENTE; ALMAZÁN, 2003), Teorias de Arquivo (FARGE, 2017; ARANTES, 2015) e Teorias Decoloniais (MIGNOLO, 2005), com base no conceito de “encruzilhada” (MARTINS, 2021; RUFINO, 2019), foram as principais inquietações da pesquisa. Fundamentou-se uma ideia de arquivo como encruzilhada, onde é o cruzamento de informações que as narrativas plurais podem ser criadas. A encruzilhada foi trabalhada nesta pesquisa como uma perspectiva epistemológica de entendimento do mundo de uma maneira decolonial a partir de cruzamentos e intersecções. A proposta foi criar um banco de dados com palavras-chave, metadados e categorias organizadas para que a história do Ateliê397 possa ser reapropriada e reescrita. Juntar, entrelaçar, cruzar permite trabalhar diferentes histórias e narrar sobre o arquivo do 397 é pensar, concomitantemente, sobre a salvaguarda de uma memória própria, mas também sobre a arte contemporânea e envolvimento social gestados desde sua fundação.

Palavras-chave

Espaços Independentes, Arquivo, Repositório Digital

**TATUAGEM COMO OBJETO MUSEALIZÁVEL
NO CONTEXTO VIRTUAL:**
reflexões sobre tecnologias digitais e memória

Jessica Oliveira de Ávila

E-mail: jessicaavila98@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Pelotas

Rafael Teixeira Chaves

E-mail: memoriacacapavana@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

As tecnologias digitais têm transformado profundamente a prática museológica, promovendo a participação ativa das comunidades e criando formas de interação com o que é musealizável. O conceito de musealizável, que abrange elementos tangíveis e intangíveis, é amplamente influenciado por essas inovações, especialmente na medida em que as novas tecnologias facilitam a democratização do acesso e a construção de narrativas inclusivas. Além de abordagens tradicionais, novos campos de expressão, como as tatuagens, vêm sendo incorporados como formas de memória pessoal e comunitária, reforçando as conexões entre identidade e lembrança. Nesse contexto, o conceito de musealizável, que inclui tanto elementos tangíveis quanto intangíveis, vem sendo ampliado para abarcar práticas emergentes, como as tatuagens, que expressam memória, identidade e pertencimento. A análise de Dominique Poulot (2009) sobre os bens musealizáveis destaca como as TICs proporcionam novas formas de interação entre museus e seus públicos. Memórias e tatuagens podem parecer conceitos bastante distintos à primeira vista, mas há uma crescente conexão entre eles nos dias de hoje. Assim como sobre as tatuagens, podemos compreender alguns aspectos presentes dentro da área da memória como fenômenos atemporais, que se diversificam e se mantêm em movimento durante o passar dos séculos, como por exemplo, a análise feita acerca de alguns conceitos relacionados às definições de visível e invisível, assim como características presentes nas discussões relacionadas ao fato museal e aos semióforos. O principal objetivo está em compreender como é possível aproximar conceitualmente as tatuagens à esfera museal, destrinchando alguns conceitos que são pertinentes dentro da área da memória. As tatuagens podem ser categorizadas como potentes ferramentas utilizadas para representação das memórias, de uma forma física, fixadas ao corpo humano. O aspecto permanente das tatuagens demonstra a necessidade que os indivíduos têm em trazer ao “mundo visível” representações, em seus próprios corpos, de elementos que remetem a experiências importantes em suas vidas. A digitalização, além de preservar o que é musealizável, promove a inclusão ao permitir que comunidades antes marginalizadas compartilhem suas narrativas e experiências..

Palavras-chave

Museologia, tecnologias digitais, tatuagem musealizável

A UTILIDADE DE MÁQUINAS VIRTUAIS PARA O ESTUDO DA MUSEALIZAÇÃO DE OBJETOS DIGITAIS

Hugo Xavier Guarilha

E-mail: hguarilha@ufop.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Máquina virtual é um conceito utilizado nas ciências da computação para se referir a uma ferramenta que possibilita simular o ambiente de um sistema computacional dentro de um outro sistema. A utilidade mais evidente de aplicação de máquinas virtuais em processos museológicos realizados no ciberespaço é garantir o acesso a objetos digitais produzidos com base em tecnologias que se tornaram obsoletas, como o RealAudio e o Flash, por exemplo. Nesse sentido é possível não só acessar as informações em seus documentos originais, como também emular hardwares antigos em uma máquina contemporânea. Isso nos permite fruir a memória tecnológica no nível da experiência. É necessário, entretanto, chamar a atenção para uma outra forma de apropriação do conceito de máquina virtual para os estudos ligados à museologia. A ideia é tratar o próprio museu digital como “máquina”, com a finalidade de estudar o processo de musealização de objetos digitais em ambiente controlado, tal como em um laboratório. Isso se faz por meio da elaboração de toda a fundamentação teórica de um museu digital, definindo da forma mais precisa possível elementos de seu plano museológico, como sua missão, objetivos, grupos sociais representados em suas coleções, política de aquisição de acervo e estratégias para interlocução com seus públicos. A partir dessas diretrizes escolhemos o objeto digital que será musealizado no escopo do “museu máquina virtual” e enfrentamos de forma muito próxima da realidade os desafios museográficos colocados nesse processo. Neste trabalho faremos uma breve revisão do conceito de objeto digital a partir do debate estabelecido na área das ciências da informação em conjunto com a reflexão feita por Yuk Hui no livro “On the existence of digital objects”. Depois apresentaremos os desafios encontrados nos estágios iniciais do processo de musealização virtual do Kurumin 7.0, um objeto digital complexo que consiste em uma distribuição de sistema operacional GNU/Linux derivado do Debian e do Knoppix. O Kurumin 7.0 é uma distribuição em língua portuguesa lançada no ano de 2007 que se constitui como um importante lugar de memória para a comunidade software livre no Brasil. Sua escolha é consistente com o projeto disponível em www.cibermuseu.org. Acreditamos que esta experiência pode contribuir para ajudar a tornar visíveis alguns dos desafios para a conservação, documentação e comunicação de bens culturais em formato digital.

Palavras-chave

Objeto digital, máquina virtual, memória da tecnologia

IA: transcrição, diarização e descrição de entrevistas no musecom (RS)

Vinicius Bard Mathias de Souza

E-mail: vinicius_bard@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Estela Machado Winter Galmarino

E-mail: estela-galmarino@sedac.rs.gov.br

Filiação Institucional: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

Carlos Alberto Peracchi de Barcellos Neto

E-mail: carlos_apbn@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo

O Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa é uma instituição pública dedicada à preservação, pesquisa e divulgação da história da Comunicação Social no Rio Grande do Sul. Seus acervos, disponíveis para pesquisa, abrangem diversas áreas da Comunicação e incluem variados suportes. Nesse contexto, surgiu o projeto Galeria de Vozes, que, entre 1970 e 1990, produziu debates, depoimentos, entrevistas e palestras promovidos pelo museu, originalmente gravados em fitas magnéticas. Recentemente, o projeto foi retomado e atualmente conta com 138 entrevistas digitalizadas e disponíveis para acesso sob demanda, neste sentido amostras de 3 minutos de cada item são disponibilizadas no sistema de acesso ao inventário de acervos museológicos da instituição, implementando por meio da ferramenta Tainacan. O tratamento técnico desses documentos de áudio envolve uma série de desafios, abordados por uma equipe multidisciplinar de funcionários e colaboradores com especializações em Arquivologia, Ciência da Informação, Produção Fonográfica, História, Museologia e, mais recentemente, Tecnologia da Informação. Nesse sentido, este trabalho apresenta o atual estado de integração de tecnologias baseadas em inteligência artificial para a transcrição, diarização e descrição dessas entrevistas. Utilizamos o Whisper como biblioteca para reconhecimento de fala (ASR) em conjunto com tecnologias de detecção de atividade de voz (VAD), baseadas no repositório whisper-diarization (Ashraf, 2024), e o modelo de IA generativa GPT-4o para descrição de conteúdo. O projeto enfrenta desafios técnicos e éticos, especialmente na transposição de registros históricos para o meio digital, onde se busca manter a integridade do conteúdo. Nesse contexto, o uso da inteligência artificial abre possibilidades para a automação de processos e a ampliação do acesso, respeitando as especificidades da linguagem e das nuances comunicativas de cada material. Isso permite ao museu não apenas otimizar a gestão desta tipologia de acervo, mas também promover a sua consulta e disponibilização para o público. O objetivo deste trabalho é discutir o desenvolvimento dessa solução e sua futura integração nos processos museográficos institucionais, apresentando resultados parciais identificados ao longo do processo de incorporação da ferramenta. Acreditamos que a descrição desse processo possa contribuir para reflexões sobre os desafios na gestão de acervos audiovisuais, oferecendo soluções que dinamizem o processamento técnico da coleção. Espera-se, com isso, demonstrar como tecnologias relacionadas à inteligência artificial podem ser utilizadas em acervos museológicos, impulsionando sua preservação e acessibilidade.

Palavras-chave

Inteligência artificial, acervo museológico, áudio digital

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE PERSONALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS

Juliana Gois Bueno

E-mail: julianagoisbueno@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este estudo explora o impacto da inteligência artificial (IA) na experiência museológica, analisando como ela pode transformar a visita por meio de personalização e acessibilidade, ao mesmo tempo em que levanta preocupações sobre o uso indiscriminado dessa tecnologia. A IA possibilita um ambiente mais acolhedor e inclusivo, onde os visitantes recebem recomendações personalizadas de obras e seções com base em seus interesses ou no tempo disponível, criando conexões significativas com o acervo. O Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, é um interessante exemplo do uso da IA. Neste museu, a IA assume forma concreta por meio da Ma.ia, uma robô assistente virtual programada para auxiliar os visitantes durante a visita. A Ma.ia interage com o público em diferentes idiomas e na Língua Brasileira de Sinais, oferecendo informações sobre o museu e orientando sobre o percurso. Além de facilitar a visita, a Ma.ia agrega valor educacional, sendo uma interface inclusiva que ajuda a equipe do museu a entender melhor o público e ajustar as futuras exposições conforme os interesses e as dúvidas coletadas. No entanto, o uso da IA em museus exige cautela. A personalização depende da coleta de dados dos visitantes, o que implica desafios éticos em relação à privacidade e à transparência no uso das informações. Museus devem adotar práticas responsáveis, oferecendo controle sobre os dados pessoais aos visitantes e assegurando que a IA seja um recurso de apoio aos profissionais, sem substituí-los. Há também o risco de que a automação excessiva acabe padronizando as experiências e diminuindo a diversidade de narrativas culturais. Quando implementada com ética, a IA pode democratizar o acesso e ampliar o papel dos museus como espaços de aprendizado e encontro. Dessa forma, ela promove uma experiência cultural autêntica e enriquecedora, acessível a públicos diversos, ao mesmo tempo que preserva a profundidade e a essência humana das exposições.

Palavras-chave

Inteligência artificial, museus, acessibilidade

AS MEMÓRIAS CINEMATOGRAFICAS E PATRIMONIAIS NOS ESTUDOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Carmen Lucia Souza da Silva

E-mail: carmensilva@ufpa.br

Ana Cláudia da Cruz Melo

E-mail: acmelo@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

Antes mesmo da primeira sessão pública do cinematógrafo, em 1895 em Paris, França, os considerados pré-cinematográficos, ao longo do século XIX, já projetavam cenas dinâmicas onde podiam ser vistos monumentos e outros bens culturais. Assim sendo, tão logo o cinema foi inventado, as imagens em movimento se tornaram aliadas para o registro e, até mesmo, para o conhecimento acerca do patrimônio cultural. Ocasão em que surgiram os chamados filmes do cotidiano ou da vida cotidiana, caracterizados como vistas de prédios, de eventos públicos, de turismo ou de pessoas caminhando em meio às paisagens urbanas. As filmagens de bens culturais só se intensificaram durante todo o século XX, como um meio não só de documentação, mas também de diagnóstico de danos e de divulgação. Ou seja, propositalmente ou não, o cinema acabou por gerar amplo conteúdo imagético do que, aos poucos, foi sendo considerado patrimônio, inclusive daqueles que não mais existem. Estes arquivos são fontes relevantes para os pesquisadores do século XXI de diversas áreas, não só dos campos do Cinema, da Museologia e das Ciências do Patrimônio. Na contemporaneidade, a investigação sobre esta memória cinematográfica patrimonial adquire maior potencialidade com o uso da Inteligência Artificial (IA). Tecnologia inserida em metodologias de pesquisas que recorrem a filmagens, antigas e atuais, para avançar nos estudos sobre patrimônios materiais e imateriais. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de revisão de literatura que pretende evidenciar o estado recente dessas investigações sem desconsiderar que está inserido em um processo de transformações nos estudos por imagens patrimoniais. O objetivo é destacar as inovações e os desafios neste campo de conhecimento multidisciplinar da IA, através da conexão entre cinema e patrimônio cultural. Entre as inovações, a análise sinaliza o uso promissor de deep learning no reconhecimento automático em películas cinematográficas de patrimônios não mais existentes ou fortemente afetados por alterações, o que pode contribuir para importantes descobertas científicas. Entre os desafios, está a necessidade de aperfeiçoar os métodos para que possam ter maior abrangência na aplicação em diferentes contextos de estudo. Perspectivas que são tensionadas na discussão sobre as atualizações nas memórias cinematográficas e patrimoniais, através da IA.

Palavras-chave

Patrimônio Cultural, Cinema, Inteligência Artificial

GRUPOS MEMORIAIS DIGITAIS COMO ALTERNATIVA NA AUSÊNCIA DE INSTITUIÇÕES CULTURAIS LOCAIS

Lara do Prado Cunha

E-mail: larapradocunha@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Essa comunicação almeja investigar se o uso das redes sociais online como um local de memória é uma alternativa emergencial possível para cidades sem instituições memoriais. Além disso, apresentarei os riscos, limitações e inovações que esse uso representa, buscando avaliar até que ponto essa alternativa emergencial pode ser saudável, através de uma pesquisa bibliográfica e uma análise de redes sociais. Desde 2021 venho acompanhado um grupo público no Facebook chamado Memórias de Cambuci - RJ, grupo da minha cidade natal. Eu me encontrava no início da graduação em Museologia (em meio a pandemia) e passei a experimentar esse local como uma espécie de “museu virtual” da cidade, mas em pouco tempo percebi que não seria correto considerá-lo um museu. Então o que seria? Um espaço criado com intuito de “preservar e resgatar memórias do município” (frase na descrição do grupo), é um local potencialmente rico no compartilhamento das memórias e histórias da comunidade. Democratizar a memória social é essencial para a formação das identidades coletivas, e essa democratização pode ocorrer de maneiras diversas. Apesar do Fazer Memória ter seus caminhos tradicionais estudados e perpetuados por anos, há outros meios desse Fazer Memória que vão sendo criados e aprimorados com o tempo, acompanhando a própria dinâmica social - como é o caso da cibermuseologia. A chegada da Web 2.0 impulsionou uma transformação na internet para um ambiente participativo e colaborativo, onde os usuários se tornaram também criadores de conteúdo. Esse cenário foi a base para a plataformação, um fenômeno que reorganiza práticas sociais e culturais por meio de plataformas digitais mediando e estruturando as interações online. Com isso, surgem novas formas de interação e participação comunitária, facilitando a construção de redes e o compartilhamento de experiências, embora as próprias plataformas também estabeleçam limites e regras que influenciam essas trocas. Em 2023, o IBGE divulgou dados que indicam que menos de 30% das cidades brasileiras possuem um museu; em contraste, mais de 80% dos brasileiros têm acesso à internet, sendo o país o terceiro maior consumidor mundial de redes sociais. Diante desse cenário, pretende-se explorar como essas plataformas podem contribuir para a preservação das memórias sociais e como se posicionam frente aos desafios e potencialidades das práticas digitais, traçando as fronteiras entre inovação e os limites dessa nova forma de “fazer memória”.

Palavras-chave

Redes Sociais, Preservação, Memória Social

MUSEOLÓGICAS PODCAST: comunicação, ciência e democracia

Francisco Sá Barreto dos Santos

E-mail: francisco.bsantos@ufpe.br

Hugo Menezes Neto

E-mail: hugo.menezesnt@ufpe.br

Elaine Müller

E-mail: elaine.muller@ufpe.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este trabalho está montado sobre dois eixos fundamentais: relatar a experiência da ação de extensão “Museológicas Podcast”, em atividade desde 2019 e com quase 200 programas já publicados; o segundo eixo, projeta-se discutir desafios para democratização do saber construído nas universidades, ou atravessado por elas, novas tecnologias para produção de uma gramática e uma semântica do fazer universitário. Notadamente com a pandemia da COVID-19, os podcasts passaram a funcionar enquanto importantes instrumentos de circulação de conhecimento e operacionalização de novas sociabilidades, mediadas pela comunicação digital. A velocidade ampliada da informação, bem como a complexidade de uma ciência do arquivo e da memória no século XXI, tornam ainda mais urgentes discussões pautadas ora na elaboração de soluções para diagramar essa circulação, ora como espaço ampliado para discutir caminhos possíveis para as atividades universitárias. Com esse intuito, professores e alunos do curso de bacharelado em Museologia da UFPE organizaram, em 2019, a ação de extensão Museológicas Podcast, à época pretensamente dedicado às questões de cultura políticas, museus e museologia. A partir de 2020, diversas séries foram organizadas, pretendendo dar conta de um campo ampliado dos estudos do patrimônio, inicialmente e, posteriormente, das ciências humanas e sociais. Desde então, mais de 200 programas foram produzidos, avulsos ou em séries, atingindo reproduções em mais de 50 países e com mais de 100 mil reproduções. Além de produzir grande arquivo de materiais gratuitos para estudantes e profissionais do campo, outro interesse despontou como objetivo do projeto: dar conta do e compreender os impactos possíveis de novas morfologias do campo comunicacional da Museologia, bem como efeitos produzidos por um novo tipo de circulação dos saberes associados ao campo. Como metodologia, projetamos uma catalogação de programas e séries do projeto, além de articular uma bibliografia sobre comunicação científica através de podcasts no Brasil do século XXI. Nos resultados esperados, projetamos discutir o podcast como um importante instrumento de discussão da Museologia e dos museus no ciberespaço, bem como aproximação entre fazeres docentes e discentes, modificando sensivelmente uma gramática da hierarquia universitária.

Palavras-chave

Podcast e comunicação, comunicação científica, interação digital

PRÁTICAS INCLUSIVAS DA MUSEOLOGIA SOCIAL NO ÂMBITO DIGITAL: recontando narrativas invisibilizadas

Emerson Alan Fernandes Correia

E-mail: emersonalancorreia@gmail.com

Rita de Cássia Maia da Silva

E-mail: ritamaiapro@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

As questões sociais abordadas pela Museologia incidem no reconhecimento da importância da construção de narrativas conta hegemônicas para recontar histórias invisibilizadas. Estas preocupações tomam corpo teórico partir das discussões nos anos 1970 na América Latina sobre a função social do museu. Pensar um museu inclusivo propõe refletir sobre a conjuntura contemporânea e as implicações sociais das lutas por afirmação de identidades. Recorremos ao arcabouço teórico da Museologia Social como suporte para repensar o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e utilizar estes recursos para dar amplificar as vozes de grupos minoritários, com foco na autodeterminação sobre suas histórias e evocação de memórias individuais e coletivas. A nossa pesquisa exploratória está voltada para responder ao problema que busca soluções para ações museais e processos museológicos através das TIC que avancem e solucionem demandas geradas pela vulnerabilidade social e tecnológica que impedem a autonomia narrativa de grupos sociais sobre a sua memória e história. Para isso, a nossa metodologia está pautada no levantamento bibliográfico sistemático, considerando palavras-chaves como: museologia, museu, memória, tecnologias digitais e inclusão social, para a identificação de experiências que explorem o potencial da museologia social aplicado ao ambiente digital. Em acréscimo, iniciamos uma observação nas plataformas e redes sociais de casos exemplares como o Museu do Índio Digital (Funai) e o Museu Bajubá (museu virtual de história da população LGBTI+) averiguamos em que medida estes espaços museais (e outros) contribuem para a construção da memória cultural brasileira, apresentando práticas e propostas originais de musealização digital contemporânea e em que medida suplantam os estereótipos e reforçam as desigualdades sociais. Esta investigação é movida, e possui como justificativa, a hipótese de que as possibilidades para recontar as histórias invisibilizadas através de processos digitais de musealização são vastas e podem apresentar soluções criativas e de sucesso, seja nos espaços físicos ou nos cibernéticos. Iniciativas desta natureza têm o potencial de modificar a forma como os acervos são tratados e criar formas de atualização para a concepção e planejamento de espaços museais, repensar e recriando científica e poeticamente as maneiras de pesquisar e preservar e comunicar as memórias e a herança cultural de diversos tipos de comunidades.

Palavras-chave

Museologia, museu, memória, tecnologias digitais, inclusão social

ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO E A VIRTUALIZAÇÃO DOS MUSEUS: uma comparação Brasil-França

Joeanne Fraz

E-mail: fraz.joeanne@gmail.com

Daniela Francescutti Martins Hott

E-mail: francescutti69@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Estudo que objetiva refletir sobre a relação TDIC, museus e acessibilidade questionando: o que a virtualidade trouxe a museologia e suas possibilidades no cenário de inclusão de pessoas com deficiência no Brasil e na França? No contexto de avanço tecnológico, “o acesso aos bens culturais e patrimoniais vem passando por inúmeros processos de democratização, criação e reestruturação nos pontos de vista social, conceitual e político” (Celeste; Silveira, 2019, p. 196). As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) lançam desafios inéditos às unidades de informação, possibilitando novos espaços menos hierarquizados para a circulação das informações, uma leitura diferente e múltiplas manifestações (Davallon, 2012; Almeida, 2009; 2014). Integrados a essa nova cena de conexão entre cultura e tecnologia (Almeida, 2009), os museus adentraram no ciberespaço digitalizando obras de arte tradicionais como pinturas, esculturas, artefatos antigos e modernos, tornando possível sua visualização e outras formas de relação do indivíduo/visitante com os objetos de arte. Os museus virtuais são capazes de criar um diálogo dinâmico, multidisciplinar e interativo com seu visitante. De acordo com Henriques e Chaves (2020, p. 87), “a internet trouxe para a Museologia uma nova perspectiva. Não só porque permitiu potencializar o acesso aos museus de forma mais ampla, mas também por dar oportunidade aos museus de saírem de seus muros”. Essa nova realidade traz em seu bojo a questão da acessibilidade de pessoas com deficiência ao ciberespaço, acessando a cibercultura: “o mundo virtual se apresenta, de fato, como uma grande porta aberta para essas pessoas, mas para que isso se efetive há que serem adotadas algumas recomendações e/ou diretrizes de acessibilidade para tornar o conteúdo da web acessível a todos” (Fraz; Hott; Moreira; Rodrigues, 2019, p. 71). Realizou uma pesquisa exploratória de abordagem quantitativa e qualitativa, por meio da Teoria do Enfoque Meta Analítico Consolidado - TEMAC, de Mariano e Santos (2017). O string de pesquisa foi o termo “museu virtual”, bases de dados a Web of Science TM e a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e análise comparativa entre as interfaces adotadas pelos museus da República (Brasil) e Palácio de Versalhes (França).

Palavras-chave

Museus virtuais, Acessibilidade, Inclusão

MUSEUS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO BRASIL: notas sobre as relações emergentes e os significados das tecnologias na preservação e inclusão

Eliete Pereira

E-mail: elisilva70@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de São Paulo

Cláudia Leonor Guedes de Azevedo Oliveira

E-mail: claudialeonor.oliveira@gmail.com

Filiação Institucional: Centro Universitário UniSagrado

Resumo

O avanço das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial (IA) tem transformado profundamente a concepção, gestão e acessibilidade dos museus. Este trabalho propõe discutir as implicações dessas tecnologias no campo museológico brasileiro, abordando suas contribuições e desafios. A digitalização de acervos, o uso de IA na gestão e curadoria, além de práticas inovadoras de mediação e interação com o público, são temas centrais deste debate. A digitalização de coleções museológicas permite o armazenamento seguro e o acesso remoto a bens culturais, democratizando o acesso ao patrimônio histórico, como exemplifica a Plataforma Tainacan. Nesse processo, surgem novas questões éticas e técnicas, como a curadoria digital e a preservação da integridade de objetos culturalmente sensíveis. A IA possui o potencial de otimizar a catalogação de acervos, criar experiências imersivas e personalizadas para os visitantes e auxiliar na análise de dados sobre o público. O uso de chatbots e assistentes virtuais baseados em IA também está se tornando uma prática comum, oferecendo novas formas de educação e interação com os acervos. Entretanto, a integração da IA nos museus traz desafios, como a necessidade de treinamentos especializados para as equipes e maiores investimentos em tecnologia. Além disso, questões como a privacidade dos dados dos visitantes e a sustentabilidade dessas tecnologias precisam ser consideradas. A digitalização também envolve o debate sobre a técnica e as tecnologias sob a perspectiva decolonial (HUI, 2021). A inclusão de setores historicamente excluídos dos processos de preservação e patrimonialização – indígenas, quilombolas, mulheres, entre outros – depende da apropriação das tecnologias digitais. Este trabalho apresenta essas questões para se (re)pensar os significados das tecnologias na preservação e inclusão, considerando, sobretudo, o papel das tecnologias digitais e da IA na transformação dos museus, analisando como essas inovações podem contribuir para torná-los mais inclusivos e capazes de criar paradigmas de preservação e transmissão de conhecimento.

Palavras-chave

Museus Digitais, Acervos Digitais, Inteligência Artificial, Decolonialidade

AS PARCERIAS E O SUCESSO DO MUSEU AFRO-BRASIL-SUL NAS TICS

João Victor Cruz Ferreira

E-mail: joaovictorcfj5@gmail.com

Rosemar Gomes Lemos

E-mail: rosemar.lemos@ufpel.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Pelotas

Resumo

TIC é a sigla para Tecnologia da Informação e Comunicação, um conjunto de tecnologias que permitem a produção, acesso, propagação e comunicação de informações. As TICs são importantes porque facilitam a comunicação, o acesso à informação e a colaboração em diferentes áreas da sociedade. Este trabalho tem por fim descrever de que forma as TICs, através do método de pesquisa-ação, podem definir estratégias inovadoras para divulgação e ampliação do acervo de um museu universitário. O Museu Afro-Brasil-Sul - MABSul promove diálogos entre história e patrimônio cultural por meio de um acervo focado na preservação do Patrimônio Histórico Imaterial do Povo Negro Sul-brasileiro. Suas pesquisas e avanços tecnológicos têm se efetivado a partir de parcerias estratégicas que fornecem suporte logístico, técnico e intelectual. Exemplifica-se: a parceria com o grupo de pesquisa da UNB desenvolvedor do plugin Tainacan, crucial para o registro do acervo no MABSul. Tainacan é uma ferramenta inovadora de gerenciamento de acervos digitais que permite a catalogação, organização e compartilhamento de coleções patrimoniais na internet de forma acessível e eficiente. O apoio oferecido ao MABSul pelo Curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) possibilitou a criação da política de acervo do museu. Já a Ecosul, em 2022, contribuiu para a operacionalidade do museu, doando equipamentos, além de colaborar na produção de eventos e exposições. A Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) através do NEABI, também desde 2022, desenvolve pesquisas para constituição do acervo e realiza ações para divulgação dos patrimônios imateriais de Criciúma e região. De forma semelhante, o NEABI do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), em conjunto com o MABSul, desde novembro de 2022, permite que seus alunos desenvolvam pesquisas para ampliação do acervo e cumprimento da lei 10.639/2003. Em 2024, a MEI IGNI Design Studio firmou parceria, oferecendo suporte na divulgação, gestão de mídias sociais e produção de materiais de forma voluntária. Essas parcerias tem sido fundamentais para a preservação e disseminação do patrimônio histórico e cultural do povo negro sul-brasileiro. Elas permitem que o MABSul auxilie as escolas para o cumprimento das Leis 10.639 e 12.288/2010, continue a ampliar suas redes em todo Brasil, promova eventos educativos e oportunize pesquisas acadêmicas. Conclui-se que novas colaborações permitirão que o Museu Universitário MABSul chegue a mais municípios sul-brasileiros fortalecendo sua missão de preservar e disseminar o Patrimônio Cultural Afro-brasileiro e reduzir, em meio digital, os efeitos danosos do racismo.

Palavras-chave

Museu Afro-Brasil-Sul, Tecnologia da Informação e Comunicação, Patrimônio Cultural Afro-brasileiro

EXPERIÊNCIA MULTISSENSÓRIA E CULTURA DIGITAL: Um estudo de caso

Fabíola Felício Santa Rosa

E-mail: fabiolafelicio.santarosa@gmail.com

Taynara Nogueira Fernandes

E-mail: taynara.nogueira11@gmail.com

Marcela Guedes Cabral

E-mail: marcelagcabral@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1xrwUQTZYMTF54eYXyHyfNl1zrrFjag26/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO E A VIRTUALIZAÇÃO DOS MUSEUS: uma comparação Brasil-França

Joeanne Fraz

E-mail: fraz.joeanne@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Daniela Francescutti Martins Hott

E-mail: francescutti69@gmail.com

Câmara dos Deputados/Diretoria-Geral/Coordenação de Acessibilidade

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/18-toGUQDxHOGPIBl0DBcF8jxmT-SlWn3/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



DOCUMENTAÇÃO DIGITAL DO PROJETO MEMÓRIA CULTURAL DAS INFÂNCIAS NA AMAZÔNIA - MRE

Luiz Tadeu Costa

E-mail: luiztadeu@ufpa.br

Samara Carolina Ferreira da Silva

E-mail: samarasilva228.ss@gmail.com

Tiago Miguel Vilhena Sarmento de Souza

E-mail: tiagomiguelclarisse@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1ANyvChhrnncvvU1E-JIMXIdPWkurJpN1/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



DO ACERVO AO MUNDO DA DESCOBERTA: Gamificação Como Fomentadora da Experiência Museológica

Maria Alice Feitosa dos Santos

E-mail: marialicesantos0728@hotmail.com

Luana Andressa Lima Silva

E-mail: luanaandress4@gmail.com

Paola Carolina Oliveira dos Santos

E-mail: paolacarolinaoliveira@gmail.com

Samara Carolina Ferreira da Silva

E-mail: samarasilva228.ss@gmail.com

Marcela Guedes Cabral

E-mail: marcelagcabral@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1SeZ9L0MRw91DILiOMFPVElk6fX34w-01/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



O LETRAMENTO DIGITAL NA MUSEOLOGIA SOCIAL DOS PONTOS DE MEMÓRIA E DE CULTURA DE BELÉM

Stefany Rosa dos Santos

E-mail: stefanyrosad@gmail.com

Lucia das Graças Santana da Silva

E-mail: lucinha@museu-goeldi.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1Ew3HjfGT9h1wxcqL8ZVSfmAwn0lKKXQW/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT8



GT8

Grupo de Trabalho 8. Ecomuseus e Museus Comunitários

Coordenação

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Universidade Federal do Piauí – Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Rita de Cássia Moura Carvalho

E-mail: cassia.moura@gmail.com

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar)

Francisco Stefano Ferreira dos Santos

E-mail: franciscostefanof@yahoo.com.br

Filiação Institucional: Universidade Aberta de Portugal

O GT Ecomuseus e Museus Comunitários é um espaço para diálogos e trocas de experiências entre pesquisadores/as, profissionais e comunidades envolvidos em iniciativas museológicas de preservação do patrimônio cultural. Os museus comunitários e ecomuseus são agentes na valorização das memórias locais e no fortalecimento das identidades comunitárias. Esses espaços são concebidos como ferramentas de resistência e inovação social, uma vez que promovem a participação ativa das comunidades nas etapas dos processos museológicos, desde a documentação participativa até a gestão cotidiana das instituições. O GT acolherá experiências e reflexões que explorem o papel desses museus como mediadores de processos educativos e culturais, fundamentais para a inclusão social e para a construção de territórios sustentáveis. A educação patrimonial, por exemplo, é um dos eixos centrais dessas práticas museológicas, já que oferece ferramentas para que as novas gerações reconheçam o valor de seu patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que cria oportunidades para o diálogo intergeracional. Além disso, esse GT se propõe a discutir o potencial transformador desses museus. O GT se propõe a discutir a formação de redes de cooperação entre museus comunitários, universidades e organizações não governamentais. A criação dessas redes de parceria fortalece as iniciativas locais, permitindo a troca de conhecimentos e a ampliação do impacto social e cultural dos museus comunitários e ecomuseus. Através dessas colaborações, torna-se possível não apenas compartilhar experiências, mas também desenvolver metodologias e estratégias para a sustentabilidade cultural e econômica desses espaços. A autonomia e a gestão comunitária, elementos centrais desses museus, são potencializadas por meio dessas parcerias, criando oportunidades para o financiamento de projetos, a formação de equipes e a realização de atividades educativas e culturais. Com esse enfoque, espera-se que o GT proporcione debates enriquecedores sobre as múltiplas formas de atuação nos campos da museologia social e da gestão comunitária dos patrimônios, inspirando outras iniciativas e ampliando o escopo das práticas de resistência cultural. A conexão entre museus, territórios e comunidades se revela, assim, como um aspecto essencial para o fortalecimento das identidades locais e para a promoção de um desenvolvimento social mais justo e inclusivo. Dessa maneira, os museus comunitários e ecomuseus não apenas preservam memórias, mas também constroem presentes e perspectivas de futuro mais solidários e participativos, onde a cultura e o patrimônio servem como pontes entre gerações e como catalisadores de transformação social e ambiental.

“ESTAÇÃO DE MEMÓRIAS”:
inclusão, identidade e transformação social
por meio da valorização de narrativas locais

Gislaine Gonçalves Dias Pinto

E-mail: gislaine.goncalves@aic.org.br

Raissa Fernandes Faria

E-mail: raissa@aic.org.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

O programa “Estação de Memórias”, desenvolvido pela AIC (Agência de Iniciativas Cidadãs) e patrocinado pela VLI, tem como foco o registro e a difusão das memórias de indivíduos que viveram experiências relacionadas à ferrovia, atuando como uma estratégia de fortalecimento da identidade local. A iniciativa, que começou em 2022 e já abrangeu 13 cidades nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, segue em andamento em mais cinco cidades em 2024, transformando antigas estações e espaços ferroviários em centros de memória. A metodologia do projeto é inspirada na Tecnologia Social do Museu da Pessoa, na História Oral, e no uso de ferramentas de Mídia Processo e Design Colaborativo desenvolvidas pela AIC. O processo colaborativo envolve a comunidade em todas as etapas, desde a mobilização para a coleta de histórias até a construção de uma expografia permanente. Esse envolvimento ativo não apenas valoriza as narrativas individuais, mas também promove a inclusão de grupos que, muitas vezes, acreditavam que suas histórias eram irrelevantes, impregnadas pela ideia de que somente figuras de destaque, como políticos ou grandes personagens históricos, são dignas de memória. Ao contrário, o projeto reforça a importância das histórias de vida dos moradores, demonstrando que suas experiências cotidianas também são parte essencial do patrimônio cultural. Os resultados evidenciam um impacto social positivo e significativo, com mais de 650 moradores envolvidos no processo de construção das expografias e milhares de visitantes atraídos. Os participantes relataram um fortalecimento do senso de pertencimento e uma profunda valorização de suas histórias, contribuindo para o resgate cultural e social das comunidades. Ao compartilhar essa experiência no GT, propomos reflexões sobre a importância da formação de grupos de referência local para a construção desses espaços de memória. A conexão entre memória, território e identidade, revelada ao longo do projeto, atesta o papel transformador dos museus como espaços de diálogo, educação e valorização do patrimônio cultural. Os conteúdos e resultados do programa podem ser conferidos no site: <https://estacaodememorias.org.br/>

Palavras-chave

Memória, ferrovia, processo colaborativo

A CRIAÇÃO DO MUSEU-OFICINA DA ILHA DÁS CANÁRIAS E OS DESAFIOS ATUAIS

Samira Amara Gomes Alves

E-mail: sam_amara@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Coimbra

Claudiana Carvalho da Costa

E-mail: moc.canarias@gmail.com

Filiação Institucional: Museu-Oficina da Ilha das Canárias

Resumo

Nesta comunicação partilhamos a experiência de criação colaborativa do Museu-Oficina da Ilha das Canárias (MOC), um museu de comunidade (Varine, 2013), localizado na Ilha das Canárias, na RESEX Delta do Rio Parnaíba. Instituição que pertence a uma comunidade de pescadores e pescadoras artesanais que habitam um histórico e complexo contexto socioambiental (Alves, 2017). Com o objetivo de inventariar e salvaguardar o patrimônio cultural local, considerando sobretudo as necessidades e vontades da população, o projeto foi fundamentado na Museologia Social (Moutinho, 2007) e no conceito de museu integral (ICOM, 1972). A organização da instituição contou com o uso de ferramentas metodológicas de pesquisa-ação (Brandão, 2006) e participação plena (Pateman, 1992). Um processo de co-pesquisa e cocriação realizado através da colaboração entre o Mestrado em Artes Patrimônio e Museologia/UFPI, e a comunidade das Canárias. Uma pesquisa-ação-participativa inserida no contexto do projeto de pesquisa “Paisagens da Ilha: Patrimônio e Sustentabilidade” (Pinheiro, 2013). A opção por um exercício de coeducação patrimonial como prática estrutural possibilitou o diálogo entre conhecimentos acadêmicos e saberes tradicionais (IPHAN, 2016). Tal processo educativo viabilizou a construção do Inventário Participativo do Uru, um artefato da pesca artesanal (IBRAM, 2016; Querol, 2013). Um trabalho fundamentado na concepção integral do patrimônio cultural (material/imaterial) e sua relação com o patrimônio natural (UNESCO, 2003; Fonseca, 2005). O caminho percorrido estruturou as bases para a construção de uma instituição museal integrada ao território, criada e gerida pela comunidade. Após oito anos desde a sua fundação, o MOC permanece enfrentando os desafios de proteção e promoção do patrimônio cultural local. Prática uma museologia que valoriza as autonarrativas e autodeterminação, onde as pessoas são mais importantes que os objetos. Um museu cujo sentido de existência é servir para a dignidade da vida na ilha (Chagas, 2017). Embora marcado por muitas partilhas e vitórias, o processo de criação do museu e sua subsequente vida não esteve isento de tensões, contradições, lutas e perdas. O MOC, porém, continua a trabalhar em um movimento aberto e contínuo de construção de conhecimentos sobre o território e seus patrimônios, com o objetivo de contribuir para melhor compreensão do presente e edificação de um futuro sólido e de esperança (Freire, 2011).

Palavras-chave

Museu-Oficina; Ilha das Canárias; Museologia Social

ECOMUSEU DE BELÉM/EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:
Práticas Pedagógicas de Valorização dos Saberes e
Fazeres Tradicionais pelo Patrimônio nas Escolas das
Ilhas Sul do Município de Belém

Vinícius de Araújo Pacheco

E-mail: vinichecoa@gmail.com

Lilian Cristina da Silveira Souza

E-mail:

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O Ecomuseu de Belém é um museu de território, uma proposta de gestão de patrimônios presentes em sua paisagem natural e cultural “orquestrada” por grupos de moradores locais (comunidades) que ocupam as referidas áreas (atores do desenvolvimento local). É uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMEC/ Diretoria de Educação – DIED/Núcleo de Arte, Cultura e Educação – NACE e comunidades das áreas de atuação, vinculado à Rede Municipal de Ensino – RME, oficializado no ano de 2022. O administrativo do ecomuseu funciona na casa anexo ao Palacete Pinho (Escola Municipal de Artes de Belém). A tipologia evidencia o olhar sobre as expressões, saberes e fazeres tradicionais de seu coletivo, considerando as especificidades, limitações e potencialidades. Neste sentido, propõe o estudo da área (território/comunidade) no intuito de criar possibilidades de valorização e desenvolvimento local pelo patrimônio, podendo esses vir a se tornar o “humus” para o desenvolvimento da região. Integra o ensino da educação formal e informal, ressignificando o ambiente de forma democrática, inclusiva trabalhando as memórias e identidades da população paraense em um processo de decolonização, a partir dos repertórios culturais da região. E, é nesse universo que a metodologia transformada em ações educativas vem sendo construídas com crianças e adultos nas escolas da Ilha Sul. A educação patrimonial possibilita, enquanto um processo participativo, o fortalecimento do ativismo cultural na transmissão oral de conhecimentos, ora de salvaguarda das referências culturais valorizando a herança cultural como, suas tradições, lugares, histórias aguçando a produção de novos conhecimentos de sua formação cultural. Torna-se um desafio criar dinâmicas, atividades de percepções com os aspectos como a linha do tempo, jogos de memória que visam reconhecer o território, musealizando material de acervo patrimonial. O ecomuseu lança a concepção de abrangência do todo territorial e seu conteúdo cultural/natural em coletividade, desenvolve ações (propositivas) referentes às demandas de seus atores produtores de cultura local, ou seja, suas propostas de trabalho, ações e projetos são conduzidos por essa demanda que pode ou não estar associada a necessidade de continuidade de suas tradições, recursos, registros históricos, sustentabilidade, materialidade, imaterialidade, entre outros.

Palavras-chave

Memória; Patrimônio; Salvaguarda e Educação

MUSEU DO ARTESANATO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: espaço de reflexão para a museologia social

Alexandre Henrique Monteiro Guimarães

E-mail: alexandre.artesvisuais.br@gmail.com

Filiação Institucional: Colégio Pedro II

Resumo

A presente proposta de comunicação propõe refletir sobre as ações, lições e soluções de pertencimento, vinculando-se ao cuidado com o meio-ambiente, no âmbito das realizações desenvolvidas pelo Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, em Petrópolis. Assim, visando ampliar o debate sobre museus, comunidades e inserção social no Brasil, busca-se apresentar reflexão oportunizada pelo 6º Seminário Brasileiro de Museologia, aprofundando as questões comunitárias que constituem o caráter ímpar deste espaço expositivo, inspirado e moldado pela Museologia Social. Em uma lógica da reencenação do popular, nutrida por um significativo acervo que ostenta a qualidade de fazeres de mais de trezentos artesãos, a perspectiva de novos recortes e entendimentos sobre a dinâmica museológica que rege este lugar. Trata-se de responder sobre as características percebidas nas obras expostas neste museu vivo e em permanente trânsito, considerando-se os diferentes contextos de vida de seus autores, bem como as respectivas relações geográficas das comunidades artesãs envolvidas e representadas. Seu idealizador, o artista, designer e professor Cocco Barçante, ao transformar a antiga casa de veraneio sua família em um lugar mágico e improvável, acolhendo mundos de diferentes recantos artesanais do Estado do Rio de Janeiro, sempre considerou como uma de suas fontes de inspiração determinante a obra do artista Gabriel Joaquim dos Santos, responsável pela construção da Casa da Flôr, em São Pedro d'Aldeia - RJ. Regido por esta inspiração estética e buscando seguir os ensinamentos do professor e museólogo Mário Chagas, este novo ambiente museal tornou-se responsável por ressignificar os percursos culturais da Cidade Imperial. Com efeito, a terra ocupada outrora pela monarquia brasileira encontra-se, atualmente, mais equilibrada, em diálogo permanente com muitas realidades endógenas de vários municípios e bairros fluminenses, entre os quais: a Rocinha, Maré, Cidade de Deus, Itaperuna, Conservatória, Maricá, Natividade, Macaé, Araruama, Paraty e Nova Iguaçu, entre outros territórios identificados e acolhidos neste museu.

Palavras-chave

Museu, Artesanato, Comunidades, Museologia Social

ARQUITETURAS INDÍGENAS E O BEM VIVER:
a exposição a céu aberto do Museu Sacaca, Macapá (AP)

Iana Keila Lima dos Santos Duarte

E-mail: ianakeiladuarte@gmail.com

Ana Cecília da Cunha Santos

E-mail: anaceciliacunh@gmail.com

Gisele Nascimento Barroso

E-mail: gisa.barroso@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O trabalho objetiva analisar a exposição a céu aberto de réplicas das moradias dos povos indígenas do Amapá, como os Palikur e Wajãpi, e do norte do Pará, como os Aparai e Wayana, promovida pelo Museu Sacaca, vinculado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), em Macapá, partindo da seguinte indagação: qual a importância dos saberes impressos nas arquiteturas indígenas no contexto atual e quais suas contribuições para o bem viver? Esta exposição é uma importante experiência educativa e decolonial no contexto amazônico que proporcionou uma imersão sensorial e visual na arquitetura, nas técnicas de construção e nas memórias de cada grupo ancorada nas vivências e na resistência desses povos. No âmbito da Educação Museal, essa iniciativa configura-se como um recurso pedagógico único, capaz de transcender a transmissão de conhecimento para atuar como agente de transformação cultural e social, ao aproximar o visitante das práticas culturais dos povos indígenas. A exposição desafia narrativas hegemônicas e enriquece a compreensão sobre o modo de viver tradicional, valorizando saberes ancestrais e respeitando o direito de existência dos povos originários em suas especificidades culturais. Também se alinha aos preceitos da Museologia Social, por romper com a tradicional representação passiva e exotizante para promover um museu ativo e participativo. Numa perspectiva decolonial, ressaltamos a busca por ressignificar a função educativa do museu ao abordar criticamente a colonialidade do saber e do poder, muitas vezes presente nas práticas museológicas tradicionais. A exposição permite ao público refletir sobre o impacto da colonização e a importância da preservação das práticas culturais indígenas, enfatizando uma educação que reconhece e valoriza a diversidade cultural como parte essencial do patrimônio amazônico. Ao trazer ao primeiro plano as narrativas indígenas, o Museu Sacaca desafia a imposição de um conhecimento eurocêntrico e celebra a cosmovisão e as técnicas próprias de cada etnia, reconhecendo-as como parte integrante do desenvolvimento social e cultural da região. Assim, o Museu Sacaca assume um papel de mediador cultural e educativo, comprometido com a preservação e divulgação da memória coletiva dos povos indígenas do Amapá e norte do Pará, reafirmando a importância de um espaço museal que promova o diálogo intercultural e que contribui para uma educação que respeite e valorize a alteridade, fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente das contribuições indígenas para a identidade amazônica e brasileira.

Palavras-chave

Educação Museal, Museu Sacaca, Arquitetura indígena, Bem Viver

CÍRCULO DA MEMÓRIA: itinerância e possibilidades

Lucia Das Graças Santana da Silva

E-mail: lucinha@museu-goeldi.br

Gilma Isabel Rêgo D'Aquino

E-mail: gilma@museu-goeldi.br

Maria das Graças Alves Santana

E-mail: santana@museu-goeldi.br

Filiação Institucional: Museu Paraense Emílio Goeldi

Resumo

A partir de muitas experiências na área da Museologia Social desenvolvidas pelo Ponto de Memória e de Cultura Fórum de Museus de Base Comunitária e Práticas Socioculturais da Amazônia (PMCFMA), foi elaborada uma proposta para a 76ª SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência que ocorreu na cidade de Belém do Pará, que teve como título “Círculo da Memória: A Museologia Comunitária como Ciência, Educação e Sustentabilidade para um mundo melhor. A proposta tem como filosofia “pensar museus, para além do sentido físico, por meio de experiências de pessoas e coletivos diversos que acionam outros modos de conceber a musealização dos mundos”, conforme BEZERRA, 164, 2023. Neste sentido, o PMCFMA e o Grupo de Museologia Social do Museu Goeldi articularam com várias iniciativas museológicas comunitárias a elaboração de um projeto que agregasse as formas de ser, ter e poder destes grupos, por meio de uma expografia colaborativa e dinâmica. Das quinze consultadas, dez aceitaram participar da proposta. O projeto foi aprovado e batizado como Círculo da Memória. O Instituto Brasileiro de Museus colaborou com essa demanda, viabilizando a participação de pessoas dos pontos certificados no ano de 2023 situados fora de Belém. A exposição foi composta por um acervo diversificado. Houve um catálogo com a história das iniciativas e inúmeras metodologias para alcançar públicos variados. O projeto é um instrumento educativo e político, uma vez que substância o social e o comunitário como pilares da sustentabilidade. Um projeto coletivo e de fortalecimento da Museologia para o empoderamento de memórias que lutam pelo direito à cultura. O projeto vem recebendo convites para a itinerância no interior da região.

Palavras-chave

Museus, experiências coletivas, Museologia Social

ECOMUSEU DA AMAZÔNIA: educação transdisciplinar e valorização dos saberes locais para o desenvolvimento sustentável

Willian Silva Barbosa

E-mail: willian.biologia1@gmail.com

Sinaida Maria Vasconcelos

E-mail: sinaidavasconcelos@gmail.com

Jessica Silva da Silva

E-mail: jessicaa26silva@gmail.com

Tâmara do Carmo Rego Pereira

E-mail: tamara@uepa.br

Weyda Suyane Campos Ribeiro

E-mail: weydasuyane@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as ações educativas do Ecomuseu da Amazônia (EA), localizado em Belém do Pará, focando nos aspectos de bioculturalidade e transdisciplinariedade. O EA é um museu aberto que vivencia o dia a dia das comunidades locais, estando inserido no território amazônico, representando o acervo natural e cultural da região. Criado em 2007 como um projeto de desenvolvimento sustentável que busca integrar as comunidades locais por meio da valorização dos saberes tradicionais e da memória coletiva, se situa na Ilha de Caratateua como uma iniciativa da Fundação Escola Bosque (FUNBOSQUE), que atua em outras ilhas da região. Assim, esta pesquisa, um estudo de caso, de natureza qualitativa e descritiva, foi conduzida com seis participantes do EA, incluindo a direção, equipe técnica, estagiários e comunitários. A análise dos dados utilizou a técnica de Análise de Conteúdo Categorial. Os resultados mostram que o EA fomenta a apropriação dos patrimônios culturais e naturais pelos comunitários nos seus territórios, capacitando-os para o manejo e gestão sustentável desses recursos. Suas ações educativas são organizadas em quatro eixos temáticos interdisciplinares: turismo de base comunitária, meio ambiente, cidadania e cultura. Dessa forma, o EA integra o conhecimento científico ao saber local, promovendo uma educação transdisciplinar que valoriza a diversidade cultural. Destacam-se ações como o “Roteiro de Memórias”, e programas como os “Programa de mapeamento dos comunitários”, “Quintais Produtivos” e “Cursos de Capacitação” gratuitos para a comunidade, como o Curso de Cerâmica e a Oficina de Carimbó. Essas ações fortalecem a cultura local, capacitam os comunitários e promovem a preservação do patrimônio imaterial. Outrora, eventos como as “Feiras Ecoculturais” reúnem mestres de cultura e produtores artesanais, divulgando a riqueza cultural da Ilha de Caratateua. Ao atuar como espaço de educação não formal, o EA promove práticas educativas que envolvem alunos e a comunidade em projetos que valorizam o saber popular, alinhando-se aos princípios da nova museologia e fortalecendo laços identitários locais. Conclui-se que o EA exerce um papel relevante na educação biocultural e na preservação das tradições, buscando um desenvolvimento sustentável e inclusivo na Amazônia.

Palavras-chave

Bioculturalidade, Educação Não Formal, Museu comunitário

SABERES DA PESCA ARTESANAL: Inventário participativo do ofício e modos de saber-fazer da pesca artesanal do bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil.

Carmem Célia Araújo Freitas

E-mail: carmem-cellia@hotmail.com

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Resumo

O Inventário Participativo é uma ferramenta de mobilização, uma ação educativa dinâmica de conhecimento e valorização do patrimônio cultural brasileiro proposta pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que orienta a identificação e documentação do patrimônio cultural. A Constituição Federal do Brasil (1988), artigo 216, determina formas de proteção e acautelamento, assegurando a proteção e salvaguarda do patrimônio cultural, conferindo à sociedade o protagonismo na construção de conhecimento e reconhecimento de seu próprio patrimônio, cabendo-lhe a proposição de políticas públicas para o salvaguardar. A pesca artesanal é um modo de vida e uma referência cultural enraizada nas comunidades ribeirinhas e praieiras da Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba, uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável (UC), criada em 1996 e que integra os estados do Piauí, Ceará e Maranhão – Meio Norte do Brasil. Trata-se de um território de cenário de beleza natural e com desafios socioambientais. Esta pesquisa visa apresentar os saberes e fazeres dos pescadores artesanais a partir de um Inventário Participativo, elaborado entre 2022 e 2023, com o propósito de contribuir para a documentação e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial da região, nomeadamente, no bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí. O principal objetivo foi analisar como o processo de construção do inventário participativo do ofício e modos de saber-fazer da pesca artesanal do bairro Coqueiro da Praia em Luís Correia, Piauí, Brasil, pode oferecer fundamentos para salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial deste território. Este estudo contou com a colaboração direta de dez pescadores artesanais, utilizando uma abordagem qualitativa e métodos como etnografia, história oral e diretrizes do Manual de Aplicação, Educação Patrimonial: Inventários Participativos. O trabalho abordou as relações entre a pesca artesanal e as transformações socioambientais na comunidade, ressaltando a falta de valorização do ofício, a especulação imobiliária e o crescimento desordenado do turismo. Como resultado, constatou-se que o inventário participativo do ofício e dos modos de saber-fazer da pesca artesanal contribui significativamente para o conhecimento e reconhecimento desse saber-fazer como patrimônio cultural imaterial do município, promovendo ações de salvaguarda e sustentabilidade da tradição.

Palavras-chave

Inventário Participativo, Patrimônio Cultural Imaterial, Pesca Artesanal

ECOMUSEU SÍTIO DO FÍSICO: caminhos da cidadania

Maria de Lourdes Nery Mendonça de Sousa

E-mail: nerymendonca.2024@gmail.com

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Sítio do Físico

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

Este trabalho é fruto de 22 anos de experiência na conservação, preservação e musealização do Sítio do Físico, São Luís, MA envolvendo estudos, pesquisas, partilha intra e extramuros. Discutir museologia, museologia social, educação museal, Sistema Estadual de Museus, redes de museus por um lado e comunidades, redes, parcerias, projetos, meio ambiente, cidadania, educação, saúde, infraestrutura urbana, desenvolvimento comunitário, preservação da história, meio ambiente e violência urbana no território do Polo Coroadinho/Sítio do Físico, bem como desconstruir mitos e ideias preconceituosas, mostrando o que se produz de bom e belo numa parceria entre Ecomuseu Sítio do Físico, comunidade e parceiros públicos e privados. O Ecomuseu aqui é entendido como fórum de debates na comunidade. O fenômeno da musealização do território com envolvimento da comunidade surge como forma de preservação, conservação e partilha do patrimônio histórico, arqueológico, natural do Sítio do Físico e desenvolvimento da comunidade do Polo Coroadinho tendo em vista experiências derivadas das discussões da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) e subsequentes, e o entrelaçamento das relações entre atores no território. Ao longo desses 22 anos foram realizadas pesquisas arqueológicas, biológicas, históricas e sociais que aportaram um volume importante de informações que foram socializadas com a comunidade do território e parceiros proporcionando novas posturas em relação ao Sítio do Físico, ao Parque Estadual do Bacanga e ao próprio ambiente em que vivem gerando maiores e melhores relações entre eles. O Polo Coroadinho deixou de figurar apenas nas páginas policiais dos jornais para ser personagem nas páginas de cultura e economia figurando como uma das maiores comunidades empreendedoras do Brasil e possuindo um evento cultural que é só seu e de seus parceiros e convidados que é o Coroadinho de Natal. No campo do desenvolvimento comunitário e cultural foi desenvolvido o projeto Coroadinho de Natal que proporcionou inúmeras parcerias para as organizações da Rede Coroadinho de Natal com benefícios significativos para a comunidade tais como: “Viva” Luciano Moreira, Policlínica do Coroadinho, Instituto de Educação do Maranhão Dica Ferreira - IEMA, Batalhão da Polícia Militar, Sede do Batalhão Polícia Ambiental, Centro Educa Mais Dorilene Silva Castro.

Palavras-chave

Ecomuseu, Comunidade, Desenvolvimento

OS MUSEUS COMUNITÁRIOS E OS MUSEUS ORGÂNICOS: o que são e suas contribuições para a museologia social

Fabiana Pereira Barbosa

E-mail: fabianabarbosafcg@gmail.com

Filiação Institucional: Centro Cultural Cariri, Ceará

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

Os museus comunitários e os museus orgânicos, apesar de compartilharem algumas semelhanças, têm origens, objetivos e práticas distintas que refletem a diversidade dos contextos culturais e sociais em que estão inseridos. A análise desses dois tipos de museus revela como cada um contribui para a preservação e valorização das culturas locais, oferecendo perspectivas únicas sobre a interação entre comunidade e patrimônio. Este desenvolvimento trouxe à tona novas formas de preservar e transmitir as memórias, estruturas e vivências das comunidades. A citação de Soares e Scheiner (2014, p. 2471) destaca que essas experiências plurais possibilitaram uma nova abordagem na preservação cultural, centrada nas relações cotidianas e na integração das comunidades no processo de musealização. Por outro lado, os museus orgânicos, como o Museu do Ciclo do Couro - Memorial Espedito Seleiro, exemplificam uma abordagem distinta. Esses museus são caracterizados pela sua integração com espaços e práticas culturais preexistentes, surgindo a partir de locais onde saberes e práticas culturais já estão estabelecidos. Enquanto os museus comunitários frequentemente se iniciam com uma estrutura formal, os museus orgânicos evoluem dentro de contextos culturais já existentes, buscando formalizar e ampliar o papel desses espaços na preservação do patrimônio cultural. Ambos, comunitários e orgânicos, refletem as transformações e adaptações das práticas museológicas para melhor servir às comunidades e suas tradições. Enquanto os museus comunitários emergem de uma necessidade de estruturação e formalização dentro de contextos sociais variados, os museus orgânicos surgem da potencialização de práticas culturais já enraizadas, ampliando o alcance e a formalização da preservação cultural. Os museus comunitários e museus orgânicos compartilham uma visão comum de valorização e preservação do patrimônio cultural local, colocando a participação da comunidade e a autenticidade cultural no centro de suas práticas. Ambos os modelos oferecem alternativas significativas para o desenvolvimento e a gestão de espaços museológicos, proporcionando maneiras inovadoras de engajar comunidades e preservar tradições. A compreensão dessas semelhanças pode enriquecer a prática museológica e promover uma abordagem mais inclusiva e dinâmica para a preservação e a valorização do patrimônio cultural.

Palavras-chave

Museus Comunitários, Museus Orgânicos, Museologia Social

ECOMUSEU DELTA DO PARNAÍBA: Um instrumento de valorização da Paisagem Cultural no Meio Norte do Brasil

Pamela Krishna Ribeiro Franco Freire

EMAIL: pamelarfranco@gmail.com

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí e Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

Durante os séculos XIX e XX, Parnaíba, no litoral do Piauí, era um ponto estratégico de comércio marítimo, recebendo dezenas de navios vindos de diversas regiões do Brasil e da Europa. Os galpões portuários, construídos ao longo do rio Igarçu, testemunharam a prosperidade econômica da época. Contudo, esses espaços, que um dia foram símbolos do dinamismo da cidade, encontram-se atualmente desativados, muitos em avançado estado de deterioração devido à ausência de políticas efetivas de preservação. Essa negligência reflete o afastamento da cidade de suas origens, à medida que se desenvolveu economicamente e perdeu a conexão sustentável com o rio e o mar. Tal distanciamento também contribuiu para o esquecimento de práticas tradicionais de subsistência, ainda preservadas pelas populações das ilhas do Delta do Rio Parnaíba. Diante desse cenário, torna-se essencial resgatar e valorizar a relação histórica e cultural entre as pessoas e a paisagem única do delta. Uma das propostas é a transformação de um dos antigos galpões portuários em um Ecomuseu dedicado ao Delta do Parnaíba. Este espaço cultural seria um ponto de convergência entre a memória, a identidade e o desenvolvimento sustentável, permitindo que as comunidades deltaicas e os moradores de Parnaíba se reconheçam e se apropriem do lugar, cultivando um vínculo de afeto e protagonismo na gestão de seu patrimônio. O projeto apresentado para o Ecomuseu inclui uma proposta arquitetônica que valoriza o patrimônio histórico, adaptando a edificação ao novo uso e promovendo a acessibilidade e a fruição pública. Além de abrigar coleções que representam as histórias, memórias e vidas das comunidades ribeirinhas, o espaço seria um elo de aproximação entre os moradores da cidade, as populações tradicionais, os turistas, a gestão pública e a iniciativa privada. A proposta busca não apenas comunicar e valorizar os patrimônios material e imaterial da região, mas também fortalecer a relação das pessoas com a rica paisagem do delta, promovendo um modelo de desenvolvimento cultural sustentável, em que a preservação e a vivência do patrimônio sejam ferramentas para a construção de um futuro mais integrado e consciente.

Palavras-chave

Ecomuseu, Paisagem, Arquitetura, Patrimônio, Museologia Piauí

ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO TAIM:
Zona Úmida, Pampa e Transnacionalidade

Guilherme Martins Meneguzzi

E-mail: guilherme.meneguzzi@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A antropização tem efeitos, em grande parte, negativos. Essa é uma inferência possível quando se analisa os dados históricos da ação humana nas zonas úmidas ao redor do mundo. No Rio Grande do Sul (RS), dentro do bioma Pampa, não é diferente. Nesse sentido, a proposta de um ecomuseu, nos moldes do que é preconizado por Hugues de Varine, é uma contribuição considerável, atendendo os princípios da Convenção de Ramsar. Como exemplo, na planície costeira do RS - nos municípios de Rio Grande e de Santa Vitória do Palmar -, ocupando uma área de 33 mil hectares, está a Estação Ecológica do Taim (ESEC Taim). O mosaico de ecossistemas que compõe a ESEC Taim inclui corpos lacustres, campos, matas e dunas, que oferecem uma beleza cênica exuberante juntamente com a flora e a fauna. Sendo assim, a instalação de um ecomuseu - com ações que englobem os princípios da Convenção de Ramsar -, seria um catalisador para o uso sustentável, a conservação e a preservação dessa porção única do Pampa gaúcho, que sofre ameaças em função do uso do solo para agricultura, para pecuária e para reflorestamento, que ocorre com espécies invasoras. A fronteira com o Uruguai pode ser, ainda, outro elemento significativo para uma relação mutuamente benéfica. A investigação acerca de estruturas físicas atualmente disponíveis dentro da Estação Ecológica do Taim é um elemento essencial para a análise e a proposição de ecomuseu dentro de alguma edificação pré-existente, por exemplo. Este tipo de museu se propõe a realizar a gestão sustentável da paisagem, considerando-a de maneira holística, incluindo, portanto, os patrimônios materiais e imateriais, com a participação ativa da comunidade local. Dessa forma, uma nova instituição, integrada à ESEC Taim, seria capaz de contribuir para a garantia dos serviços ecossistêmicos essenciais para a conservação da biodiversidade, a disponibilidade e a qualidade da água, os recursos alimentares, a regulação do microclima e o balanço hídrico nessa área singular da zona úmidas do Pampa. Diante disso, um ecomuseu na zona úmida da ESEC Taim, teria o objetivo de propor um diálogo acerca das relações entre território, comunidade e patrimônio, como recurso para o desenvolvimento local, articulando ações antrópicas favoráveis inclusive no âmbito transnacional.

Palavras-chave

Estação Ecológica do Taim, Paisagem Cultural, Patrimônio, Ecomuseu e Transnacional

INFILTRAÇÃO DA EROSÃO NO PATRIMÔNIO: práticas de (an)arquivo, ativação e arte contextual

Julia Naidin

E-mail: jnaidin@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Em um dos principais deltas do estado do Rio de Janeiro, há seis horas da capital, situa-se a praia de Atafona. Lugar de natureza exuberante, onde o rio Paraíba do Sul (que passa pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro) encontra com o Oceano Atlântico. Esse rio, que tem na praia sua foz, vem sendo sistematicamente desviado nos últimos 50 anos em nome do modelo desenvolvimentista, intensificado na região a partir da década de 70. O rio já perdeu 70% de seu fluxo e, sem sua força ao desembocar no mar, permite seu avanço sobre as partes ocupadas da cidade, causando transformações ecossistêmicas e sociais, e um cenário de devastação. Devido a esse processo e ao desaparecimento crescente da costa habitada, dezenas de quarteirões e inúmeros imóveis são sistematicamente levados pelo mar, criando, na comunidade, uma particular relação com a memória e com uma dinâmica de perda, resiliência e adaptação ambiental. Neste local fraturado, decidimos montar uma residência de arte e pesquisa dedicada a trabalhar a questão ambiental com práticas museológicas, artísticas e de produção de memória. A comunicação apresenta uma prática de campo que cruza pedagogia, teatro de rua e pesquisa metodológica em museologia social. O “Museu Ambulante” é um projeto que une um trabalho de arquivo desenvolvido pela residência artística “CasaDuna – centro de arte, pesquisa e memória de Atafona” desde 2017, com pesquisas do grupo teatral Grupo Erosão, vinculado à residência, criando um trabalho cênico e pedagógico de museologia social. Apresentamos um trabalho construído colaborativamente com a comunidade e que, desde 2020, participa do programa de Pós-doutorado “Officina de Estudos do Patrimônio Cultural/ Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico” no Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense. Interessa pensar a questão dos diversos suportes de memória e de práticas de (an)arquivo em um contexto de erosão do patrimônio material e imaterial. A noção de zonas úmidas, os desequilíbrios entre alagamento e seca, as dinâmicas de adaptação criadas pelas próprias comunidades afetadas por colapsos ambientais, apresentam uma triangulação exemplar para pensarmos modos de lidar com os problemas atuais e iminentes. A criação de novas práticas e epistemes museológicas e arquivistas possuem papel fundamental para que tais colapsos não sejam em vão, na medida em que podem funcionar como alertas e impulsos por transformação nos modos de gestão hídrica e humana nas políticas públicas para o tempo que virá.

Palavras-chave

Patrimônio, arte contextual, arquivo

NA FRONTEIRA DOS PATRIMÔNIOS: o caso do Quilombo Lemos (Porto Alegre/RS)

Sérgio Valentim Jr

E-mail: sergiovalentimjr@gmail.com

Zita Rosane Possamai

E-mail: zitapossamai@gmail.com

Filiação Institucional: Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e apresenta o estudo de caso do Quilombo Lemos, sétimo quilombo urbano de Porto Alegre (RS), certificado pela Fundação Palmares em 2018 e em processo de elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Demarcação junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Analisa a trajetória histórica do Quilombo Lemos em diálogo com a Geografia e a Museologia, considerada como um processo de reterritorialização, ou seja, uma expansão dos povos quilombolas em contraste com o avanço da especulação imobiliária. Os quilombolas atuam como protetores desses territórios, pois se expressam numa relação direta entre natureza e cultura, contendo essas investidas degradadoras das zonas úmidas do planeta. Analisa a nova portaria 135 do IPHAN de 20 de novembro de 2023, e de que forma pode ser uma ferramenta jurídica importante na proteção dos territórios, ao possibilitar o tombamento dos quilombos como patrimônio cultural brasileiro. Reflete sobre de que forma o patrimônio se constitui em dispositivo relevante na luta pelos direitos quilombolas e na salvaguarda de memórias subterrâneas, historicamente silenciadas, marginalizadas e apagadas. O caso do Quilombo Lemos coloca em evidência disputas com bens patrimoniais lindeiros, cuja proteção jurídica excluiu a comunidade quilombola, a exemplo do Asilo Padre Cacique, autor de uma ação de despejo para expulsar o grupo de seu território. O propósito da pesquisa é colocar em diálogo e em contraste, as legislações patrimoniais presentes nesse processo com vistas a refletir sobre a potencialidade deste instrumento, que pode ter um potencial grande de proteção das comunidades, na medida em que regulamenta o escrito na Constituição Federal de 1988, na convenção 169 da OIT e no Decreto 4887/2003, que se constituem em instrumentos legais importantes na efetivação do processo de titulação dos territórios quilombolas.

Palavras-chave

Patrimônio Cultural, Quilombo, Território

NO IAPI: museu de comunidade, memórias do Arroio e novas possibilidades

Janaina Carla Dalarosa

E-mail: arq.dalarosa@gmail.com

Filiação Institucional:

Resumo

O estudo identifica as estratégias do projeto urbanístico da vila do IAPI diante da presença do arroio Areia em seu território. Considerando as mudanças climáticas, propõe-se novas abordagens baseadas na convenção de Ramsar, após análise do desempenho do IAPI diante do cenário catastrófico apresentado na enchente de maio de 2024 que ultrapassou as cotas de 1941. O IAPI, uma vila operária projetada e executada entre 1942 e 1954 pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários na zona norte de Porto Alegre, teve seu local de implantação alterado após a enchente de 1941. Tal evento contribuiu para o desenvolvimento de um projeto urbanístico inovador pautado pelas características topográficas locais, contemplando áreas verdes (parque e praças), arborização nos passeios, projeto de largos, busca pela preservação da vegetação existente, sistemas de drenagens para áreas alagadiças, projeto de lago artificial, hierarquia do sistema viário orgânico e projeto de reservatório de água com a primeira estação de tratamento de água a utilizar sistema de filtragem em Porto Alegre. O bairro é composto por 68ha, inúmeros equipamentos, 2.533 unidades residenciais, distribuídas em 27 tipologias de moradias com densidade aproximada de 230 habitantes/ha. Será feito também um breve paralelo com o bairro Passo D'Areia, dentro do qual encontra-se inserido o IAPI, pois seu território também é atingido pelo arroio que se divide em onze sub-bacias e pertence à bacia hidrográfica que desemboca no Rio Gravataí, o qual tem foz no Guaíba. No entanto, a presença do arroio tem sido invisibilizada pelo crescimento vertiginoso devido à especulação imobiliária, por situar-se próximo a áreas de interesse econômico. Como um bairro planejado, com densidade demográfica definida, o IAPI constitui um patrimônio/paisagem cultural urbano, atualmente protegido sob tutela de inventário. O projeto de um museu de comunidade, como espaço de reflexão, que narra a sua trajetória e aborda também a memória das águas, integra algo inédito no local e pretende contribuir para a consolidação do IAPI como paisagem cultural urbana de Porto Alegre.

Palavras-chave

IAPI, Museu de comunidade, Arroio areia, Patrimônio

ECOMUSEU VIRTUAL DELTA DO PARNAÍBA:
coleção de histórias de vida de mulheres de comunidades
ribeirinhas, praieiras e deltaicas

Hanna Morganna de Deus Alves

Email: hannaalves.ha@gmail.com

Rita de Cássia Moura Carvalho

E-mail: cassia.moura@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

O acesso ao mundo virtual e à internet atravessa o cotidiano no mundo contemporâneo, transformando hábitos, costumes e formas de ser e viver. É impossível imaginar o dia a dia sem as inúmeras ferramentas de comunicação e informação em rede. Nas últimas décadas do século XX, a expansão da comunicação online gerou mudanças significativas nas sociedades globais. Nesse contexto, desenvolvemos o projeto-ação “ECOMUSEU VIRTUAL DELTA DO PARNAÍBA: coleção de histórias de vida de mulheres de comunidades ribeirinhas, praieiras e deltaicas”, com o objetivo de pesquisar, documentar, comunicar e salvaguardar as memórias e histórias das populações que habitam a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. No âmbito do projeto, elaboramos um trabalho de história oral, selecionando seis mulheres cujas vidas estão profundamente conectadas à pesca artesanal, seja como pescadoras, mães, avós ou esposas de pescadores. Este trabalho desvela memórias femininas em um contexto marcado por lógicas hegemônicas coloniais, capitalistas, patriarcais e androcêntricas, que tendem a invisibilizar as mulheres em um universo predominantemente masculino. Tradicionalmente, essas mulheres são associadas a papéis sociais restritos à perpetuação da espécie e manutenção do lar, reforçando discursos que sustentam um sistema simbólico de dominação. No campo museológico, questiona-se: como as mulheres são representadas nos museus? O museu idealizado neste projeto tem a vocação de ser um museu virtual, estruturado com recursos técnicos do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Memória do Museu da Vila. Este, por sua vez, é o primeiro núcleo museológico do Ecomuseu Delta do Parnaíba, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. O Museu da Vila surgiu de uma gestão compartilhada com a Associação de Moradores do Bairro, fundada por nove mulheres que lutavam por melhores condições de vida. As histórias de vida registradas formam a primeira coleção do Museu Virtual, oferecendo visibilidade às mulheres historicamente marginalizadas. Este espaço virtual não apenas destaca as histórias dessas mulheres, mas também comunica a riqueza do território do Delta do Parnaíba, que abriga o único delta em mar aberto das Américas. Suas biodiversidades, artes de pesca, tecnologias de embarcação e artesanatos são patrimônios essenciais que devem ser promovidos, gerando emprego, renda e um turismo cultural sustentável que inclua as populações locais como protagonistas dessa valorização.

Palavras-chave

Ecomuseu, Museu Virtual, Patrimônio Cultural, História de Mulheres, Museologia Piauí.

**PROJETO ARQUITETÔNICO DE REABILITAÇÃO PARA
NOVO USO SOCIAL DO ANTIGO GRUPO ESCOLAR
DEPUTADO JOÃO PINTO, BAIRRO COQUEIRO,
LUÍS CORREIA, PIAUÍ**

Karina Ferraz Cadena

E-mail: karinaf.arq@gmail.com

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

A criação de projeto arquitetônico de reabilitação para novo uso social do antigo Grupo Escolar Deputado João Pinto materializa nossos estudos e intervenções. Revitalizar com o propósito de instalar o Museu da Vila e o Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí, no antigo edifício localizado na esquina da rua Antonieta Reis Veloso com a Rua José Quirino, no bairro Coqueiro, Luís Correia, Piauí, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. O Museu da Vila é uma concepção e coordenação do Programa de Pós-Graduação, que desde junho de 2018 funciona no antigo prédio, sem uso há mais de sete anos, o que o tornava suscetível a depredações e degradações. Propomos requalificação da edificação para uso socioeducativo e cultural do espaço, que possui uma localização geográfica privilegiada – a entrada principal do bairro, há 100 metros da orla da praia. O imóvel é de propriedade do Governo do Estado do Piauí e foi cedido pela Lei Estadual nº 7.178, de 9 de janeiro de 2019, para o Mestrado em Museologia da Universidade Federal do Piauí, hoje Universidade Federal do Delta. No Projeto Arquitetônico consideramos além das marcas de identidade e memórias da antiga escola, de valor inestimável para os moradores, um plano de necessidades de uma sede de museu de território: uma sala de exposições, um núcleo de pesquisa, documentação e memória, uma sala multiuso, um espaço multiuso, um café, um depósito e dois banheiros PCD; bem como, a readequações nas fachadas e paisagismo para exposição de uma embarcação que fora usada na pesca artesanal do Bairro. O Projeto Arquitetônico segue as normatizações da ABNT NBR 6492/1994, NBR 9050/2015, NBR 16636-1/2017 e os condicionantes legais municipais, estaduais e federais. Elegemos como públicos privilegiados os moradores do bairro Coqueiro, vez que será um equipamento cultural em um lugar carente dessa natureza de serviços. O Museu da Vila, igualmente, oferecerá a pesquisadores e visitantes a possibilidade de desfrutarem dos ambientes, partilharem estudos e pesquisas multidisciplinares sobre o território. Será um espaço de ações e intervenções educativas e culturais, com foco nas pessoas, nos patrimônios e meio ambiente, associados, dentre muitas marcas de identidade, à pesca artesanal, construção de embarcações, artesanato de fibras de palmeiras locais, linha, madeira, argila, gastronomia e turismo de base comunitária.

Palavras-chave

Museologia e Inovação Social, Arquitetura e Urbanismo, Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Patrimônio Cultural

PROJETO ARQUITETÔNICO PARA ESTALEIRO ESCOLA NO MUSEU DA VILA. Coqueiro. Luís Correia. Brasil

Mariana Luiza Bezerra Sampaio

E-mail: marianabezerra.arquiteta@gmail.com

Rita de Cássia Moura Carvalho

E-mail: cassia.moura@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

Este trabalho aborda as intervenções e estudos realizados na comunidade do Coqueiro da Praia, localizada no litoral do Piauí, destacando-se pelo rico patrimônio natural e cultural relacionado às artes de pesca e à construção de embarcações artesanais. Trata-se de um patrimônio ameaçado, com a redução progressiva da quantidade de canoas artesanais em uso na orla da praia e o desinteresse crescente dos jovens da comunidade pelas práticas tradicionais do ofício. Além disso, constatou-se a ausência de conhecimento e reconhecimento do valor cultural e econômico desses patrimônios pela própria população local. Com o objetivo de salvaguardar essas memórias e práticas socioculturais, foi elaborado um projeto arquitetônico e seus complementares para um Estaleiro Escola, a ser instalado em uma edificação sem uso social localizada em frente ao Museu da Vila, na Rua José Quirino. Este estaleiro funcionará como uma extensão do equipamento cultural do Museu da Vila, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) da Universidade Federal do Piauí. Espera-se que essa iniciativa contribua para a promoção e valorização dos patrimônios locais, incentivando o reconhecimento de suas histórias e tradições. A curto prazo, o projeto já realizou ações socioeducativas em parceria com a comunidade local, promovendo rodas de memórias, oficinas de construção de maquetes de embarcações artesanais e o desenvolvimento do projeto arquitetônico para o estaleiro. A médio e longo prazos, a proposta é captar recursos para viabilizar a construção do Estaleiro Escola e sua implementação, com foco na formação de mestres carpinteiros, marceneiros, pintores e modelistas especializados na produção artesanal de embarcações. Este modelo busca inspiração em iniciativas bem-sucedidas, como o Estaleiro Escola do Maranhão e o Museu do Mar, em Santa Catarina. Essa experiência permitiu à profissional-mestranda uma imersão na comunidade, sensibilizando os moradores para a importância de preservar e valorizar as artes de pesca e construção de embarcações. Por meio de técnicas de educação para o patrimônio, possibilitou-se à comunidade local o reconhecimento do valor econômico e cultural desse patrimônio, fortalecendo a identidade cultural e criando oportunidades de geração de emprego e renda, alinhadas a um modelo de desenvolvimento sustentável e participativo..

Palavras-chave

Estaleiro Escola, Museologia de Inovação Social, Patrimônio Cultural, Museologia Piauí

MEMÓRIAS ENTRE MARÉS:

Diálogos e ludicidade com as comunidades de Siribinha e Poças no município de Conde - BA

Manoela Feio Silva Paiva

E-mail: manufsp@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

A comunicação visa compartilhar diálogos e ações museológicas desenvolvidas nas comunidades de Siribinha e Poças, localizadas no município de Conde, litoral norte da Bahia. As práticas museológicas na região são coordenadas pela professora Sidélia Santos Teixeira, do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Integram um projeto interdisciplinar e transdisciplinar também da UFBA, coordenado pelo professor Charbel Niño El Hani, do Departamento de Biologia, intitulado: “Diálogos entre Sistemas de Conhecimento na Prática Escolar”. Desde 2016, pesquisadores de diversas áreas atuam na localidade, em 2018 identificou-se uma demanda local pela preservação da memória coletiva e possivelmente a criação de instituições museais para algumas comunidades da região. O que levou pesquisadores do campo da Museologia a colaborar com o projeto e trabalharem em conjunto com as comunidades para compreender de que forma elas vislumbram que a nossa participação possa contribuir na conservação e a preservação de seus patrimônios materiais, imateriais e ambientais. Durante nossa atuação nos aproximamos bastante das crianças e docentes, o que contribuiu para a criação de atividades colaborativas focadas nas memórias coletivas. A abordagem museológica que escolhemos para fomentar nossos diálogos com as comunidades está atrelada à teóricos da Sociomuseologia principalmente, tais como Mário Chagas, Sidélia Santos Teixeira, Maria Célia Teixeira e Clóvis Carvalho Britto. Em 2022, atendendo a uma demanda que surgiu por interações mais lúdicas por parte das comunidades, foram realizadas duas brincadeiras: a “Memória do Conde” e “Caça ao Patrimônio”. Essas brincadeiras aconteceram no feriado de 12 de outubro e compõem o Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Manoela Paiva que executa e analisa essas ações. O projeto de mestrado da discente tem por objetivo dar continuidade às atividades lúdicas na região pois ainda é uma demanda comunitária principalmente por parte das docentes da escola municipal Brazilina Eugênia de Oliveira, localizada em Poças, tal escola é responsável pela educação escolar de ambas as comunidades, Siribinha e Poças. Essas ações e diálogos buscam contribuir na identificação de elementos comuns que definem as identidades comunitárias e suas referências patrimoniais, promovendo uma colaboração entre os saberes locais e acadêmicos com possível inserção de metodologias lúdicas no ambiente escolar. A identificação de aspectos da memória coletiva incentiva a transmissão dos conhecimentos entre gerações, especialmente porque os mais velhos manifestam um receio de esquecimento por parte das gerações mais novas sobre os aspectos culturais do estuário. A intenção é que essas práticas museológicas colaborativas ajudem a fortalecer as comunidades reconhecendo e valorizando suas próprias narrativas e identidades, reforçando o sentido de pertencimento e continuidade.

Palavras-chave

Memória Coletiva, Ludicidade, Museu

MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO DE ITAPUÃ:
desafios da preservação e comunicação de acervo
afro-brasileiro na contemporaneidade

Rafael Vinícius Almeida Vilas Boas

E-mail: rvalmeidaoficial@gmail.com

Filiação Institucional: Museu Virtual Comunitário de Itapuã

Resumo

Após concluir a graduação em Museologia e defender um trabalho sobre a gestão do Museu Didático-Comunitário de Itapuã (MDCI), deparei-me com a desafiadora realidade do mercado de trabalho para profissionais negros e com deficiência, como eu. O compromisso com a preservação do patrimônio cultural, no entanto, me impulsionou a buscar novas possibilidades no campo. O MDCI, criado em 1993, representa um marco na história da museologia brasileira, por sua proposta inovadora de articular museu, escola e comunidade. A iniciativa, pioneira em sua época, resultou em uma rica experiência educativa e cultural para os moradores de Itapuã. Infelizmente, o museu teve suas atividades interrompidas em 2000, sendo reativado apenas em 2014, quando um professor de História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, onde o museu estava sediado, iniciou um trabalho de resgate do acervo. A partir dessa iniciativa, surgiu o Museu Virtual MDCI, que possibilitou a preservação e divulgação do acervo arquivístico e iconográfico que refletem a história e a cultura de Itapuã, um bairro predominantemente negro. A trajetória do MDCI revela a complexidade dos processos museológicos e a importância de adaptar as práticas museais às novas tecnologias e às demandas da comunidade. O museu comunitário, em particular, desempenha um papel fundamental na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua identidade cultural. No caso do MDCI, o acervo afro-brasileiro representa um patrimônio de grande valor, que precisa ser preservado e valorizado. Diante desse cenário, surgem diversas questões a serem consideradas: Preservação do acervo afro-brasileiro: Como garantir a preservação de acervos que documentam a vida, a cultura e o patrimônio de comunidades negras? Papel do museu comunitário: Qual o papel do museu comunitário na formação de sujeitos racializados contemporâneos? Como esses espaços podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária? Preservação de acervos iconográficos e arquivísticos: Quais as melhores práticas para a preservação de acervos iconográficos e arquivísticos? Como garantir a acessibilidade a esses materiais? Atuação do museólogo: Qual o papel do museólogo na preservação e comunicação do patrimônio afro-brasileiro? Como os profissionais da área podem atuar de forma crítica e ativa na defesa desse patrimônio? A busca por respostas a essas perguntas é fundamental para garantir a preservação e a valorização deste importante patrimônio cultural afro-brasileiro e aprimorar a atuação crítica do museólogo.

Palavras-chave

Museu Didático-comunitário de Itapuã, Acervo Afro-brasileiro, Preservação, Comunicação museológica

MULHERES DO ROSÁRIO: Teias do Tempo, Chão de Pedra

Fábio Estefanio Lustosa de Brito Lopes

E-mail: fabiolopes@ifpi.edu.br

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

Resumo

O trabalho *Mulheres do Rosário: Teias do Tempo, Chão de Pedra* é uma iniciativa no campo da museologia comunitária, com foco na valorização de memórias contra coloniais, no bairro Rosário, Oeiras, Piauí. Fundamentado em metodologias colaborativas, o projeto potencializou protagonismo às narrativas de mulheres negras que, com suas trajetórias de vida, moldaram as identidades culturais de um território historicamente marginalizado. Desenvolvido entre agosto de 2023 e outubro de 2024, usamos métodos e técnicas como História Oral e Mapas Afetivos, para engajar as mulheres da comunidade na reconstrução e registro dos significados de espaços simbólicos do Bairro. Entre as vozes destacadas estão as de Maria das Graças Pereira, Evangelina dos Santos Ferreira e Inácia Maria da Conceição, cujos relatos evidenciam histórias de resistência e ancestralidade. Esses relatos foram marcados por conexões com práticas cotidianas, como o preparo de alimentos e a religiosidade, revelando o entrelaçamento entre vivências pessoais e a memória coletiva da comunidade. Os resultados culminaram na exposição *Mulheres do Rosário, Teias do Tempo*, realizada na Casa da Pólvora, um espaço de memória até então associado a narrativas de dor e violência colonial. A exposição ressignificou este local como um território de resistência cultural, utilizando fotografias, vídeos e objetos para criar um diálogo intergeracional. Além de valorizar a identidade negra local, a ocupação reafirmou a relevância de práticas comunitárias na construção de novos sentidos para espaços históricos. Como parte do projeto, foi produzido um documentário poético-etnográfico, que não apenas eterniza as memórias registradas, mas também amplia sua acessibilidade por meio de um acervo audiovisual. Este material reafirma o potencial do audiovisual como ferramenta de preservação de patrimônios imateriais, permitindo narrativas mais inclusivas e enfrentando silenciamentos históricos. Ao destacar as vivências das mulheres negras do bairro Rosário, o projeto transcende a esfera artística para operar como um movimento de resistência cultural, social e educativa. Ele não apenas resgata histórias, mas também promove a valorização da memória coletiva, contribuindo para a construção de um campo museológico mais inclusivo e sensível às narrativas comunitárias e contra coloniais. Essa experiência reforça o papel da museologia comunitária como prática decolonial, evidenciando que a participação ativa das comunidades na gestão e valorização de seus patrimônios culturais é fundamental para a transformação social e para o fortalecimento de suas identidades. O projeto serve como inspiração para iniciativas similares, reafirmando o compromisso da museologia com a justiça social e o protagonismo das comunidades no processo de construção da memória.

Palavras-chave

Museologia social, memória, contra colonial, ancestralidade, audiovisual

O ECOMUSEU DELTA DO PARNAÍBA E A CONSTRUÇÃO DA GESTÃO PARTICIPATIVA DE UMA CONSERVAÇÃO DE USO SUSTENTÁVEL

Fernando Gomes

E-mail: phergomesphb@gmail.com

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

Com o advento da Nova Museologia, a natureza social e interdisciplinar no campo de estudos e intervenções dos museus e da museologia se abriram perspectivas de musealização de territórios, com a criação de museus comunitários, ecomuseus, museus integral e integrado etc. O objetivo desta pesquisa-ação foi analisar as potencialidades de um Ecomuseu na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, localizada nos Estados do Piauí, Ceará e Maranhão (Brasil). Esse território é constituído por uma população historicamente vulnerável, são pescadores/as, marisqueiras, catadores de caranguejo, agricultores/as familiares, além de outros tantos agrupamentos humanos de origens diversas que compõem um mosaico, de população pobre e sofrida devido às condições a que foram submetidas pelo modelo econômico hegemônico; são grupos com expressivo senso comunitário e que em sua maioria possuem profunda sabedoria relativa à convivência com seu lugar. A partir da análise de projetos de implantação de Ecomuseus no Brasil e no Mundo, e suas relações com Políticas de Conservação Ambiental, tomados como referência, propõe-se a construção de estratégias, vivências e experiências participativas para implementação do Ecomuseu Delta do Parnaíba, apoiando-se em uma Museologia Social e na Ecologia Política como base fundante desse novo pensar e agir. Aponta-se uma matriz de responsabilidade como método para o desenvolvimento local, pautada na Gestão Ambiental Pública e apoiada por ações de educação ambiental crítica, instaurando processos participativos consistentes e contínuos por meio dos quais as comunidades locais e sociedade tomem em mãos a construção de um território sustentável. Esta proposta vai na direção de cumprir o que se estabelece como "função social" de um museu. Busca-se empreender mecanismos de gestão compartilhada, participativa, integrada no seio da comunidade, visando despertar uma compreensão crítica e transformadora, na perspectiva da valorização e salvaguarda dos patrimônios locais que os cercam, sejam eles material, imaterial, natural e/ou cultural. Nesse sentido, o Ecomuseu Delta do Parnaíba se apresenta como espaço de pesquisa, documentação, educação, salvaguarda e comunicação dos patrimônios a partir dos quais as comunidades, baseadas no meio natural e na contextualização com o território possam revelar suas identidades e que sejam transformadoras da realidade, alcançando a desejável sustentabilidade.

Palavras-chave

Ecomuseu, Ecologia Política, Gestão Participativa, Desenvolvimento Comunitário, Sustentabilidade

PARA ALÉM DO OURO: levantamento arqueológico
de estruturas potencialmente domésticas no Parque
Arqueológico Morro da Queimada (PAMQ) – Terceira Etapa

Giovana Pereira Vizotto

E-mail: giovana.vizotto@aluno.ufop.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Ouro Preto

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1WcPRCuvf6Rr2pHyXQQtnoKYNfb2EIolv/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT9



GT9

Grupo de Trabalho 9. Pesquisas com Coleções e Museus Universitários

Coordenação

Mauricio Candido da Silva

E-mail: maumal@usp.br

Filiação Institucional: Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo - Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários

Graciele Karine Siqueira

E-mail: graciele@ufc.br

Filiação Institucional: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – Rede de Pesquisa em Museologia e (In)Formação e Patrimônio da Universidade Federal da Paraíba

Ana Luísa de Mello Nascimento

E-mail: luisa.mello@ufpr.br

Filiação Institucional: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

O patrimônio histórico, cultural, arqueológico, artístico, natural e científico brasileiro é notadamente representado, em boa parte, nas coleções universitárias. Os acervos existentes nas instituições de educação superior são utilizados no tripé pesquisa, ensino e extensão e abrangem todos os campos do conhecimento. De inestimável valor, as coleções abrigadas pelas universidades abrangem todos os campos do conhecimento e são preservadas para ensino, pesquisas e disponibilizadas de diferentes formas para a realização da extensão universitária. Na busca da preservação deste rico patrimônio, há mais de 30 anos, no Brasil, surgiram as primeiras iniciativas de grupos de profissionais, pesquisadores, docentes e estudantes com o objetivo de articular esses espaços para proteção e difusão do conhecimento científico produzido, a partir das coleções universitárias. Na atualidade esse movimento teve um novo impulso, quando várias iniciativas surgiram mostrando o seu potencial em articular o trabalho cooperativo necessário para a promoção deste conjunto patrimonial. O Grupo de Trabalho Pesquisas com coleções e museus universitários dentro do 6º Sebramus busca reunir estudos que abordem essa temática e ampliar a discussão sobre o tema. As recentes publicações e encontros acadêmicos demonstram a existência de muitas experiências museológicas que privilegiam a partilha de conhecimentos, as relações entre o ser humano, seus patrimônios e os campi universitários. Estes espaços museais são entendidos como dispositivos de transformação social, que têm como potência a intervenção dos detentores dos patrimônios em suas comunidades. São instituições sociais, educativas e políticas que provocam discussões de problemas recorrentes na contemporaneidade. Queremos com isso fortalecer o debate a partir da pluralidade de espaços museais, de museologias e de formas de inserção social que oportunizam a construção de conhecimentos e de políticas públicas que possam garantir direitos aos detentores de gerir seus patrimônios. O patrimônio histórico, cultural, arqueológico, artístico, natural e científico brasileiro é notadamente representado em boa parte pelas coleções universitárias. De inestimável valor, as coleções abrigadas pelas universidades são preservadas para pesquisas e ensino e disponibilizadas de diferentes formas para a realização da extensão universitária. Por fim, ressaltamos que o propósito de organizar o Grupo de Trabalho Pesquisas com Coleções e Museus Universitários está associado à organização do Fórum Permanente de Museus Universitários Brasileiros, cuja justificativa está baseada na necessidade de estabelecer canais de comunicação entre os profissionais, pesquisadores e estudantes que atuam em processos museais nesse tipo de instituição museológica. O Fórum completa 33 anos em 2025, e a próxima edição (8ª) ocorrerá entre os dias 25 e 29 de agosto de 2025, em Fortaleza, na Universidade Federal do Ceará, mantendo a tradição retomada em 2018 após um hiato de doze anos (2006) sem a reunião dos profissionais, pesquisadores e estudantes que atuam nas coleções e nos museus universitários brasileiros.

PRÁTICAS E ÉTICA NA MANUTENÇÃO DE COLEÇÕES CIENTÍFICAS UNIVERSITÁRIAS:

Uma Análise da Intersecção entre Museologia e Medicina

José Guilherme Veras Closs

E-mail: joseveras@usp.br

Mariana Matera Veras

E-mail: verasine@usp.br

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Universidade Federal do Pará

Resumo

Este estudo examina a importância das coleções científicas universitárias, em especial na área médica, para o ensino, pesquisa e preservação de patrimônios culturais e científicos (PC&C). A pesquisa enfatiza o conceito de musealização de bens *ex-situ*, que se refere à integração formal de objetos retirados de seus contextos originais nos acervos de museus universitários. Esse processo é essencial para a preservação da memória institucional e científica e para a valorização do patrimônio cultural e científico, permitindo que as universidades reforcem seu compromisso com a preservação histórica. O trabalho tem como objeto de estudo a Coleção de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), sendo realizada uma análise das práticas museológicas e éticas na gestão de coleções científicas. A investigação envolve uma revisão bibliográfica abrangente e uma análise comparativa entre práticas de conservação, preservação e políticas éticas, que refletem avanços tecnológicos e mudanças éticas no campo. Diretrizes formais, como regimentos internos, foram abordadas, ressaltando normas para catalogação, acesso para pesquisas, empréstimos e exposições. A documentação detalhada e digitalização dos espécimes, incluindo o uso de fotografias e imagens 3D, são indicadas como práticas fundamentais para assegurar a integridade e acessibilidade da coleção. No que diz respeito à preservação física, o estudo menciona o uso de técnicas como glicerina, plastinação e formaldeído, necessárias para evitar a degradação biológica e a contaminação microbiana dos itens. Contudo, esses métodos apresentam desafios específicos que precisam ser enfrentados para garantir a longevidade das peças. Além disso, o estudo trata das diretrizes éticas essenciais para a gestão de remanescentes humanos, propondo um equilíbrio entre o respeito à dignidade dos indivíduos representados e o valor histórico e científico dessas coleções. Esse enfoque ético visa assegurar que as práticas de conservação respeitem os direitos das pessoas, reforçando a relevância das coleções científicas não apenas como fonte de conhecimento, mas também como elementos que refletem questões culturais e sociais em museologia e medicina.

Palavras-chave

Museologia médica, Coleções científicas universitárias, Patrimônio cultural e científico

GALERIA DE RETRATOS DOS CONVENCIONAIS: a dinâmica e formação do acervo museológico

Anicleide Zequini

E-mail: ani.zequini@usp.br

Filiação Institucional: Museu Paulista

Museu Republicano da Universidade de São Paulo

Resumo

A proposta de comunicação pretende discorrer sobre a dinâmica de formação de um acervo de retratos para formação, entre as décadas de 1920 a 1940, de uma Galeria dos Convencionais organizada por Affonso de E. Taunay para compor uma das primeiras exposições do Museu Republicano “Convenção de Itu”, inaugurado em 18 de abril de 1923. A Galeria, considerada uma das fases da construção de um memorial, pretendia representar no Museu os 133 republicanos provenientes de 18 localidades da província de São Paulo que se reuniram, em 18 de abril de 1873, na que ficou conhecida como a Convenção de Itu, onde foram lançadas as primeiras bases para a formação do Partido Republicano Paulista. Para compor esta Galeria, Afonso de Taunay iniciou os trabalhos de busca e localização de familiares que pudessem encaminhar ao Museu fotografias dos Convencionais de 1873. Para tanto, Taunay se valeu de uma ampla rede de informação, o qual incluíram funcionários da Instituição, familiares dos Convencionais e anúncios publicados em jornais de grande circulação. As fotografias encaminhadas, depois de copiadas por fotógrafos locais como Frederico Egner (década de 1920-30) e Sétimo Catherini (década de 1940), serviram como matrizes para a pintura dos retratos realizados por encomenda à diversos artistas que as “ampliaram em Telas”. Entre eles o acervo conta com retratos pintados por como Tarsila do Amaral, Wash Rodrigues, Pedro Alexandrino Borges, Henrique Manzo, Theodoro Braga, Paulo Vergueiro Lopes Leão, Henrique Távola, Joaquim da Rocha Ferreira, Oscar Pereira da Silva, Paulo do Valle Junior, João Batista da Costa, Pedro Bueno, Bernardino de Souza Pereira, Adrian Henri Vital Emelen, Salvador Parlagreco, Aladino Divani e José Marques Campão. Esta Coleção de Retratos, constitui um dos mais importantes acervos do Museu Republicano de Itu, extensão do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. A pesquisa no acervo e arquivo institucional permitiram recompor o processo de sua formação.

Palavras-chave

Museu Republicano de Itu, Retratos de Convencionais; Convenção de Itu

ISMAEL DE BARROS:

Itinerários de um Patrimônio Cultural Universitário na UFBA

Celina Rosa Santana

E-mail: celina.rosa@ufba.br

Isabella D'Eça Almeida

E-mail: isabella.dalmeida@yahoo.com.br

Mauro Lucio da Silva Junior

E-mail: contatomaurolucio@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

A proposta aqui apresentada parte de uma pesquisa mais ampla realizada no âmbito do Memorial Artístico e Histórico da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (MAH/EBA/UFBA), buscando compreender a trajetória artística de Ismael de Barros (1898-1993), que foi um aluno e um importante professor da instituição, contribuindo de forma relevante para a formação de diversos artistas na Bahia. A investigação teve como ponto de partida as obras em gesso do artista, como os bustos e os medalhões representando personalidades da comunidade acadêmica da instituição, salvaguardadas no acervo do referido setor. Os resultados parciais revelaram que o seu legado é ainda mais abrangente, com obras presentes em outros espaços acadêmicos da universidade. Considerado um artista talentoso que, segundo Jorge Amado (1945), destacou-se pela perfeição técnica de suas obras, Ismael de Barros foi um escultor baiano que iniciou os estudos aos 20 anos na antiga Academia de Belas Artes da Bahia (ABAB). Essa relação compreende 48 anos entre o início da sua formação acadêmica até sua aposentadoria em 1966. A extensa produção artística de Barros e sua contribuição na escola, atualmente encontra-se fragmentada e dispersa em diversos ambientes da universidade e, principalmente, sub-representação na literatura acadêmica sobre a arte baiana e brasileira. Assim, entendemos esse conjunto de obras, juntamente com a figura de Ismael de Barros, como fragmentos ou indícios que ajudam a compreender o que o Council of Europe (2005) define como “patrimônio cultural universitário”: bens tangíveis e intangíveis relacionados às práticas e à função social da universidade. Nesse contexto, propomos aqui aplicar a metodologia do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, que busca desvelar realidades pouco visíveis por meio da análise e do cruzamento de indícios e rastros que, em outras circunstâncias, poderiam passar despercebidos. Ao mobilizar a metodologia mencionada, intentamos analisar os vários indícios dispersos e invisibilizados deixados na universidade por Ismael de Barros, seja em suas obras espalhadas, seja nos documentos institucionais que revelam parte de sua relação com a universidade e de sua vida pessoal e profissional. Dessa forma acreditamos que a utilização e adaptação da metodologia criada pelo historiador italiano não apenas contribui para valorizar o conjunto da obra de Ismael de Barros, mas também fomenta uma reflexão mais ampla sobre a importância do reconhecimento e preservação do patrimônio cultural nas instituições de ensino superior.

Palavras-chave

Patrimônio Cultural Universitário, Ismael de Barros, Acervo Universitário

CONSTRUINDO A MEMÓRIA: O Inventário do Acervo Artístico da Universidade Federal da Paraíba

Maycon José Alves de Andrade Albuquerque

E-mail: maycon.andradw@gmail.com

Marisa Pires Rodrigues

E-mail: rodriguesmp@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo aborda a sistematização do acervo artístico da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com ênfase na criação de um registro digital para a preservação desse patrimônio. A UFPB acumulou uma vasta coleção de obras de arte, mas apenas em 2017 o inventário começou a ser desenvolvido formalmente. Nesse ano, uma das duas museólogas da universidade, atuando como vice coordenadora da Pinacoteca UFPB, iniciaram projetos de extensão voltados para o inventário da Pinacoteca e da Sala Hermano José, estabelecendo as bases para a organização desses acervos. A falta de um inventário formal antes de 2017 resultou em possíveis perdas de peças, devido à ausência de medidas adequadas de conservação. A partir de 2022, o projeto ganhou força com o apoio da outra museóloga, tornando-se uma iniciativa estratégica na UFPB e consolidando o inventário como prioridade para a gestão do patrimônio artístico-cultural da instituição. Com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e o trabalho conjunto das duas museólogas e seus bolsistas, o inventário avançou significativamente, registrando mais de 5136 obras, até o momento, organizadas em fichas técnicas e formulários eletrônicos, seguindo as diretrizes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O principal objetivo é proteger o acervo acumulado em mais de seis décadas e torná-lo acessível ao público. As coleções dos museus universitários, especialmente no contexto das artes visuais, são essenciais para o ensino e pesquisa dos cursos de Artes Visuais e áreas afins, como Arquitetura e Design. O acervo artístico da UFPB permite que estudantes tenham contato direto com obras importantes, promovendo uma interação valiosa com a produção artística regional e nacional. Além disso, essas coleções estimulam o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, favorecendo o aprendizado teórico e prático dos futuros profissionais das artes e cultura. O inventário não só melhora a conservação das obras, mas também facilita novas pesquisas e futuras exposições. Ele amplia o acesso ao acervo, promovendo a democratização da cultura. Com o registro digital, a UFPB visa aproximar a comunidade e incentivar uma interação mais rica com o patrimônio cultural da universidade.

Palavras-chave

Inventário de Acervo, Acervo Universitário, Museologia e Preservação, Democratização da Cultura

A COMISSÃO DE ACERVO DO MUSEU PAULISTA-USP: revisando o ingresso de artefatos no acervo institucional

Ana Paula Nascimento

E-mail: ananas1@usp.br

Giovanna Onias Grotti

E-mail: 00giovanna.onias00@usp.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

O Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP-USP) é um dos mais antigos museus do país. Criado em 1893 como Museu do Estado, foi inaugurado em 1895 no edifício-monumento do Ipiranga, prédio este concebido inicialmente como marco comemorativo da independência nacional. Possuindo então um perfil enciclopédico, voltado para a história natural, esteve desde sempre atrelado à pesquisa. A partir de 1917 o perfil do acervo passa paulatinamente a ser alterado, cada vez mais abrangendo artefatos relacionados à história, em especial a das elites paulistas ligadas à cafeicultura e à política nacional por intermédio do Partido Republicano Paulista (PRP). Ao mesmo tempo que segmentos do acervo eram ampliados, outros foram transferidos para entidades diversas, como a Pinacoteca de São Paulo (1905, 1947 e 1948), o Instituto Biológico (1928), a Secretaria de Agricultura do Estado, dando origem ao Museu de Zoologia (1939), o Museu do Café Francisco Schmidt (década de 1950), o Museu de Arte Sacra (1969) e, finalmente, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (1989), época em que Ulpiano Bezerra de Meneses assume a direção da instituição e a reorganiza como um museu voltado para a história e cultura material, estruturado por meio da curadoria solidária em três linhas principais de pesquisa: “Cotidiano e Sociedade”, “História do Imaginário” e “Universo do Trabalho”. Após a requalificação e ampliação do edifício sede em São Paulo e abertura de 11 exposições de longa duração em setembro de 2022, a demanda reprimida de propostas de ofertas para doação e compra de artefatos e conjuntos cresceu exponencialmente. Em 2023 foi formada a Comissão de Acervos, cujos principais objetivos são organizar e apresentar as propostas de doação e compra para o acervo institucional, encaminhar os processos de doação e compra e fornecer subsídios à revisão da política de acervo institucional. A proposta ora apresentada visa expor os primeiros resultados da Comissão, a partir das discussões realizadas desde a implementação para avaliação das propostas, como da reavaliação da política de acervo e revisão das linhas de pesquisa, ampliando o conhecimento sobre o acervo e as possibilidades de mobilização.

Palavras-chave

Acervo, Museu Paulista, Pesquisa, Política institucional

PLANEJAMENTO E GESTÃO MUSEOLÓGICA EM UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS

Daniela Vicedomini Coelho

E-mail: danivcoelho@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Lusófona

Resumo

A comunicação versará sobre redes e/ou sistemas de museus e espaços museológicos vinculados a universidades federais brasileiras, enquanto dinâmica recente voltada para a gestão e qualificação da 'dimensão museal' sob tutela dessas instituições públicas de ensino superior. A estruturação de tais redes/sistemas colaborativos no organograma das estruturas universitárias federais foi iniciada em 2001, com a criação da primeira Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. Boa parte das dez iniciativas mapeadas foram institucionalizadas no âmbito de Pró-Reitorias de Extensão e/ou Cultura, tendo sido impulsionadas pela necessidade de compartilhamento de experiências e de recursos, configurando-se em estratégia para o alcance de maior visibilidade desse importante patrimônio universitário brasileiro, gerido por grupos de docentes, discentes, pesquisadores, e profissionais, de dentro e de fora da comunidade acadêmica. O mapeamento que se pretende apresentar foi realizado no âmbito do projeto de investigação a nível de doutoramento em fase final de conclusão na Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa, cujo objeto central tem sido refletir sobre a relação entre a universidade e seus espaços e processos museais, buscando enfatizar as reciprocidades entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, e aquelas de preservação patrimonial inerentes a 'pedagogia museológica' (Bruno, 2020). A metodologia para a sistematização desse levantamento fundamentou-se em nossa observação participante no VI e VII Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), e em leituras de produção acadêmica de membros integrantes dessas estruturas colaborativas. A pesquisa foi impulsionada a partir meio de nossa colaboração para desenvolvimento de Planos Museológicos em conjunto com as equipes de quatro museus da Universidade Federal de Uberlândia, quais sejam: Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC); Museu de Minerais e Rochas (MUMRO); Museu DICA - Diversão com Ciência e Arte (DICA) e Museu Universitário de Arte (MUa), todos integrantes do Sistema de Museus da UFU e para o qual propomos algumas ações de reposicionamento institucional que também serão apresentadas enquanto amadurecimento de nossa jornada doutoral.

Palavras-chave

Universidades Federais, Planejamento e Gestão Museológica, Redes e Sistemas

INTERSECÇÕES DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E MUSEOLOGIA NAS COLEÇÕES DO MUSEU CÂMARA CASCUDO

Jacqueline Souza Silva

E-mail: jacqueline.silva@ufrn.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este estudo investiga as intersecções entre História da Ciência e Museologia, enfocando o papel das coleções do Museu Câmara Cascudo (MCC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) como instrumentos essenciais para a extensão universitária. Fundamentado nas teorias contemporâneas de museologia crítica, o MCC atua na convergência dessas disciplinas, preservando acervos que refletem o desenvolvimento científico regional e registram o patrimônio cultural, histórico, científico e natural. As coleções do MCC não apenas servem como repositórios de objetos, mas também como ferramentas pedagógicas que promovem uma compreensão histórica das ciências. Através de iniciativas educativas e práticas de extensão, como os projetos Ciência Andante do Setor de Paleontologia, o Projeto Cultura Material da Ciência e o projeto Aventura em Quadrinho do Setor de Museologia, entre outros, o MCC vem buscando integrar suas coleções em atividades que engajam diversos públicos, desde estudantes até a comunidade local. Esses projetos exemplificam como o MCC utiliza suas coleções para contextualizar o conhecimento científico dentro de um escopo histórico e social, promovendo uma compreensão crítica das ciências. Além disso, reforçam as identidades regionais e valorizam o patrimônio multidimensional, atuando como agentes de transformação social. O estudo discute os desafios enfrentados pelo MCC na acessibilidade e relevância de seu acervo para o público contemporâneo, propondo caminhos para inovação e inclusão nas práticas museológicas universitárias. A integração de coleções digitais e metodologias colaborativas emerge como uma estratégia para aumentar a participação e o engajamento do público, alinhando-se com as tendências de democratização do conhecimento e preservação digital. Ao destacar a intersecção entre História da Ciência e Museologia, este trabalho evidencia a importância do MCC não apenas como um repositório de bens culturais e científicos, mas como um facilitador ativo na construção de uma sociedade mais informada e culturalmente consciente. Contribui para a formação de identidades regionais e para a sustentabilidade do patrimônio local, demonstrando como museus universitários podem ser pilares na disseminação e preservação do conhecimento científico e cultural.

Palavras-chave

Museus e Coleções Universitárias, História da Ciência, Extensão Universitária

A RECUPERAÇÃO DA COLEÇÃO HISTÓRICA HENRIQUE ARAGÃO (IOC/FIOCRUZ) E SUA CARTILHA DE CONSERVAÇÃO

Liege Renata Siqueira

E-mail: liegebio@hotmail.com

Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira

E-mail: barbaradias@ioc.fiocruz.br

Marinete Amorim

E-mail: mamorim@ioc.fiocruz.br

Marcelo Pelajo Machado

E-mail: mpelajo@ioc.fiocruz.br

Filiação Institucional: Fundação Oswaldo Cruz

Resumo

Coleções Biológicas são, por definição, constituídas por “organismos, ou parte deles, preservados fora do ambiente natural e organizados com dados da coleta e identificação taxonômica” (Papavero, 1994; Marioni et al, 2024). São responsáveis pela conservação de espécimes-testemunho, seus registros e documentos associados que representam uma fonte importante de informação histórica, cultural e biológica. As Coleções Biológicas são também patrimônio científico-cultural (Constituição Federal de 1988, art.216). Elas estão inseridas em instituições de pesquisa e ensino, auxiliando como coleções didáticas nas aulas práticas, ocorrendo a integração entre universidades e laboratórios. Atualmente, a Fundação Oswaldo Cruz possui 36 Coleções Biológicas e muitas apresentam forte caráter histórico, como é o caso do acervo histórico do Dr. Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão (1879 – 1956). O acervo, que está sob a guarda da Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades CAVAISC- IOC/Fiocruz, é composto por lâminas de esfregaços, blocos em parafina e cortes histológicos, bem como documentos associados, fruto da atuação do pesquisador ao longo de sua trajetória profissional no Instituto Oswaldo Cruz e narra as atividades científicas na elucidação de doenças tropicais relevantes que acometiam o país no início do século XX. Dessa forma, os exemplares são de enorme importância médica e biológica e possuem potencial de pesquisa em múltiplas áreas do conhecimento. Assim, identificando a relevância e a necessidade de ações específicas na conservação desses exemplares, foi elaborada uma Cartilha de Conservação para Coleções Biológicas, resultado da pesquisa de mestrado de Liege R. Siqueira pelo Programa de Pós-graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde- PPGPAT/COC/Fiocruz. As atividades de preservação do acervo compreenderam o diagnóstico do estado de conservação das diferentes tipologias de suporte da coleção, a elaboração de uma metodologia de conservação para o acervo, inventário e o restauro do material biológico. Além disso, o material, após ações de conservação e restauro, foi digitalizado e incluído no banco de dados para acesso interno e para a comunidade científica. Em resumo, a Cartilha apresenta as atividades realizadas na Coleção histórica do Aragão e procura auxiliar outras coleções científicas que possuem acervo histórico a realizarem atividades adequadas de preservação do material salvaguardado.

Palavras-chave

Coleção Biológica, Conservação-Restauração, Cartilha

CONEXÃO ENTRE CULTURA E BIODIVERSIDADE EM MUSEUS UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL E COLÔMBIA

Yenifer Carolina Cajas Guaca

E-mail: yenifercajasg@usp.br

Maria Isabel Landim

E-mail: milandim@usp.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

Os Museus de História Natural são essenciais para conectar o patrimônio natural e cultural. Em instituições universitárias, além de preservar e promover o conhecimento por meio de suas coleções, esses museus atuam como agentes de conscientização e transformação social. Por meio de exposições e atividades educativas, estabelecem conexões profundas com as comunidades locais, criando pontes entre a sociedade e a ciência. Dessa forma, promovem a conscientização sobre a biodiversidade como patrimônio cultural e natural, além de contribuir para a formação de cidadãos críticos e informados. Em países como Brasil e Colômbia, que se destacam por sua megadiversidade (SiB, 2022; BRASIL, 2024) e pluralidade étnica e cultural (MESA, 2019), os museus enfrentam o desafio de representar a megadiversidade e as interações entre o ambiente e a cultura, promovendo a conscientização e o compromisso social diante emergências climáticas que acarretam a perda de biodiversidade. Esta pesquisa analisa como a biodiversidade é apresentada em duas exposições em museus universitários de países mega diversos: “Biodiversidade: conhecer para preservar” do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo MZUSP e a exposição permanente do Museu de História Natural da Universidade Nacional da Colômbia. O objetivo é examinar se as exposições estabelecem uma conexão com contextos mega diversos ambientais e culturais e comparar a representação da biodiversidade nos museus estudados. Para isso, analisamos os recursos expositivos, como se estruturam as narrativas e a profundidade com que abordam conceitos-chave sobre biodiversidade e suas interações com a cultura. Dentre os componentes de provisão atribuídos aos serviços ecossistêmicos, encontramos o componente cultural assinalando de forma inequívoca a relação entre ambientes e culturas ricas e saudáveis. Este componente raramente é assinalado nas exposições dos museus, mas certamente representa uma estratégia de engajamento da sociedade com os temas ambientais ao vinculá-lo à cultura. Essas narrativas devem ser ativas na promoção da reflexão e de ações frente às emergências ambientais, promovendo soluções sustentáveis para mitigar os impactos antropogênicos e oferecer novas perspectivas para o futuro. O presente estudo está sendo desenvolvido no âmbito do mestrado em Museologia no PPGMus-USP, no Laboratório de Museologia do MZUSP. Os resultados parciais que abrangem a análise dos dados da exposição de longa duração do MZUSP serão apresentados.

Palavras-chave

Biodiversidade, Cultura, Museus de História Natural

FIGURINOS DE TEATRO DA COLEÇÃO HUGO RODAS:
musealização e pesquisa museológica na
Universidade de Brasília

Marijara Souza Queiroz

E-mail: marijara@unb.br

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Apresenta resultados do processo de musealização da coleção Hugo Rodas a partir de ações de preservação, documentação, pesquisa e comunicação desenvolvidas no Laboratório de Museografia e Exposições Curriculares do Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB) no âmbito da Extensão Curricular, em 2024. O projeto foi viabilizado pelo Edital nº 9/2024 do Programa de Extensão Espaço da Memória e Inserção Curricular da Extensão, do Decanato de Extensão, para ocupação do Espaço de Memória da UnB (Memo-UnB). Este foi criado para divulgar acervos e coleções científicas, naturais, históricas ou artísticas da UnB, sejam material ou imateriais. Neste caso, o processo de musealização se dá a partir dos métodos e técnicas adotadas junto à coleção e institucionalidade assegurada pelo financiamento via edital. Preservar o acervo artístico do Departamento de Artes Cênicas que estava encaixotado em depósito de forma inadequada sob risco de perda iminente foi o objetivo principal da ação. Após diagnóstico sobre o estado de conservação, seguiu-se às etapas de identificação e classificação dos itens da coleção com subsídios da pesquisa documental e iconográfica. A exposição museológica, para além de ferramenta comunicacional, foi síntese temática que depôs sobre os figurinos de teatro como bem cultural de valor artístico e patrimônio da UnB. Dessa forma, nos interessa analisar o desenvolvimento da exposição “O traje de cena na coleção Hugo Rodas”, cuja curadoria foi delineada pela prática museológica que conduziu à seleção de 19 trajes de teatro exibidos por duas semanas no Memo-UnB. A ação resultou no registro e acondicionamento de 101 itens da coleção de figurinos reunidos entre 1980 e 2022 por Hugo Renato Guisto Rodas, nascido em Juan Lacaze, Uruguai, em 27 de maio de 1939 e falecido em Brasília, Brasil, em 13 de abril de 2022. Hugo Rodas foi pianista, bailarino, diretor de teatro, ator, figurinista, cenógrafo, coreógrafo e Professor Emérito da UnB. Na totalidade, a coleção é composta por cartazes, folders, fotografias, CD's, DVD's, cartas e outros itens que não foram tratados ou divulgados no escopo da exposição que priorizou o traje de cena pela fragilidade material dos têxteis. Entretanto, tais coleções necessitam de políticas institucionais que possibilitem a preservação para fins de uso e apropriação do patrimônio universitário.

Palavras-chave

Musealização, Coleção, Hugo Rodas

COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS COMO ESPAÇOS DE ENSINO: A Rede de Coleções e Museus da UFPA como elo entre o ensino da museologia e o Patrimônio Universitário

Carolina Barros de Paula

E-mail: carolinabpaula@gmail.com

Jessica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

A pesquisa “Integração das Coleções Universitárias em uma Abordagem de Aprendizagem Baseada em Projetos no Curso de Museologia da UFPA: Desenvolvimento de Recursos e Experiências Práticas”, desenvolvida no programa de extensão “Rede de Coleções e Museus da UFPA”, versa sobre como as coleções e museus universitários podem ser usados como espaços de ensino na formação de futuros profissionais museólogos, considerando o caráter e potencial pedagógico desses acervos, por servirem como objetos de ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, propõe-se uma abordagem de ensino da museologia que seja contextualizada e ativa, no qual os discentes da graduação possam aprender na prática os processos museológicos por meio de metodologias ativas que se baseiam em desenvolvimento de projetos, permitindo que os estudantes apliquem conceitos teóricos e práticos em contextos reais, além de propor soluções para esses acervos que sofrem por falta de mão de obra qualificada para a realização de certos processos museológicos, sob supervisão. Essa abordagem prática e interdisciplinar, além de possuir caráter formador de futuros profissionais da museologia, também tem como intuito desenvolver projetos que visam a salvaguarda do patrimônio científico e cultural universitário. A ideia defendida é que, ao envolver as coleções em projetos desenvolvidos junto a disciplinas práticas, os estudantes de museologia têm a chance de aplicar a teoria em situações reais, o que amplia sua compreensão da área e os prepara para o mercado de trabalho. Sendo assim, trabalhar diretamente com coleções universitárias permite que desenvolvam habilidades práticas, como curadoria, conservação, documentação e organização de exposições, além de explorar questões específicas do exercício da museologia. Para isso, a pesquisa foi aplicada por 6 meses com duas turmas do curso de museologia da Universidade Federal do Pará, nas quais os discentes, por intermédio da Rede de Coleções e Museus da UFPA, puderam desenvolver atividades e mini projetos com a coleção didática do curso de Museologia, permitindo que os discentes pensassem em soluções para problemáticas reais enfrentadas pelo acervo e demonstrando que as redes de museus universitários, bem como as próprias coleções, podem desempenhar um papel fundamental e transformador nos processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave

Museus Universitários, Rede de Museus, Ensino da Museologia.

MUSEU DO DOCE DA UFPEL E A PRESERVAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS

Noris Mara Pacheco Martins Leal

E-mail: norismara@hotmail.com

Bruna Frio Costa

E-mail: brunafriocosta@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Pelotas

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo debater o papel dos museus universitários na preservação dos saberes tradicionais, entendendo que os museus têm como base a extensão universitária onde proporcionam que a comunidade tenha acesso ao conhecimento produzido na academia e, mais do que isso, proporciona que os saberes tradicionais passem de objetos a sujeitos da preservação. Nessa perspectiva entendemos que as ações desenvolvidas pelos museus devem continuamente buscar valorizar o conhecimento já produzido a partir de atividades em espaços formais e não formais de ensino e educação, além de diferentes formas de comunicar o saber-fazer. Os detentores desses conhecimentos devem ser chamados a protagonizar as ações propostas pelos museus, para além de serem objetos das exposições museológicas, estes detentores devem ser chamados a participar de toda a cadeia operatória da instituição. desta forma as instituições cumprem sua função social promovendo a sustentabilidade e a diversidade cultural, o que enriquece a vida em sociedade e que promove a resiliência das comunidades. Neste trabalho vamos apresentar como o museu do doce vem desenvolvendo este tema na sua cadeia operatória e como são tratados os temas como diversidade cultural e inclusão; museus e desenvolvimento econômico sustentável; preservação, salvaguarda e promoção do patrimônio cultural doceiro de pelotas e região. A instituição, que pertence e é mantida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), é um Órgão Suplementar do Instituto de Ciências Humanas (ICH). É uma instituição universitária, que tem sua origem marcada por iniciativa da comunidade, sobretudo a doceira ligada à Feira Nacional do Doce, que idealizava a existência de um museu para sua tradição, desde a década de 1990. Hoje consolidado perante a comunidade, o Museu tem como missão a salvaguarda das tradições doceiras. Desde a abertura de suas portas em 17 de maio de 2013 vem atuando para a difusão, para as novas gerações, do conhecimento produzido sobre a tradição doceira da região, ao desenvolver atividades de educação para o patrimônio em espaços formais e não formais (museu, quilombos e comunidades periféricas) de educação. Ao potencializar essas ações educativas, busca comunicar o saber-fazer doceiro e assim fortalecer sua transmissão. Colocando, como prioridade, no centro das ações os próprios agentes ligados à produção dos doces buscando evidenciar a dimensão humana do patrimônio e igualmente valorizando os próprios protagonistas e detentores desses saberes.

Palavras-chave

Museus Universitários, saberes tradicionais, Museu do Doce

O MAU CRESCE AO OLHAR DA(O) LUPA

Daniele Rodrigues Barros Nunes Negrão

E-mail: nunesnegrao@gmail.com

Rafael de Luna Freire

E-mail: rafaeldeluna@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal Fluminense

Resumo

O MAU ou Museu Audiovisual Universitário integra o Laboratório Universitário de Preservação de Audiovisual-LUPA. Este, por sua vez, é vinculado ao Departamento de Cinema e Vídeo e ao Programa de Pós-Graduação de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense-UFF, do Instituto de Arte e Comunicação Social-IACS. Por esta razão, não podemos falar do MAU sem antes falar da criação e do trabalho desenvolvido pelo LUPA, pois foram estas atividades que permitiram a criação do museu. O Laboratório surgiu, em 2017, através da iniciativa de alguns professores e alunos do curso de graduação em Cinema e Audiovisual que sentiram a necessidade de um espaço para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação na universidade, no âmbito da preservação audiovisual, voltando-se para a salvaguarda, prioritariamente, da cultura audiovisual amadora do estado do Rio de Janeiro, por meio da reunião de acervos pessoais. Após sua criação, o LUPA também passou a ser responsável pela organização dos equipamentos considerados “obsoletos” do curso de cinema da UFF. Junto a isso, além da doação de coleções de filmes amadores, o LUPA passou a receber também os equipamentos da família desses realizadores. Mesmo sem ter um espaço e tendo como objetivo inicial a preservação das películas, o LUPA entendeu que sua missão não era só com o tratamento e guarda dos filmes, mas também, a preservação de equipamentos audiovisuais que se tornavam artefatos históricos. Assim, em 2024, o LUPA passou a ter uma equipe e um espaço especialmente destinado para esse acervo, levando à recente criação formal do MAU, que já conta com mais de 300 peças catalogadas, inclusive acervos originários do documentarista Isaac Rozemberg. De origem romena, Isaac radicou-se na Bahia prestando, mais tarde, serviços para o Governo. Dentre esses trabalhos audiovisuais, destacam-se a construção de Brasília e inúmeras imagens sobre a seca no país, além da propaganda do próprio Governo. Um museu ainda sem espaço expositivo, mas que possui um enorme potencial, tanto junto a universidade quanto a sociedade.

Palavras-chave

Patrimônio Audiovisual, Museu Audiovisual Universitário, Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual

**O MAU CRESCE AO OLHAR DA(O) LUPA. DESAFIOS DA
CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NA AMAZÔNIA:**
Caso do Herbário Normélia Vasconcelos - HF

Thainá Celeiro Machado

E-mail: thaymachado3@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

Os herbários passaram por uma longa evolução até alcançar sua configuração atual. Inicialmente, eram pequenos livros de registro com plantas secas, hoje, possuem grande importância no contexto botânico, abrigando desde frutos até exsicatas. Os acervos de herbários são essenciais, pois armazenam uma vasta gama de informações científicas úteis para diversas áreas do conhecimento, além de estarem intrinsecamente ligados às experiências regionais e à memória coletiva. Na Amazônia, a manutenção dos herbários enfrenta desafios devido às características climáticas locais e à falta de protocolos adaptados para essa realidade. Para isso, as instituições têm adotado práticas de Conservação Preventiva, com o objetivo de garantir a durabilidade científica, estética e cultural das coleções. A pesquisa tem como objetivo avaliar as condições ambientais do Herbário NORMÉLIA VASCONCELOS - HF, por meio da gestão de riscos, e sugerir estratégias para a implementação de ações curatoriais preventivas voltadas à preservação do acervo da instituição. O Herbário HF foi criado na década de 1970, dentro do campus Belém da Universidade Federal do Pará, e atualmente está sob a responsabilidade do Instituto de Ciências Biológicas (ICB). O acervo do herbário segue sendo constantemente atualizado pela curadora e alunos bolsistas e voluntários. Também recebe exemplares provenientes de coletas realizadas em aulas de campo, pesquisas acadêmicas e consultorias com parceiros, como a Hidro, o que abrange os três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Observa-se que, embora existam oscilações nos agentes de deterioração, o acervo do herbário se encontra em bom estado de conservação. Isso indica que os parâmetros ideais para conservação, muitas vezes citados nas normativas existentes, podem não refletir as particularidades da realidade amazônica. Este estudo, portanto, visa adaptar as práticas de conservação preventiva à região amazônica, oferecendo compreensões valiosas sobre como melhorar a preservação desse tipo de acervo biológico cultural, levando em consideração as condições locais específicas e os desafios enfrentados pelos herbários na região.

Palavras-chave

Herbários, Conservação Preventiva, Amazônia

ENTRE MUSEUS E COLEÇÕES BIOLÓGICAS: um olhar para a Coleção de Febre Amarela do Instituto Oswaldo Cruz

Bianca Scofano Barbosa

E-mail: biancascofano@gmail.com

Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira

E-mail: barbara.micro@gmail.com

Filiação Institucional: Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz

Resumo

As coleções biológicas e seus materiais associados, como documentos, cadernos e ilustrações representam um patrimônio científico-cultural de importância e são consideradas fundamentais para o conhecimento da biodiversidade, bem como o seu potencial para pesquisas em diversas áreas do conhecimento (Sá, Silva, 2016; Marioni et al, 2024). No Brasil, sua proteção é prevista no artigo 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988. Historicamente, no contexto europeu, especialmente entre os séculos XVIII e XIX e, no Brasil, com o Império, os museus tiveram papel central na formação e circulação de saberes, técnicas, de objetos e agentes humanos, como naturalistas e cientistas (Alberti; Hallam, 2013; Lopes, 2009; Kury; 2001; Sá, 2014). No que tange às coleções de anatomia e histopatologia, para além dos hospitais, a bacteriologia introduziu um espaço que modificou o estudo das ciências biomédicas e ampliou o circuito de conhecimento nos séculos XIX e XX: os laboratórios (Edler, 2014; Benchimol, 2004). Além disso, coleções biológicas e científicas estão, notadamente, preservadas em museus universitários e instituições científicas, fruto de sua formação e da integração com hospitais, universidades e laboratórios. Nas últimas décadas, a análise da materialidade desses objetos e coleções, assim como de seus usos e trajetórias, vêm sendo consolidados nos estudos sociais das ciências, na história, antropologia e na museologia. São compreendidos como ricas fontes para refletir sobre as circunstâncias de sua construção, técnicas, dinâmicas socioculturais e de produção de conhecimentos entre cientistas e instituições (Alberti, 2005; Daston, 2000; Lima; Cordeiro, 2001). Nesse sentido, a presente comunicação se propõe a apresentar uma análise preliminar sobre a trajetória da Coleção de Febre Amarela do Instituto Oswaldo Cruz, atualmente sob a guarda do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz- IOC/Fiocruz. Formada pela Fundação Rockefeller e o governo brasileiro a partir do final da década de 1920, a coleção é composta por amostras de fígado coletadas por viscerotomia, blocos de parafina e lâminas histopatológicas de casos suspeitos de febre amarela do território brasileiro e de países da América Latina e África, bem como por documentos, hoje sob a guarda do Departamento de Arquivo e Documentação -COC/Fiocruz (Benchimol, 2001). Através da análise de correspondências, relatórios anuais do Laboratório de Histopatologia e outras fontes, identifica-se, uma rede de conhecimento diretamente atrelado à sua produção, desenvolvimento de saberes e técnicas em torno da febre amarela e os seus diferentes usos, valores e potencialidades enquanto patrimônio científico-cultural. Como resultado, foi identificado uma série de informações sobre a coleção que fortalecem o seu reconhecimento, valoração e potencial para uma melhor preservação e gestão.

Palavras-chave

Febre amarela, história das ciências, coleções biológicas, museologia

PESQUISA EM DEBATE:

Extroversão do acervo como objeto de pesquisa

Luciene Aranha

E-mail: luciene.aranha@gmail.com

John Keven Nunes Silva

E-mail: john.silva@mackenzie.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

O Pesquisa em Debate é um projeto desenvolvido pelo Centro Histórico e Cultural Mackenzie – CHCM, órgão ligado à chancelaria do Instituto Presbiteriano Mackenzie que, desde 1997, desenvolve ações de preservação, conservação e extroversão da memória tanto institucional, quanto da cidade de São Paulo, sendo responsável, através de sua equipe multidisciplinar, por desenvolver ações culturais e educativas para aprimorar a integração entre o espaço cultural e a sociedade. Uma das ações culturais desenvolvidas é o Pesquisa em Debate, que acontece em edições mensais, coordenadas e mediadas pelo setor de pesquisa e a área de curadoria. O projeto conta com a participação de professores da Universidade Presbiteriana Mackenzie e convidados externos, em sessões de cerca de uma hora e meia, abertas ao público e acesso através das redes sociais. Durante o debate, o professor convidado apresenta os resultados e reflexões sobre sua pesquisa e, em seguida, é possibilitado ao público colocar seus questionamentos. Como exemplo podemos citar alguns temas de Pesquisa em Debate que ocorreram esse ano: “O papel das mulheres na história do Mackenzie: Escola Americana”; “Liderança feminina no Brasil: Um estudo sobre a trajetória e vida de Esther de F. Ferraz (1915-2008)”; “Tito Lívio Frascino: Uma referência saliente da arquitetura paulista”; “A presença de Mackenzistas nos projetos dos grandes “Arranha-Céus” de São Paulo” e “Pioneiras da Química no Brasil: A Trajetória de três Mulheres na Ciência Brasileira”. É importante frisar que a diversidade das temáticas abordadas nos debates reflete a abrangência do acervo do CHCM. Cerca de trezentas pessoas participaram presencialmente dessas edições do Pesquisa em Debate ao longo de 2024. Porém, quando acrescentamos a quantidade de pessoas que acompanharam as sessões do projeto, alargamos esse público para cerca de mil pessoas. Parte considerável do material utilizado para embasar as temáticas de Pesquisa em Debate foi extraído de nosso acervo. Este por sua vez é constituído em sua grande maioria por objetos, artefatos e documentos produzidos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie ao longo de seus cento e cinquenta anos de história pedagógica. Vale ressaltar, também, que esse acervo consiste em uma poderosa ferramenta para a compreensão histórica, sociológica e museológica da sociedade paulistana, seja ela universitária ou não. Acreditamos que a extroversão do acervo por meio do debate é uma poderosa ferramenta de aproximação entre os equipamentos culturais e a comunidade, além de facilitar a promoção do desenvolvimento de reflexões e construções de novos conceitos e caminhos sobre a história do Instituto Presbiteriano Mackenzie, e sua inserção e influência na sociedade.

Palavras-chave

Acervo Universitário, Debate, Memória, Pesquisa

O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES NA REDE DE MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO?

Tiago Alexandre da Silva Valle

E-mail: tiagoasvalle@gmail.com

Marcus Granato

E-mail: marcus@mast.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Museu de Astronomia e Ciências Afins

Resumo

A pesquisa que fundamenta este texto está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMUS/UNIRIO). Para o 6º Seminário Brasileiro de Museologia, propomos a apresentação adaptada dos resultados obtidos a partir de um dos objetivos específicos de pesquisa: analisar os documentos produzidos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) relacionados aos seus museus e coleções, enfocando as possibilidades de participação dos diversos segmentos da comunidade universitária e da sociedade em geral no setor museológico da Rede Institucional de Museus. O método de pesquisa adotado foi a análise documental. Os estudos realizados demarcam o Planejamento Estratégico Institucional (PEI 2003-2013) como primeiro registro de uma política para a preservação do patrimônio cultural da UFPE. Desde então, a Instituição vem incluindo a proteção dos seus bens culturais em documentos institucionais basilares (o Estatuto, o Regimento Geral, o Planejamento Estratégico Institucional e o Plano de Desenvolvimento Institucional), bem como em normativas específicas relacionadas a esse patrimônio. Entre os documentos normativos concernentes aos bens culturais da UFPE, três deles tratam diretamente do patrimônio museológico da Universidade, disciplinando: 1) o funcionamento dos museus, coleções científicas visitáveis e galerias de arte vinculados às atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFPE; 2) o funcionamento da Rede de Museus da UFPE; 3) as finalidades e competências da 'Diretoria de Memória, Patrimônio e Ações Artístico-Culturais'. Apenas o segundo documento explicita a atenção à participação das comunidades em experiências museológicas. Vivências recentes na história do Brasil de desmonte da cultura, com obstaculização da participação democrática nos órgãos e equipamentos culturais, bem como discursos de desqualificação dos saberes diversos, nos estimulam a afirmar que os documentos pesquisados poderiam ter exprimido mais sobre o trabalho cooperativo em prol da promoção do Patrimônio Museológico da UFPE. Contudo, uma análise mais atenta nos permite identificar que em vários pontos dos documentos institucionais há registros inerentes às intenções e possibilidades de inserção social na Rede de Museus da UFPE.

Palavras-chave

Museus Universitários, Rede de Museus da Universidade Federal de Pernambuco, Participação da comunidade em Museus

INICIATIVAS DE PATRIMONIALIZAÇÃO DE ACERVOS NA UNIRIO: desbravando caminhos para identidade, memória, pertencimento e resistência institucional

Alice Veridiana de Sousa

E-mail: alicevsdout@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O presente trabalho faz parte de reflexões elaboradas no âmbito da pesquisa em andamento no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPGPMUS-UNIRIO/MAST, cujo título inicial é O patrimônio científico arquivístico proveniente das atividades de pesquisa e ensino de biomedicina na UNIRIO – memória, preservação como estratégia de resistência. Sem pretender ser exaustiva, essa análise tem como objetivo inspirar aqueles que se dedicam à complexa missão de construir argumentos, em suas mais diversas formas, sobre a importância e a defesa dos acervos e coleções universitárias (em suas várias manifestações) como patrimônio cultural científico. Pretendemos, dessa forma, sinalizar iniciativas práticas contínuas, de patrimonialização de acervos e coleções de natureza física na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, relacionadas a unidades de ensino, pesquisa ou extensão, de modo a evidenciar movimentos de valorização cultural e patrimonial desses acervos. Abordaremos a importância desses acervos para a memória e a identidade das unidades a que estão vinculados, bem como sua relevância como fontes para as práticas de pesquisa acadêmica e pedagógica. Como escopo para essa reflexão, traremos duas relevantes iniciativas da UNIRIO, originadas no âmbito de dois cursos de graduação centenários, os cursos de Museologia e Enfermagem. A primeira iniciativa é o projeto Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS, idealizado e coordenado pelo professor Dr. Ivan Coelho de Sá, iniciado em maio de 2005. A segunda é o Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem – LAPHE, criado no ano de 2000, vinculado à Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - EEAP, idealizado por um grupo de docentes, sendo liderada sob coordenação do professor Dr. Osnir Claudiano da Silva Junior. Nossa reflexão se afasta propositalmente de uma retórica de invisibilidade dos acervos universitários. Aqui, buscamos destacar não a problemática dos acervos que permanecem sem atenção nos espaços da universidade, mas sim aqueles que estão resguardados e se desenvolvem por esforços e iniciativas autônomas. Pretendemos sublinhar e reverberar a importância desses espaços como dispositivos de pertencimento, transformação social, investigação científica, legitimação dos cursos a que estão vinculados e como exemplos de esforços de institucionalização do patrimônio científico e cultural. O propósito é evidenciar e, quem sabe, proporcionar um sopro de ânimo, mostrando que esse trabalho e os desafios que ele apresenta valem a pena, apesar do pouco ou nenhum apoio, tanto para a preservação quanto para estruturar e tornar inteligível e acessível a singularidade de informação oferecida por essas fontes primárias.

Palavras-chave

Universidade, Patrimônio científico, Acervos, Memória, Pertencimento

DOCUMENTAÇÃO COLABORATIVA E QUALIFICAÇÃO DE INFORMAÇÕES: o caso da coleção da BC/UNIRIO

Jaddy Nascimento Parovszky Gomes de Sousa

E-mail: jaddyparovszky@outlook.com

Elizabete de Castro Mendonça

E-mail: elizabete.mendonca@unirio.br

Danca Aparecida da Silva Mesquita

E-mail: danca.aparecida@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O processo de documentação efetiva das coleções ainda se encontra aquém do desejável, independente do cenário das coleções e museus universitários, uma vez que as informações intrínsecas são privilegiadas em detrimento das informações extrínsecas, que perpassam a trajetória, o histórico e a vida social dos objetos. Neste sentido, o presente trabalho busca especificar os processos interinstitucionais e colaborativos para qualificação de informações de coleções de cultura popular, a partir da coleção visitável da Biblioteca Central da UNIRIO, caracterizando-se como um estudo de caso, de natureza aplicada e exploratória, com abordagem qualitativa. Segundo Mendonça (2020, p. 194), a documentação é o “conjunto de políticas, processos e procedimentos que visam a organização, a representação, a recuperação, a atualização e a gestão das informações sobre cada um dos objetos de museu, representando-o por meio de palavras e elementos audiovisuais”. Portanto, é um processo fundamental para a geração de conhecimento sobre as coleções e a vida social dos grupos que produzem os objetos. Atualmente, tem-se como pauta fundamental a democracia cultural, priorizando a participação ativa de diferentes atores da sociedade no processo de documentação, na qual as diferentes vozes possam estar refletidas. O Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus (NUGEP), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em parceria com a Biblioteca Central - unidade organizacional da universidade enquadrada como coleção visitável, de acordo com Sousa e Mendonça (2020) -, utiliza a coleção de “arte e artesanato popular” nas aulas práticas da disciplina Informação e Documentação Museológica II durante o processo de ensino de documentação e de pesquisa para gestão de coleções. Tendo como base as premissas expostas, em 2018, firmou-se uma parceria com profissionais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CNPFC/IPHAN), prevendo uma interação e colaboração entre equipes, promovendo a capacitação dos discentes e estabelecimento de redes de informação sobre os objetos. Além disso, o NUGEP busca diálogos com os detentores de conhecimentos tradicionais, a fim de melhor compreender o contexto de produção desses objetos e qualificar suas informações. Neste sentido, é possível perceber que se tem buscado uma documentação colaborativa, que envolve o compartilhamento de saberes entre a universidade, os técnicos de museus e os detentores de conhecimentos tradicionais.

Palavras-chave

Documentação em museus, Documentação colaborativa, Rede de colaboração

MUSEUS DE ANATOMIA PATOLÓGICA NO CENÁRIO GLOBAL: NOVAS TÉCNICAS, USOS E PÚBLICOS

Maria Karla Belo da Silva Tavares

E-mail: mariakarlabeledo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira

E-mail: barbaradias@ioc.fiocruz.br

Filiação Institucional: Museu da Patologia – Instituto Oswaldo Cruz –
Fundação Oswaldo Cruz

Resumo

As coleções biológicas, incluindo as de anatomia patológica, são consideradas repositórios valiosos de material biológico, essenciais para o estudo da biodiversidade e saúde. As coleções de anatomia patológica podem ser encontradas em museus, hospitais e institutos de pesquisas, entre outros espaços científicos, e seus espécimes “representam recursos valiosos para a compreensão de doenças e estados de saúde em humanos e animais” (Fiocruz, 2024). Independente dos seus locais de guarda, tais coleções enfrentam desafios como infraestrutura inadequada, falta de recursos e pessoal qualificado. Além disso, riscos como incêndios e desastres comprometem sua preservação, afetando pesquisas cruciais em saúde pública e biotecnologia. Tais acervos possuem importância histórica e cultural, pois permitem a compreensão de aspectos como a história cultural do corpo humano, o desenvolvimento das instituições científicas, a atuação de patologistas e personalidades envolvidas em sua formação, bem como para uma diversidade de campos do conhecimento: medicina, história, museologia, artes, entre outros. Desse modo, preservam e documentam por vezes doenças e condições médicas que hoje são raras ou simplesmente já não existem, métodos e preocupações de ensino aparentemente ultrapassados, mas historicamente significativos. Atualmente, observa-se o surgimento de novas abordagens em museus de anatomia patológica, que buscam redefinir tanto o que se entende por museus médicos quanto pela experiência de se visitar um museu (Arnold; Chaplin, 2013). Esses movimentos visam ampliar o diálogo entre ciência, cultura e o público, tornando as coleções mais acessíveis e interpretativas. Este estudo, que é em parte, da pesquisa de doutorado em andamento, analisa a relevância e os desafios na preservação e difusão dessas coleções em museus. Para tanto, foram examinadas fontes como revistas científicas, periódicos, redes de pesquisa, materiais institucionais e administrativos, reportagens e levantamentos de entidades. Os resultados revelam que, embora enfrentam desafios estruturais e institucionais, as coleções de anatomia patológica desempenham um papel crucial no entendimento histórico e científico de doenças, práticas de ensino e trajetórias profissionais. Sua preservação e difusão são fundamentais não apenas para a história da medicina e da ciência, mas também para a cultura e a educação, refletindo a intersecção entre os campos científicos e sociais. Por fim, conclui-se que, apesar das dificuldades, há um esforço contemporâneo para redefinir a experiência museal, tornando essas coleções mais relevantes e conectadas com os desafios e questionamentos da sociedade.

Palavras-chave

Museus de Anatomia Patológica, Coleções Biológicas, Museologia

A COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE: DEMOCRATIZANDO O ACERVO DE MODA ANDRÉ LIMA

Antonio Magno Alves Araujo

E-mail: magnoalves@ufpa.br

Orlando Franco Maneschy

E-mail: orlandomaneschy@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Bernardo Baia dos Santos Conceição

E-mail: bernardobaia@yahoo.com.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

A comunicação reflete sobre os processos museológicos desenvolvidos no acervo do estilista paraense André Lima por meio das ações de ensino, pesquisa e extensão na Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará. Objetiva discutir as atividades de documentação, conservação e comunicação da coleção universitária e a difusão dos resultados do projeto de extensão na plataforma Tainacan como instrumento de democratização e acesso ao acervo de moda. A Coleção Amazoniana, composta pela seção de artes visuais, moda e design, formada a partir de 2010, é fruto de projetos acadêmicos, curatoriais e artísticos, de experiências e experimentações sensíveis com o espaço-tempo vivido e imaginado no território. A Coleção ainda pode ser percebida como um espaço de ação e reflexão compartilhado entre curadores, artistas, pesquisadores, técnicos, docentes e discentes, que constroem conhecimentos materializados em obras e produções acadêmicas, reimaginando sentidos possíveis a partir de relações com o mundo cultural e historicamente constituído na Amazônia. A Seção Moda da Amazoniana, composta por trajes, acessórios e documentos dos processos de criação, produção, apresentação e divulgação das coleções de moda, surge a partir deste olhar para a produção contemporânea com referências à visualidade amazônica por meio dos diálogos entre moda e arte. Formada após o encerramento das atividades do ateliê de André Lima, no ano de 2015, em São Paulo, momento em que decidiu, junto com curadores de arte, professores universitários e instituições museológicas, dar um novo sentido à sua trajetória, ressignificando suas peças e legitimando seu trabalho no campo da cultura e do patrimônio. Assim, o artigo propõe uma difusão das atividades do projeto de extensão universitária na busca para democratizar os acervos da Coleção Amazoniana por meio da implementação da base de dados online Tainacan, divulgando a produção científica, valorizando a diversidade das práticas artísticas pensadas, criadas e percebidas sobre o território, contribuindo para a constituição e desenvolvimento de uma coleção de arte das e para as múltiplas amazônias.

Palavras-chave

Moda, preservação, democratização

REMANESCENTES HUMANOS NA UNIVERSIDADE:
uma comparação entre Coleções com e Sem Rastreabilidade
no Departamento de Patologia da FMUSP, Instituto Oscar
Freire da FMUSP e no Instituto de Biociências da USP

José Guilherme Veras Closs

E-mail: joseveras@usp.br

Filiação Institucional: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo

Centro Universitário Leonardo da Vinci

Resumo

Este estudo tem como objetivo comparar as possibilidades de pesquisa e extroversão em coleções universitárias de remanescentes humanos que possuam, ou não, uma história rastreável. Aqui estudamos as coleções do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), do Instituto Oscar Freire da FMUSP (IOF-FMUSP) e do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP). Coleções de material biológico humano passaram a ser estudadas muito recentemente por áreas interseccionais da museologia. A investigação e preocupações éticas relacionadas às coleções de remanescentes humanos medicalizados só recentemente vem recebendo atenção. Um exemplo, é a proposta de inclusão dessas coleções na corrente revisão do código de ética do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Esse incipiente reconhecimento demanda aprofundar as designações deontológicas para o trato de remanescentes que passam por processos de musealização na direção de estabelecer parâmetros e diretrizes atentos à preservação da dignidade humana, além de entender quais os limites e fronteiras entre a preservação e a utilização dos remanescentes enquanto elementos para o ensino de anatomia em uma conhecida história de controvérsias entre modelos e remanescentes e suas respectivas eficácias no ensino. Muitas coleções deste gênero figuram em museus de anatomia em todo o mundo. Como reconhecem autores deste campo específico, a história dessas coleções – aspecto imprescindível na gestão ética – nem sempre apresenta informações acerca das pessoas representadas pelos remanescentes. Assim, um estudo comparativo de coleções que figuram em museus, departamentos e institutos universitários é uma das maneiras mais profícuas no sentido de entender quais os limites e possibilidades de atuação. A coleção do Departamento de Patologia da FMUSP e do IOF-FMUSP, que conta com o Museu Técnico Científico do IOF ainda que desativado, apresentam uma documentação considerável sobre seu acervo, ainda que não de conta de indicar aplicações de princípios museológicos propriamente ditos. Já o IB-USP conta com uma coleção reduzida de remanescentes humanos quase nunca extrovertidos em ações educativas ou culturais. Outras instituições da USP, como o Museu de Anatomia Humana Prof. Alfonso Bovero (MAH) do Instituto de Ciências Biomédicas, também promovem a musealização de coleções de remanescentes humanos medicalizados fazendo parte da trajetória de formação das coleções do Departamento de Patologia e do IOF-FMUSP. A análise desses processos de institucionalização permite concluir que para a coleção do IB-USP um caso, como muitos outros, no qual, apesar de lacunas na documentação, é plenamente possível estabelecer um trabalho de institucionalização baseado nos princípios éticos de uma incipiente área da museologia.

Palavras-chave

Remanescentes Humanos, Coleções, Documentação

O USO DA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO COMO RECURSOS DIDÁTICOS NA DIFUSÃO CIENTÍFICA DO MUSEU OCEANOGRÁFICO DO INSTITUTO OCEANOGRÁFICO DA USP

Sérgio Teixeira de Castro

E-mail: sergiotc@usp.br

Filiação Institucional: Museu Oceanográfico do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo

Resumo

O Museu Oceanográfico do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, criado em 1988, sempre teve como objetivo a difusão da ciência oceanografia, dos projetos de pesquisas o Instituto Oceanográfico na Universidade de São Paulo e a preservação do patrimônio natural, funcionando como um elo entre a comunidade científica e a sociedade em geral. O grande diferencial deste Museu, um dos raríssimo no gênero no Brasil, sempre foi a manutenção de um acervo vivo, onde através de recursos didáticos únicos, como aquários marinhos temáticos, transmite ao visitante, conhecimentos sobre ecossistemas, biodiversidade, comportamento animal e conservação, sempre visando a importância e a conscientização da preservação do patrimônio natural. No ano de 2012, o Museu Oceanográfico do IOUSP se torna também o primeiro espaço cultural, do hemisfério sul do nosso Planeta, a adquirir um equipamento de projeção, patenteado pela Agência Nacional Espacial Americana (NASA) e pela Agência Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA), a SCIENCE ON A SPHERE (Ciência na Esfera). Composto por uma tela de projeção esférica suspensa a 1,20 de altura do solo, em uma sala, com 4 projetores multimídia que projetam imagens e vídeos obtidos e modelados pela NASA e a NOAA, distribuídos em diversas temáticas que vão desde ciências oceânicas até ciências atmosféricas, passando pela astronomia e ciências da terra. Mesmo após 12 anos, o Museu Oceanográfico do IOUSP ainda é o único Museu Universitário a possuir tal recurso didático em seu acervo em todo o hemisfério sul e está indo mais além com seu projeto de nacionalização deste sistema, promovendo a tradução simultânea dos vídeos para a língua portuguesa e para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), através de um computador com um software específico e um “totem de tradução” composto por 4 telas de LED de 40 polegadas para atendimento de deficientes auditivos. Este sistema está disponível, gratuitamente, tanto para visitas públicas espontâneas, para vistas agendadas de instituições de ensino infantil, fundamental, médio e universitários, como para grupos especiais. Além disso, atualmente ele é utilizado por docentes da universidade nos cursos de graduação e de pós-graduação de diversas unidades.

Palavras-chave

Difusão Científica, Recurso Didático, Tecnologia, Oceanografia

PLUMÁRIAS NA AMAZÔNIA: Estudo e reflexões sobre conservação

Aimée de Oliveira Fonseca

E-mail: aimeee016@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1I_f4yaF-UY8df5gDvLTS79bL7BaUtKqP/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



MAPEAMENTO ARTÍSTICO: **Um Novo Olhar para o Acervo do MAUC**

Ana Júlia de Souza Neves Ladislau

E-mail: julialadislau@arquitetura.ufc.br

Universidade Federal do Ceará

Graciele Karine Siqueira

Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – Rede de Museus e
Acervos Museológicos da Universidade Federal da Paraíba

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1L5i3Le6nw83eYi_G0vBk8E1F4OVxXZN/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



REDE DE MUSEUS E COLEÇÕES DA UFPA: Integração do Patrimônio Cultural e Científico

Camila Millena Pereira Lopes

E-mail: camilalopes9518@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1bu74SiSn1vqQg2sJJ8dKcGyqomYdPLPD/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



CONHECER PARA MUSEOLOGAR: Uma Proposta Além de Belém

Diene Araújo Gomes

E-mail: dienearaujo079@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/10nG7t6BjtPnaeSakKVcqHB5zsBSiJvFp/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



CONECTANDO SABERES: Redes Sociais e Podcast como Estratégias de Comunicação em Rede

Jennifer Cristina Carvalho da Cruz

E-mail: jennifercruz5271@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/16O1R5OzAKkIxi15Za78FiTGTAKE4Fd0j/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



DESVENDANDO A INVISIBILIDADE: o Museu de Anatomia e a Rede de Coleções e Museus da UFPA

Julia Soares

E-mail: soares18j@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/16jeB6Ut1evuk553x-oBC7oEQkd9zmHTg/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



JORNALISTA E JORNALISMO CIENTÍFICO NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Leandro Vicente de Souza

E-mail: leandrovicente50souza@gmail.com

Vânia Medeiros Ribeiro

E-mail: vania.ribeiro@satc.edu.br

Cláudia Nandi Formentin

E-mail: formentinnandi.claudia@gmail.com

Filiação Institucional: Centro Universitário SATC

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1Cws7jCrBZ8BkaxRQNfwGuEiCcG6VRcbV/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA ENTRE O CURSO DA MUSEOLOGIA E AS COLEÇÕES DA UFPA

Thais Nunes Nascimento

E-mail: thais.nnascimento09@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1wKuD6zD966ze-XXK7ZL9ZjE7gz8uhiiQ7/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



DIAGNÓSTICO DECOLONIAL EM COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS: uma abordagem metodológica

Yasmin Correa Coelho

E-mail: ycorrea581@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1qEfFUjpzWRNzzy9p8G_qCtonhlnJxxOi/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E DAS ATIVIDADES DA MUSEOLOGIA NA UFPA

Alessandra Torres Pinho

E-mail: alessandragillead@gmail.com

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

E-mail: jessicatarine@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1SYrGaXP2r5eYXbpiLaQE261Q42Q_vLxo/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT10



GT10

Grupo de Trabalho 10.

Museus e memórias traumáticas: a museologia produzida entre os embates de políticas de memórias

Coordenação

Ana Paula Brito

E-mail: britoanapaulaa@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Letícia Julião

E-mail: juliao.leticia@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

O Brasil tem sido território fértil para o desenvolvimento de novas vertentes de estudos museológicos, entre as quais despontam os processos de musealização de memórias traumáticas. À medida que a Museologia no país tem sido interpelada por atores antes marginalizados, pela história de violência no passado e no presente, por perspectivas decoloniais, ampliam-se as experiências que acolhem a imperiosa demanda de patrimonializar e musealizar memórias traumáticas. Nesse processo, convém sublinhar, a Museologia tem se somado a diversos campos de conhecimento na produção de contribuições teóricas e metodológicas, assegurando um aporte inovador e criativo para enfrentar o desafio da gestão de memórias sensíveis. Insere-se nesse horizonte, marcado por disputas de memórias e de discursos na esfera pública, a musealização de lugares de memória da ditadura brasileira (1964-1985), que ganhou impulso, sobretudo, após a publicação do Relatório da Comissão Nacional da Verdade, em 2014, e que tem progressivamente ocupado a agenda de pesquisa da Museologia (Brito, 2023). Da mesma forma, a violência histórica e sistemática infligida às populações indígenas, à população negra, aos grupos LGBTQIA+, ao lado da memória de vítimas de crimes ambientais vem ganhando visibilidade em museus e memoriais. O GT pretende acolher trabalhos que abordem museus e a Museologia que se dedicam à memória de crimes de lesa humanidade na sociedade brasileira, abrangendo, dentre outros aspectos, os desafios operacionais e disputas políticas; as peculiaridades da investigação e da salvaguarda nesses espaços; a mediação de conteúdos sensíveis a distintos públicos e as curadorias participativas. Ao dar continuidade aos debates promovidos pelo GT no último Sebramus, o objetivo é ampliar as discussões dessa nova vertente de estudos museológicos sob uma perspectiva interdisciplinar, estimulando a reflexão crítica sobre as políticas de memória, os museus e os direitos humanos.

“PARA ALÉM DA DOR E DA TUTELA”: professores de História e a narrativa expositiva em (dis)curso no museu

Lucinei Pereira da Silva

E-mail: lucinei.pereira28@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Perpetua-se na maioria dos museus históricos de cidade, de diferentes localidades e perspectivas historiográficas o desafio de problematizar os objetos expostos e os cenários expositivos e correlacioná-los com a realidade vivida pelos indígenas contemporâneos e a luta histórica do povo negro. Na narrativa expositiva, em nosso caso, dos museus históricos de cidade, o que deve ser lembrado é necessariamente o que precisa ser esquecido sempre irá permear os processos de constituição das memórias e identidades coletivas e de suas representações, pois acreditamos que os objetos encenados nos museus são investidos de um (dis)curso também encenado por certos atores. Portanto, neste trabalho de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UFMG) nos propomos em analisar os relatos de professores de História durante uma caminhada pelo Museu da Cidade de Governador Valadares (MCGV), no leste do estado de Minas Gerais. Para isso, adotamos como método de investigação a entrevista caminhante, durante a qual íamos visitando os cenários expositivos e fazíamos perguntas aos docentes utilizando-se de um roteiro semiestruturado. Esta escolha foi importante na medida em que ao caminhar pelo museu, os professores foram provocados a refletir sobre quais os grupos sociais são silenciados e quais possuem notória hegemonia nesta instituição. Veremos nesta comunicação que a insistência por parte do Museu da Cidade de Governador Valadares em fetichizar e valorizar a dimensão da violência cometida contra escravizados em sua exposição nos leva a refletir como ainda é recorrente no imaginário, a percepção da população negra como passiva e sem resistência ao sistema colonial. E ainda, segundo os apontamentos dos professores e nossa análise sobre o acervo indígena, a narrativa expositiva do MCGV está forjada no mito da identidade e, completamente distanciada das especificidades dos povos indígenas, como por exemplo, as suas lutas, cosmologias e resistências no passado e no presente. Em suma, defendemos neste estudo a necessidade dos museus históricos de cidade (re)construir a visão do indígena e das populações negras como sujeitos históricos, para além de uma perspectiva colonizadora, eurocêntrica, “da dor e da tutela”.

Palavras-chave

Museus Históricos de Cidade. Professores de História. Narrativa Expositiva

VESTÍGIOS DE UMA MUSEOLOGIA DO HORROR NA CIDADE DE LA PLATA, ARGENTINA

Júlio César Chaves

E-mail: julchaves@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Sul da Bahia

Resumo

A proposta deste trabalho é tecer algumas considerações iniciais sobre o que eu entendo como Museologia do Horror: a análise de sequestros, cárcere privado, assassinatos, desaparecimentos e restituições de corpos, enfim, de violações aos direitos humanos e “memórias traumáticas”, tanto no passado como no presente, e suas relações com as instituições museológicas. Como estudo de caso, a escolha recaiu sobre a cidade de La Plata, na Argentina; todavia, a Museologia do Horror está presente em todas as latitudes e é sinônimo de genocídio. O foco da comunicação será visibilizar as atrocidades cometidas pelas elites econômicas e intelectuais da América Latina, bem como o imperialismo e duas instituições museológicas dessa cidade: o Museo La Plata e a Casa Mariani-Teruggi. O primeiro é um típico museu nacional, criado no século XIX; o segundo, um sítio de memória/consciência, criado no final do século XX. Por que escrever sobre histórias de um país vizinho? Em primeiro lugar, por que o meu interesse como pesquisador abrange a América Latina; em segundo lugar, porque se faz necessário nos dedicarmos à historiografia dos museus dessa região do Sul global; em terceiro lugar, essas histórias são quase que totalmente desconhecidas no Brasil e em Portugal; e por fim, para não esquecer alguns casos emblemáticos envolvendo as duas instituições museológicas de La Plata, o cacique Inakayal e sua família, a indígena Damiana, Diana Teruggi, Daniel Mariani e Clara Anahí. Por um lado, o interesse em visibilizar a história de vida de Damiana, do cacique Inakayal e família antecede minha pesquisa de doutorado que resultou na tese intitulada “El olvido está lleno de memoria”: fragmentos, soterramentos e ausências da mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972, defendida em fevereiro de 2024. Por outro lado, as histórias de Diana Teruggi, Daniel Mariani e Clara Anahí surgiram ainda no início da referida pesquisa. Além da cidade de La Plata, um outro elo entre as histórias é o casal Mario Teruggi e Genoveva Dawson de Teruggi, sendo que ele participou como debatedor e ela como observadora, respectivamente, do mais emblemático acontecimento de museus da América Latina: a Mesa-Redonda de Santiago, em 1972. Eles também atuaram como docentes, no Museo La Plata, local diretamente relacionado às histórias do cacique Inakayal, de sua família e da indígena Damiana. Além disso, Mario é pai e Genoveva a mãe de Diana Teruggi; sogro e sogra de Daniel Mariani; avô e avó de Clara Anahí.

Palavras-chave

Museologia do Horror, Museo La Plata, Casa Mariani-Teruggi

O XANGÔ PERNAMBUCANO NA MISSÃO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS: de repressão a musealização

Fernanda Lé de Oliveira

E-mail: fernandaledoliveira@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo objetiva discutir os objetos de xangô pernambucano presentes na coleção da Missão de Pesquisas Folclóricas, provenientes de repressões policiais em diversos terreiros do Recife, em 1938, em virtude do período do Estado Novo (1937-1945). Doados à expedição da Missão, projeto organizado pelo escritor Mário de Andrade que, à época, era diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, os objetos foram incorporados aos materiais recolhidos na viagem. A coleção completa consta hoje no Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga, do Centro Cultural São Paulo (CCSP). O início do Período República apresentou um novo Código Penal, que foi promulgado em 11 de outubro de 1890. Estabelece-se assim, a criminalização de diversas práticas: no art. 156, a medicina popular “em qualquer de seus ramos”; no art. 157, o “espiritismo”, a “magia e seus sortilégios”; no art. 158, o “curandeirismo”; no art. 391, a “mendicância”; no art. 399, a “vadiagem”; e no art. 402, a “capoeiragem”. Tais artigos do Código Penal atingiram diretamente as populações negras recém-libertas e as indígenas, seja pela questão social do trabalho, da cultura ou de suas práticas religiosas, ocasionando na criminalização e perseguição de suas atividades. Após a instauração do Estado Novo, em 1937, e a entrada do interventor Agamenon Magalhães no Pernambuco, os terreiros do Recife passaram a enfrentar restrições sobre a sua atividade religiosa, resultando em prisões e apreensões policiais de objetos. A passagem da Missão estudada na pesquisa trata-se de sua estadia na cidade do Recife, entre os meses de fevereiro e março de 1938, onde a expedição recebeu como doação da Secretaria de Segurança Pública uma coleção de objetos que haviam sido apreendidos em repressão aos terreiros. A chegada da coleção em São Paulo foi recepcionada por Oneyda Alvarenga, que a organizou e preservou por três décadas. A coleção foi transferida por sete vezes na gestão pública municipal, ganhando local fixo com a criação do Centro Cultural São Paulo, por volta dos anos 1980. Diversos projetos de difusão já foram realizados. Em 2017, um projeto de repatriação digital foi promovido, levantando questões sobre a formação da coleção. Dessa forma, pretende-se averiguar um novo caminho possível, com a gestão compartilhada e a requalificação da coleção, visando a criação de processos museológicos mais respeitosos com as comunidades representadas.

Palavras-chave

Mário de Andrade, Missão de Pesquisas Folclóricas, xangô pernambucano

AS BÉTULAS TESTEMUNHARAM O HORROR – Considerações sobre a musealização do Campo de extermínio Auschwitz-Birkenau

Marina Alves Mendes Itabaiana de Moraes

E-mail: marina.itabaiana@usp.br

Filiação Institucional: Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo

Resumo

No dia 27 de janeiro de 1945, o exército soviético ingressou em Auschwitz, Birkenau e Monowitz, libertando aproximadamente 7.000 prisioneiros. Em comemoração aos 80 anos da abertura, a presente submissão tece algumas considerações sobre a musealização do Campo de Extermínio Auschwitz-Birkenau sob a perspectiva do ensaio *Cascas* de George Didi-Huberman com base em bibliografias e relatórios da UNESCO disponibilizados em seu site (<https://whc.unesco.org/en/list/31/documents/>). Essa submissão é parte da pesquisa de mestrado que analisa a relação entre memória traumática, educação e museologia, busca compreender a necessidade de falar sobre violências do Estado perpetradas em minorias no século XX que repercutem até hoje. Compreende-se os dispositivos culturais como mecanismo de defesa contra o esquecimento e o negacionismo, buscando transformá-los em instrumentos de reflexão sobre empatia com a dor do outro e defesa dos Direitos Humanos. O objetivo é refletir sobre as contribuições dos Campos de Extermínios transformados em espaços de cultura para a educação e se esses espaços podem se transformar em um lugar de luto e de luta pelos direitos humanos. Nessa perspectiva, a pesquisa busca compreender a importância de manter o espaço físico como testemunho vivo da História e analisar a importância da educação para uma política da memória para que as gerações futuras sejam dela guardiãs que a guardam e transmitem. A escolha em fazer a pesquisa sobre o campo de extermínio como plataforma de observação se deve por esse espaço ser testemunha física do horror que aconteceu ali e ter sido adaptado em museu. A importância da manutenção desses espaços “vivos” mesmo com todas as problemáticas de terem se transformado em lugares turísticos, são importantes para a manutenção da memória de um povo e lembrar o que um estado de ódio e apatia são capazes de permitir. A metodologia é qualitativa, de caráter exploratório e transversal, sobre educação e memória traumática, tomando como foco o debate teórico sobre a transformação dos Campos de Extermínio em lugares de cultura.

Palavras-chave

Shoah, Auschwitz-Birkenau, Musealização, Educação, Memória traumática, Espaço de memória

O (NÃO-)LUGAR DOS NÃO-BRANCOS E NÃO-URBANOS NO MUSEU PAULISTA: uma história da Coleção Sertaneja

David William Aparecido Ribeiro

E-mail: davidribeiro@usp.br

Filiação Institucional: Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Resumo

A chamada Coleção Sertaneja do Museu Paulista da Universidade de São Paulo foi formada entre as décadas de 1910 e 1950, em grande medida por meio de compras e doações de objetos provenientes de festividades, do trabalho e dos universos religioso, doméstico e lúdico. Estes, coletados por entusiastas e pesquisadores de diversas áreas, especialmente folcloristas, documentavam as referências culturais em vias de desaparecimento diante do “progresso”. Cabe mencionar, ainda, dois conjuntos de objetos de terreiros, vindos das secretarias de segurança da Bahia e de São Paulo, apreendidos pelas forças policiais que coíbiavam as religiões de matriz africana. Com pouco mais de 900 objetos, a coleção faz parte do acervo do Museu Paulista e do Museu de Arqueologia e Etnologia da mesma universidade e foi mobilizada em raríssimas ocasiões, denotando o seu não-lugar em ambos os museus. A formação dessa coleção fez parte dos esforços da instituição em coletar, pesquisar e expor a nação, partindo do pressuposto que era necessário compreender quem era o brasileiro. Se, num primeiro momento, a Sertaneja representaria os grupos sociais mestiços que na Primeira República eram a grande questão nacional, em seguida a coleção seria parte daquilo que se convencionou chamar de Folclore. De uma forma ou de outra, a coleção expressava os princípios de uma ciência antropológica que tentava situar tais populações no quadro da nação que se desejava construir – a partir da perspectiva paulista – e que via esses sujeitos como que um repositório de usos e costumes arcaicos, ainda que genuinamente locais. Além de apresentar a coleção nesta comunicação, objetivo discutir tópicos para a sua abordagem hoje, isto é, a pensá-la historicamente. Assim, podemos compreender os mecanismos de invisibilização e hierarquização racial-social que operaram sobre ela, do mesmo modo que podemos lançar as bases para um trabalho de pesquisa e curadoria capaz de situá-la junto às dinâmicas sociais que engendraram os artefatos que a compõem.

Palavras-chave

Coleções etnográficas; racismo; memória nacional

DESAFIOS OPERACIONAIS PARA A SALVAGUARDA DE LUGARES DE MEMÓRIA: a Comissão Nacional da Verdade como inventário patrimonial e o caso da Central de Artesanato Mestre Dezinho Em Teresina – PI

Maria Clara dos Santos Lima

E-mail: eucajuina@usp.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

De acordo com a Lei nº 12.528, promulgada em 18 de novembro de 2011, e que institui a Comissão Nacional da Verdade (CNV) como órgão de investigação oficial nacional, um dos objetivos da investigação conduzida e dos volumes resultantes publicados era “identificar e tornar públicas as estruturas, os locais, as instituições e as circunstâncias relacionadas à prática de violações de direitos humanos”. Visto isso, em seu Volume I, capítulo 15, de dezembro de 2014, são listadas 230 instituições distribuídas por todo o Brasil que se encaixam nessas características. Como em todo contexto de inventário, onde optar por lembrar, também é escolher esquecer, os três espaços apontados pela CNV localizados na capital do Piauí, Teresina, não representam a totalidade dos lugares de memória associados à ditadura civil militar brasileira na cidade. Com uma narrativa bem estabelecida socialmente, fomentada pela mídia ano após ano, e documentada em arquivo e literatura, a Central de Artesanato Mestre Dezinho (CAMD), hoje opera como comércio, mas fez parte de um enredo que serviu de estopim para políticas de repressão, inclusive atuando como espaço de cárcere de militantes políticos da resistência à ditadura. A análise do percurso utilizado para balizar locais pelas instituições governamentais ligadas à memória no Brasil é indispensável para nomear os agentes que negligenciam as memórias sensíveis e, por conseguinte, os debates e disputas que contribuíram ativamente para a constituição de um contexto nacional das raízes, impactos e ecos da ditadura civil militar. Na intenção de compreender os desafios operacionais para a salvaguarda de lugares de memória e diante da indispensabilidade desse espaço abrigar, futuramente, estratégias e políticas memoriais de divulgação e reflexão acerca da narrativa da ditadura no Piauí, essa pesquisa visa apresentar o processo institucional – da seleção ao estabelecimento – que corroborou para que a CAMD permanecesse à margem de reconhecimento oficial e, dessa forma, buscasse meios próprios e não tradicionais de musealização do seu espaço.

Palavras-chave

Memória, Ditadura, Comissão Nacional da Verdade, Teresina, Piauí

ISTVAN CSIBAK, UM ARTISTA HÚNGARO DO MUSEU DE ARTE OSÓRIO CÉSAR NO JUQUERY

Elielton Ribeiro Rodrigues

E-mail: elielton.acervo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

Istvan Csibak nasceu em 1954, na cidade de Budapeste, capital da Hungria, na Europa. Ainda criança, veio para o Brasil e passou pela internação psiquiátrica no Complexo Hospitalar do Juquery. Entre as décadas de 1980 e 1990, frequentou o Ateliê de Arte do Museu Osório César (1985-2005), criado pela professora e arte-educadora Heloísa Ferraz, como um dos resultados da pesquisa-ação que desenvolveu como tese de doutorado pela Universidade de São Paulo (USP) com orientação da professora e arte-educadora Ana Mae Barbosa sobre a atuação do médico e crítico de arte Osório César no Juquery, especialmente com a Escola Livre de Artes Plásticas (ELAP) que dirigiu entre os anos de 1956 e 1965. Entre pinturas em tela, desenhos em papel e escultura, as obras criadas por Istvan Csibak no Juquery integram o acervo do Museu de Arte Osório César (MAOC), instituição criada por meio da Lei Municipal nº 1.360/2018, no âmbito da Prefeitura de Franco da Rocha, em uma parceria firmada com o hospital. São aproximadamente 268 obras de Istvan Csibak em um acervo com mais de 8 mil obras de artistas que passaram pela internação psiquiátrica na instituição asilar durante o século XX. O artista Istvan Csibak foi localizado em 2019 pelo presente autor, após alta do hospital psiquiátrico, em plena produção artística. Em 2024, o artista foi entrevistado pelo presente autor, em visita ao MAOC, quando reviu algumas das suas obras em exposições, levantando questões sobre o processo de criação entre arte e saúde mental, a salvaguarda e as possibilidades de comunicação de memórias traumáticas. O encontro com o artista Istvan Csibak permite observar um artista imigrante que passou pela internação psiquiátrica e recebeu alta em um processo de fortalecimento da Luta Antimanicomial com a Reforma Psiquiátrica promulgada pela lei federal nº 10.216/2001 que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, além de redirecionar o modelo assistencial em saúde mental para encerrar as internações de longa duração e o isolamento social nas práticas psiquiátricas. Nesta comunicação, interessa, sobretudo, refletir sobre as práticas museológicas em diálogo com as práticas terapêuticas, o reconhecimento do artista e sua agência no museu, como um dispositivo de transformação social.

Palavras-chave

Istvan Csibak. Juquery. Museus de arte. Arte e Loucura. Saúde Mental.

ILUMINAÇÃO E MEMÓRIA: Atmosferas Sensoriais em Espaços de Trauma

Alessandra Schunski Gonçalves

E-mail: arq.schunski@gmail.com

Betina Tschiedel Martau

E-mail: betina.martau@ufrgs.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo investigou o papel da iluminação na criação de atmosferas em espaços de memória de contextos distintos, explorando como a luz, fundamentada no conceito de semiótica, contribui para transformar esses locais em experiências sensoriais que visam conectar emocionalmente o visitante à memória histórica. A semiótica ajuda a entender como a iluminação atua como mensagem subliminar, orientando a percepção e evocando sentimentos ligados à memória histórica e ao trauma coletivo. Esse enfoque permite examinar como a memória é reconstruída pela atmosfera do lugar, definida pela interação entre luz e elementos arquitetônicos, proporcionando uma experiência imersiva que transforma a memória coletiva em uma vivência afetiva pessoal. O estudo busca compreender como a iluminação, aliada à materialidade e à organização espacial, atua como um índice semiótico que conduz a experiência dos visitantes e contribui para a construção de narrativas sensoriais em espaços de memória. Com metodologia qualitativa e revisão de literatura, são analisados três estudos de caso interligados por memórias coletivas de trauma, em edifícios situados fora dos locais geográficos dos eventos traumáticos: o Yad Vashem (2005), projetado pelo arquiteto Moshe Safdie, em Israel; o Museu da Memória e dos Direitos Humanos (2009), dos arquitetos Mario Figueroa e colaboradores, no Chile; e o Memorial às Vítimas da Violência (2013), projetado pelo escritório Gaeta-Springall Arquitetos, no México. Esses exemplos internacionais oferecem práticas que contribuem para a reflexão sobre a adoção da iluminação na museologia brasileira, explorando seu papel na mediação de memórias traumáticas e na criação de uma conexão sensível entre o espaço e os visitantes. As análises demonstraram que cada um dos casos estudados, apesar das diferentes visualidades estabelecidas pelos elementos físicos - espaço e luz - constrói uma narrativa de memória específica. O visitante experimenta a história de maneira sensorial, o que contribui para um maior impacto emocional sobre o sujeito. Este estudo permitiu uma reflexão crítica sobre a relevância do projeto de iluminação na criação da atmosfera, oferecendo uma abordagem sensível à construção dos espaços de memória. Os resultados destacam também como a luz permite uma conexão simbólica entre passado e presente, concreto e abstrato, tornando a experiência do usuário única e indissociável do objeto arquitetônico, essencial para a gestão respeitosa de memórias traumáticas.

Palavras-chave

Lugares de memória, atmosfera, iluminação

HIP HOP E ÍNSULAS PERIFÉRICAS: Perspectiva Decolonial Afroreferenciada e Sociomuseológica

Alex Silva Nogueira

E-mail: alex.nogueira@unifesp.br

Adel Igor Pausini

E-mail: adel.pausini@ulusofona.pt

Filiação Institucional: Universidade Lusófona

Resumo

Este estudo apresenta uma análise decolonial do hip hop e das “ínsulas periféricas” – territórios urbanos marginalizados que se afirmam como centros culturais insurgentes e espaços de resistência cultural. Inspirado pela filosofia de Alain Locke, que propõe a regeneração da identidade negra como força cultural e estética fundamental, este trabalho explora o hip hop como uma linguagem de resistência e identidade que expõe as fissuras da hegemonia cultural e questiona de maneira incisiva a ordem social dominante e suas desigualdades estruturais. Utilizando uma metodologia afroreferenciada, fundamentada nos princípios dos griots – os guardiões da história e da tradição oral nas culturas africanas – o estudo reposiciona o hip hop como uma prática cultural de imersão. Na perspectiva da Sociomuseologia, a imersão se dá como um processo ativo de trazer à tona as histórias, memórias e identidades marginalizadas, que resistem ao apagamento imposto pelas narrativas dominantes. O hip hop, portanto, é visto não apenas como uma expressão artística, mas como uma forma viva de museologia das periferias, onde saberes e memórias ganham espaço e se transformam em narrativas significativas de identidade e luta. Visamos atuar como uma intervenção decolonial, desafiando o conceito de “neutralidade” da academia e questionando os paradigmas eurocêntricos que tradicionalmente marginalizam as vozes periféricas. Com isso, pretende-se mostrar como o hip hop, ao desempenhar o papel de um griot contemporâneo, atua também como força de reterritorialização cultural e como espaço insurgente que desafia as noções tradicionais de periferia. Através dele, reafirmam-se identidades e narrativas que enfrentam o apagamento e mostram a potência criativa das comunidades à margem da sociedade por meio da noção de acervo de experiência. Assim, este estudo convida o leitor a reavaliar o papel das periferias como centros de inovação cultural e a compreender o hip hop como um movimento de resistência museológica vivo e dinâmico. Por meio dele, são denunciadas as contradições das estruturas sociais contemporâneas e reafirmada a importância das narrativas negras e periféricas no cenário cultural global, promovendo um novo entendimento sobre cultura e memória.

Palavras-chave

Sociomuseologia, Acervo de Experiências, Hip Hop

INCÊNDIOS, SONHOS E MEMÓRIAS:

o olhar hiper-reflexivo e museológico de Ubirajara Ferreira Braga, um artista do Juquery.

Michelle Louise Guimarães da Silva

E-mail: michellelouise91@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O psicólogo Louis Sass (2021) destaca que, no decorrer histórico, a loucura geralmente é vista como oposto da razão e do bom senso. Segundo Sass, quando a fé na razão começa a ser questionada, há uma mudança no juízo de valor sobre a loucura. Com o Romantismo, entre os séculos XVIII e XIX, e posteriormente o Modernismo no século XX, a loucura é glorificada por sua espontaneidade e imaginação disruptiva, uma resposta ao excesso de razão que diminui o caráter autêntico e a força vital da autoconsciência humana. Artistas e intelectuais modernistas compreendiam as coleções de arte produzidas por pacientes psiquiátricos como fontes de retorno a um estado puro, bruto e primitivo da mente humana. Investigando o modernismo, Sass discorre sobre diversas afinidades entre a esquizofrenia e o imaginário da arte moderna, logo, as experiências esquizofrênicas estariam mais próximas do pensamento moderno e não do primitivismo, por meio de uma característica fundamental, a hiper-reflexividade, isto é, a intensificação da autoconsciência. A partir destas observações, autor propõe a seguinte questão: e se a loucura ao invés de derivar da diminuição da razão, surgir exatamente de seu oposto, do aumento da consciência sobre o mundo. Deste modo, a presente pesquisa visa analisar o conceito de hiper-reflexividade a partir do estudo das obras de arte realizadas pelos pacientes psiquiátricos do Hospital Psiquiátrico do Juquery e que estão sob a salvaguarda do Museu de Arte Osório Cesar. Entre os artistas-pacientes analisados, destacamos Ubirajara Ferreira Braga. Entre 1986 e 2000, Ubirajara produziu mais de 3 mil obras, que versam sobre múltiplos temas, políticos, sociais e filosóficos, e principalmente, sobre suas lembranças traumáticas como interno do hospital. O artista reflete sobre o próprio fazer artístico e museológico, investigando um imaginário da loucura e do inconsciente. Deste modo, seu trabalho artístico demonstra uma aguda reflexão sobre a realidade, fato que coloca em xeque a noção do paciente psiquiátrico como alheio e apático sobre o mundo ao seu redor, mesmo diante de um profundo sofrimento psíquico e da exclusão em uma sociedade ditada pelas regras da “normalidade”. Ubirajara realizou algumas obras com a temática “Incêndio do Museu Osório César”. Coincidentemente, após sua morte, o Hospital Psiquiátrico do Juquery sofreu um incêndio de grandes proporções, que destruiu diversos prontuários médicos, em 2005. Mais do que premonitórias, essas produções demonstram as preocupações do artista com a história do Museu. Um modo de refletir e expressar suas angústias perante a produção e preservação da memória do Juquery, memória repleta de traumas e ressignificações artísticas.

Palavras-chave

Museu de Arte Osório César, Ubirajara Ferreira Braga, luta antimanicomial, arte e saúde mental.





GT11



GT11

Grupo de Trabalho 11.

Museus como Agentes de Transformação na Sociedade Contemporânea: Uma Perspectiva da Museologia Social

Coordenação

Anne Kareninne Souza Castelo Branco

E-mail: anne-kareninne@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Virginia Marques da Silva Neta

E-mail: virginiamarques@usp.br

Filiação Institucional:

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Maria do Amparo Alves de Carvalho

E-mail: amparocarvalhoarq@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Desde a sua concepção entre os séculos XVIII e XIX, os museus têm desempenhado um papel social significativo como instituições culturais. Ao longo do tempo, os debates museológicos evoluíram, particularmente em relação às suas funções sociais e políticas. A emergência da Nova Museologia representou uma ruptura com abordagens tradicionais, propondo os museus como instrumentos de transformação social. Essa perspectiva ressalta a importância de atender às demandas da sociedade, transcendendo o papel de meros guardiões de coleções. Este simpósio nasce do desejo de refletir sobre a inclusão social aplicada à prática museológica, considerando os museus como espaços de produção de conhecimento, preservação da memória e história, além da conservação de objetos que refletem a diversidade humana ao longo do tempo. Nosso foco será examinar os diferentes cenários de museus: os já estabelecidos, aqueles em transformação e os novos espaços museológicos, analisando como cada um deles se posiciona em relação às questões sociais contemporâneas dentro da sociedade atual. Esses museus estão realmente se destacando em seu papel social, político e inclusivo? A comunicação entre esses espaços e o público promove uma integração efetiva ou limita-se à observação passiva? Também nos interessam trabalhos que explorem o conceito de inclusão social nos museus, entendendo-o como um compromisso ativo de engajamento com comunidades específicas. Essa abordagem interdisciplinar deve ser respaldada por parcerias com agências governamentais e a sociedade civil, além de demandar a implementação de legislações que promovam a equidade e combatam discriminações. Os museus, assim, tornam-se espaços capazes de construir narrativas sociais que fomentam o sentimento de pertencimento e a afirmação de identidade para grupos historicamente marginalizados. Compreendemos, portanto, que o papel dos museus na sociedade contemporânea é imprescindível, uma vez que atuam como agentes transformadores de realidades.

ACERVO DA LAJE COMO AFROGRAFIA DA MEMÓRIA

Sasha Morbeck Miranda

E-mail: sashamorb@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

O trabalho analisa o Acervo da Laje, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, um espaço dedicado à preservação da memória comunitária e das culturas presentes no Subúrbio. O Subúrbio Ferroviário de Salvador é cenário de encruzilhadas neste trabalho, pois as águas suburbanas também banharam minhas memórias por 20 anos. O acervo serve como campo de investigação para compreender como as fotos de família podem atuar como suportes de memória e identidade, refletindo valores e tradições culturais. Nesse contexto, a investigação busca um olhar a partir do patrimônio afetivo, dentro dos registros selecionados inclui técnicas como a fotopintura, o colecionismo de fotografias familiares que se desdobra aqui enquanto um Museu Íntimo (Miranda 2023) e que contribuem para a manutenção da memória coletiva e para a preservação das histórias familiares, especialmente no ambiente das culturas historicamente empurradas para a margem, tanto em perspectiva histórica e política quanto territorial. A pesquisa se apropria do conceito de afrografias (1997), desenvolvido por Leda Martins, que enfatiza a importância das narrativas visuais como registros de memória dentro da diáspora africana, a partir das fotos de família de Vilma Soares Santos e José Eduardo Ferreira Santos, organizadores do Acervo da Laje. O conceito de afrografias é fundamental para entender como essas práticas fotográficas, realizadas em um espaço majoritariamente preto, como o Acervo da Laje, desempenham um papel crucial na preservação de patrimônios afetivos e na construção de identidades, movimentando histórias que muitas vezes não são contempladas pelos modelos tradicionais de museologia. O estudo busca compreender como o colecionismo de fotos de família pode ser interpretado como uma forma de curadoria íntima e afetiva, destacando o papel dessas imagens na preservação e compartilhamento de memórias dentro de contextos populares a partir de uma lógica decolonial. A pesquisa dialoga ainda com as reflexões de Luiz Rufino (2018), que propõe uma abordagem crítica sobre as práticas de memória nas comunidades afro-brasileiras, trazendo à tona a necessidade de reconhecer a importância dessas narrativas como formas de resistência e de preservação cultural. Assim, a investigação não apenas analisa a fotografia como suporte mnemônico, mas também como uma ferramenta de poder que pode auxiliar na construção de novas narrativas e na reafirmação de identidades negras.

Palavras-chave

Acervo da Laje, Afrografias, Memórias

ARTE EDUCAÇÃO EM MUSEUS:

o papel do Museu do Carnaval de Goiás na formação cultural e no desenvolvimento crítico de visitantes

Washington Fernando de Souza

E-mail: museudocarnavaldegoias@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Federal de Goiás

Resumo

A arte educação em museus é uma prática pedagógica que utiliza o ambiente museológico como espaço de aprendizado, reflexão e transformação cultural. Museus, tradicionalmente vistos como repositórios de artefatos e obras de arte, se transformaram em espaços dinâmicos onde a educação é central para suas missões. Através da arte educação, museus têm o potencial de transcender o papel de meros expositores de objetos, tornando-se agentes ativos na formação cultural e no desenvolvimento crítico de seus visitantes. Nesta pesquisa o museu escolhido para o estudo é o Museu do Carnaval de Goiás, para que possamos entender seu desempenho na educação informal, complementando os sistemas educacionais tradicionais ao oferecer experiências que estimulam a curiosidade, o pensamento crítico e a apreciação cultural. A arte educação em museus envolve diversas práticas pedagógicas, como visitas mediadas, oficinas, cursos, exposições interativas e programas educativos que envolvem o público em processos de aprendizado ativo. Esses espaços oferecem uma experiência única de aprendizagem, onde os visitantes podem interagir diretamente com obras de arte e objetos históricos, contextualizando-os em sua realidade e vivenciando o conhecimento de maneira mais concreta e significativa. Além disso, os museus oferecem uma perspectiva interdisciplinar, conectando a arte com a história, a ciência, a política e outras áreas do saber. Considera-se o tema “Arte Educação em Museus” de suma importância, tanto para o campo da educação quanto para a museologia, pois aborda a intersecção entre a arte, a cultura e o processo educativo em um contexto de aprendizagem não formal. A escolha desse tema se justifica pela necessidade crescente de compreender e aprimorar as práticas pedagógicas dentro do Museu do Carnaval de Goiás, que caminha para seus dez anos. A justificativa para a realização desta pesquisa também se apoia na contribuição que ela pode oferecer para a área da educação como um todo. Ao analisar o papel do museu como espaço de aprendizagem, espera-se que os resultados possam ser aplicados não apenas no contexto museológico, mas também em outras formas de educação não formal, ampliando o entendimento sobre como diferentes ambientes podem ser utilizados para promover o conhecimento e o desenvolvimento crítico.

Palavras-chave

Arte educação, Museu, Carnaval, Goiás

SUBVERTENDO O ESTIGMA DA LOUCURA NO MUSEU ESTADUAL OFICINA DE CRIATIVIDADE

Camila Casarotto Martins

E-mail: camila.casarotto@gmail.com

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

E-mail: vteixeira2010@gmail.com

Filiação Institucional: Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital
Psiquiátrico São Pedro

Resumo

Museus na temática da arte e saúde mental desempenham papel fundamental na inclusão social de pessoas historicamente marginalizadas sob o estigma da loucura. Na perspectiva da Museologia Social, funcionam na contemporaneidade como espaços de subversão da Museologia tradicional: em vez de classes, gêneros, raças e religiões já privilegiados, favorecem o protagonismo daqueles que foram excluídos do convívio social, internos em manicômios por anos ou décadas, ou que são ainda hoje estigmatizados pelos seus diagnósticos psiquiátricos. É sob esses aspectos que tratamos do Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (MEOC-HPSP), criado em 2022, na cidade de Porto Alegre, vinculado à Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul. Sua missão é salvaguardar e preservar o patrimônio cultural material e imaterial da Oficina de Criatividade, dispositivo de reabilitação psicossocial do Sistema Único de Saúde (SUS). Desde 1990, ano de sua fundação, funciona como um lugar de acolhimento e afeto dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro, onde as pessoas podem livremente se expressar em atividades de pintura, desenho, bordado, escrita, cerâmica, teatro, dança, música e jogos. A produção resultante dessas atividades está reunida em um acervo de cerca de 300 mil trabalhos realizados pelos frequentadores, além de documentos que testemunham as mais de três décadas de existência da Oficina de Criatividade. Dessa forma, ao assumir a gestão e preservação desse acervo, o MEOC-HPSP já nasce com a inclusão social em sua essência. Políticas de gestão e ações cotidianas do Museu, ainda em estruturação, visam fortalecer o compromisso com a transformação social em toda a sua cadeia operatória, da salvaguarda à comunicação. Assim, ao reconhecer a subjetividade, a expressão e o direito à memória de pessoas historicamente subalternizadas, o MEOC-HPSP evidencia o potencial da interlocução entre a arte e a saúde mental e se torna agente da luta antimanicomial e da consolidação da Reforma Psiquiátrica, instituída no Brasil pela Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, que dispõe, entre outros pontos, sobre o tratamento com humanidade e respeito e a reinserção social das pessoas que sofrem de transtornos mentais.

Palavras-chave

MEOC-HPSP, Oficina de Criatividade, inclusão social, arte e saúde mental

A CONSTRUÇÃO DO COMITÊ DE EQUIDADE RACIAL DO INSTITUTO INHOTIM

Álison Valentim de Freitas

E-mail: alisonvalentim@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O Comitê de Equidade Racial do Instituto Inhotim, institucionalizado em 2023, representa um passo importante na abordagem de questões raciais em instituições culturais. Formado por colaboradores, o comitê surge em resposta a questionamentos internos e externos sobre práticas de racismo institucional e busca promover um ambiente inclusivo e equitativo. Metodologia: Este estudo baseou-se na análise de documentos institucionais, atas de reuniões e entrevistas com integrantes do comitê. A abordagem qualitativa permitiu compreender os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para a construção de uma governança participativa. Objetivos: Explorar a implementação e o impacto do Comitê de Equidade Racial do Inhotim como ferramenta de transformação social, destacando suas práticas, desafios e resultados na luta contra o racismo institucional e na promoção da equidade racial. Fundamentação Teórica: O comitê reflete os princípios da Museologia Social, que enfatiza a participação comunitária e o compromisso com a diversidade cultural. O Inhotim, ao reconhecer e institucionalizar o comitê, adota uma postura próxima à Nova Museologia, promovendo uma mudança de paradigma. Discussão: O comitê foi impulsionado por incidentes que evidenciaram a ausência de representatividade racial em cargos de decisão e práticas culturais. O processo de estruturação, iniciado em 2022, foi marcado por escuta ativa e discussões com a diretoria, resultando em um regimento interno e políticas antirracistas concretas. A atuação é dividida em GTs que lidam com acolhimento, letramento racial e estratégias de comunicação. Resultados: A institucionalização do comitê possibilitou um diálogo contínuo com a diretoria e a implementação de políticas como a criação de um código de conduta antirracista e ações formativas. A representatividade negra nas decisões aumentou, refletindo-se na inclusão de questões étnico-raciais na agenda institucional. Desafios persistem, como a sustentabilidade das ações e o envolvimento contínuo da equipe. Conclusão: O Comitê de Equidade Racial do Inhotim exemplifica como profissionais de museus podem atuar no enfrentamento ao racismo institucional.

Palavras-chave

Museologia Social, Equidade Racial, Instituto Inhotim

DESENVOLVIMENTO DE PÚBLICOS NA PERSPECTIVA DA MUSEOLOGIA SOCIAL

Leticia Fernandes Rodrigues da Silva

E-mail: leticia.fernandes@digimusa.com.br

Filiação Institucional: Universidade Lusófona

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a relação dos museus com os públicos, enquanto um aspecto da gestão museológica que foi ganhando centralidade, principalmente a partir das grandes transformações societárias ocorridas na segunda metade do século XX, e como essas transformações resultaram em abordagens museológicas mais focadas no visitante e na difusão do conceito de Desenvolvimento de Públicos nas políticas culturais e nas práticas museológicas. O objetivo geral da pesquisa foi investigar como profissionais de museus brasileiros interpretam e identificam o conceito de Desenvolvimento de Públicos e em que medida o praticam a partir de princípios da Museologia Social. A intenção foi tanto problematizar o conceito de Desenvolvimento de Públicos, ao apontar para os diferentes entendimentos coexistentes, com interpretações ambíguas e emprego de forma acrítica, como também fazer uma primeira aproximação ao que seria uma definição do Desenvolvimento de Públicos na perspectiva da Museologia Social. A pesquisa utilizou a análise da produção acadêmica e entrevistas com profissionais do setor, em um estudo de caso com três museus: o Museu da República (RJ), o Museu da Língua Portuguesa (SP) e o Muquifu – Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MG). Foram analisadas ações de inclusão social e de fortalecimento da noção de democracia cultural, e como os profissionais desses museus compreendem o alcance, os desafios e os limites de se trabalhar na perspectiva da Museologia Social, diante das especificidades, da estrutura, da localização e dos recursos disponíveis em cada museu analisado. A pesquisa destaca, principalmente, a influência dos princípios da Museologia Social na promoção de práticas ancoradas no território e voltadas para o trabalho com grupos sociais tradicionalmente excluídos do direito à cultura, com o objetivo de contribuir para a dignidade humana, por meio do desenvolvimento social e de sua inclusão na sociedade. A pesquisa realizada, ainda que não generalizável para todo o campo museal, resultou em insights importantes sobre o entendimento e o uso do conceito de Desenvolvimento de Públicos, seus dilemas e ambiguidades. Nesse sentido, o Desenvolvimento de Públicos, sob a ótica da Museologia Social, é entendido como uma prática que visa ampliar a participação democrática, utilizando a ação educacional, de inspiração freiriana, como uma função-chave para facilitar a apropriação, pelos públicos, do patrimônio, dos saberes, produtos e serviços produzidos pelos museus e do fazer museológico em si, para colocá-los a serviço de seu desenvolvimento e promover a inclusão social.

Palavras-chave

Desenvolvimento de públicos, museologia e democracia cultural, inclusão social, Museu da República, Museu da Língua Portuguesa, Muquifu.

VESTIR A CAMISA: públicos torcedores no Museu do Futebol

Ellen Nicolau

E-mail: ellennicolau24@gmail.com

Vilma da Silva Campos

E-mail: vilma.campos@idbr.org.br

Filiação Institucional: Museu do Futebol

Resumo

A partir dos museus como espaços de produção de conhecimento relacional com seus públicos, a comunicação pretende discorrer, em perspectiva histórica, acerca das experiências do Museu do Futebol, em São Paulo, e seus visitantes que literalmente vestem a camisa de seus clubes durante a visita. Através da análise de dados em viés metodológico multimétodos, as considerações expressas ao longo das análises recaem sobre a particularidade de vestuário específico para visita ao Museu do Futebol, de indivíduos e suas famílias, e pretende debater formas de preservação deste comportamento dos públicos, recorrente desde 2008 quando o Museu foi inaugurado e promover indagações sobre a ativação de repertórios que perpassam o vestuário das camisas de time de futebol e seus impactos na experiência e motivação da visita. Entendida na esfera de pertencimento e fundamentada por dimensões simbólicas, territoriais e relacionais, o ato de vestir a camisa, assim como a pesquisa, demonstra como a vivência da temática do Museu através do corpo, permite engajar estratégias de comunicação que se refletem na exposição de longa duração e em aproximações afetivas do Museu com visitantes torcedores. Com considerações de como esse comportamento se reflete no entendimento da comunicação museológica, serão apontadas estratégias de fortalecimento de vínculo e debates dos sentidos socioculturais da moda esportiva. Ao reconhecer a relevância das camisas de time, as análises pretendem fomentar estratégias de pertencimento e formação de novos públicos além de reconhecer potencialidades para o recebimento de novos visitantes, o que também permite articular práticas culturais cotidianas a processos de musealização, assim como ao reconhecimento de times, espaços e práticas de memória ligados ao futebol não hegemônico. Ao inserir os públicos no centro dos debates, valorizando suas expressões simbólicas e fortalecendo o diálogo entre suas práticas e o Museu é possível reconhecer e preservar comportamentos que refletem tradições e perspectivas afetivas, criando experiências mais inclusivas e engajadoras para diversos perfis de visitantes.

Palavras-chave

Museu do Futebol, camisa de time, públicos de museu

O MUSEU COMO PARTILHA DO SENSÍVEL: interseções entre museologia social, arte e violência contra as mulheres

Adelita Puchalski da Silva

Email: itapuchalski@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Tecnológica do Paraná

Resumo

O presente estudo investiga como os museus podem contribuir na sensibilização de temas complexos como o enfrentamento à violência contra a mulher, por meio de exposições que dialogam com o território, compreendendo estas instituições como ferramentas de transformação social e espaços comprometidos com a população. Para nos ajudar a entender a aproximação do espaço museal junto às comunidades por meio da partilha do sensível, utilizamos como recurso de análise, os murais presentes no Museu Vivo Rede Nami. A instituição não-governamental está localizada na comunidade Tavares Bastos no Rio de Janeiro-RJ, e traz em sua concepção a exposição de arte grafite como instrumento dialógico promovido pelo museu com a população, a fim de propor o entendimento dos aspectos da cultura da violência por meio da observação dos sinais apontados pelo agressor e localizados na Lei Maria da Penha. Para perceber o museu como um espaço que vai além da contemplação e torna-se um mediador entre a comunidade e seu entorno, nos apoiaremos nas contribuições de Mário Chagas sobre museologia social e de Françoise Vergès com seus estudos sobre museologia decolonial, autores que nos ajudarão a perceber o museu vivo como uma instituição feita para a comunidade e com a participação dela, e como este viés implica na construção de uma expografia que comunica temas complexos como os presentes nos murais desta investigação. Considerando os museus como espaços participativos e democráticos que permitem à sociedade geração de opiniões por intermédio da reciprocidade do vetor museu-sociedade, a teoria democrática habermasiana nos auxiliará a entender os museus como esferas públicas deliberativas. A relação entre estética e política nos murais da Rede Nami e como ocorre o diálogo entre eles e os espectadores, serão abordados pelas propostas de Rancière e Didi-Huberman que nos auxiliarão a compreender os murais como objetos de partilha capazes de refletir o/a próprio/a expectador/a, costurando as premissas dos teóricos de estética e política aos estudos de museologia social.

Palavras-chave

Museologia social, estética e política, Museu Vivo Rede Nami

UMA PAJÉ MUSEAL NA CIDADE DE BELÉM:

Naraguassu Pureza a brisa do mar em águas grandes de Afuá

Diogo Melo

E-mail: diogojmelo@gmail.com

Ana Cristina Silva Souza

E-mail: anacrisweyl@gmail.com

Gisele Nascimento Barroso

E-mail: gisa.barroso@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O trabalho se constitui em um ensaio desenvolvido a partir de reflexões e devaneios com base nas teorias museológicas, dialogando com os conceitos de Museu e Museologia. Partimos da pergunta, se seria possível uma pajé ser Museu? E a partir deste questionamento, trazemos Naraguassu Pureza da Costa (1960-), pajé e educadora social nascida em Afuá no Marajó (PA), cujo nome de encantaria é Nará Naragua Naraguassu - Brisa do mar em águas grandes de Afuá. Compreendemos que é de Afuá que sopram as origens de suas sabenças. Atualmente reside em Belém (PA), onde milita, educa, performatiza e manifesta uma pajelança muito particular, disputando espaços simbólicos nesta cidade, colocando projeções identitárias, como a sua autodesignação genética como indígena Aruãns. Estamos etnografando esta pajé, convivendo e acompanhando, desde meados de 2022, e começamos a entendê-la enquanto uma personagem da urbe belenense, detentora de sabenças que se articulam em diversos universos, como das culturas indígenas e afrodiaspóricas, da educação e da política. Socialmente a entendemos como reivindicadora de diversas memórias e ideologias que se demarcam em seus atos performáticos. Um fazer o qual consideramos análogo às funções sociais dos museus, por ser detentora de um acervo pessoal complexo (Museu Interior) e diferente da maioria das pessoas, os projeta de maneira intensa no espaço social. O que compreendemos como uma expografia performativa do ser, oriunda do ato performático. Se um mais velho é uma biblioteca, como nos ensina o ditado africano, analogamente é um museu, e a pajé também o é. Devemos apenas caracterizar que museu é esse, chamado Naraguassu Pureza. Como mencionado, sua trajetória trás muito da cultura marajoara, com ensinamentos de sua avó pajé e Fulupa, uma negra anciã com quem conviveu em sua infância, com as quais aprendeu e herdou legados e saberes ancestrais. Para além da pajelança, se formou como professora em Soure (PA), onde teve contato com o Padre Bruno Sechi (1939-2000), com quem atuou no Movimento de Emaus com crianças de rua. Desse encontro adquiriu o legado de educadora social, aportada nas acepções freirianas, que se conectavam a sua missão ancestral para com as crianças. Atualmente, Naraguassu performatiza em diversos espaços da cidade, como em manifestações culturais e políticas, militando em prol de causas sociais e ambientais. Sempre com sua indumentária singular e sua sombrinha que assume o lugar do tradicional maracá. Diante do exposto, refletindo sobre as suas ações sociais, consideramos Naraguassu Pureza uma pajé museal. Um museu vivo que podemos nos deparar e acessar em distintos momentos e lugares da cidade de Belém.

Palavras-chave

Museu, Museologia, Amazônia, Pajelança, Memória

COSMOFOBIA E EDUCAÇÃO MUSEAL: “Morada do Surrupira” e diálogos interculturais na UFPA

Gisele Nascimento Barroso

E-mail: gisa.barroso@gmail.com

João Colares da Mota Neto

E-mail: joaocolares@uepa.br

Diogo Melo

E-mail: diogojmelo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade do Estado do Pará

Resumo

A intervenção artística “Morada do Surrupira” foi realizada a partir do Projeto de Extensão Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas, resultado de uma ação colaborativa que explora as encantarias amazônicas, suas ancestralidades e mitopoéticas. Constituída de uma escultura em cimento do encantado Surrupirinha no Bosque Itec Cidadão da UFPA, executada durante a 21ª Semana Nacional de Museus do IBRAM. O projeto buscou unir arte, espiritualidade e saberes tradicionais a temas como sustentabilidade e bem-estar, conforme a temática proposta. Apresentamos aqui uma análise desta intervenção em uma perspectiva da educação museal e da interculturalidade crítica e se apropriando do conceito de cosmofofia de Bispo dos Santos (2023). Conceito o qual o autor caracteriza como a negação e a invisibilização das cosmologias não ocidentais, como as ligadas aos povos tradicionais e afro-brasileiros. A intervenção artística busca se contrapor a essa invisibilização ao ocupar um espaço institucional e ao mesmo tempo natural, convidando as pessoas que ali transitam a uma reaproximação com as cosmologias indígenas e afrodiaspóricas. Podmeos considerar que a escultura se torna, assim, um marco para o reconhecimento das espiritualidades e das mitopoéticas locais, enfrentando a cosmofofia, principalmente a acadêmica, ao reivindicar a legitimidade e o valor dos saberes ancestrais na produção de conhecimento. No âmbito da educação museal, a Morada do Surrupira exemplifica os potenciais museais de diversos espaços culturais, capazes de promover mediações interculturais. A presença do Surrupira em um espaço universitário demarca um território e permite reflexões sobre a sustentabilidade ao desafiar a fragmentação entre os humanos e os não humanos. A obra instiga a valorização dos saberes amazônicos, inserindo-se em um processo de construção de uma educação crítica e decolonial, que enxerga o museu não apenas como guardião de objetos, mas como um espaço de diálogo e transformação social. Esta intervenção artística propõe um olhar para além do material e do visível, sugerindo que a sustentabilidade envolve também o cuidado com as narrativas, memórias e saberes tradicionais, aspectos fundamentais para o bem-viver coletivo e para a construção de uma sociedade intercultural e antirracista. A Morada do Surrupira reafirma a importância de práticas artísticas e educativas que promovam o diálogo entre diferentes cosmologias, convidando o público a ressignificar o espaço universitário.

Palavras-chave

Palavras Educação Museal, Arte, Religiosidade afro-amazônicas

PRÁTICAS EDUCATIVAS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: Impactos do Processo de Formação de um Museu em Espaços e Comunidades

Anne Kareninne Souza Castelo Branco

E-mail: anneeduca1@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

Os museus têm um papel social crucial, especialmente em comunidades onde representam não apenas espaços de preservação, mas também de transformação social. O nascimento de um museu não se limita à preservação do patrimônio cultural e científico; ele impacta diretamente as comunidades ao redor, criando uma demanda por políticas sociais e culturais que promovam a inclusão e a valorização local. No contexto de Teresina, Piauí, onde está em construção o Museu de Paleontologia do Parque Floresta Fóssil, esse impacto se torna evidente. No entanto, o poder público, responsável por essa implantação, ainda não consolidou diálogos, a fim de incluir a participação com a comunidade local, o que resultou em desafios que poderiam ter sido evitados com uma comunicação mais integrada e uma abordagem museológica centrada nas pessoas. Esse contexto destaca a importância da museologia social, um campo que vê o museu como um espaço participativo e comunitário, em vez de um ambiente passivo e distante. A museologia social propõe que os museus se tornem agentes ativos de transformação, integrando as vozes da comunidade e respeitando suas histórias, memórias e perspectivas. No caso do Parque Floresta Fóssil, uma abordagem de museologia social poderia ter promovido uma comunicação mais inclusiva desde o início da construção, oferecendo às pessoas locais uma oportunidade de se verem representadas e de participarem ativamente no processo. Esse tipo de envolvimento não só fortalece o vínculo entre a instituição e a comunidade, mas também transforma o museu em um espaço de pluralidade e troca cultural. Embora faltem iniciativas públicas robustas para a inclusão comunitária, pequenas ações educativas foram realizadas para minimizar esses efeitos, especialmente por meio de atividades externas para as crianças da comunidade. Entre essas atividades estão visitas guiadas ao parque, onde podem observar os troncos fósseis de 280 milhões de anos, oficinas de arqueologia e paleontologia, visitas a outros museus e laboratórios e a criação de materiais didáticos. Este estudo busca explorar como os museus, especialmente aqueles em fase de criação, podem se tornar agentes de transformação social ao adotar a museologia social como base. A integração da comunidade, promovendo a pluralidade e a participação ativa, é essencial para garantir que o museu exerça seu papel de transformação e impacto positivo. A criação de um museu em uma comunidade como a Vila Ferroviária requer responsabilidade social e um compromisso com práticas inclusivas que possam gerar uma relação de pertencimento e colaboração contínua com o público local, garantindo que o museu não apenas preserve o passado, mas também construa um futuro compartilhado.

Palavras-chave

Museologia social, Educação patrimonial, Transformação social

ESTUDO DE PÚBLICO NO MPEG: criação de alternativas decoloniais em um museu amazônico

Silvio José de Lima Figueiredo

E-mail: silviolimafigueiredo@gmail.com

Ana Claudia dos Santos da Silva

E-mail: anacsilv3@hotmail.com

Nadison Gomes de Oliveira

E-mail: oliveiranadison@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

As pesquisas sobre públicos em museus e centros culturais seguem muitas vezes características de pesquisas mercadológicas, no pensamento sobre esses públicos como consumidores. Na segunda metade do século XX, associada ao crescente interesse pelo trabalho com seus públicos, a pesquisa em museus se desenvolve no estudo de público ou de visitantes. Gradativamente, a ideia de proporcionar ao público um espaço de experimentação, de construção de conhecimento e de relações sociais foi se intensificando nas instituições museológicas, a partir do século XX, culminando no desenvolvimento e fortalecimento do caráter público dos museus. O estudo de público no Museu Goeldi aconteceu de forma mais sistemática no final da década de 1980 até metade da década de 1990. Neste período foram realizadas pesquisas de qualificação de público e a quantificação do seu fluxo em dois períodos do ano, os meses de abril e outubro considerados de baixa e alta visitação respectivamente. As mudanças na sociedade no século XXI e a ausência de pesquisas de público no Museu Paraense Emílio Goeldi indicam a necessidade de uma ampla pesquisa de público, para dar conta das impressões sobre as exposições, acervos e programação do espaço. Atualmente, desenvolve-se o projeto “Desvendando a Amazônia: estudo de público para inovação, criação de espaços culturais e museais e inclusão” com o objetivo de debater as metodologias de sondagens sobre públicos de museus no que se refere às acessibilidades atitudinais e comunicacionais, acionando percepções sobre acessibilidade física, racismo e constrangimentos para a diversidade de gênero e classe. Para isso realizamos aplicações de questionários com questões abertas e fechadas e conversas com grupos focais, cujas análises dos dados serão com abordagem qualitativa e quantitativa. Essa pesquisa se fundamenta em Koptcke (2005, 2012), Bourdieu e Darbel (2007), Hooper-Greenhill (1994, 2007) e Brulon (2020). Nesse projeto, espera-se indicar a necessidade de entendimento da diversidade de públicos de forma plural e decolonial, ajustando as características dos grupos às potencialidades dos museus e centros culturais.

Palavras-chave

Estudo de público, Museu Goeldi, inclusão

MUSEU CÂMARA CASCUDO E IRMANDADES DO ROSÁRIO: Apropriação Comunitária do Acervo

Étore Jerônimo Lula de Medeiros

E-mail: etore.medeiros@ufrn.br

Jacqueline Souza Silva

E-mail: jacqueline.silva@ufrn.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Texto. Este estudo analisa a atuação do Museu Câmara Cascudo (MCC) da UFRN na apropriação comunitária de seu acervo audiovisual pelas Irmandades dos Negros do Rosário, sob o olhar da museologia social. Em 2022, na 16ª Primavera dos Museus, o artista Julhin de Tia Lica, de Jardim do Seridó (RN), buscou apoio ao MCC para o 1º Sankofa—Encontro dos Reinos Pretos do RN. O MCC, comprometido com a participação comunitária, recuperou materiais das Irmandades, tradição afro-brasileira pesquisada desde 1960. Foram recuperados registros em película cinematográfica 16mm e gravações de áudio em fita de rolo, ambos de 1963, documentando o centenário da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Jardim do Seridó. Embora várias publicações acadêmicas tenham resultado dessa expedição liderada por Veríssimo de Melo, o material audiovisual nunca foi exibido às comunidades, revelando uma lacuna na socialização do patrimônio. Em parceria com a Irmandade, o acervo foi digitalizado e recontextualizado. A convite do museu, Julhin editou o documentário, integrando imagens originais para refletir a perspectiva da comunidade, num processo de musealização participativa. Em 2022, no Sankofa, o documentário foi exibido na comunidade quilombola Boa Vista dos Negros, em Parelhas, e na cidade de Jardim do Seridó, simbolizando reconexão identitária e fortalecimento da memória coletiva. A iniciativa demonstra o compromisso do MCC em restabelecer vínculos com as comunidades, promovendo a gestão e interpretação ativa do patrimônio, conforme os princípios da museologia social. Em 2023, na 17ª Primavera dos Museus, as Irmandades visitaram o MCC pela primeira vez, participando de rodas de conversa e apresentações culturais, firmando um diálogo entre museu e comunidade. A disponibilização do documentário no YouTube ampliou seu alcance, permitindo às Irmandades utilizar o material em iniciativas como o curta “Feito o Vento” (2023), exibido em festivais de cinema. A exibição do filme na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Caicó, em 2024, reforça o impacto contínuo dessa ação e a relevância da comunicação museológica além dos espaços institucionais. A experiência do MCC ilustra o potencial dos museus como agentes de transformação social. Ao promover a apropriação comunitária do acervo e valorizar narrativas e saberes locais, o museu contribui para a afirmação identitária e preservação do patrimônio imaterial de grupos historicamente marginalizados, alinhando-se às diretrizes contemporâneas da museologia social que defende justiça social, diversidade cultural e fortalecimento de identidades coletivas.

Palavras-chave

Museologia social, Irmandades do Rosário, Apropriação comunitária

A NOÇÃO DE FAVELIDADE NO ACERVO E NO DISCURSO EXPOSITIVO NO MUSEU DAS FAVELAS

Érika Augusta da Silva

E-mail: erikasilva.augusta@gmail.com

Inês Cordeiro Gouveia

E-mail: inescgouveia@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo

As reflexões apresentadas são parte do projeto de mestrado, que tem como objetivo geral refletir sobre as representações de favela instituídas no Museu das Favelas, equipamento público do Governo do Estado de São Paulo, criado por meio do Decreto nº 66.194, de 8 de novembro de 2021. Tais reflexões também decorrem fortemente da experiência pessoal, enquanto pessoa favelada e hoje trabalhadora no Museu das Favelas. A análise em questão problematiza a urbanização em São Paulo, no século XX, explicitando como o projeto constante de marginalização resulta no surgimento das favelas, territórios que compõem o imaginário deste Museu. Também se toma em conta o contexto de emergência da museologia social nos últimos 20 anos, período em que ações de Estado no campo museológico brasileiro têm dado alguma atenção à vida, à memória e às referências culturais de grupos socialmente marginalizados. Apresenta-se assim o Museu das Favelas, destacando aspectos singulares de sua institucionalização, como o fato de ter sido reivindicação da sociedade civil e instituído em um palácio. Observando museus e, em especial, aqueles identificados à museologia social, problematiza-se a relação que as instituições desenvolvem com os espaços que as sediam e a relação com os sujeitos representados. Segundo o Artigo 2º do seu Decreto de criação, “o Museu tem por finalidade preservar, pesquisar, documentar e comunicar o patrimônio cultural das favelas”. E, em seu Projeto Museológico, está expresso o desejo de que a instituição se constitua por meio da integração com diferentes agentes e organizações que vivem as realidades das favelas brasileiras. Aberto ao público em 26 de novembro de 2022, um ano após a publicação do seu Decreto de criação, o Museu das Favelas ficou sediado no Palácio dos Campos Elíseos, sem uma exposição de longa duração. Em agosto de 2024, com pouco menos de 2 anos de abertura, o projeto passou por uma mudança de sede e tem ocupado, desde então, o antigo prédio da Secretaria da Justiça e Cidadania, na Sé. A projeção da instituição é que o Museu reabra com novas exposições, inclusive a sua principal, ainda em 2024. Tal intento estimulou o debate sobre o acervo, aspecto que nos vale de análise. Nesse sentido, pretendemos debater como as premissas do Museu das Favelas figuram no acervo, no discurso expositivo, na relação com sua sede e seus agentes e como as representações de favela estão aí implicadas.

Palavras-chave

Museu das Favelas, acervo, museologia social

A DIMENSÃO SOCIAL DO CAVALETE DE CRISTAL: Arquitetura, expografia e democracia

Fabiana Cremonese Bernardy

E-mail: fabianabernardy@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A associação de museus com a tradição de intelectualidade e com a preservação de arte e objetos antigos, está fortemente relacionada à herança da cultura europeia. O espaço museológico assumiu um caráter de “mausoléu intelectual”, distantes da sociedade e limitados à contemplação elitista. Com o passar do tempo, esse modelo mostrou-se inadequado às demandas sociais, dando lugar a uma abordagem mais pedagógica e integrativa. O Museu de Arte de São Paulo (MASP), projetado por Lina Bo Bardi, reflete essa nova concepção. Sua primeira sede foi adaptada no Prédio do Diário dos Associados, no centro da cidade, onde houve desafios em converter uma área limitada em um espaço cultural. Apesar disso, a arquiteta tinha clareza da vontade de se opor às diretrizes museológicas tradicionais, propondo um espaço dinâmico que favorecesse a compreensão da arte pelo público. Em 1957, Lina começa a colocar em prática essas diretrizes, a partir do projeto da sede definitiva. Este, buscava fortalecer a relação da cidade e do público com o Museu, refletindo na pureza volumétrica e na simplicidade dos materiais, a unidade entre o exterior interior do edifício. Esses princípios refletiram na expografia inovadora do MASP, onde Lina integrou os materiais do edifício aos cavaletes, objeto que acomoda as obras, reforçando a continuidade entre arquitetura e expografia. Esta, também se destacou por ocupar o centro das salas, representando uma forma democrática de envolver o público, aproximando as obras dos visitantes. Enquanto no museu convencional a pinacoteca é disposta de forma cronológica e hierárquica nas paredes, e o usuário se guia através desta ordem, a abordagem de Lina, expõe a coleção no mesmo nível, onde as obras não se sobrepõem. A partir da exposição nos cavaletes, o espectador se mimetiza entre as pinturas e cria o seu percurso através delas. Em 1996, após passar por uma reforma, o MASP reabriu com sua pinacoteca descaracterizada, apresentando vidros selados e paredes internas para acomodar as obras. Essa abordagem foi totalmente oposta à idealização do Museu, uma espécie de retrocesso e negação ao instinto do edifício, que anseia pela comunicação com a cidade e com o público. Apesar do seu período de extinção, a expografia continua respondendo aos desafios contemporâneos da relação entre arte e sociedade. A ideia de Lina, pioneira em seu tempo, contribuiu para a construção do museu de caráter social e democrático, onde o público-alvo é o protagonista da experiência cultural.

Palavras-chave

Museu democrático, expografia, arquitetura

AJUSTAR OS TERMOS DA CONVERSA:
práticas colaborativas em museus de Porto Alegre – RS

Fernanda Rechenberg

E-mail: fernandarechenberg@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

As últimas décadas intensificaram os debates em torno da chamada “museologia colaborativa” (ABREU e RUSSI, 2019) e da necessária revisão crítica das relações de poder instituídas na formação das coleções e dos museus. Dos debates da Mesa de Santiago do Chile à Declaração de Quebec, dos tensionamentos entre Antropologia e Museus às críticas à colonialidade, o campo museológico vem ampliando as possibilidades dialógicas em diferentes “comunidades interpretativas” (RABINOW, 1999), estabelecendo novos parâmetros na prática museal (CURY, 2020). Se para Walter Mignolo (2018), confrontar o paradigma colonial nas instituições requer um ajuste nos “termos da conversa”, sabemos que tais ações se fazem no cotidiano do trabalho nos museus, mas também, e sobretudo, na revisão de suas políticas institucionais. Diante deste cenário, a pesquisa propôs indagar se, e como, as instituições museológicas sediadas em Porto Alegre têm acompanhado os debates intelectuais e as reivindicações sociais contemporâneas, revisitando suas práticas na direção de uma museologia reflexiva e colaborativa. Através de levantamento realizado no cadastro do Sistema Estadual de Museus (SEM/RS) e posterior acompanhamento das redes sociais virtuais de um conjunto de instituições com ações potencialmente colaborativas, a pesquisa incluiu 4 museus em seu recorte de investigação, a saber: Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARS), Museu Histórico Júlio de Castilhos (MHJC), Museu Joaquim José Felizardo e Museu da UFRGS. Nesta etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas com as equipes técnicas e diretivas do MARS e do MHJC, duas instituições públicas que se destacam pela atuação colaborativa em proximidade com diferentes segmentos sociais, em especial, comunidades indígenas e afro-religiosas. Argumentamos, neste trabalho, que se tais atuações promovem significativos deslocamentos e reconsiderações em torno dos princípios de curadoria, ação educativa, gerenciamento de acervo e pesquisa nos museus, também tornam evidentes os desacordos entre as possibilidades e limites operacionais na implementação de ações contínuas e institucionalizadas.

Palavras-chave

Museologia Colaborativa, Porto Alegre, Antropologia

CARTOGRAFIAS COLETIVAS: vivências em museus do centro histórico de João Pessoa

Robson Xavier da Costa

E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com

Filiação Institucional:

Centro Universitário Leonardo Da Vinci

Mariana Lira de Sousa

E-mail: liramariana283@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este trabalho se propõe a apresentar e analisar os resultados da vivência de campo proposta para a pesquisa qualitativa cartográfica que está sendo realizada em função da Dissertação de Mestrado em desenvolvimento pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV - UFPB/UFPE), idealizada para conhecer parte dos diversos públicos que permeiam alguns dos museus de arte e outros equipamentos culturais localizados no Centro Histórico de João Pessoa, bem como vivenciar esses espaços em uma experiência coletiva. Ao longo de três meses, entre junho e agosto de 2024, a pesquisadora-professora-artista Mariana Lira realizou dez passeios que seguiram um roteiro organizado previamente pela pesquisadora, com início no Instituto Energisa, seguindo pelo Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa, Centro Cultural São Francisco, Casa da Pólvora, Casarão 34, e finalizados no Hotel Globo. De forma espontânea e gratuita, qualquer pessoa interessada em participar do encontro poderia se inscrever em uma das datas disponíveis, o que possibilitou olhar de maneira ampla para os diferentes públicos (KOPTCHE, 2012) em João Pessoa, que variaram entre moradores da cidade que frequentavam os museus, outros que nunca haviam ido antes ou sequer conheciam, como pessoas de outras cidades que estavam residindo na capital há pouco tempo e possuíam vivências em outros espaços semelhantes, turistas, além de uma vasta gama de idades, realidades sociais e áreas de atuação profissional. Esta diversidade possibilitou a construção de uma cartografia (ROLNIK, 1989) afetiva e coletiva, onde o espaço e as pessoas que o ocupam tornaram-se indissociáveis. Ao final de cada encontro, a pesquisadora promoveu uma roda de conversa em que todos poderiam compartilhar suas experiências e pontos de vista pessoal, sobre os museus, o centro e os caminhos, e em seguida, foi aplicado um questionário misto, com questões fechadas e abertas, onde os participantes puderam transcrever suas percepções. A partir das numerosas trocas ao longo das caminhadas e dos resultados dos questionários aplicados, foi possível identificar algumas das potencialidades e fraquezas dos equipamentos culturais do roteiro, bem como entender um pouco mais sobre as pessoas e a memória coletiva (HALBWACHS, 1990) que compõem esses museus, que compartilharam seus medos, inseguranças, insatisfações e surpresas, externando assim suas necessidades para se aproximarem e sentirem-se pertencentes a estes espaços.

Palavras-chave

Públicos de Museus, Centro Histórico, João Pessoa

CONSTRUINDO PONTES COM O PASSADO:
Educação Patrimonial e Arqueologia Preventiva no Museu
Dom Avelar, Teresina-PI

Anna Gabriella Silva Vaz Barreto

E-mail: annabarretovaz@usp.br

Virginia Marques da Silva Neta

E-mail: virginiamarques@usp.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

A educação patrimonial em arqueologia desempenha um papel crucial na valorização, preservação e divulgação do patrimônio cultural, especialmente em contextos de arqueologia preventiva. No ano de 2021, no Museu Dom Avelar, em Teresina-PI, foi realizada uma ação educativa no âmbito de um projeto de arqueologia preventiva, em parceria com a equipe gestora e funcionários da Construtora MRV Engenharia & Participações, direcionada a engenheiros, arquitetos, técnicos e gestores da empresa, demonstrando o impacto transformador das práticas museológicas e arqueológicas para a sociedade. Por meio dessa ação, buscou-se evidenciar a importância dos trabalhos de arqueologia preventiva dentro do processo de licenciamento ambiental, que investigam, resgatam e preservam vestígios arqueológicos não só para futuras pesquisas, mas como elementos vivos da memória coletiva, essenciais para fortalecer a identidade cultural. Ao participarem da visita guiada, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer o acervo arqueológico do museu e compreender a relevância dos vestígios para a identidade cultural da região, conhecerem os laboratórios de arqueologia, biblioteca, além de participarem de uma palestra ministrada pelas arqueólogas e educadoras Anna Gabriella e Virginia Marques, que destacaram a relevância dos vestígios preservados para a construção de uma memória cultural compartilhada. Essa atividade dialoga com a perspectiva de Funari (2015), que enxerga a arqueologia como um campo essencial para a integração do conhecimento ao cotidiano das comunidades, tornando-o acessível e relevante para a sociedade contemporânea. Essa ação também está alinhada às diretrizes do IPHAN (2014) em “Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos”, que definem a educação patrimonial como um processo formativo que promove a consciência coletiva sobre a preservação do patrimônio remanescente. Em sintonia com o conceito de museologia social, o Museu Dom Avelar se afirma como espaço de aprendizado, engajamento e inclusão, incentivando a comunidade a reconhecer o valor de sua herança cultural e a se ver representada. A parceria entre a Arqueologia Preventiva e o Museu Dom Avelar demonstra o potencial da educação patrimonial em transformar a relação das empresas da construção civil com o patrimônio cultural. Ao vivenciar o processo de resgate e preservação, os participantes puderam compreender a importância de integrar a dimensão cultural em seus projetos, contribuindo para a construção de um futuro mais sustentável e socialmente responsável. Essa experiência exitosa demonstra que a museologia social, ao promover o diálogo entre diferentes atores sociais, pode contribuir significativamente para a valorização do patrimônio cultural e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Palavras-chave

Museu Dom Avelar, Educação Patrimonial, Arqueologia Preventiva Palavras

REVOLUÇÃO E MUDANÇA SOCIAL: a Campanha Nacional de Museus Regionais entre o local e o internacional

Adel Igor Pausini

E-mail: adel.pausini@ulusofona.pt

Filiação Institucional: Universidade Lusófona

Resumo

A presente comunicação busca refletir, a partir da Campanha Nacional de Museus Regionais, iniciativa executada no Brasil na década de 1960, a partir da articulação entre o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e os Diários Associados, a potencialidade dos museus regionais estimulados por esta ação, como promotor ou partícipes da transformação social local, considerando os múltiplos e sucessivos processo de modificação político-social o qual as sociedades ocidentais estiveram envolvidas desde a segunda metade do século XX. Deste modo, a partir da revisão bibliográfica, assim como do método dialógico, esta comunicação busca explorar as múltiplas relações e interesses na manutenção e existência dos museus regionais, a nível local, nacional e internacional, sem desconsiderar a ação de seus agentes articulados ao capital simbólico, econômico e social nestas distintas esferas. Sendo assim, elenca-se como ponto de partida, a ideia do museu como instituição integrante da sociedade, a quem presta serviços, cumprindo refletir sobre até que ponto, no caso da Campanha Nacional de Museus Regionais, com foco nos museus incentivados por esta na região nordeste do Brasil, o seu envolvimento em processos e narrativas de modernização, atualização e inovação social, enquanto ações efetivamente transformadoras, não se tratando de ilusórias reformas ou modernizações conservadoras, portanto, reificadoras do status quo, enquanto apontam aparentemente e ilusoriamente para elementos de construção da justiça social e por consequência da mudança social, que por sua vez não são efetivados, explorando deste modo cenários e contextos como a Guerra Fria e o desenvolvimentismo, aliados a ideia de promoção da arte moderna e da lógica urbano-industrial e suas múltiplas e distintas realidades e necessidades locais, bem como as dubiedades do projeto que foi capaz de agregar diferentes e perspectivas em torno de projeto que buscou descentralizar a existência de museus de arte no país para além do eixo Rio-São Paulo, mesmo que efetuando a centralidade de São Paulo na condução e realização deste processo.

Palavras-chave

Campanha Nacional de Museus Regionais, Modernidade, Mudança Social

ENTRELAÇAMENTOS NOS BECOS: Museologia Social, Cultura Visual e o Caminhar

Gabriela Neres Batista Silva

E-mail: gabriela.neres2@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Goiás

Resumo

A memória não está restrita a objetos, tão pouco a grandes prédios. Pensar memória é flexionar as lembranças coletivas e traduzir as diferentes perspectivas através de não documentos, mas também de experiências. O viver é trazer a memória. A Museologia Social propõe que entendamos museus através dessa vivacidade e dinamicidade das narrativas e elementos que as compõem. Neste olhar, os lugares de memória são permissíveis de estarem nas ruas, nas pessoas, na cidade e nos becos que as perpassam. Nesse sentido, como estes museus estão presentes na cidade? Convido as pessoas que estão lendo, a caminhar pela cidade, a fim de pensar, quais lugares lhe evocam memórias? Quais destes se tornam frequentes, presentes e que te traz uma sensação de pertencente àquele lugar? Quais experiências você pode contar? É com base nessas indagações e nas experiências vividas que se encontra uma metodologia que auxilia no pensar e fazer Museologia Social, de forma que os olhares, memórias e visualidades consigam receber uma óptica que extrapola o museu convencional. A metodologia do caminhanter se encontra neste meio para perceber a cidade. É através dela, que podemos captar o sensível dentro do cotidiano urbano, expondo as vivências e pessoas que cruzam estes lugares. Ao unir os pensamentos da Museologia Social, os olhares da Cultura Visual e a metodologia do caminhanter, nos encontramos nos becos de Goiânia, Goiás, um deles intitulado Beco da Codorna e outros dois Beco da Cultura e do Esporte localizados na rua do Lazer. Estes lugares (frutos de minha dissertação) que já tiveram funções como carga e descarga de mercadorias, estacionamento, hoje, fazem parte de uma tensão entre as relações da comunidade local, do Hip Hop e órgãos públicos que utilizam e transitam por lá. O que antes era uma passagem, se torna palco para memória, resistência, cultura e identidade. Assim, a pesquisa busca demonstrar uma nova ferramenta (a metodologia do caminhanter) para ilustrar estudos da Museologia Social. É compreender que todas elas buscam as experiências vividas e memórias que emergem em diversos lugares e utilizá-las para trazer uma narrativa visual sobre estes becos.

Palavras-chave

Becos, metodologia do caminhanter, memória

**POSSIBILIDADES E POTÊNCIAS:
MUSEOLOGIA COLABORATIVA EM
INSTITUIÇÕES MUSEAIS DE PORTO ALEGRE, RS**

Renata Lewis Scotto

E-mail: renatascottomuseologia@gmail.com

Azul Vianna Labrea

E-mail: azullabrea@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/12fGrQaLPcSbZ44TJNn6Wg2eSPEJMUiTc/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT12



GT12

Grupo de Trabalho 12.

Acessibilidade em museus: reflexões sobre a inclusão das pessoas com deficiência – Museus e Ações Inclusivas

Coordenação

Gilson Antônio Nunes

E-mail: gilson@ufop.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Ouro Preto

Viviane Panelli Sarraf

E-mail: vsarraf@gmail.com

Filiação Institucional: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Rejane da Silveira Several

E-mail: rejane-several@uergs.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Márcia Regina Bertotto

E-mail: bertotto@terra.com.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A nova definição de museus aprovada pelo Conselho Internacional de Museus em 2022 estabelece que “um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial”. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos”. Desta forma a acessibilidade e a inclusão são incorporadas à definição. Depreende-se, portanto, que a acessibilidade e inclusão seja para todos os públicos, incluindo as pessoas com deficiência e pessoas neurodivergentes. Discutir os conceitos, metodologias, práticas, experiências e reflexões sobre o processo de inclusão das pessoas com deficiência e demais beneficiários da acessibilidade nos museus são o objetivo central deste grupo de trabalho. Considerando que o 6º SEBRAMUS - Seminário Brasileiro de Museologia tem como tema “Museus, Museologias e Inserção Social” onde se pretende discutir uma pluralidade de museus, de museologias e de formas de inserção social que oportunizam a construção de conhecimentos e de políticas públicas que possam garantir direitos aos/às detentores/as de gerir seus patrimônios, pode-se incluir a prerrogativa das pessoas com deficiência e neurodivergentes de acessarem esse universo de forma autônoma, segura e com o devido protagonismo. Para tanto a Museologia pode contribuir não só com reflexões teóricas bem como com a análise e desenvolvimento de recursos que permitam essa inclusão e participação. Possibilitando a eliminação das mais diversas barreiras que dificultam a fruição de equipamentos culturais, como museus, por essa parcela significativa da população que no Brasil somam aproximadamente 10 milhões de pessoas (segundo o Censo do IBGE de 2022). Para além dos direitos assegurados pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Nº 13.146, de 6 de julho de 2015) a esse contingente populacional, os museus possuem a obrigação legal de realizar a inclusão e propor programas e ações de acessibilidade conforme explicitado no Estatuto dos Museus (Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009). Recentemente o Instituto Brasileiro de Museus realizou uma consulta pública para a criação do Programa Nacional de Acessibilidade em museus e Pontos de Memória - Acesse Museus preparando a implantação de uma política pública específica para o setor, ações que justificam a pertinência deste GT no 6º SEBRAMUS.

AUDIODESCRIÇÃO POÉTICA:
por um museu de múltiplas percepções

Thiago de Lima Torreão Cerejeira

E-mail: thiagotcerejeira@gmail.com

Robson Xavier da Costa

E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Paraíba

Resumo

A proposição de pensar espaços museais que contemplem a diversidade de pessoas em suas múltiplas formas de ser, estar, sentir e interagir com o mundo é a premissa que tem delineado a pauta da acessibilidade cultural, cada vez mais discutida, justamente por questionar a inexistência de espaços e ambiências acessíveis para pessoas com deficiência e outros públicos, a partir de alternativas sensoriais que promovam uma experiência estética plena e significativa para qualquer visitante no âmbito museal. Para fins deste estudo, apresentamos um recorte da pesquisa Audiodescrição como Performance em Exposições Acessíveis de Artes Visuais na Paraíba e no Rio Grande do Norte, em desenvolvimento junto ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB-UFPE), da Universidade Federal da Paraíba, a qual articula-se com o deslocamento da fruição que ocorre, na maioria dos casos, pautada no visucentrismo para outras dimensões sensoriais, utilizando como fio condutor o recurso de acessibilidade comunicacional e cultural da audiodescrição, que propicia uma transcrição do que se vê para o que se ouve, se experimenta e sente, oportunizando, assim, formas mais democráticas de acesso aos museus e seus acervos. A partir de tais argumentos, pretende-se identificar os motivos pelos quais ainda existem poucas exposições de artes visuais no Brasil que utilizam recursos de acessibilidade e, mais especificamente, com audiodescrição. Propõe-se, desse modo, um itinerário que amplie a ideia da acessibilidade de exposições de artes visuais, considerando a perspectiva da audiodescrição como parte integrante da expografia, ou seja, em uma vertente poética que consiga proporcionar uma experiência estética de acesso para as pessoas com deficiência visual e outros públicos interessados. A proposição empreendida pretende delinear uma reflexão acerca do trabalho colaborativo de formação e sensibilização sobre a acessibilidade cultural com as pessoas que compõem as equipes de produção e do educativo das exposições em ambiências museais ou culturais, como forma de refletir a cultura do acesso. A partir destas percepções, encaminha-se uma análise das experiências possíveis a serem construídas em tais percursos, tomando como referência a recepção e a fruição das pessoas que visitam tais espaços e suas exposições, levando em conta o escopo da audiodescrição e da acessibilidade, bem como das estratégias e alternativas multissensoriais assumidas na concepção artística deste panorama.

Palavras-chave

Artes Visuais. Acessibilidade cultural. Audiodescrição poética. Expografia.

ANÁLISE COMPARATIVA DA ACESSIBILIDADE TEXTUAL EM DOIS MUSEUS DE BELO HORIZONTE (MG)

Bia Souza Pimentel

E-mail: b.museologia@gmail.com

Clarissa Guimarães Tomasi

E-mail: clarissatomasi@gmail.com

José de Souza Muniz Júnior

E-mail: jmunizjr@cefetmg.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este trabalho tem como objetivos discutir os fatores que dificultam a leitura dos textos expográficos e propor intervenções para torná-los mais acessíveis. Essa análise foi feita essencialmente a partir de três aspectos: leiturabilidade, legibilidade visual e visibilidade. O trabalho integra uma pesquisa que analisa textos de exposições de longa duração de dois museus históricos sediados em Belo Horizonte (MG): Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) e Museu de Artes e Ofícios (MAO). Para a realização dessa pesquisa, dividimos a metodologia em: pesquisa bibliográfica nas áreas de linguística, design e museologia, buscando contribuições sobre produção e leitura de textos expográficos; coleta de dados in situ; triagem e sistematização dos dados em planilhas; análise dos dados; proposição de intervenções com base nos problemas identificados. Quanto à leiturabilidade, consideramos dados quantitativos (índices coletados com a ferramenta legibilidade.com) e qualitativos (principalmente escolhas sintáticas e lexicais). Quanto à legibilidade visual, consideramos três fatores: escolha do tipo, tamanho da fonte e contraste cromático entre texto e fundo. Para aferir a visibilidade, observaram-se a presença de reflexos, desgastes materiais e/ou obstáculos físicos, bem como a distância do texto ao chão e ao artefato a que se refere. As diferenças identificadas entre os museus têm relação com as edificações em que se encontram, os projetos expográficos e as narrativas que constroem. Contudo, há também semelhanças significativas. Quanto à leiturabilidade, na média os textos apresentam fatores que dificultam a compreensão por pessoas que não completaram a educação básica, como vocabulário complexo e frases extensas e/ou fora da ordem canônica. Com relação à legibilidade visual, destaca-se o baixo contraste de cores. No item visibilidade, foram encontrados problemas como obstáculos físicos, reflexos e distância entre o texto e o objeto. Compreende-se que a produção de textos expográficos acessíveis para um público diverso apresenta desafios que não podem ser enfrentados por apenas uma área do conhecimento. Assim, os diálogos entre a linguística, o design e a museologia podem favorecer a construção de exposições mais acessíveis.

Palavras-chave

Acessibilidade textual, Expografia, Legibilidade

OBSERVATÓRIO DA ACESSIBILIDADE EM MUSEUS EM MINAS GERAIS

Gilson Antonio Nunes

E-mail: gilson@ufop.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo

Uma decorrência da disciplina MUL406 Acessibilidade em Museus, oferecida no curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), desde 2011 como disciplina eletiva, e a partir de 2027 como obrigatória, para os alunos ingressantes em 2023, tem sido um significativo número de trabalhos de conclusão de curso sobre o tema. Do ano de 2013 até 2024, foram defendidas seis monografias. Considerando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a disciplina formou alunas que se vincularam a projetos de iniciação científica relacionados ao tema da matéria, orientados pelo professor da disciplina. Desta forma, no edital de 2019 do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC), da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPI), foi aprovado o projeto Diagnóstico da Acessibilidade nos Museus de Ouro Preto (executado em 2020/2021), já no edital do Programa Bolsa a Iniciação Científica e Tecnológica Institucional (PIBIC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) em conjunto com a PROPPI no ano de 2021 aprovou-se o projeto Diagnóstico da Acessibilidade nos Museus de Ouro Preto – Remoto (executado entre 2021/2022) e no mesmo edital no ano seguinte o Diagnóstico da Acessibilidade nos Museus de Belo Horizonte (executado entre 2022/2023). Finalmente, no edital do PIVIC da PROPPI em 2023, aprovou-se o projeto Diagnóstico da Acessibilidade nos Museus de Mariana, em execução no momento. Os resultados acumulados dessas pesquisas têm sido disponibilizados por meio de artigos científicos em periódicos especializados e a participação em congressos. Com o objetivo de apresentar essas informações para o público em geral e especialmente para as pessoas com deficiência, interessados nos recursos de acessibilidade disponibilizados pelas instituições museológicas, é que se propõe estabelecer o Observatório da Acessibilidade em Museus em Minas Gerais. Trata-se de uma plataforma que será desenvolvida pelo Laboratório de Mediação e Ensino de Ciências e Astronomia (LABMECA) do Departamento de Museologia da Escola de Direito Turismo e Museologia da UFOP por meio de um site na Internet (www.acessibilidade.museus.ufop.br). Pretende-se que o portal seja acessível às pessoas com deficiência e constantemente atualizado, seja pelas informações levantadas pelas pesquisas realizadas, em desenvolvimento ou futuras, bem como pelo retorno dos museus pesquisados.

Palavras-chave

Acessibilidade, Museus, Observatório, Minas Gerais

ACESSIBILIDADE EM EXPOSIÇÕES E PATRIMÔNIO CULTURAL ACESSÍVEL: legado e intersecções

Daina Leyton

Email: dainaleyton@gmail.com,

Bianca de Andrade Mantovani

Email: mantovani.bianca@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Na área de Museus e da Museologia, a acessibilidade é cada vez mais tema de estudos e políticas internas das instituições culturais brasileiras. Nesta comunicação, a educadora e consultora de acessibilidade cultural, Daina Leyton, e a produtora de acessibilidade cultural e pesquisadora da área de arquivos e museologia, Bianca Mantovani, abordam experiências no desenvolvimento e criação de ações culturais acessíveis no Brasil e levantam possibilidades de incorporação dos recursos de acessibilidade ao acervo de museus e instituições culturais brasileiras. Partindo das premissas da acessibilidade transversal e da acessibilidade estética, a proposta é a constituição de um arquivo nacional de patrimônio cultural acessível e dialogar com os pares da área museológica sobre a possibilidade de criação desse repositório, apontando ganhos e desafios. Recorrentemente, são produzidas para exposições temporárias uma profusão de audiodescrições, vídeo-libras, obras táteis, recursos sensoriais, transcrições de obras, entre outros meios, que tornam o bem cultural cada vez mais acessível a todas as pessoas. Esse é um legado precioso que, no entanto, não é fácil de ser acessado por pessoas com deficiência que desejam pesquisar ou fruir essas obras, o que caracteriza uma violação de seus direitos culturais. A dupla de comunicadoras aventa, portanto, a possibilidade de construção de um banco de dados acessível que reúna a informação criada por instituições brasileiras e se crie um acervo nacional de acessibilidade de obras de arte. A fruição de exposições acessíveis, concebidas com a participação e a consultoria de pessoas com deficiência, é também produção e difusão da Cultura Def, uma vez que é um modo de ler o mundo que “produz uma estética e portanto uma ética” (frase da artista def Estela Lapponi). A proposta é lançar luz sobre a acessibilidade em museus com foco na história, na estética, no legado e na Cultura Def, levantando como essas premissas se perpetuam numa instituição, transbordam o seu espaço e interseccionam com outros equipamentos culturais.

Palavras-chave

Acessibilidade estética, Banco de dados, Acessibilidade transversal, Exposições acessíveis

A MUSEOLOGIA SOCIAL ATRAVÉS DA ACESSIBILIDADE: Disputas e reivindicações

Laís Santos Lima

E-mail: lais2494@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir o papel da museologia reivindicando componentes sociais através da acessibilidade. Problematicamos as fases e transformações da museologia através de um apanhado histórico dividido em três pontos: a Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, a Declaração do Quebec 1984 e o surgimento e ascensão da Museologia Social. A proposta é explorar o potencial dos museus através do olhar da Museologia Social aliado a acessibilidade atitudinal entendendo o museu como um agente de mobilização social com responsabilidades e ferramentas para a construção de uma sociedade mais plural e participativa. Nos questionamos qual o lugar da acessibilidade no panorama de uma museologia social no Brasil, uma vez que já existe uma legislação específica que garante o direito à participação na vida cultural para pessoas com deficiência, como exemplo o Plano Nacional de Cultura (2010), aliado ao Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), a Lei no 11.904, de 14 de janeiro de 2009 que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências inclusive sobre a acessibilidade, a própria 13.146, de 6 de julho de 2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e também a Normativa nº1/2003 do Iphan que dispõe sobre acessibilidade aos bens culturais tombados. Os museus enquanto espaços de socialização e que constroem e colaboram com as representações sociais e diante da perspectiva em que Museologia social se propõe tornar os espaços museológicos cada vez mais sensível às pautas sociais, as discussões sobre acesso de pessoas com deficiência deve ser vistas como questões transversais, estamos presente em toda e qualquer ação dos museus. Por fim, busca-se contribuir acerca dos debates teóricos sobre acessibilidade nos museus. Esse artigo nasce da pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento pela linha de pesquisa Patrimônio cultural e desenvolvimento social do Programa de Pós-graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Palavras-chave

Acessibilidade, Museologia Social, pessoa com deficiência

FAUNA AMAZÔNICA E ACESSIBILIDADE EM UM CLUBE DE CIÊNCIAS NO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Tâmara do Carmo Rego Pereira

E-mail: tamara@uepa.br

Jacirene Vasconcelos de Albuquerque

E-mail: jacirene@uepa.br

Jessica Silva da Silva

E-mail: jessicaa26silva@gmail.com

Willian Silva Barbosa

E-mail: willian.biologia1@gmail.com

Weyda Suyane Campos Ribeiro

E-mail: weydasuyane@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade do Estado do Pará

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a implementação de uma ação educativa inclusiva desenvolvida pelo serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) por meio do Projeto Clube do Pesquisador Mirim (CPM), localizado em Belém do Pará. O CPM é um projeto de Iniciação Científica desenvolvido com estudantes de educação básica de escolas públicas e particulares, que por meio de atividades práticas e interativas, utilizando a abordagem de Ensino por Investigação, nas quais são incentivados a explorar temas relacionados às pesquisas realizadas no MPEG, com ênfase em assuntos de grande relevância para a Amazônia. Uma das propostas do CPM é despertar o interesse pela Ciência, além de promover a valorização do conhecimento sobre a biodiversidade amazônica, promovendo a Alfabetização Científica. Diante disso, nesse trabalho apresentaremos uma experiência exitosa, que tange sobre a inclusão de surdos no CPM e como ocorreu o processo de concepção e elaboração do primeiro Kit Educativo Bilíngue, em libras e português, intitulado “Fauna em Sinais” do CPM. A presença de surdos em diversos segmentos da sociedade é uma realidade reconhecida e garantida por lei. No entanto, quando se trata de aprimoramento e Iniciação Científica em espaços não formais de educação como os Museus, ainda são poucos os registros de atividades que envolvem esse público, especialmente as crianças surdas. Assim, essa pesquisa caracteriza-se como estudo de caso com abordagem qualitativa de natureza aplicada, conduzida com grupo composto por 15 crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, destas 30% eram surdas, sendo os demais 70% ouvintes. Durante onze meses, este grupo de estudantes pesquisou o tema “Bastidores da Fauna Amazônica”, onde aplicou-se a abordagem bilíngue em todas as atividades, com o suporte de um intérprete de Libras para garantir a comunicação eficaz entre os alunos surdos e ouvintes. Os resultados mostram que o Kit Educativo foi concebido de forma colaborativa, lúdica, inclusiva e inovadora pelo grupo de alunos. Almejou-se, com o material, apresentar aos visitantes as 15 espécies de animais do MPEG: ariranha, iguana, cutia, marreca cabocla, guará e outras. O material é pioneiro e inovador, uma vez que muitas dessas espécies não possuíam representação em LIBRAS e foram “batizadas” pelas crianças durante o processo. Assim, conclui-se que, com as metodologias adequadas e o suporte da Língua Brasileira de Sinais é possível integrar alunos surdos em iniciativas educacionais promovidas por espaços museais e que esse processo inclusivo se configurou numa experiência enriquecedora para todos os envolvidos.

Palavras-chave

Surdos, Clube do Pesquisador Mirim, Inclusão, Alfabetização científica

MEMÓRIA ANCESTRAL:

a experiência do Museu Surrupira na 18ª Primavera de Museus

Cássio Alexandre Souza dos Santos

E-mail: kcosantos@gmail.com

Filiação Institucional: Faculdade Intercultural da Amazonia

Gisele Nascimento Barroso

Filiação Institucional: Universidade do Estado do Pará

E-mail: gisa.barroso@gmail.com

Diogo Melo

E-mail: diogojmelo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

Resumo

O trabalho aborda a participação do Projeto de Extensão Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas da UFPA na 18ª Primavera de Museus, realizado no município de Bujaru - Pará. Evento com a temática de acessibilidade e inclusão. Na programação, realizada em Bujaru-Pará, o Museu Surrupira propôs duas oficinas: a de confecção de bonecas abayomis e uma roda de conversa sobre tambores. Atividades escolhidas por ressaltarem aspectos de acessibilidade cultural, simbólica e de identidades negras e quilombolas, por evocar vozes historicamente marginalizadas. Acepções que se somavam aos ideais das Museologias Sociais e Comunitárias na busca de valorização de saberes ancestrais, como práticas que desafiavam as conceituações tradicionais de Museu, marcando-os como espaços de neutralidade, estáticos, oriundos de uma visão de mundo imperialista e colonial. Buscávamos atuar com aportes de transformação social, questionando e rompendo estas visões, que se encontram afastadas das realidades comunitárias. A oficina de abayomis, bonecas símbolo de resistência e ancestralidade negra-africana, foi escolhida como um reflexo de um compromisso de reparação social, pois constrói um artefato cultural que carrega imanências e possibilitam discussões sobre a valorização da herança afrodescendente. A oficina foi conduzida com a colaboração dos participantes, evocando a conscientização das heranças africanas em território amazônico. Como isso, engajávamos a comunidade na promoção de seus sentimentos de pertencimento e afinidades para com as culturas negras, reforçando laços identitários numa perspectiva antirracista. Do mesmo mote, a roda de conversa sobre tambores destacava a importância histórica e cultural destes instrumentos de percussão e sua importância para a identidade coletiva. Destacando seu caráter comunicacional e de sociabilidade, gerador de espaços de circularidades e partilhas de saberes. Entendemos os tambores uma tecnologia ancestral que conecta mundos, assim como práticas musicais, memórias e espiritualidades, capazes de criar espaços de partilha de experiências. Assim, consideramos que as oficinas apresentadas geraram um espaço de aprendizado, de troca de práticas museológicas, pautadas nas criações e celebrações mnêmicas, fortalecendo aspectos identitários locais e regionais e contribuindo para compreensões antirracistas, atividades que trouxeram perspectivas comprometida com a valorização das histórias locais e identidades regionais.

Palavras-chave

Museologia, Museologia Social, Religião Afro-Amazônica

AUTISMO E CULTURA: Inclusão de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista em Museus

Mariana Luiza Bezerra Sampaio

E-mail: marianabezerra.arquiteta@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

A proposta de pesquisa tem como objetivo compreender de que forma vem acontecendo a inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em museus, com foco nas necessidades para tornar esses espaços mais acessíveis e acolhedores. O TEA é uma condição permanente que acompanha a pessoa por toda a vida, mas o nível de comprometimento é proporcional ao grau da deficiência e comorbidades, que afeta o neurodesenvolvimento, desde a coordenação motora e mobilidade, a comunicação, fala e compreensão e a socialização. A denominação TEA é utilizada pois o autismo é um transtorno que apresenta amplas singularidades e níveis de suporte, o que faz com que ele seja considerado um “espectro” de condições, que se apresentam de forma bastante variável. Busca-se, identificar os principais desafios e as oportunidades associadas à criação de ambientes culturais inclusivos, visando à promoção de interações significativas para pessoas dentro do espectro autista. Para isso, serão analisadas as adaptações estruturais (físicas) e programáticas, como acessibilidade física e programas educativos, bem como, a importância da qualificação dos profissionais dos museus para atender às necessidades específicas desse público. A metodologia adotará uma abordagem qualitativa, baseada em revisão de literatura especializada e diálogos com profissionais de museus e educadores museais, além de familiares de pessoas com TEA, complementada por visitas a museus e espaços culturais. Com a análise dos dados pretende-se identificar os fatores que promovem ou limitam a inclusão de pessoas com TEA nos museus, permitindo uma visão ampla dos benefícios e das barreiras. A inclusão efetiva de pessoas com TEA em espaços culturais e museus exige um compromisso multidisciplinar e colaborativo, com a pesquisa pretende-se dar visibilidade para as necessidades de adaptações físicas e programáticas, capacitação de funcionários e ações de conscientização, tanto no setor cultural quanto na sociedade em geral, para superar o estigma e promover a acessibilidade plena e inclusiva nos museus.

Palavras-chave

Museus, Autismo, Inclusão

A POTÊNCIA DOS MATERIAIS LÚDICO EDUCATIVOS PARA INCLUSÃO EM ESPAÇOS CULTURAIS

Giulia Baffini Santana

E-mail: giuliabaffini@usp.br

Marina Baffini

E-mail: marinabaffini@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

Com o recente avanço do debate sobre acessibilidade de pessoas com deficiência em museus e espaços culturais, as instituições mobilizam-se visando propiciar não apenas o acesso às informações da exposição, mas também a promoção da experiência estética e ações educativas funcionais. Esse importante movimento traz consigo a possibilidade de se iniciar a reflexão de como ampliar a inclusão nesses locais, a fim de que, para além da experiência inclusiva no acesso às obras expostas, as instituições de cultura também possam ser espaços de promoção de debates, diálogos e produção cultural acessíveis aos mais diversos públicos. Nesse sentido, as ações educativas devem, também, ser pensadas quanto ao acesso a pessoas com deficiência. Dessa forma, visitas guiadas em Libras, ações educativas com audiodescrição simultânea, materiais lúdico educativos acessíveis para pessoas com deficiência visual, neurodivergentes, autistas e com transtornos mentais são algumas das ações que o educativo pode promover com a finalidade de trazer as pessoas com deficiência para um convívio igualitário nos espaços de cultura. Os materiais lúdico educativos trazem memórias afetivas e uma possibilidade de compreensão mais profunda sobre o tema em pauta na exposição, pois, por meio da brincadeira e interação com o jogo, o visitante internaliza a informação com mais potência. Para pessoas neurodivergentes, com transtornos mentais, crianças e demais visitantes, é possibilitada uma maior apreensão do conteúdo, já que além de realizar a visita e ouvir o educador, o visitante participa de uma experiência concreta. Para o público cego, é comum que jogos e materiais, que o público vidente utiliza no seu cotidiano convencional, nunca foram disponibilizados de forma adaptada a sua deficiência. O museu pode, assim, oportunizar essa vivência por meio de brincadeiras, tornando a visita muito rica e com um potente apelo afetivo. Por meio da adoção dessas ações, é possibilitado ao público com deficiência a criação de laços com o espaço expositivo, na medida em que é convidado para participar das atividades, dialogando com a equipe do museu, com seus amigos e com o público em geral em nível equiparado de conhecimento, e expondo suas opiniões.

Palavras-chave

Acessibilidade, Museus, Inclusão

AÇÃO EDUCATIVA INCLUSIVA E SUA ABRANGÊNCIA MUSEAL E TERRITORIAL

Carla Grião

E-mail: carlagriao@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Lusófona

Amanda Tojal

E-mail: atojal@arteinclusao.com.br

Filiação Institucional: Arteinclusão Consultoria em Ação Educativa e Cultural

Resumo

A atuação da ação educativa inclusiva não deve ser restrita às instituições museológicas, mas também abranger territórios, considerando, em ambos os casos, as suas especificidades culturais, sociais e contextuais. Nos espaços museológicos, essa abordagem inclusiva deve contar com o trabalho interdisciplinar, realizado em colaboração entre os diversos profissionais do museu, pesquisadores e especialistas nos estudos de público. Além disso, é fundamental a atuação de educadores de museus, que refletem continuamente sobre seu papel como mediadores, desenvolvendo estratégias direcionadas às ações educativas inclusivas, alinhadas aos conhecimentos, às necessidades e às potencialidades dos diversos públicos. Outro aspecto importante da atuação destes educadores é sua participação ativa nas áreas de curadoria, produção expográfica e comunicação museal, contribuindo diretamente no planejamento e desenvolvimento de recursos acessíveis para públicos com ou sem deficiência, além de envolverem-se em todas as etapas do processo de criação e implementação de programas de acessibilidade. As ações educativas inclusivas, presentes nas instituições museológicas, devem, no entanto, estar permanentemente aliadas às questões territoriais. A partir das contribuições de autoras como Célia Xacriabá e Beatriz Nascimento, que nos apresentam conceitos sobre práticas enraizadas nos contextos locais, é possível compreender que a inclusão não deve ser percebida como um conceito abstrato ou dissociado da realidade de cada comunidade. Nesse sentido, a atuação dos educadores não formais, tanto na criação de recursos acessíveis quanto no contato direto com o público, pode contribuir significativamente para que o programa de acessibilidade seja situado, localizado e territorializado, levando em consideração as vivências de cada território. Desta forma, a musealização e a territorialização das ações acessíveis e inclusivas, contribuem para um diálogo mais profundo com as realidades locais, permitindo que as práticas respeitem e valorizem as singularidades de cada comunidade. Defende-se, portanto, que a ação educativa inclusiva deve pautar, tanto os espaços museológicos, como também, territórios diversos em prol dos princípios essenciais para a formulação de políticas públicas inclusivas. Isso se justifica pela sua compreensão aprofundada dos públicos do museu e das realidades situadas, o que a torna fundamental na concepção de ações mais adequadas ao contexto do qual elas pertencem.

Palavras-chave

Ação educativa inclusiva, Educadores de museus, Acessibilidade museológica e territorializada

AS EXPERIÊNCIAS TÁTEIS NOS MUSEUS DE BRAGANÇA PORTUGUESA E NOS PROJETOS DO GRUPO LEGENDAGEM E AUDIODESCRIÇÃO (LEAD) NO BRASIL

Cláudia Martins

E-mail: claudiamartins75@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Politécnico de Bragança

Malena Monteiro

E-mail: malena.monteiro@uece.br

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Ceará

Resumo

A origem dos museus está relacionada à manutenção do status quo das classes sociais mais privilegiadas, tanto em níveis político e social, em níveis econômico e cultural. O espaço das musas da Antiguidade Clássica (consubstanciado na etimologia de 'museu') deu lugar aos gabinetes de curiosidades no século XVI, que acompanharam os movimentos de expansão marítima dos países europeus e eram um reflexo de cosmovisão ordenada. Durante o século XVIII, esses gabinetes deram origem aos primeiros museus públicos (Hooper-Greenhill, 1992, 2000). Na sequência da Revolução Francesa (1789), o Louvre, em 1793, abriu as portas a todos os públicos e passou a ser reconhecido internacionalmente como o primeiro museu público. Apesar de esta opção de abertura se relacionar à progressiva democratização da cultura e da educação (Deshayes, 2002), o grande obstáculo à "leitura" dos museus, por norma espaços arquitetónicos grandiosos que os tornavam eles próprios barreiras ao acesso, era a falta de literacia e mediação nestes primeiros espaços públicos. Esta tendência continuou nos séculos XIX e XX, não obstante as tímidas tentativas de acessibilização dos espaços, como as exposições manipulativas no Museu White Chapel (Londres) em 1901 ou o uso de um fonógrafo como um precursor de um guia museológico por Ant Fritsch, também em Londres, em 1904 (cf. Griffiths, 1999). Outros exemplos são a Galleria degli Uffizi (na Itália), conhecida como sendo a primeira a introduzir legendas junto das peças no século XVIII pelas mãos de Tommaso Puccini, ou o Museu Cole (no Reino Unido), que se preocupou em oferecer legendas, mas também em ser um museu educativo, entre outros. No século XX, particularmente após a II Guerra Mundial e os movimentos de direitos civis, a consciencialização das barreiras nos espaços museológicos começou a abarcar outras dimensões, mais marcadamente a física, mas também as sensoriais e a intelectual/cognitiva (cf. Dodd & Sandell, 1998; Sassaki, 2005). É no paradigma da nova museologia que a nossa apresentação se enquadra, mais especificamente na acessibilização de peças e espaços museológicos para pessoas com deficiência visual, através da produção de materiais táteis sob a forma de réplicas, plantas táteis e maquetes. Iremos ilustrar a nossa metodologia com estudos de caso desenvolvidos no âmbito do projeto Cultura para Todos Bragança (NORTE-07-4230-FSE-000058), em Portugal, e do grupo Legendagem e Audiodescrição (LEAD), no Brasil.

Palavras-chave

Museus, agentes de transformação social, barreiras sensoriais, deficiência visual, materiais táteis

A CRIAÇÃO DO PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE EM MUSEUS E PONTOS DE MEMÓRIA - ACESSE MUSEUS

Rafaela Alves Felício

E-mail: faelaalves@yahoo.com.br

Simone Mitsumori

E-mail: simone.mitsumori@museus.gov.br

Filiação Institucional: Instituto Brasileiro de Museus

Resumo

O Instituto Brasileiro de Museus, autarquia vinculada ao Ministério da Cultura, tem como atribuição elaborar, manter atualizado e divulgar material com recomendações técnicas sobre acessibilidade em museus. Em consonância com essas atribuições, no dia 23 de setembro de 2024, o Ibram lançou o Programa Nacional de Acessibilidade em Museus e Pontos de Memória - Acesse Museus. Esse programa foi pautado em metodologias de criação de políticas públicas, visando sua efetividade e universalidade, desenvolvido por meio de um esforço organizado e articulado entre o poder público e a sociedade, visando implementar mudanças progressivas na sociedade. Nesse sentido, a criação de um programa nacional vinculado à Política Nacional de Museus tem como aspiração capilarizar seus eixos, diretrizes e ações federais, aos níveis estaduais e municipais. Seu processo de criação envolveu diversas pesquisas, inclusive com a contratação de consultoria e com a criação de um grupo de trabalho interno para sua estruturação. A sua elaboração contemplou as seguintes etapas: definição do problema e suas causas correlatas, definição do público-alvo, seguidos da formação dos princípios, objetivos, eixos e diretrizes. O processo de construção do Programa foi estruturado de maneira democrática, transparente e participativa, contando com escuta ativa de pessoas com e sem deficiência no Grupo de trabalho, promoção de reuniões com a participação de profissionais com deficiência que atuam no campo da acessibilidade na educação, na cultura e nos museus. Também foram realizadas consultas a conselhos consultivos institucionais, que contam com representantes da sociedade civil e a realização de uma audiência e consulta públicas. Essas contribuições foram imprescindíveis para a Portaria Ibram nº 3135, de 20 de setembro de 2024 que cria o Acesse Museus, que tem como objetivo implementar diretrizes, fomentar o desenvolvimento e difundir conhecimentos sobre práticas acessíveis, inclusivas e anticapacitistas nos museus e nos pontos de memória, de maneira que pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, e toda diversidade de pessoas e corpos possam ocupar esses espaços. Na sua implementação o Programa tem como desafio a elaboração de seu Plano de ações, instrumento de planejamento exequível e estratégico, tendo como referência o alinhamento com os Eixos Temáticos e suas Diretrizes.

Palavras-chave

Política pública, acesse museus, planejamento

**O USO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA
ACESSIBILIZAÇÃO DE OBRAS DE ARTES VISUAIS:**
uma proposta de audiodescrição em matrizes de xilogravuras
da artista plástica piauiense Yolanda Carvalho

Marysette Pachêco Alves de Oliveira

E-mail: marysette@uol.com.br

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Rita de Cássia Moura Carvalho

E-mail: cassia.moura@ufpi.edu.br

Resumo

O acesso à cultura é um direito fundamental do cidadão e um pilar para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática. Nesse contexto, a acessibilidade cultural desempenha um papel crucial ao garantir que pessoas com deficiência possam usufruir plenamente dos espaços e ações culturais, promovendo o pertencimento e a participação ativa na vida social. A acessibilidade nos museus e demais instituições culturais deve ser entendida como um meio para ampliar a fruição estética, o deleite espiritual e o acesso à informação e ao conhecimento, proporcionando experiências significativas para todos os públicos. Para as pessoas cegas e com baixa visão, a acessibilidade em ambientes culturais é ainda mais desafiadora, uma vez que a fruição das artes visuais historicamente se baseia em elementos essencialmente visuais e espaciais. Essa exclusão ressalta a necessidade de criação e implementação de recursos assistivos que possibilitem a interação dessas pessoas com o patrimônio cultural. A acessibilidade cultural, portanto, não deve ser vista apenas como um ajuste técnico, mas sim como um compromisso social e ético das instituições culturais, garantindo que todas as pessoas possam exercer seus direitos culturais em igualdade de condições. Diante desse cenário, apresentamos uma proposta de uso de tecnologias assistivas na acessibilização de obras de arte visuais, com foco na audiodescrição de xilogravuras da artista Yolanda Carvalho para pessoas cegas e com baixa visão. A audiodescrição é uma ferramenta essencial para traduzir elementos visuais em linguagem verbal, permitindo que pessoas com deficiência visual possam interpretar e experienciar a arte de maneira mais autônoma. No caso das xilogravuras, que possuem forte carga simbólica e narrativa, a audiodescrição pode contribuir para a construção de imagens mentais, ampliando a compreensão e o impacto da obra. Além disso, essa abordagem se insere dentro dos paradigmas da museologia cidadã, que propõe a construção de espaços mais inclusivos, participativos e democráticos. A implementação de práticas acessíveis nos museus e galerias fortalece a visão de um patrimônio cultural compartilhado, no qual todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas ou sensoriais, possam vivenciar a arte e a cultura. Portanto, a proposta deste trabalho destaca a relevância das tecnologias assistivas para a inclusão cultural, evidenciando que a museologia contemporânea deve se comprometer com a eliminação de barreiras e a promoção de experiências acessíveis, garantindo que nenhuma pessoa seja privada do direito de acessar, compreender e se emocionar com a arte.

Palavras-chave

Tecnologias assistivas. Acessibilidade. Cegos e/ou pessoas com baixa visão. Yolanda Carvalho. Museologia cidadã.

**SUPERANDO BARREIRAS:
Acessibilidade no Museu Municipal de Arte Sacra Dom
Paulo Libório e a Inclusão de Pessoas com Deficiência**

Rosiane De Sousa Carvalho

E-mail: rosa.katai@hotmail.com

Ascânio Wanderley Abrantes de Carvalho

E-mail: ascaniow@ufpi.edu.br

Brena Mailink

brena.oliveira@ufpi.edu.br

Núbia de Andrade Viana

E-mail: nubiandrade@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1hlwxc58_8qy8K77BaW7MWihk52OHMweg/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT13



GT13

Grupo de Trabalho 13. Conservação Participativa e de Bens Culturais Móveis

Coordenação

Silmara Kuster de Paula Carvalho

E-mail: silmarakuster@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Vanilde Rohling Ghizoni

E-mail: vanildeghizoni@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Catarina

O Grupo de Trabalho Conservação Participativa e de Bens Culturais Móveis tem como missão divulgar e promover pesquisas sobre conservação aplicada em instituições tradicionais ou de iniciativa comunitária. Além disso, busca mediar debates e compartilhar experiências sobre processos de conservação já realizados ou em andamento, com o objetivo de implementar políticas de preservação de acervos culturais, materiais e imateriais. Conforme o Conselho Internacional de Museus (ICOM-CC, 2008), a conservação abrange a Conservação Preventiva, a Conservação Curativa e a Restauração. Com as novas abordagens no campo da Museologia, refletir sobre a Conservação Participativa torna-se uma oportunidade importante para repensar as atividades de conservação em espaços não tradicionais. A Conservação Participativa se destaca por envolver ativamente as comunidades locais no processo de preservação, promovendo um senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada. Este engajamento comunitário é fundamental para garantir que as práticas de conservação sejam adaptadas às realidades locais e que os acervos culturais sejam preservados de maneira que reflita a diversidade e a riqueza das culturas envolvidas. Os temas abordados por este Grupo de Trabalho incluem aspectos teóricos e práticos da conservação, conservação participativa, gestão de riscos, política de preservação, pesquisa utilizando técnicas e métodos científicos e novas tecnologias. Além disso, o GT se dedica a explorar a integração de novas tecnologias e metodologias inovadoras que possam aprimorar as práticas de conservação, garantindo que estas sejam sustentáveis e eficazes a longo prazo. A troca de conhecimentos e experiências entre profissionais e pesquisadores é essencial para o desenvolvimento contínuo da área, promovendo uma abordagem colaborativa e interdisciplinar que enriquece o campo da conservação.

RESTAURAÇÃO DE LIVROS DE CARTÓRIO: a experiência desafiadora por uma memória coletiva

Meiriluce Santos Perpetuo

E-mail: meiriluce_santos@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal da Bahia

Resumo

A proposta tem o objetivo de relatar uma experiência na conservação curativa e restauração de livros de cartório contendo manuscritos de nascimento e casamento; apresentar os desafios encontrados e as alternativas adotadas no tratamento para recuperação e estabilização do suporte, observando os aspectos teóricos e práticos da restauração; descrever as complexas limitações impostas pelo processo de produção desses documentos, ressaltando, entre elas, o elevado grau de acidez do papel e o uso predominante de tintas solúveis, que limitaram substancialmente a aplicação de intervenções técnicas normalmente utilizadas nos processos de restauração, além da necessidade de manuseio constante para atualização de informações. As obras restauradas fazem parte do Cartório de Registro Civil, tendo sido tratados os livros de Registro de Nascimento (Livro A) e de Registro de Casamentos (Livro B). Desde o tempo do império, quando os primeiros cartórios foram criados no Brasil, a escrita era feita à mão e guardada em livros, e assim segue em muitos documentos produzidos até hoje, mesmo considerando as mudanças legislativas e tecnológicas que ocorreram ao longo do tempo. A notação manual ainda acontece devido ao fato de os livros serem instrumentos vivos, que precisam ser alimentados com informações novas sobre a vida das pessoas, desde o nascimento até a morte. Cartórios são instituições que têm um papel social fundamental para a organização da sociedade, garantindo segurança jurídica e proteção dos direitos civis mediante o registro e autenticação de documentos importantes como procurações, escrituras, testamentos e certidões de nascimento, casamento ou óbito. A Certidão de Nascimento confere cidadania às pessoas. Sem ela, somos invisíveis. No Brasil, a lei 6015/73 estabelece a gratuidade do registro civil de nascimento e de óbito, bem como a emissão das primeiras vias. Este trabalho entende a relevância social da preservação de registros de cartório como documentos que garantem, perante a comunidade e o Estado, a comprovação da existência e identidade das pessoas, seu pertencimento e memória no decorrer de toda sua vida. Em outro aspecto, a experiência apresentada visa a troca de conhecimentos e experiências entre profissionais e pesquisadores, de forma a discutir alternativas e metodologias mais eficazes e tecnologicamente avançadas para os desafios identificados no processo, buscando a abordagem colaborativa e interdisciplinar no campo da conservação.

Palavras-chave

Cartório, Livros de Registro, Restauração

REPENSANDO OS SENTIDOS CONFERIDOS AO 'MONUMENTO AO CURTIDOR' PELA COMUNIDADE

Cinara Isolde Koch Lewinski

E-mail: cinarakoch@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade do Vale do Rio Dos Sinos

Resumo

Considerando a importância de monumentos como documentos de uma cultura, esta comunicação se propõe a pensar sobre as memórias coletivas e o esquecimento da comunidade estanciense sobre um monumento que homenageia um trabalhador da indústria coureira calçadista. Com esse objetivo, o trabalho multidisciplinar utiliza-se de referenciais teóricos da área da museologia e da história cultural e usa a metodologia de pesquisa acadêmica com abordagem qualitativa para abordar sobre as representações que estão relacionadas a um monumento que foi erigido para se tornar um vestígio de um conjunto das práticas sociais e culturais de uma outra época e para lembrar de um determinado momento do passado da cidade de Estância Velha. O Monumento ao Curtidor foi inaugurado em 1984, criado pela artista plástica Verena Becker, vencedora do concurso promovido pela prefeitura municipal de Estância Velha/RS, e retrata um curtidor produzindo artesanalmente o couro. A ideia de construir um monumento dedicado aos trabalhadores da indústria de couros tinha como intuito guardar a memória do auge dos curtumes por meio da representação do curtidor. Embora seja um monumento que se destaca visualmente na cidade de Estância Velha e busca a memória social estanciense que tem o valor trabalho como marca identitária, a história do trabalhador e das indústrias de couro do início do século XX não são conhecidas pela maioria dos cidadãos da cidade. Ou seja, esse espaço monumentalizado é utilizado como lugar de lazer pelos moradores de Estância Velha, mas o caráter patrimonial não é colocado em evidência. Então, faz-se necessário refletir sobre os usos e entendimentos que monumentos relacionados às indústrias têm para as comunidades, bem como é importante debater sobre o esquecimento que está relacionada a imagem de um trabalhador de uma empresa coureira calçadista que entrou em decadência no final do século XX, mas que faz parte da história do município.

Palavras-chave

Monumento ao Curtidor – memória coletiva – patrimônio industrial

PRESERVAÇÃO DO ACERVO DA CASA DA CULTURA DA AMÉRICA LATINA

Silmara Kuster de Paula Carvalho

E-mail: silmarakuster@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

A Casa de Cultura da América Latina (CAL), criada em 1987 na Universidade de Brasília, é um espaço de promoção da interação entre o público e a arte, além das culturas do nosso continente. Compõem o acervo obras que dialogam diretamente com as realidades vividas na América Latina por meio do olhar de diversas etnias e importantes artistas. O projeto de extensão 'Preservação do Acervo da Casa da Cultura da América Latina', iniciado em março de 2021, reconhece a importância desse espaço, além de destacar a experiência prática necessária para a conservação e cuidado que este acervo exige. Desta forma, se utiliza da política de preservação como norteador das ações, com vistas a criar um ambiente seguro para as obras e para o público, visando à salvaguarda do acervo e a permanência da informação. Ações realizadas. Por meio de estudos de conservação, foi realizado um diagnóstico de conservação do edifício e seus espaços internos, para entender a arquitetura e o ambiente onde as obras estão acondicionadas, expostas e também onde seriam tratadas. Ao conhecer os pontos fortes e fracos do local, foi possível realizar mudanças necessárias no laboratório e identificar as oportunidades e riscos apresentados. O acervo escolhido e tratado foi o da artista e psicóloga Zeila Navarro Swain. A primeira etapa consistiu na realização do laudo técnico de conservação por meio de observações organolépticas, que permitiram identificar agentes de degradação, como por exemplo, oxidação do suporte e fungos. O diagnóstico e o registro do estado atual de conservação foram preenchidos em formulário próprio da CAL. Na sequência da atividade cada obra passou pelo processo de higienização mecânica, utilizando pó de borracha, trinchas e bisturis para a remoção de fitas adesivas já oxidadas. Posteriormente, as obras foram acondicionadas em papel livre de ácido e armazenadas em mapoteca. Do conjunto tratado, apenas em duas obras foram identificados fungos, sendo separadas das demais. A extensão proposta é uma oportunidade de contato com a prática da conservação. É especialmente por meio do contato com obras de arte e acervos que se cria o senso de responsabilidade e cuidado quando se fala de conservação. O projeto mantém, nas atividades, tanto o aspecto teórico e técnico da conservação, quanto o aspecto humano e social, que diz respeito a esse compromisso com a memória e com o contato com diversas realidades que o público pode ter através desses objetos.

Palavras-chave

Conservação, Extensão, Museologia

SENTIDOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL FERROVIÁRIO EM SÃO FÉLIX: memórias ferroviárias e apropriações da Estação Ferroviária Central da Bahia

João Vitor dos Santos e Santos

E-mail: jvssvitorsantos@aluno.ufrb.edu.br,

Fabiana Comerlato

E-mail: fabianacomerlato@ufrb.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

A cidade de São Félix, localizada no território do Recôncavo da Bahia, às margens do Rio Paraguaçu, maior rio genuinamente baiano, possui um rico acervo arquitetônico representante dos empreendimentos industriais que abrigou outrora. Entre meados do século XIX e início do XX, São Félix tornou-se amplamente conhecida por seus aspectos industriais e por tornar-se uma das maiores exportadoras de charutos no período do Brasil República (Comerlato, 2021). Fruto do reconhecimento da sua importância econômica, São Félix recebe o título de cidade no ano de 1890, tendo como primeiro intendente o alemão e empresário industrial Gerhard Dannemann, dono da mais prestigiosa fábrica de charutos: Dannemann & Cia. São Félix abrigou inúmeras fábricas, armazéns, hidrelétrica, casas e bairros operários, entre outros espaços destinados à atividade industrial, esses espaços tornam-se elementos comuns na realidade espacial da cidade, forjando uma nova paisagem: a paisagem industrial. Também como parte do processo de industrialização, a cidade foi escolhida para abrigar a Estrada de Ferro Central da Bahia, segunda malha ferroviária a ser implantada na Bahia. Em 1865 é dada a concessão autorizando a construção da referida ferrovia, que deveria partir de São Félix em direção a Chapada Diamantina e um ramal de Cachoeira, do outro lado do rio Paraguaçu, a Feira de Santana (Zorzo, 2002). Assim como outras ferrovias brasileiras, a Central da Bahia contou inicialmente com investimentos e administração de ingleses e teve como engenheiro responsável pelo empreendimento Hugh Wilson. Estrategicamente localizada, com ligação com o transporte fluvial, a ferrovia desempenhou importante papel no desenvolvimento econômico e urbanístico de São Félix e das demais regiões que foram cortadas pelos trilhos e pelo transpassar das locomotivas. Atualmente, ainda é possível vislumbrar esse passado áureo da cidade, como costumam enunciar os moradores locais (Comerlato, 2021), por meio das materialidades que se encontram na paisagem, das quais destaca-se a monumental Estação Ferroviária Central da Bahia, objeto, por excelência, dessa investigação desta pesquisa. A presente pesquisa pretende elaborar uma antropologia dos patrimônios (Tamaso, 2007), ou seja, entender as diversas relações simbólicas – memoriais e identitárias – e as agências sociais voltadas ao bem patrimonial em questão. Conceitos como “memória ferroviária” (Prochnow, 2013; Matos 2010) e “sistema patrimonial” (Tamaso, 2007) são basilares, pois (1) entende-se as memórias dos ferroviários enquanto representação de uma memória ferroviária construída a partir das experiências no contexto da ferrovia em São Félix e, (2) observa-se que a estação ferroviária está inserida numa complexa relação de disputas, protagonizados pelo recém criado Movimento em Defesa da Estação Ferroviária, sobre sua preservação e seu futuro imaginado.

Palavras-chave

Estação Ferroviária Central da Bahia, Memória ferroviária, Sistema patrimonial, São Félix

O SALVAMENTO DE ACERVOS NAS INUNDAÇÕES GAÚCHAS – o SOS acervos/RS e o direito à memória

Doris Rosangela Freitas do Couto

E-mail: doris.couto@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul foi tomado pelas águas das chuvas excessivas que caíram sobre o estado, levando ao transbordamento de rios, lagos e estuários. Tal fato somou-se ainda a reversão do esgoto em Porto Alegre, ocasionando um colapso no Centro Histórico da capital. Como resultado do desastre climático, 22 museus/coleções foram diretamente atingidos pela água, lama e esgoto, gerando o maior evento coletivo de acervos sob risco da história do Brasil. Outras 36 instituições foram também assoladas pelo transbordamento de calhas e infiltrações de grau severo, incluindo a micro explosão em São Luiz Gonzaga, que explodiu todas as portas e janelas de vidro do museu e molhou o ambiente e peças do acervo missioneiro. O relato apresenta as providências tomadas pelo Sistema Estadual de Museus e a mobilização nacional e internacional que ocorreu para o resgate dos acervos, a missão da UNESCO, as ações de restauro e os caminhos da reconstrução das instituições que ainda se encontram fechadas. Se por um lado este episódio se constituiu no maior desastre envolvendo acervos no Brasil, atingindo ao todo 58 instituições, 4000 peças de arte, milhões de documentos, dezenas de pessoas que integram as equipes de museus, arquivos e bibliotecas, milhares de livros perdidos, e escancarou a precariedade de muitas das instituições, por outro formou uma rede de solidariedade inimaginada e que ainda dá sustentação a muitas ações que se encontram em curso com financiamento internacional por meio da UNESCO e que prepararam um grupo de sessenta pessoas, em quatro regiões vulneráveis do estado gaúcho, para atuarem em casos de novas catástrofes. Ainda cabe enfatizar que o Sistema Estadual de Museus, a partir do episódio vivenciado, que se constitui no maior já vivenciado no Brasil por museus e suas coleções, aprofundou o diagnóstico dos museus cadastrados concluindo a precariedade existente no concernente aos planos de gestão de riscos e preparação para respostas às emergências, demandando um esforço coletivo para uma mudança de cenário.

Palavras-chave

Museus, Sistema Estadual de Museus, coleções, catástrofes climáticas, museus resilientes

REVISITAÇÕES À HISTÓRIA E MEMÓRIA DA OFICINA DE RESTAURAÇÃO DO PIAUÍ

Elenilce Soares Mourão

E-mail: ellenmourao14@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação

Resumo

Nesta pesquisa se revisita a história da Oficina de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis do Piauí – OR, onde retoma-se uma dissertação de Mestrado, finalizada em 2017, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí, campus Parnaíba, sob o título “CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS MÓVEIS: desafios e perspectivas para a preservação do patrimônio cultural no Piauí”. Sete anos depois, retorna-se à pesquisa e ao espaço da Oficina, com o objetivo de verificar como se encontra esse setor de vital importância dentro do contexto atual. Que esforços foram empreendidos para a sua continuidade? A Oficina de Restauração foi fundada em Teresina, capital do Estado, em 1987, por iniciativa particular da Restauradora Zozilena de Fátima Fróz Costa, em projeto apresentado à Fundação Estadual de Cultura e do Desporto do Piauí - FUNDEC, viabilizado pelo Ministério da Cultura (MinC), para atender a princípio aos serviços de conservação e restauro do “Sistema de Museus do Estado do Piauí”. No cenário museológico, oficinas dessa natureza são ferramentas que atuam, pode-se dizer, nos bastidores das instituições. São elas as responsáveis pela manutenção da estabilidade dos acervos, estejam expostos ou em reserva técnica, sob suporte de papel, tecidos, mobiliário, pinturas de cavalete, esculturas, têxteis, metais ou outras tipologias a que cada natureza de oficina se propõe trabalhar. Geralmente essas demandas surgem de necessidades locais. Ao longo de quase quatro décadas de atuação na preservação do Patrimônio Material do Piauí, junto à instituição pública estadual, Secretaria de Cultura, a Oficina de Restauração tem um acervo memorial com importante documentação textual e imagética do seu testemunho e atuação diante dos acervos conservados e restaurados. Nesse retorno, pelo método da História Oral, se realizam entrevistas semiestruturadas com os dois últimos integrantes, abordando pontos que foram essenciais na citada dissertação, para compreender hoje, continuidades ou possíveis transformações ocorridas nesses sete anos de existência.

Palavras-chave

Memória, Conservação Participativa, Oficina de Restauração do Piauí

PROPOSTAS DE PRESERVAÇÃO DO ACERVO MEDIADOR DE ELOISA FRANCISCA DOS ANJOS SANTOS

Elenilce Soares Mourão

E-mail: ellenmourao14@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação do Piauí

Resumo

A musealização da arte envolve não apenas as políticas identitárias e sociais, mas também as ações preventivas realizadas por pessoas comuns, que estão mais próximas dos bens a serem preservados. Na busca pela valorização da memória cultural e histórica de uma sociedade, emergem narrativas individuais e coletivas que se entrelaçam para dar continuidade à preservação dos bens materiais e imateriais. Com esse propósito, a pesquisa qualitativa aqui apresentada propõe estratégias de salvaguarda do acervo deixado por Eloisa Francisca dos Anjos Santos, uma mulher de Valença do Piauí que foi protagonista de ações mediadoras entre 1940 e 1975, atuando como musicista, comunicadora e educadora musical. O acesso ao acervo, constituído por fontes privilegiadas e inéditas disponibilizadas por sua família, permitiu a realização de um trabalho inicial de pré-catalogação, classificação por tipologias e avaliação do estado de conservação. O acervo inclui cadernos de música, programas de rádio conhecidos como “escaladas”, cartas, cadernos de orações, álbuns de recortes sobre cinema e outros manuscritos que revelam nuances autobiográficas de Eloisa, uma mulher emancipada em pleno século XX. Essas iniciativas visam desenvolver medidas preventivas para a pesquisa, conservação, documentação e comunicação do acervo, garantindo sua preservação e relevância histórica. A pesquisa busca responder como preservar e comunicar o acervo de Eloisa Francisca sem reforçar os apagamentos femininos historicamente recorrentes e, ao mesmo tempo, evidenciar sua contribuição para a história e o ensino da música no Piauí. Para isso, articula-se o diálogo entre mediação cultural, educação patrimonial e a documentação de acervos artísticos e históricos. Cogita-se, futuramente, a musealização desse acervo, considerando que a casa onde Eloisa morou, em Valença do Piauí, já possui a “Sala dos Santos” tombada pelo Patrimônio Municipal. Este espaço, construído por seus pais e avós, desempenhou um papel importante como ponto de encontro religioso e social, reforçando a memória coletiva e a relevância da preservação desse legado.

Palavras-chave

Preservação de acervo, Documentação, Mediação Cultural

MUSEU DE PERCURSO DAS ENCHENTES: mapeando experiências da tragédia climática no RS

Letícia Turcato Heinzelmann

E-mail: leca_he@hotmail.com

Daiana Schröpel

E-mail: dschropel@gmail.com

Lucas George Wendt

E-mail: lucas.george.wendt@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Com o propósito de cumprir com o dever ético de memória diante de catástrofes, como as ocorridas entre setembro de 2023 e maio de 2024 no Rio Grande do Sul, foi criado o Museu de Percurso das Enchentes - RS (MUPE), por iniciativa de docentes e discentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir da compreensão de que ocorre um apagamento progressivo em relação às grandes cheias ocorridas no Estado ao longo de sua história, o objetivo do projeto é evitar que as enchentes recentes caiam mais uma vez no esquecimento, e assim auxiliar para a prevenção de desastres, especialmente no caso de eventos climáticos extremos sem uma periodicidade definida. Entende-se que, apenas ao lembrar do passado, é possível trabalhar para prevenir novas tragédias. O trabalho de memória, nas palavras de Paul Ricoeur, deve ser recorrente e obsessivo. Para tanto, é necessário que haja lembretes permanentes que nos confrontem com o sentimento incômodo da dor e do trauma – por mais que pareça reconfortante esquecer. Trata-se do dever de memória, conceito cunhado por Manuel Reyes Mate. Os lembretes podem ser marcos grafados nas cidades, com a finalidade de servirem de antimonumentos, que cumprem a missão de nos fazer rememorar tragédias, períodos de exceção e outros momentos de sofrimento coletivo, como aponta o professor Márcio Seligmann-Silva. A ausência de marcos – ou a dificuldade em identificar os poucos existentes – levou a uma falta de cuidado com sistemas de proteção contra cheias em todo o Rio Grande do Sul. O MUPE busca registrar as memórias das enchentes, tanto de forma virtual, ao delimitar em mapa interativo pontos afetados por inundações e colecionar relatos de pessoas atingidas, quanto físico, ao propor percursos guiados em caminhadas culturais, além da instalação de marcos sobre as inundações pelas cidades, a exemplo do Museu de Percurso do Negro, em Porto Alegre. Um primeiro trajeto já foi mapeado na região central de Porto Alegre. Busca-se levantar e sistematizar novos percursos e relatos das enchentes, sinalizando pontos representativos das inundações, seja pelo volume de elevação das águas ou pelos significados desses locais para as comunidades.

Palavras-chave

Museu de Percurso, Enchentes, Dever de Memória

ENCHENTE E EXPOGRAFIA: O caso do Museu do MARGS e a necessidade de Planos de Segurança em Museus

Matheus Sehnem Martinez

E-mail: matheussmartinez@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul sofreu novamente uma tragédia climática, decorrente do aquecimento global combinado à negligência do poder público. Entre enchentes e deslizamentos, 20 museus do estado tiveram sua estrutura e obras afetadas, entre eles o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), localizado em Porto Alegre. O museu, sediado em um prédio histórico que originalmente abrigou a Delegacia da Receita Federal, foi fortemente impactado, tendo parte de sua estrutura funcional e operacional comprometida pela inundação que atingiu o pavimento térreo do edifício. Em diagnóstico realizado pela própria instituição, apontou-se que mais de 4.000 itens sofreram algum tipo de dano devido às águas ou aos efeitos da umidade no interior do prédio. Diante disso, o presente trabalho busca analisar tanto a relação funcional do edifício perante as emergências climáticas quanto a perda do material expográfico, os preceitos do gerenciamento de riscos frente à preservação dos acervos e sua importância afetiva para a sociedade em geral. O estudo se desdobra em: a) analisar os impactos da tragédia climática no MARGS e comparar seu plano de prevenção com estratégias utilizadas no Museu Iberê Camargo, que possui sua área técnica no subsolo, abaixo do nível da cota de inundação do Guaíba, mas que devido a sua infraestrutura manteve o acervo intacto; e b) verificar a qualidade do ambiente construído em relação ao percurso necessário e à mobilidade das obras de arte em caso de uma necessária desocupação do espaço. Este estudo, portanto, poderá servir como base para a criação e complementação de diretrizes para planos de segurança em museus, relacionadas à conservação preventiva, inspiradas naquelas criadas após a enchente de Florença em 1966. Assim, pode-se garantir a integridade e segurança do conteúdo museológico frente às futuras emergências climáticas, principalmente em relação às enchentes que têm afetado cada vez mais o estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave

Museus, MARGS, Enchente, Acervo, Edificação

A IDENTIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DO CAMPUS SANTOS DUMONT¹

Paula Souza da Silva

E-mail: souzapaula@gmail.com

Marcus Granato

E-mail: marcus@mast.br

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Museu de Astronomia e Ciências Afins

1 Gésio Paulo Júnior. Graduando em Engenharia Metroferroviária e bolsista do projeto de Iniciação Científica do CNPq “Trazendo objetos de ensino do Campus Santos Dumont de do IF Sudeste MG”, participou da elaboração deste conteúdo.

Resumo

Apresenta-se a experiência obtida a partir do desenvolvimento de projeto de iniciação científica, que em paralelo com um doutorado, e a partir dos aparatos teóricos e práticos da Museologia, propuseram a identificação de vestígios físicos da história da tecnologia e da indústria no *Campus Santos Dumont* do IF Sudeste MG. Esses vestígios são oriundos do 4o Depósito de peças da Rede Ferroviária Federal S/A- RFFSA, ali criado em meados dos anos de 1890, para produção e manutenção de máquinas, peças, locomotivas, vagões etc. Tal identificação teve início com pesquisa de campo exploratória que levou os membros da equipe de pesquisa a visitarem os milhares de metros quadrados do *Campus* com intuito de identificar peças que poderiam constituir patrimônio da industrialização. Buscou-se marcas (registro de patrimônio, nome de fabricante, data etc.), documentos oriundos da sua produção, manutenção e suprimento e foram realizadas entrevistas com servidores das instituições que detêm a responsabilidade patrimonial sob tais peças (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT e Prefeitura Municipal de Santos Dumont) e com antigos usuários (ex-funcionários da Rede) visando a atribuição dos valores inerentes aos objetos e os conceitos específicos e genéricos relacionados aos mesmos. A preocupação em mobilizar e inserir nos processos de identificação dos patrimônios os sujeitos a eles relacionados respalda-se no artigo 216 da Constituição Federal que defende que o poder público, com a colaboração da comunidade, deve promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação. Por tais bens estarem na posse de uma instituição de ensino, acredita-se também que ela pode contribuir para que os bens identificados venham a ser preservados e comunicados através de ações de educação, educação patrimonial e educação museal. Acredita-se ainda, principalmente devido ao fato da instituição de ensino ofertar de forma tradicional e virtual cursos na área turismo, ao promover tais objetos possa contribuir com o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade local. As contribuições teóricas e práticas advindas do projeto, a serem destacadas, têm relação com o potencial e a obrigação social da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, a qual pertence os Institutos Federais, em identificar e promover os patrimônios sob sua tutela. O resgate e a identificação dariam relevância e visibilidade ao patrimônio e aos valores que eles representam. A adoção de processos de preservação, de forma entrelaçada ou integrada, também se mostra desejável diante dos benefícios que cada um pode oferecer à instituição para além de identificar, valorizar, selecionar, salvaguardar e promover seus bens simbólicos enquanto patrimônio industrial com relevância para a história das tecnologias e indústrias.

Palavras-chave

Patrimônio Industrial, Identificação patrimonial, Preservação Patrimonial

MUSEOLOGIAS, PATRIMÔNIOS INDUSTRIAIS E INSERÇÕES SOCIAIS: casos do Sul do Brasil

Geovana Erlo

Filiação Institucional: Ponto de Memória Inventário Participativo de Alice Bemvenuti

Comitê Brasileiro para Conservação do Patrimônio Industrial
Museu do Trem (São Leopoldo)

Olivia Nery

Filiação Institucional: Comitê Brasileiro para Conservação do Patrimônio Industrial Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O campo da Museologia é plural, polifônico e dinâmico, assim como o pensar acerca do patrimônio industrial. Os reflexos e ressonâncias materiais, imateriais e simbólicas dos processos de industrialização fazem parte da vida de muitas localidades. Compreender a participação das comunidades com seus saberes na construção de novos paradigmas instiga a reflexão acerca de abordagens plurais, seja nos processos de colaboração e produção nos espaços de memória, seja para o reconhecimento das diferenças e discussão quanto às questões emergentes na construção de museus, projetos de memória, formação de coleções, constituição de acervos, núcleos de pesquisa e organizações com perspectivas inclusivas e acessíveis à interação social. Assim, este trabalho busca contribuir para as discussões que tratam sobre o encontro entre Museologia e Patrimônio Industrial, por meio de três projetos realizados no Rio Grande do Sul, em três regiões distintas, e que permitem a intersecção de saberes e experiências. “Ponto de Memória – Inventário Participativo de Galópolis”, “Rodas de Conversa e de Memória: escuta e pesquisa com o Museu do Trem em São Leopoldo” e “Caminho Fabril: patrimônio industrial da cidade do Rio Grande” são os projetos nos quais este trabalho se debruça. Os diálogos entre a Museologia e o Patrimônio Industrial ainda são escassos, e a percepção dessa lacuna é a principal motivação desta proposta. Os desafios que permeiam a preservação, valorização e divulgação dos bens materiais e imateriais do patrimônio industrial, dentro do campo museológico, são inúmeros e complexos. Apesar das potencialidades que o patrimônio industrial e as diferentes percepções de museus e processos museológicos oferecem para suas comunidades, sobretudo enquanto catalisadores de mudanças sociais, inclusão, equidade, acessibilidade e desenvolvimento, os estudos e debates nesse campo ainda são limitados. Nessa direção, apresentaremos alguns caminhos possíveis que permitam o avanço e novos questionamentos para o campo museológico e para o patrimônio industrial.

Palavras-chave

Museologias, Patrimônios Industriais, Inserções Sociais, Processos Museológicos, Região Sul

A PRESERVAÇÃO DE VESTES LITÚRGICAS:

Importância dos Tecidos Naturais na Conservação do Acervo de Dom Paulo Libório

Rosiane de Sousa Carvalho

E-mail: rosa.katai@hotmail.com

Camila Linhares de Moura Costa

E-mail: camilalmcosta112@hotmail.com

Mayana Marinho e Silva

E-mail: mayanamarinho@gmail.com

Ascânio Wanderley Abrantes de Carvalho

E-mail: ascaniow@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1Mh43rm61XFhYE9ardf42VMdB1auxZgBd/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



METODOLOGIA DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DO ACERVO DO MUSEU MUNICIPAL DE ARTE SACRA DOM PAULO LIBÓRIO

Ascânio Wanderley Abrantes de Carvalho

E-mail: ascaniow@ufpi.edu.br

Maria Eduarda Resende Vieira

E-mail: eduardaresende@ufpi.edu.br

Lilian Raquel Paiva de Brito

E-mail: lilian.brito@ufpi.edu.br

Núbia de Andrade Viana

E-mail: nubiandrade@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1hMXDkCkXw6G6h70lCq9r8gwWBi2SnXML/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



RELATO DE EXPERIÊNCIA - Conservação e Limpeza da Obra “Lente”: Meios práticos para auxiliar na constância

José Lúcio e Silva

E-mail: lucio.silva@institutomirante.org

Fabiana Pereira Barbosa

E-mail: fabianabarbosafcg@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Mirante

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1s72Cjgge16WXrf3v8JoGqk9rCKBd1Ckw/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NO MUSEU DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ

Mariana Corrêa Velloso

E-mail: marianavelloso@outlook.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1zbhVjve1xFcDOz7wDTlSkElBzF_CFyqK/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



FUTEBOL AMADOR E MEMÓRIAS COLETIVAS:

O patrimônio industrial preservado pelo Ponto de Memória
Inventário Participativo de Galópolis (Caxias do Sul, RS)

Naylane Sartor

E-mail: sartornaylane@gmail.com

Geovana Erlo

E-mail: geovanaerlo@gmail.com

Filiação Institucional: TICCIH-Brasil

Ponto de Memória Inventário Participativo de Galópolis
SEDUC – RS

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1exjLm3fkQAG3ZoEtH5Pu_WuUKitmJxUo/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



A IDENTIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL PRESENTE NO CAMPUS SANTOS DUMONT

Paula Souza da Silva

E-mail: souzapaula@gmail.com

Marcus Granato

E-mail: marcus@mast.br

Gesio Paulo da Costa Junior

E-mail: gerestesio@gmail.com

Filiação Institucional:

Museu de Astronomia e Ciências Afins

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1a4bAKq_W_q-8DyarD4pNBuqji_s9mBPB/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT14



GT14

Grupo de Trabalho 14.

História e Memória dos Museus e da Museologia

Coordenação

Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro

E-mail: henrique.cruz@fundaj.gov.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Priscilla Arigoni Coelho

E-mail: arigoni.coelho@ufop.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Ouro Preto

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolgelmini@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O Grupo de Trabalho História e Memória dos Museus e da Museologia é dedicado à apresentação de pesquisas finalizadas ou em andamento sobre escritas da história e processos de construção de memórias sobre museus e práticas museológicas levadas a cabo por agentes do campo da Museologia em formulação de teorias, metodologias, políticas, projetos e ações, numa análise de biografia de coleções e objetos museológicos, bem como do itinerário profissional de agentes que legitimaram o campo. Dedicar-se também à divulgação de trabalhos voltados à cientificação das práticas museológicas e sua institucionalização em cursos formação em Museologia, mapeando, assim, a história do ensino da Museologia. O GT se constituirá em um espaço de divulgação, reflexão e debates sobre as diferentes contribuições (teóricas e empíricas), institucionalizadas ou não, individuais e em grupo que constituíram o campo museológico brasileiro e atualmente são objeto de estudos na História, Museologia, Antropologia, Sociologia e outras áreas do saber. Destaca-se que este GT será uma continuidade dos debates iniciados no II Sebramus (Recife, 2015), III Sebramus (Belém, 2017), IV Sebramus (Brasília, 2019) e V Sebramus (Porto Alegre, 2022). Para o VI Sebramus (Teresina, 2025), quando o GT completa 10 anos de participações no evento, ampliamos o escopo para estudos que propõe analisar experiências de outros países, além do Brasil. Através desse espaço é possível não apenas que se conheçam os trabalhos sobre o tema que se tem desenvolvido no Brasil, mas também se fortaleça esse campo de pesquisa que muito tem crescido e contribuído para a elaboração de políticas e diretrizes no âmbito dos museus, da Museologia e do Patrimônio.

VALDELICE CARNEIRO GIRÃO -
A Escrevente Datilógrafa Nível 7

Márcia Pereira de Oliveira

E-mail: marpeol@ufc.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Ceará

Resumo

Valdelice Carneiro Girão nasceu em Morada Nova em 21 de fevereiro de 1926 e faleceu em Fortaleza em 18 de julho de 2014. Iniciou sua vida laboral como professora primária na cidade de Pacajus. Formada em Geografia e História era mestra pela Universidade Federal de Pernambuco. Lecionou e foi coordenadora da graduação em história da Universidade Federal do Ceará, foi pesquisadora e escritora, além disso atuou como documentalista e conservadora de museus nas décadas de 1950 e 1960. Prima e afilhada do Historiador Raimundo Girão, foi através dele que ingressou no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Estado do Ceará (Instituto do Ceará/IHGAC) em 1951. Instituição de pesquisa particular que antecedeu a criação das faculdades e universidades do Estado do Ceará e que, no início da década de 1950, passou a ser responsável pelo Museu Histórico do Estado do Ceará (MHC/Museu do Ceará). Diretor do IHGAC, Raimundo Girão, passou a administrar as duas instituições, para auxiliá-lo, foi contratada a afilhada, Valdelice, que foi enviada ao Rio de Janeiro para aprender técnicas de documentação no curso de Conservador de Museus do Museu Histórico Nacional. Valdelice frequentou aulas de catalogação e conservação de acervos. Sempre acompanhada pela secretária do diretor e criador do curso, Gustavo Barroso, a conservadora retornou ao Ceará com informações que foram aplicadas, inicialmente, aos acervos do IGHAC e do MHC. Em 1957 foi criado o Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará. Criação do fundador e primeiro reitor da UFC, Antônio Martins Filho, o IAUC nasceu subordinado ao IHGAC que era dirigido pelo engenheiro Thomaz Pompeu Sobrinho e tinha Valdelice Carneiro Girão como conservadora. Trabalhando nas três maiores instituições de sua época, Valdelice foi responsável pela elaboração de relatórios, fichas, catálogos e livros de tombo das instituições. Em 1966 o Instituto Antropológico se separou do IHGAC e Valdelice passou a ser servidora da Universidade do Ceará sendo oficialmente admitida como “Escrevente Datilógrafa Nível 7”, função que ela também exerceu ao documentar os acervos e relatar as atividades do Instituto. Em 1969 o Instituto foi extinto dando origem a Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia. Em 1971 passou a ser professora do Departamento de História, mas se manteve cuidando do acervo até 1973. Entre 1974 e 1981 as peças e os documentos ficaram guardados no Campus do Pici e, em 1981, foram trasladados para a Casa de José de Alencar. Relatos dos servidores mais antigos da CJA e documentos do equipamento apontam que a professora Valdelice acompanhou a mudança, tornando-se a responsável pelo acondicionamento das peças e pela qualificação dos servidores que a auxiliaram nas tarefas relacionadas ao acervo. Os documentos e relatos dos servidores da CJA demonstram que a atuação pioneira de Valdelice não esteve restrita ao cuidado com o acervo e a elaboração de documentação, no IAUC Valdelice também pesquisou, publicou, lecionou e capacitou servidores e trabalhadores da cultura para atuarem no campo dos museus.

Palavras-chave

Museu, Antropologia, Instituto, Universidade Federal do Ceará, Valdelice Girão

O POETA, O PINTOR E O CENTENÁRIO:

narrativas históricas sobre Passo Fundo, a partir de pinturas de História do Museu Histórico Regional (Passo Fundo/RS)

Djiovan Vinícius Carvalho

E-mail: djiovanc@gmail.com

Ana Celina Figueira da Silva

E-mail: ana.celina@ufrgs.br

Filiação Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Localizado no norte do estado do Rio Grande do Sul, o município de Passo Fundo tem sua origem atrelada ao desenvolvimento do comércio interprovincial de muare, a partir do estabelecimento de diversas casas comerciais, ao longo da Estrada das Tropas. Os primeiros anos da década de 1950 acabam por ser um tempo de preparação para as comemorações do primeiro centenário municipal, a ser comemorado em 1957. Nesse período, aspectos da História local passam a ser um tópico importante na pauta de intelectuais locais, que passaram a “organizar” a história, empenhando-se na busca por documentos e registros históricos. Escritores, jornalistas e profissionais liberais criam o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, em 1952, e o Instituto Histórico de Passo Fundo, em 1954, entidades que, por meio da atuação de seus membros, passam a controlar a produção de narrativas sobre o passado local. Dentre esses indivíduos, destaca-se o poeta Gomercindo dos Reis (1894-1965), que se empenha na escolha de alguns “vultos históricos”, dando destaque para o “fundador da cidade” - Joaquim Fagundes dos Reis (1793-1863). Gomercindo empenha-se no levantamento de informações para embasar suas pesquisas, procurando, inclusive, dar rosto a diferentes personalidades, a partir da busca por fotografias, que acabaram por servir como inspiração para a produção de pinturas de História, sendo que, atualmente, algumas fazem parte do acervo iconográfico do Museu Histórico Regional (Passo Fundo/RS). Conforme Salgueiro (2007, p. 131-132) as pinturas de História têm como missão precípua “estimular a imaginação” sobre o passado, ao retratar “personagens de destaque” e ações ambientadas em paisagens identificáveis. Encomendadas, muitas vezes, por governos e/ou governantes, a fim de tornar visíveis aspectos do passado, as pinturas históricas, com o passar do tempo são transferidas para museus históricos, que se tornam custodiadores de uma série de imagens que visam dar conta de cenas, cenários e personagens históricos. Tendo em vista essas questões, a presente comunicação pretende explorar as pinturas de História existentes na coleção iconográfica do Museu Histórico Regional (Passo Fundo/RS), notadamente, as produzidas pelo retratista Lauro Schuck (1925-2007), contextualizando-as como parte das articulações na construção de narrativas históricas sobre o passado passo-fundense, na década de 1950, dando destaque à fabricação realizada em torno do “fundador”, Joaquim Fagundes dos Reis.

Palavras-chave

Joaquim Fagundes dos Reis, Pintura histórica, Museu Histórico Regional de Passo Fundo (RS)

DIÁRIOS DE CLASSE DO CURSO PROFISSIONALIZANTE DE AUXILIAR TÉCNICO EM MUSEU:

Evidências do ensino da Museologia no Sul do Brasil

Lizandra Caon Bittencourt

E-mail: lizandracaon@gmail.com

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolgelmini@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O trabalho apresenta um recorte da pesquisa “O Curso Profissionalizante de Auxiliar Técnico de Museu - modalidade Ciências Naturais, do Museu Anchieta de Ciências Naturais”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), vinculada à linha “Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos”. Para a análise da vasta documentação relacionada ao curso profissionalizante, apresentaremos um conjunto documental formado por diários de classe. Estes vestígios viabilizaram a realização de um estudo com abordagem qualitativa, exploratória e analítica, a fim de identificar características do projeto pedagógico do curso e perfil de seu corpo discente. Para tal exercício, traremos como aporte metodológico a abordagem da História Cultural (Chartier, 1988) aplicada a uma análise de conteúdo (Bardin, 1977), tendo o paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) como um modelo epistemológico de interpretação, que parte do pressuposto de que interpretar é um ofício que se baseia em pistas. Como fundamentação interpretativa do fenômeno, a teoria dos campos sociais de Bourdieu (1989) favorece a compreensão de que os diários de classe são portadores de informações sobre o macrocosmo e o microcosmo do campo social ao qual pertencem. Os diários de classe revelam que o Curso Profissionalizante de Auxiliar Técnico de Museu, realizado nas dependências do Museu Anchieta (Porto Alegre/RS) entre os anos 1976 e 1984, formou 567 profissionais especializados. Tal experiência, ainda desconhecida pela historiografia do ensino da Museologia no Brasil, sinaliza novos horizontes investigativos sobre a constituição do campo museal, ao valorizar modalidades formativas que são fruto de iniciativas implementadas em estados do país onde a Museologia seria incorporada ao ensino superior somente no século XXI. A pesquisa conclui destacando a importância da revisão da escrita da história do ensino da Museologia no Brasil, incorporando processos educativos formais encontrados em museus que trazem novas camadas e complexidade à formulação da Museologia como ciência no país.

Palavras-chave

História do ensino da Museologia, Curso Profissionalizante, Museu Anchieta, Curso Profissionalizante de Auxiliar Técnico de Museu

LIANA OCAMPO:

uma militante em prol de uma educação em museus inclusiva

Patrícia Gabriela Machado Barbosa

E-mail: machado.patricya@gmail.com

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto Brasileiro de Museus

Resumo

Através da vivência de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), vinculada à linha “Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos”, tem por objetivo analisar a trajetória profissional e acadêmica de Liana Rubi Teresa de Ocampo. Para tanto, compreende o recorte temporal de 1977 até 2002, período em que Ocampo foi docente do Curso de Museologia da FEFIERJ/UNIRIO, a fim de investigar suas contribuições para o campo museal brasileiro com ênfase na educação em museus em intersecção com acessibilidade museológica e ação educativa. Os objetivos da pesquisa são: a) Identificar o itinerário acadêmico e profissional de Ocampo nos espaços em que atuou; b) Analisar a produção de Liana Ocampo, observando aproximações teóricas, métodos e técnicas empregadas; c) Pesquisar proposições voltadas para a formação no campo dos museus e da Museologia; e e) Compreender como Liana Ocampo entendia o papel da Museologia no mundo contemporâneo, e de que forma seu pensamento contribui para a história da educação em museus inclusiva, ao propor a intersecção dos temas acessibilidade e práticas educativas nesse cenário. A metodologia, de abordagem qualitativa em caráter de um estudo de caso com análise documental, tem fontes primárias distribuídas em diferentes instituições, a exemplo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS/UNIRIO (com acervo bibliográfico, monografias orientadas, entre outros) e Arquivo Central da UNIRIO (com documentação de sua atuação como docente). Ocampo apontava já na década de 1980 a urgência dos museus se adaptarem para a inclusão de visitantes com deficiência visual, pois para ela a instituição tem por finalidade a educação, sendo um espaço enriquecedor para a construção de conhecimento desses indivíduos (Ocampo, 1987). Pesquisar sobre a trajetória de Liana Ocampo é um desafio, pois até o presente momento suas contribuições para Museologia foram ausentadas, os episódios de sua rememoração ocorrem, em sua maioria, pela oralidade. Porém, o campo tem uma expressiva contribuição para o campo museal, pois foi uma das responsáveis em investigar a responsabilidade dos museus enquanto produtores e difusores de informação de livre acesso. Seu percurso acadêmico, produção e circulação de ideias reforçam a urgência de uma educação em museus de viés inclusivo. A dissertação tem o compromisso de dar visibilidade a esta profissional, principalmente no que tange os museus serem instituições acessíveis para pessoas com deficiência e ser um espaço alternativo de educação para estas pessoas e na contribuição para estudos de Museologia e Gênero.

Palavras-chave

História da Museologia no Brasil, História da Educação em Museus, Liana Rubi Teresa de Ocampo

O IBECC NO CAMPO DOS MUSEUS: a Comissão Estadual de Museus do IBECC (RS)

Diogo Santos Gomes

E-mail: diogosantos.museu@gmail.com

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolgelmini@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O trabalho, recorte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), vinculada à linha “Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos”, apresenta um estudo sobre o desenvolvimento do campo dos museus em meados do século XX no Brasil. Durante a década de 1950, diversas organizações atuaram em âmbito nacional consolidando o campo dos museus a partir da articulação dos pares e promoção de grandes eventos. O I Congresso Brasileiro de Museus (1956) e o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus (1958) - organizados pelo comitê brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil) e pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) - potencializaram conexões políticas e acadêmicas entre os agentes atuantes no campo. Nesta perspectiva, identifica-se o IBECC como um agente institucional que articulou diversos profissionais de museus, embora pouco se conheça sua história. Representando a UNESCO em território nacional, o Instituto se fez presente no país sob diferentes temáticas, entre elas o recorte dos museus, regionalizando sua atuação a partir de comissões. Em 1956, foi fundada no Rio Grande do Sul a Comissão Estadual de Museus do IBECC, liderada por Dante de Laytano, na época diretor do Museu Júlio de Castilhos, e subordinada à Comissão Nacional de Museus. Desta forma, tomando por empréstimo os conceitos de memória Institucional (Costa, 1997); campo e agente (Bourdieu, 1989; 2003) a pesquisa, de natureza exploratória e método aplicado a análise documental, identifica o impacto da presença do Instituto no campo dos museus com foco na atuação da Comissão Estadual de Museus do IBECC do Rio Grande do Sul. O estudo, ainda preliminar, já permitiu o mapeamento de museus e profissionais que compuseram a Comissão do IBECC e contribuíram na consolidação da Museologia no Rio Grande do Sul. Conclui que a pesquisa, recém iniciada, será um importante exercício de rememoração para a historiografia da Museologia brasileira, suprimindo uma lacuna de sua trajetória.

Palavras-chave

História dos Museus, Memória Institucional, Agentes, IBECC

MUSEUS DE EDUCAÇÃO: investigações potentes à historiografia dos Museus e da Museologia?

Zita Rosane Possamai

E-mail: zitapossamai@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Aborda os Museus de Educação, aqui considerados no âmbito do movimento transnacional de criação de uma variedade de artefatos, coleções, acervos, espaços e instituições em diferentes países do mundo, a partir da segunda metade do século XIX, com o intuito de desenvolver a instrução. As denominações mais conhecidas são de dupla caracterização que se relacionam entre si. Primeiramente, os Museus Pedagógicos Nacionais, derivados das Exposições Universais compreendiam amplas funções com o principal objetivo de desenvolver a educação nacional em cada país; em segundo lugar, os museus escolares, termo polissêmico que designou múltiplos formatos: coleções de artefatos fabricados por educadores e estudantes ou industrializados; um armário, uma parede, um corredor, uma sala ou espaço institucionalizado na escola com o propósito de instrumentalizar o ensino por meio do concreto e das imagens. Bastante estudados no âmbito da História da Educação, esse fenômeno também vem sendo investigado pela Museologia. No Brasil, muitos museus criados em espaço escolar nesse contexto de modernização pedagógica subsistem e guardam coleções e memórias com grande potencial de estudos para a história dos museus e da Museologia. No País, foram mapeados pelo Projeto de Pesquisa Museus Escolares no Brasil em Rede 145 instituições distribuídas pelas cinco regiões brasileiras. Uma mirada preliminar sobre esse conjunto permite observar, pelo menos, duas características temporais significativas: espaços e museus de ciências criados nas primeiras décadas do século XX e que configuraram coleções de Biologia (Zoologia e Botânica); espaços e museus criados para valorizar as memórias da instituição escola. Contudo, várias dessas instituições deslizam dessas tentativas de sistematização e análise, especialmente se forem observadas suas coleções. Em alguns casos, a configuração de determinadas coleções aponta para a atuação de cientistas nessas instituições que estavam especialmente preocupados com o desenvolvimento do conhecimento em áreas como Entomologia ou Arqueologia. Os resultados até o momento apontam duas perspectivas promissoras: a potencialidade de uma micro-história desses museus, coleções e da biografia dos seus agentes que tem contribuído com informações inéditas para a história dos museus e da Museologia brasileira; a relevância de uma mirada transnacional que coloque em diálogos práticas e ideias em circulação em diferentes países.

Palavras-chave

Museus de educação, museus pedagógicos, museus escolares

MUSEU FORA DO MUSEU: retratos nas revistas do Museu Paulista

Tatiana Vasconcelos dos Santos

E-mail: tativas@usp.br

Filiação Institucional: Museu Paulista da USP

Resumo

“Grandes vultos da Independência brasileira” (1922) foi uma obra encomendada pela Editora Melhoramentos ao então diretor do Museu Paulista, Afonso Taunay. A editora, fundada em 1890 em São Paulo, era amplamente reconhecida por publicações voltadas ao público infantil e livros didáticos. A proposta veio no contexto dos festejos do centenário da Independência, e Taunay aproveitou a oportunidade para divulgar 29 retratos que havia encomendado como parte da narrativa visual criada para a decoração interna do Museu Paulista. Esses retratos visavam conferir uma abrangência nacional à narrativa da Independência brasileira, protagonizada pelos paulistas, de forma semelhante à narrativa territorial evocada pelos bandeirantes. Os personagens representados nos retratos incluem figuras centrais dos embates políticos em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, compondo um panteão que também contempla personagens estrangeiros, como os comandantes Labatut e Cochrane, e mulheres de destaque, como Joana Angélica, Leopoldina e Maria Quitéria. A inclusão desses retratos em um suporte de papel permitiu uma maior circulação das imagens, que foram amplamente divulgadas em jornais e nos “Annaes do Museu Paulista”, revista institucional criada por Taunay em 1922. A estratégia de Taunay de difundir essas narrativas extrapolou o espaço físico do museu, promovendo uma ampla circulação dos valores e representações idealizados para a Independência. Esses retratos não apenas reforçaram a memória paulista no contexto nacional, mas também contribuíram para consolidar a visão de Taunay sobre o papel de São Paulo nos eventos de 1822. A partir de artigos, revistas e livros, ele mobilizou uma estratégia de difusão que influenciou o imaginário coletivo sobre a Independência brasileira. Nesta comunicação, apresentaremos as estratégias de Afonso Taunay para disseminar os retratos encomendados, destacando o uso dos “Annaes do Museu Paulista” como veículo central na difusão dessas narrativas visuais. Analisaremos como esses retratos, ao se integrarem a diferentes suportes e espaços, contribuíram para a construção de uma memória nacional pautada pelos valores e protagonismos promovidos pelo Museu Paulista.

Palavras-chave

Museu Paulista, Retratos, Independência, Difusão, Cultura Gráfica

**PEDAGOGIUM, MUSEU NACIONAL E MUSEU PAULISTA:
normas e funções em diálogo (Século XIX)**

Morgana Silveira Bartz

E-mail: morganasilveirabartz@gmail.com

Zita Rosane Possamai

E-mail: zitapossamai@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Apresenta um recorte da pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio/UFRGS, cujo objeto de estudo é o museu pedagógico brasileiro (Pedagogium) sob o ponto de vista da Museologia e busca tecer um diálogo entre este museu e outros museus brasileiros existentes no final do século XIX. Este estudo realiza uma análise comparativa entre os regulamentos do Pedagogium (1890), do Museu Paulista (1894) e do Museu Nacional (1888), três instituições que, a partir de distintas funções, compuseram os primórdios das práticas museológicas brasileiras. Cada um desses museus teve seu propósito e organização moldados por contextos específicos, refletindo as demandas sociais, políticas e educativas do final do século XIX. Com apoio nos conceitos de Krzysztof Pomian sobre coleções, colecionismo e semióforo, e nos princípios de Zbynek Stransky acerca da cadeia museológica de preservação, pesquisa e comunicação, este estudo explora, com cautela em relação aos anacronismos, as contribuições e especificidades de cada museu na consolidação do conhecimento científico e cultural, bem como na construção de identidades e memórias nacionais. Recentemente investigado pela Museologia, o Pedagogium foi um museu de abrangência nacional, criado pelo Decreto nº 667 de 1890, e configurou-se como um centro de formação docente, com a missão de oferecer práticas pedagógicas e modernas metodologias de ensino. Sua estrutura era composta por biblioteca pedagógica, exposições escolares e oficinas de trabalhos manuais, representando um espaço de experimentação educativa pautado na valorização da instrução pública e do republicanismo nascente. Em contraste, de caráter regional, o Museu Paulista, instituído pelo Decreto nº 249 de 1894, visava preservar a história natural e cívica do país, contribuindo para o fortalecimento da memória nacional e da identidade republicana brasileira, com coleções que celebram, em especial, a Independência. Finalmente, o Museu Nacional foi regulamentado pelo Decreto nº 9942 de 1888 e expressou um alinhamento com o modelo europeu de preservação científica, ao priorizar coleções de história natural e arqueologia, com foco em pesquisa e difusão do saber científico. O Museu Nacional e o Museu Paulista foram esquadrihados pela historiografia dos museus brasileiros, ao passo que o Pedagogium ainda merece uma mirada a partir da Museologia e da sua cadeia operatória. Os regulamentos consultados indicam aproximações e distanciamentos entre estrutura e finalidade dessas instituições e apontam para uma singularidade do Pedagogium em relação aos dois outros museus no que se refere à aquisição e exposição de seu acervo.

Palavras-chave

Pedagogium, Museu Nacional, Museu do Ipiranga

CIÊNCIA QUE IRRADIA QUE NOS MUSEUS:
as contribuições de Irajá Damiani Pinto (1919-2014)
ao campo museal e do patrimônio no Rio Grande do Sul

Lucas George Wendt

E-mail: lucas.george.wendt@gmail.com

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolgelmini@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este estudo preliminar, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa/UFRGS), explora a trajetória de Irajá Damiani Pinto (1919-2014), figura central na História da Ciência e na Paleontologia brasileira, com destaque para sua atuação no Rio Grande do Sul, onde se localiza o Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto, que o homenageia. Natural de Porto Alegre, Irajá foi naturalista, professor e pesquisador, sendo o primeiro graduado em História Natural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), então Universidade de Porto Alegre (UPA). Atuando nas áreas de Geociências, Paleontologia e História Natural, Irajá construiu uma carreira que ultrapassa sete décadas. Reconhecido com várias honrarias, entre elas a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, ele também foi membro da Academia Brasileira de Ciências. A pesquisa propõe investigar as contribuições de Irajá Damiani Pinto para a ciência no Rio Grande do Sul e como seu legado impacta o campo museológico e o do patrimônio. Por meio de análise documental e bibliográfica, utiliza-se a metodologia biográfica e micro-histórica para explorar sua trajetória e legado, enfatizando o impacto de seu trabalho nos campos científicos de sua atuação e nas instituições com as quais colaborou, especialmente aquelas de caráter museológico e científico. A pesquisa apoia-se em um referencial teórico que abarca a Memória da Ciência, Museologia, História da Ciência no Rio Grande do Sul e áreas de estudo às quais ele se dedicou, incluindo Paleontologia e História Natural. Entre os desafios da pesquisa estão: (1) Identificar e analisar sua produção científica e acadêmica; (2) Contextualizar sua relevância na UFRGS, especialmente na construção de instâncias focadas nas Geociências e Biociências, incluindo espaços museológicos; (3) Examinar como sua trajetória contribuiu para a memória científica no Rio Grande do Sul, formando gerações de pesquisadores e fortalecendo o patrimônio vinculado às ciências naturais; (4) Caracterizar as homenagens recebidas e a produção de memória associada ao pesquisador. Essa operação histórica visa dar visibilidade às suas contribuições em defesa da Paleontologia e da História Natural, promovendo o entendimento de sua relevância científica e cultural no estado. A pesquisa pretende, assim, contribuir para o desenvolvimento do campo da memória da ciência no Rio Grande do Sul e para os estudos museológicos, considerando a importância de Irajá Damiani Pinto no fortalecimento das instituições científicas e na promoção do patrimônio científico, natural e cultural.

Palavras-chave

Memória da Ciência, História da Ciência no Rio Grande do Sul, UFRGS, Paleontologia, História Natural, Museologia, Patrimônio

FORMAÇÃO ACADÊMICA EM MUSEOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL – Os cursos de Especialização

Márcia Regina Bertotto

E-mail: bertotto@terra.com.br

Lizandra Caon Bittencourt

E-mail: lizandracaon@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O estado do Rio Grande do Sul apesar de contar, atualmente, com cursos de graduação, teve carência de formação superior em Museologia, ainda que seus primeiros museus tenham sido criados nos primórdios do século XX. O panorama brasileiro da formação acadêmica em Museologia aponta, até os anos 2000, para a vigência de somente dois cursos de graduação que, no entanto, proliferaram a partir de 2004. A estes, posteriormente, se somaram cursos de Mestrado em Museologia. Neste ínterim alguns cursos de Especialização em Museologia se desenvolveram, particularmente no Rio Grande do Sul. Ao sul da região Sul, a existência de um Conselho Regional de Museologia congregando os profissionais de um único estado, não trouxe o privilégio de constituição de cursos de graduação – ainda que essenciais –, antes do século XXI, o que influenciou a busca premente por uma formação acadêmica de Museologia em nível de pós-graduação. Surgiram, a partir dos anos 1990, três cursos de Especialização: na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, e no Centro Universitário Franciscano, em Santa Maria. A pesquisa tem como objetivo mapear os discentes e docentes dos referidos cursos, suas formações e trajetórias, bem como o rol das disciplinas e as temáticas relevantes à época, em relação às principais discussões do campo a partir do recorte temporal, situado entre os anos 1990 e 2003. O assunto é de relevância em razão da escassa bibliografia sobre o assunto e a pesquisa ter sido iniciada no projeto de pesquisa “OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias”. Também estão sendo coletadas informações para a composição de uma disciplina eletiva sobre História da Museologia no RS e para o Trabalho de Conclusão de Curso, ambos do Bacharelado em Museologia da UFRGS. A coleta de dados se realiza em fontes documentais com análise quali-quantitativa, revelando as relações entre os agentes e os conteúdos abordados. Norteados a pesquisa os referenciais fazem cruzamentos entre os conceitos de: campo (Bourdieu, 2003) e memória coletiva (Halbwachs, 1990). Os resultados parciais apontam para temáticas das disciplinas voltadas para o patrimônio cultural, a gestão e a pesquisa aplicada aos museus, além da busca por capacitação dos agentes que atuaram nas instituições museológicas sul-rio-grandenses.

Palavras-chave

Memória coletiva, História da Museologia, Pós-graduação em Museologia

AS EXPOSIÇÕES NO MUSEU NACIONAL/UFRJ E A CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA SEÇÃO DE MUSEOLOGIA

Thais Mayumi Pinheiro

E-mail: thaismayumi@gmail.com

Diana De Souza Pinto

E-mail: diana.pinto@unirio.br

Filiação Institucional: Museu Nacional

Universidade Federal do Piauí

Resumo

O Museu Nacional/UFRJ foi severamente atingido por um incêndio em 2018. Apresentamos parte da pesquisa de tese de doutorado em Memória Social que analisa o impacto deste desastre para a instituição e os esforços subsequentes de reconstrução, observando como a memória tem sido, ao longo dos tempos, mobilizada no processo de criação de exposições do Museu. Para a análise, realizamos um recorte temporal no período de ocupação do Museu Nacional no Palácio de São Cristóvão, desde sua abertura ao público em 1900 até o incêndio de 2018. A partir de revisão bibliográfica e documental, discorremos sobre o surgimento da Seção de Museologia do Museu e discutimos a consolidação do papel do saber museológico para o desenvolvimento dos projetos de exposição nessa instituição. No contexto de grandes reformas institucionais do século XX no Museu, apresentamos a criação da Seção de Extensão Cultural e a primeira tentativa infrutífera de delegar a organização das exposições a um setor técnico, sob a Direção de Heloísa Alberto Torres (1938-1955). Diante de crises institucionais, falta de funcionários e disputas sobre a autoridade na execução das exposições, um serviço de exposições só foi implementado nos anos 1970. Ainda assim, observou-se a gênese do saber museológico no Museu Nacional a partir de indícios tais como: a atuação de profissionais formados no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional; a iniciativa de diversos profissionais em desenvolver competências para executar exposições no Museu e a organização de cursos de formação em Museologia nos anos 1950 e 1960. Após a entrada do Museu Nacional na Universidade do Brasil (atual UFRJ) e a consolidação de um modelo universitário, observou-se a diminuição da dedicação dos funcionários às exposições, em favor das atividades de pesquisa e ensino. Destacamos, por fim, o período de criação e consolidação da Seção de Museologia, a partir do trabalho de Geraldo Pitaguary e, sobretudo, Thereza Baumann, museóloga do SEMU de 1998 a 2009, momento que consideramos essencial na organização das atividades da Seção, que culminaram no papel desempenhado atualmente pela equipe de museologia na reconstrução do Museu Nacional e no crescente destaque das exposições dentre as atividades da instituição.

Palavras-chave

Museu Nacional, Museologia, Exposições, História da Museologia

FRAGMENTOS DE UMA POLÍTICA PÚBLICA MUSEOLÓGICA NA CIDADE DE SÃO PAULO:

o caso da Divisão de Iconografia e Museus na segunda metade
do século 20

Paula Talib Assad

E-mail: ptalibassad@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

Durante o século 20, o poder público municipal da cidade de São Paulo empreendeu uma série de ações de cunho preservacionista da memória e patrimônio cultural em seu território. Marco inicial importante da constituição de uma política pública cultural reside na criação do Departamento de Cultura em 1935, coordenado por Mario de Andrade. Já em 1975, o Departamento de Cultura é reorganizado enquanto Secretaria Municipal de Cultura, sob a qual, há a Divisão de Iconografia e Museus (DIM), embrião do atual Museu da Cidade de São Paulo, então responsável pela gestão museológica das referências patrimoniais da cidade de São Paulo, incluindo um acervo de bens móveis, imóveis e fotográfico. Esta instituição apresenta uma trajetória robusta de projetos de salvaguarda e comunicação museológica, dos quais destacamos o período entre 1975 a 2000. Adensado pelo caldo da redemocratização, a equipe da DIM foi responsável por uma série de projetos que se debruçavam sobre áreas periféricas, grupos socialmente invisibilizados, proposição de novas metodologias e revisões críticas da comunicação de seus acervos até então elaboradas. São iniciativas como o Projeto Museu de Rua, coordenado pelo museólogo Júlio Abe Wakahara, a constituição de um acervo de História Oral voltado a documentação de movimentos sociais e o Projeto Museu Comunidade, que visava a pesquisa, salvaguarda e comunicação de testemunhos da população envoltória dos Museus e sua preservação a partir de conselhos comunitários. É importante situar que estas iniciativas são contemporâneas ao cenário efervescente que se apresentava no Comitê Internacional da Museologia (ICOFOM), bem como a afirmação das correntes embrionárias de uma Museologia Social. Portanto, com a presente comunicação, pretendemos visibilizar a trajetória institucional e de diversos profissionais que integraram a Divisão de Iconografia e Museus, compreendendo que se trata de um cenário profícuo de reflexão sobre a inserção social nas narrativas engendradas pela instituição e nas metodologias de gestão museológica na cidade de São Paulo. A partir deste percurso investigativo, buscaremos as reciprocidades e dissonâncias dos projetos da Divisão de Iconografia e Museus com as proposituras da disciplina museológica que se davam naquele momento no Conselho Internacional de Museus. Por fim, com este estudo de caso, ressaltamos a importância dos acervos institucionais dos museus paulistas para a investigação da História da teoria museológica que é desenvolvida no campo, sendo complementar às produções acadêmicas *stricto sensu* que estavam ainda restritas naquele momento a um único curso de formação em Museologia em São Paulo.

Palavras-chave

Museu da Cidade de São Paulo, Museologia Social, História da Museologia paulista

O CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA - 3ª REGIÃO: um capítulo da história da Museologia no Rio Grande do Sul

Aline Escandil de Souza

E-mail: escandil@gmail.com

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O trabalho apresenta uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), vinculada à linha “Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos”. Analisa o contexto social, político e cultural que propiciou a criação do Conselho Regional de Museologia 3ª Região Museológica (COREM 3R). Apresenta como recorte temporal os anos de 1983 a 1993, que abrange a criação do COREM 3R, que compreende as articulações em torno da regulamentação da profissão de museólogo e as primeiras gestões, do COREM 3R, com seus 20 primeiros registrados no estado do Rio Grande do Sul. Cabe reforçar que movimentos de articulação política no campo não se inauguram na criação do COFEM-COREM's. Tais articulações envolvem iniciativas de egressos, discentes e docentes do Curso de Museus, formação vinculada da década de 1930 a 1970 ao Museu Histórico Nacional (MHN), somada a profissionais que tinham atuação direta no campo dos museus, que promoveram organizações coletivas através de congressos, fóruns e a criação da Associação Brasileira de Museologia. Esses agentes buscaram o reconhecimento da profissão por anos e, em 18 de dezembro de 1984, foi instituída a Lei nº 7.287, denominada Lei do Profissional Museólogo. Juntamente com a Lei, foram criados os Conselhos Regionais de Museologia (COREM's), mais o Conselho Federal de Museologia (COFEM). A pesquisa tem por objeto de estudo as articulações promovidas na 3ª Região Museológica (COREM 3R), do Rio Grande do Sul. Identificar o itinerário e contribuição de seus agentes fundadores e primeiros museólogos, chamados de provisionados, em ação no Rio Grande do Sul é objetivo da pesquisa. Conclui que o conselho, ao longo de seus 40 anos de existência, tem na história da Museologia um papel importante na construção da identidade do profissional museólogo e a investigação pretende mostrar um recorte dessa trajetória.

Palavras-chave

História da Museologia, Conselho Profissional, Conselho Federal de Museologia, Conselho Regional de Museologia 3ª Região Museológica

ENTRE TRONCOS E VIRAMUNDOS: Representações da escravidão no Museu do Homem do Nordeste (1979-2016)

Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro

E-mail: henrique.cruz@fundaj.gov.br

Filiação Institucional: Fundação Joaquim Nabuco

Resumo

O presente trabalho pretende analisar a trajetória da coleção de instrumentos de tortura do período da escravidão pertencente ao Museu do Homem do Nordeste (Muhne), e seus usos em exposições da instituição, entre os anos 1979 e 2016. Apesar da vinculação quase intrínseca entre a escravidão e a história do Brasil, o tema tem tido pouca ou nenhuma notoriedade no debate público e nas representações sobre a memória nacional. Em termos institucionais, por exemplo, são raros os museus preocupados em abordar a temática de forma exclusiva. A vinculação quase imediata entre a violação de corpos negros e a representação da escravidão nos museus é uma questão que tem sido identificada em diferentes países. A representação da violência que marca esse período da história sem os devidos cuidados éticos pode ter consequências dramáticas. Myrian Sepúlveda dos Santos (2008) realça a dimensão do trauma que está articulada à história da escravidão e destaca os possíveis efeitos que cenas de violência contra corpos escravizados podem causar em públicos que visitam exposições sobre o tema, especialmente públicos negros. Para Nila Rodrigues Barbosa (2008), os instrumentos de tortura usados pelos escravos são confundidos, muitas vezes, com “elementos de referência da cultura material dos cativos”. Contudo, “tais instrumentos foram utilizados pelos senhores, sendo, portanto, referências do sistema escravista e não da produção material dos escravos”. Neste contexto de reposicionamento dos museus frente a uma sociedade inequívoca e irrevogavelmente transformada, faz-se indispensável que o Muhne adote uma nova ética na forma de lidar com seu acervo, seja melhorando a qualidade da informação dos itens já existentes, promovendo estudos que subsidiem sua correta exposição pública, a aquisição de novos itens ou ainda expandindo, para o campo discursivo (através de seminários, cursos e publicações, por exemplo), os conhecimentos de mundo que este acervo embute. Procedimentos que permitam ao Museu reparar faltas e exclusões e apresentar, de modo mais justo e equitativo, as memórias e culturas dos diversos modos de vida das populações do Nordeste.

Palavras-chave

Biografia dos objetos, História dos museus, Escravidão

EXCURSÕES DE ESTUDOS DO CURSO DE MUSEUS NO SUL DO BRASIL: de práticas pedagógicas a articulações políticas sobre o campo do patrimônio e dos museus

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto Brasileiro de Museus

Resumo

O trabalho, desdobramento da pesquisa “História dos museus e da Museologia através de seus agentes” - vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS) e financiado com bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) -, busca efetivar um mapeamento dos(as) diversos(as) agentes que participaram e contribuíram na legitimação do campo dos museus e da Museologia (e relações instituídas entre pares), a fim de dar evidência a profissionais e processos de produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais que são invisibilizados(as) pela produção historiográfica do tema. Tendo para esse estudo como recorte temporal o século XX e recorte geográfico a região Sul do Brasil, propõe uma investigação sobre duas excursões de estudo realizadas pelo Curso de Museus ao sul do país: Santa Catarina (1953) e Rio Grande do Sul (1957). As excursões foram previstas no decreto de regulamentação nº16.078 de 13 de julho de 1944 como prática de ensino do Curso de Museus. A organização das excursões era complexa, sendo a programação planejada pelo diretor do Museu Histórico Nacional, a coordenadora do Curso de Museus, os(as) docentes e os(as) próprios(as) estudantes. Ao decidirem qual(is) cidade(s) do país seria(m) visitada(s), a secretaria do Curso de Museus passava a reservar hospedagem, alimentação, visitas, conferências, além de entrar em contato com autoridades, diretores de museus, representantes do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), anunciando a ida e resolvendo trâmites burocráticos. Pouca documentação é conhecida até então sobre estas excursões, que tinham periodicidade anual (realizadas entre 1945 e 1959, totalizando 19 excursões de estudo). Evidências dessa prática de ensino concentram-se no acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS/UNIRIO), e são somadas à relatórios oficiais das gestões anuais do Museu Histórico Nacional, jornais estaduais de época, documentos expedidos e recebidos, fotografias, entre outros. Ao realizar um estudo documental, ancorado em conceitos norteadores de Pierre Bourdieu, analisa a organização e execução da prática pedagógica, trazendo à tona os(as) diferentes agentes envolvidos(as) e seus papéis atribuídos. Conclui que excursões de estudo realizadas pelo Curso de Museus tinham, para além de um papel pedagógico relevante na formação de conservadores(as) de museus, um papel político de interesse pessoal - associado à presença do então diretor do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso -, como de interesse coletivo, ao assumirem as excursões como uma das instâncias de articulação política do campo dos museus em nível municipal, estadual e federal.

Palavras-chave

História dos museus, História do ensino da Museologia, Curso de Museus, Excursões de estudos.





GT15



GT15

Grupo de Trabalho 15. Museologia em Processo: Formação e Pesquisa

Coordenação

Maria Cristina Oliveira Bruno

E-mail: mcobruno@uol.com.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Judite Santos Primo

E-mail: judite.primo@ulusofona.pt

Filiação Institucional: Universidade Lusófona

Apresentamos a proposta de um grupo de trabalho para abordar as especificidades do ensino e da pesquisa em Museologia, considerando as suas implicações nas ações museológicas contemporâneas e os impactos nas políticas públicas. Por um lado, pretende-se reunir pessoas que estudam, lecionam e pesquisam com o objetivo de discutir sobre metodologias de ensino nos cursos de graduação e pós-graduação; e, por outro lado, identificar os impactos das pesquisas acadêmicas nos diferentes contextos de políticas públicas para museus e ações museológicas, bem como, compreender como as pesquisas patrocinadas por agências de fomento, impactam na formação de novos perfis profissionais e nas linhas de pesquisas dos cursos de museologia. Entendemos que nos últimos anos, cinco pontos devem ser considerados neste contexto:

- o novo olhar para as questões que envolvem os repertórios patrimoniais museológicos à luz das discussões sobre decolonialidade, diversidade cultural e direitos humanos e o quanto as pesquisas e as ementas de formação profissional estão evidenciando estas preocupações;
- o impacto da discussão sobre a nova definição de museus, realizada pelo ICOM - Conselho Internacional de Museus, e de que forma professores, estudantes e pesquisadores estão envolvidos nestes trâmites;
- a inserção dos estudantes, professores e pesquisadores nas discussões e ações sobre as políticas públicas museológicas e áreas afins.
- as reciprocidades entre formação profissional e inserção no mercado de trabalho;
- os resultados de pesquisas de pós-graduação e os diferentes alcances interdisciplinares em diversos campos de conhecimento.

Esses pontos foram selecionados, entre muitos outros, com o propósito de verificar qual é o impacto das pesquisas e dos cursos de formação nas múltiplas dimensões da museologia em processo e nas políticas públicas de cultura.

UM PANORAMA DOS ESTUDOS DE ARQUITETURA E MUSEUS:

como os que fazem as estruturas desenvolvem as teorias?

Bárbara Silveira Abril

E-mail: bahsilveira21@gmail.com

José Clewton do Nascimento

E-mail: jotaclewton@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo principal elaborar possíveis respostas para o questionamento: “Como se inserem as teorias da nova museologia no contexto de estudos arquitetônicos?”. É importante iniciar esse texto destacando a vasta produção acadêmica relacionando nova museologia e a educação museal. Dentre esses, o trabalho de Maria Iloni Seibel Machado, elaborou um panorama abrangente das teses e dissertações defendidas entre 1987 e 2006, as quais abordavam aspectos educacionais e onde estavam localizados os estudos sobre museus, recortando em quais áreas se localizam esses trabalhos. A pesquisa de Machado fundamentou a discussão sobre a educação museal; por outro lado, aqui buscamos explorar a parte arquitetônica do processo. Como é explorado o espaço museal nas teses, dissertações e monografias de arquitetura? Como aparece o uso da nova museologia nas pesquisas de prática projetual? Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico em repositórios da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Essas três universidades foram selecionadas por diferentes motivos: A UFBA por ser referência de pesquisas na área de museologia, devido a presença do curso de graduação e pós-graduação; a UFC pelo crescimento dos equipamentos culturais no Ceará e o interesse da criação de um curso de museologia e por fim, a UFRN pela sua responsabilidade com os museus universitários. A proposta então é o cruzamento da palavra-chave “museu” e o filtro “arquitetura e urbanismo” a fim de explorar a compreensão atual dos estudantes de arquitetura com esses espaços. Serão adotados critérios como relevância e a atualidade das publicações, analisando de 2014 a 2024, sendo buscadas teses, dissertações e monografias que explorem a interseção entre arquitetura e museus. Além disso, iremos investigar quais temas emergem das pesquisas existentes, se está presente a função social dos museus, o papel do arquiteto no projeto de espaços culturais, e se existe uma preocupação de inserção territorial no projeto do edifício. Outrossim, avaliamos as principais referências teóricas utilizadas pelos autores, buscando entender para além da prática projetual, sua preocupação e contextualização nos debates museológicos. A investigação proposta busca mapear a produção acadêmica existente nas universidades selecionadas e analisar as implicações que essa relação pode ter na formação profissional dos futuros arquitetos. Contribuindo para uma compreensão de como os pesquisadores de arquitetura se relacionam e utilizam as pesquisas da área museológica para os seus projetos. Com isso, esperamos fomentar um diálogo entre a museologia e a formação em arquitetura, incentivando uma maior integração entre teoria e prática.

Palavras-chave

Arquitetura, Teorias Museológicas, Revisão Sistemática

“TODA PALAVRA GUARDA UMA CILADA”:
as ressonâncias do termo diferença na formação e
na pesquisa em Sociomuseologia

Clovis Carvalho Britto

E-mail: clovisbritto@unb.br

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

O trabalho consiste em uma versão resumida do resultado do Estágio Pós-Doutoral em Museologia na Universidade Lusófona. Realiza uma revisão de literatura sobre as ressonâncias do termo diferença no âmbito da Sociomuseologia, visando compreender algumas configurações da linguagem de especialidade nessa Escola de Pensamento. O intuito é perceber como a diferença, enquanto termo e conceito, tem sido mobilizada, problematizando as especificidades e os desafios terminológicos. Nesse sentido, é possível perceber o delineamento de uma Escola de Pensamento e, ao mesmo tempo, uma cultura lusófona impactando os paradigmas das Museologias, no delineamento de ensino e pesquisa, em um grupo de intelectuais cuja constelação de compromissos é articulada nas ações da Universidade Lusófona, em Lisboa. A hipótese é que se torna necessário compreender as diferentes formas como a Sociomuseologia tem mobilizado o termo e o conceito de diferença na constituição de sua linguagem de especialidade, se de forma naturalizada ou evidenciando distintas tendências de pensamento que traduziriam o reconhecimento do direito à diferença como uma das singularidades da Museologia Social. Por meio de uma metodologia qualiquantitativa baseada na revisão integrativa de literatura, elege como universo de análise os textos (editoriais, artigos e documentos) publicados na revista *Cadernos de Sociomuseologia* (1993-2023) e as teses defendidas no doutoramento em Museologia da Universidade Lusófona (2008-2023). O trabalho evidencia um crescimento da incidência do termo diferença nos textos analisados e uma abordagem polissêmica, com um diálogo cada vez mais explícito com as epistemologias decoloniais e com a interculturalidade. Essas epistemologias consistem em estratégias de ampliação e de resistência epistêmica mobilizadas cada vez mais pela Sociomuseologia, evidenciando aspectos nocionais, intervenções junto às comunidades a partir de processos museológicos e ações junto aos diversos movimentos sociais, eles próprios, fruto das lutas em prol do direito à diferença ou da diferença de museus e de Museologias a serviço da diferença. Por fim, identifica as três autorias e conceitos mais citados na revisão: Mário Moutinho com o conceito de “direito à diferença”; Maria Célia Teixeira Moura Santos e “respeito à diferença”; e Paulo Freire, a partir dos conceitos “diferença do outro” e “respeito à diferença”.

Palavras-chave

Sociomuseologia, Ensino, Pesquisa, Terminologia, Diferença

DOSSIÊ EGRESSOS: apresentação e análise do perfil e das dissertações dos egressos do PPGMus-USP

Maria Cristina de Oliveira Bruno

E-mail: mcobruno@usp.br

Bruno Couto Porpora

E-mail: porpora.brn@gmail.com

Larissa Girardi Losada

E-mail: larissalosada28@gmail.com

Leonardo Giovane Moreira Gonçalves

E-mail: leonardo.giovane@unesp.br

Paula Talib Assad

E-mail: ptalibassad@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

O projeto Dossiê Egressos do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo é uma iniciativa que busca articular alunos, egressos e professores em uma perspectiva de análise que nos vincula à realidade museológica do nosso entorno e, ao mesmo tempo, desvela os caminhos que precisamos trilhar como um programa de ensino pós-graduado de uma universidade pública. Trata-se de uma pesquisa em movimento realizada, até o momento, em duas fases ao longo de três anos, tendo como escopo o perfil, as dissertações e as experiências dos egressos do PPGMus-USP. Tanto a metodologia adotada quanto a produção analisada são notoriamente voltadas para o trabalho e para as experiências práticas, permitindo que o resultado obtido servisse como um espelho não só do programa no contexto acadêmico como também da museologia paulista no geral, ao revelar tanto a regionalidade quanto a abrangência da atuação dos egressos. A segunda fase do Dossiê passou por três momentos principais: a definição do escopo da pesquisa e das estratégias para ampliar o alcance do questionário (ao qual a aderência dos egressos chegou a 88%), que culminaram nos resultados expostos na Parte I do documento; a recolha dos dados das dissertações, que são a base das análises realizadas na Parte II; e a organização final dos dados. Os resultados apontam para a já discutida necessidade de atuarmos em favor do desenvolvimento de meios para a formação e para a pesquisa: apesar do diagnóstico positivo de que atualmente 95% dos respondentes trabalham na área de formação e da predominância de autores brasileiros dentre os mais frequentes nas bibliografias, os dados revelam que apenas 14% dos egressos ingressaram no doutorado. O Dossiê permite entender, documentar e comunicar as tendências e interesses de pesquisas no campo museológico paulista, que estão, por sua vez, relacionadas ao espaço vivencial dos egressos, mas sobretudo, sustentada no histórico da formação em Museologia e museus em São Paulo. Compreendemos que a metodologia do Dossiê Egressos aplicada em nossa realidade e em outros espaços de educação em Museologia, pode contribuir com um diagnóstico do campo museológico brasileiro, de forma que alguns encadeamentos futuros possam frutificar, como: a proposição de políticas públicas baseada nas ausências e necessidades identificadas a partir dos trabalhos acadêmicos e do perfil dos ingressantes; a expansão da análise para o mapeamento dos marcadores sociais que atravessam a realidade dos alunos; a necessidade da implantação do doutorado como continuidade do ensino e pesquisa, no âmbito da pós-graduação em Museologia no estado de SP.

Palavras-chave

Museologia, Ensino de Museologia, Museus, Egressos, Estado de São Paulo

ACERVO ARQUEOLÓGICO NO MUSEU HISTÓRICO SOROCABANO – SP: uma análise propositiva

Larissa Girardi Losada

E-mail: larissalosada28@gmail.com

Maria Cristina de Oliveira Bruno

E-mail: mcobruno@usp.br

Filiação Institucional: Universidade de São Paulo

Resumo

Esta comunicação aborda o acervo arqueológico sob guarda do Museu Histórico Sorocabano (MHS), instituição fundada em 1954 e localizada em Sorocaba, no interior de São Paulo. Objetiva, por um lado, compartilhar a historicidade das coleções arqueológicas, permeada principalmente pela forma colonialista pela qual o museu atuou no âmbito da performance de seus objetos e discursos. Por outro, busca mostrar uma experiência que vem agindo na reversão de processos de ocultamento e subordinação associados aos vestígios arqueológicos institucionalizados e às narrativas regionais construídas sobre povos indígenas. Trata-se da realização de um kit didático de Arqueologia, que se deu a partir de um processo colaborativo e experimental, contando com uma equipe na qual integrantes do Centro de Convivência Indígena da Ufscar – Sorocaba fizeram parte. Nota-se que o acervo arqueológico foi alvo de dois projetos culturais recentes: um destinado à salvaguarda (tratamento técnico e inventário), intitulado “O Patrimônio Arqueológico no Museu Histórico Sorocabano” e finalizado em 2022; outro direcionado à comunicação, por meio da elaboração do referido kit didático, finalizado em 2025. O primeiro deles nos mostrou as potencialidades do acervo a partir das ações de salvaguarda, também do encontro com materialidades por décadas subalternizadas na reserva técnica. O segundo permitiu que as mesmas materialidades chegassem às escolas e espaços de educação não formal. Em ambos os casos, os recursos vieram de leis de incentivo à cultura, as quais entendemos como formas de resistência e meio para instrumentalização do que almejamos. Observamos que essas materialidades, enquanto indicadores de memória, possuem uma função social latente. Busca-se, deste modo, a partir dos vestígios arqueológicos, fomentar a criação de outras memórias e narrativas ligadas à longa história indígena de ocupação do território. Tendo como norte a indignação com construções históricas hegemônicas, que nos apontam a urgência de atuarmos de forma crítica e transgressora. Portanto, consideramos que as referências teóricas e as experimentações práticas em projetos culturais formaram uma via de mão dupla, sendo um caminho para práticas dissidentes.

Palavras-chave

Musealização da Arqueologia, Sociomuseologia, Arqueologia Colaborativa, Educação museal, Kit didático

MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:

algumas notas sobre antirracismo, branquitude e o uso social da memória no ensino e na pesquisa museológica no Brasil

Valdemar de Assis Lima

E-mail: valdemar.assis@unb.br

Filiação Institucional: Universidade de Brasília

Resumo

Entre os tantos desafios contemporâneos do trabalho de educadoras/es e pesquisadoras/es da Museologia podemos destacar o enfrentamento do racismo estrutural: seguramente, uma das questões nevrálgicas do mundo atual que interfere peremptoriamente no seu fazer-se educadora/or museóloga/o. Corpos docentes de diferentes cursos de Museologia se veem provocados a desenvolverem um projeto político-pedagógico em diálogo com as lutas e estratégias de resistência e resiliência da população negra brasileira porquanto demanda social de uma ética museológica que se afirma comprometida com as decolonialidades do ser/estar, do saber e do poder. Essa Museologia em decolonialidade entende que a lógica de poder capitalista é intrínseca à colonialidade e, a partir desse entendimento, nos insta a lançarmos um olhar crítico sobre as dinâmicas de poder hegemônico previstas e condicionadas desde o período colonial e que seguem perpetuando uma mesma forma monocrática de organização das instituições sociais, políticas e econômicas e de produção de subjetividade que constituem o sistema-mundo capitalista e que opera o racismo, inclusive, na perspectiva da supressão do direito de memória de pessoas negras e na histórica tentativa de subalternização de narrativas de memórias dessa população. Indubitavelmente, há uma colonialidade do poder, caracterizada por uma estruturação hierárquica de poder e de memória. Destarte, a colonialidade do poder enfatiza a persistência das estruturas coloniais de poder mesmo após o fim do colonialismo político direto. Essas estruturas têm um impacto nas sociedades colonizadas e interferem diretamente no uso social da memória a partir do momento em que molda as relações sociais, as classificações raciais, as formas de produção de conhecimento e as estruturas de poder contemporâneas. A Lei 10.639/2003 - que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira - tem sido pauta nos cursos de Museologia, notadamente nas matérias (ou disciplinas) que abordam teoria museológica, educação museal e pensamento museológico contemporâneo e há também, neste sentido, muitos trabalhos de conclusão de curso (TCCs) que fazem investigações nas relações étnico-raciais, desafiando professoras/es a buscarem e agenciarem o seu letramento racial crítico nas situações de ensino-aprendizagem. Os pressupostos teórico-metodológicos da Museologia oferecem uma tecnologia pedagógica importante para uma educação antirracista para as relações étnico-raciais (EARER) na medida em que nos obseca a compreender a etiologia do fazer-se antirracista de pessoas brancas, inseridas direta ou indiretamente na ambiência e dinâmica de vida da população negra. Assim, em diálogo com as possibilidades de uso social da memória, a Museologia agencia a EARER no ensino e na pesquisa museológica..

Palavras-chave

Formação, Pesquisa, Museologia, Decolonialidade, Antirracismo

BELEZA QUE VEM DO BARRO:

inventário participativo do ofício e modos de saber- fazer
das ceramistas do Bairro Poti Velho. Teresina. Piauí

Francisco Ildene Pereira da Silva

E-mail: professorildene@gmail.com

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Resumo

Este trabalho teve o objetivo de construir um inventário participativo do ofício e modos de saber fazer das ceramistas associadas à Cooperativa de Artesanato do Piauí - COOPERART, localizada no Polo Cerâmico de Teresina, no Poti Velho, bairro mais antigo da cidade. A comunidade detém referências culturais associadas à terra e ao rio Poti, incluindo celebrações como os festejos em honra a São Pedro, padroeiro da comunidade. Nesse espaço a cerâmica é um dos personagens principais, crucial para a sobrevivência de grande parte dos moradores que ali residem. O Polo Cerâmico é cenário onde famílias retiram seu sustento da modelagem em argila, uma tradição que atravessa gerações. Apesar da transmissão do saber fazer, observamos um distanciamento da população mais jovem, resultando na diminuição de ceramistas em atividade. Defendemos que um inventário participativo pode contribuir para produzir conhecimentos e valorizar essa referência, atraindo gerações presentes e futuras. O inventário foi realizado com a participação de oito artesãs associadas à Cooperativa, espaço de resistência dessas mulheres, em sua maioria pretas e pardas, cujas memórias se entrelaça com o território ribeirinho. Usamos métodos e técnicas híbridas de pesquisa, como o material pedagógico de inventários participativos, história oral e pesquisa participante, com foco na pesquisa ação. Identificamos Referências Culturais e Histórias do lugar, mapeamos e documentamos histórias e memórias das mulheres ceramistas, destacando a relação com o território ribeirinho, ofício e modos de saber fazer da cerâmica artesanal. Apresentamos um documentário intitulado Beleza que vem do barro, sobre o modo de saber fazer das ceramistas com suas histórias, memórias e vivências. Autores no campo do patrimônio cultural e museologia social, como Pinheiro (2015), Varine (2007), Tolentino (2016), Thiollent (1997) e Alberti (2004), são referenciados. Como resultado, construímos um inventário participativo do ofício e modo do saber fazer das mulheres ceramistas do Bairro Poti Velho.

Palavras-chave

Patrimônio Cultural Imaterial, Inventários Participativo, Ceramistas do Poti Velho

EDUCAÇÃO EM MUSEOLOGIA NO BRASIL: temas, questões e debates a partir de um levantamento bibliográfico

Saulo Moreno Rocha

E-mail: smr.museologo@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Ceará

Resumo

Nas últimas décadas, ocorreu uma expansão significativa no número de cursos de Museologia no Brasil, tanto a nível de graduação como de pós-graduação, influenciada pelo desenvolvimento de políticas públicas para o campo museal, para a educação, a ciência e a tecnologia. Tal expansão caracterizou-se pela consolidação de modelos de formação, ao tempo em que nacionalizou o acesso a formação anteriormente circunscrita a poucas escolas, notadamente situadas no Rio de Janeiro e na Bahia. A intensificação da oferta de cursos de Museologia produziu uma ampliação e pluralização de experiências didático-pedagógicas, ao tempo em que tem impulsionou pesquisas e reflexões sobre o ensino de Museologia e a memória desse campo acadêmico e profissional, aportando novos olhares sobre as distintas realidades museológicas e museais. Este trabalho debruça-se sobre um levantamento bibliográfico preliminar de trabalhos sobre a temática da Educação em Museologia no contexto brasileiro. Consistiu na localização (via sites da web e bases de dados) e estruturação de referências bibliográficas das fontes e textos sobre o tema, organizando-as em categorias que representam agrupamentos dos focos de pesquisa e reflexão de pesquisadoras(es) e autoras(es). Foram identificadas e localizadas 156 referências bibliográficas, que permitiram a construção de uma classificação inicial dessa produção em 12 categorias, que oferecem uma dimensão panorâmica acerca das questões, objetos de estudo e recortes temáticos pelos quais a Educação em Museologia vem sendo abordada e trabalhada pelo campo. A construção das categorias baseou-se na leitura do título e dos resumos dos trabalhos, momento em que buscou-se promover aproximações temáticas. Concluímos que uma parte significativa das referências localizadas não estão articuladas a projetos de pesquisa específicos, mas a demandas ocasionais, atendendo ao contexto de eventos e de momentos celebrativos. Entretanto, tais oportunidades têm possibilitado a construção de um corpus descritivo, memorialístico e historiográfico para a Museologia brasileira, representando um trabalho de memória e de construção de visibilidade para as diferentes experiências educacionais que promoveram ou impulsionaram a formação do campo museológico nacional, que contribuem para uma compreensão mais densa e complexa acerca da constituição do campo da Museologia no país, seus agentes, discursos e perspectivas sobre museu, museologia, patrimônio e formação profissional.

Palavras-chave

Educação em Museologia, Formação, Museólogo

FAZER-ACERVO: integrando habilidades na formação de pesquisadoras em acervos visuais

Fernanda Rechenberg

E-mail: fernandarechenberg@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este trabalho busca recompor reflexões do trabalho no acervo fotográfico do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore (MTB), no período entre 2011 a 2018, em que diferentes frentes de atuação foram conduzidas com o objetivo de salvaguardar um conjunto de documentos, fotografias e gravações sonoras, produzidos durante as pesquisas de campo do antropólogo e folclorista Théo Brandão, o longo de sua vida. Ao usar a ideia de “fazer-acervo”, me inspiro livremente nos estudos urbanos emergentes de Michel Agier (2015), considerando a natureza processual e inacabada de um acervo, em contínuo movimento e incitado por um sentimento de ausência que convoca a ação. As equipes, ao trabalharem nas ações de higienização, documentação, e conservação preventiva dos acervos, estavam imersas em um processo continuado de “educação da atenção” (Ingold, 2010), no sentido de um conjunto de habilidades que se desenrolava em um campo de práticas. Argumento aqui pela produtividade intelectual que um trabalho manual pode oferecer na formulação de boas questões de pesquisa, demonstrando a potência dialógica entre um acervo fotográfico construído nas décadas de 1940 e 1960 e a formação acadêmica de jovens estudantes. Como um museu universitário que integra a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o MTB ampliou, na última década, a vinculação com cursos de graduação para além da presença de bolsistas-monitores, responsáveis pela visita guiada nas exposições do museu. No período citado, foram realizados diversos projetos de pesquisa e extensão, com a participação de estudantes de graduação nos cursos de História, Ciências Sociais, Dança, Música, Biblioteconomia, Comunicação Social, entre outros. Tais projetos entrelaçaram conhecimentos próprios da museologia com indagações de outros campos disciplinares, trazendo contribuições específicas a questões potencialmente mobilizadoras do acervo e sobretudo, diversificando ações e caminhos metodológicos. As oficinas, por exemplo, contribuíram para consolidar a expertise técnica das estudantes. As saídas de campo e entrevistas, assim como a vinda de mestras e mestres ao museu, foram fundamentais para reposicionar práticas e narrativas dos artistas para além dos enquadramentos dos estudos de folclore. Por fim, a consolidação de fóruns acadêmicos no espaço do museu oportunizou interlocuções mais amplas e expôs à crítica as próprias ações ali realizadas.

Palavras-chave

Acervo fotográfico; Museu universitário; Alagoas

**CARTOGRAFANDO O ENSINO E A PRODUÇÃO
MUSEOLÓGICA NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA:**
rastros da colonialidade, fissuras e transformações epistêmicas

Camila A. de Moraes Wichers

E-mail: camilawichers@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Goiás

Resumo

Desde a década de 1970, os museus e a Museologia têm passado por movimentos de renovação deflagrados, sobretudo, por coletivos e comunidades, que demandam a democratização não apenas do acesso, mas também da seleção e da produção do patrimônio cultural e da memória. Novas museologias foram surgindo nesse processo, como por exemplo, a Museologia Social, a Sociomuseologia, a Museologia Comunitária, a Museologia Experimental, a Museologia Feminista, a Museologia LGBT, a Museologia Afro-brasileira, a Museologia Indígena e a Museologia Queer, entre outras. Alguns estudos defendem que algumas dessas denominações correspondem a diferentes enfoques sobre um mesmo objeto de estudo, obedecendo aos mesmos princípios essenciais que constituem a Museologia, outros trabalhos que apontam que essas abordagens rompem, efetivamente, com uma Museologia convencional. A comunicação apresenta os resultados parciais de um projeto de pesquisa devotado a mapear como esses movimentos de renovação têm resultado (ou não) em transformações epistêmicas no campo museológico, mais especificamente, em seu ensino pós-graduado. O levantamento da estrutura curricular dos cinco programas de pós-graduação em Museologia no país, tem sido realizado por meio da documentação disponível em seus sites, na Plataforma Sucupira - CAPES e a partir do exame de trabalhos acadêmicos que abordam os referidos programas. Por seu turno, um estudo bibliométrico da produção acadêmica advinda dos programas de pós-graduação em Museologia no Brasil tem sido efetuado. A análise bibliométrica é uma abordagem metodológica que se destina a mensurar e avaliar a produção acadêmica e científica em determinada área de conhecimento, utilizando métricas e indicadores quantitativos. Com isso, tem sido possível cartografar uma produção museológica pós-graduada (dissertações e teses) marcada por inovações nos conceitos e nas formas de fazer da Museologia, mas ainda com pouca ressonância nas linhas de pesquisa e documentos oficiais dos programas analisados. Os resultados parciais denotam rastros da colonialidade na Museologia Brasileira, mas também a abertura de fissuras a partir de sujeitos subalternizados que chegam, felizmente, cada vez mais ao campo da pós-graduação em Museologia.

Palavras-chave

Ensino de Museologia, Pesquisa Museológica, Pós-graduação em Museologia, Movimentos de renovação da Museologia, Colonialidade

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFOP: primeiras experiências

Gilson Antônio Nunes

EMAIL: gilson@ufop.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo

Como uma decorrência do Plano Nacional de Educação, instituído pela Lei nº 13.005/2014, a curricularização da extensão exige a oferta de 10% de atividades extensionistas na carga horária total dos cursos de graduação, conforme Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação (CNE). Após alguns adiamentos, o CNE fixou como limite o ano de 2023 para a inclusão nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) a curricularização, sendo que, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), apenas onze cursos atualizaram os PPCs. Dentre esses, o curso de Museologia alterou o PPC, estabelecendo a carga horária de 270 horas, cumprida por meio de treze disciplinas extensionistas obrigatórias. O Colegiado e o Núcleo Docente Estruturante escolheram essa estratégia para favorecer a participação de alunos trabalhadores, já que o curso é noturno. Uma das primeiras disciplinas extensionistas, a Paisagem e Referências Culturais MUL160, incentivou os alunos a desenvolverem um novo olhar sobre o campus da UFOP, tratando-o como um espaço potencial de referência e paisagem cultural. O objetivo principal foi proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda do ambiente da universidade e do contexto no qual está inserida. Os estudantes produziram um roteiro que representasse suas escolhas e percepções. Com base em um mapa afetivo e nas referências e paisagens selecionadas pelos alunos, o roteiro se transformou em uma atividade extensionista voltada para a comunidade acadêmica. Os estudantes apresentam o campus e suas referências aos alunos recém-chegados ao curso. A atividade busca, além de integrar uma atividade extensionista, promover a interação entre os alunos e fortalecer a autonomia dos estudantes na construção do conhecimento. Já na disciplina Museologia e Educação MUL 232 realizou-se um minicurso, Experiências estéticas e políticas: museus e acervos literários, que propôs uma reflexão dialética entre a educação museal e o Acervo Literário Josué Guimarães da Universidade de Passo Fundo. Além disso, os alunos desenvolveram um projeto educativo, Um Diálogo Poético com Guignard. A ação inspirou-se no tema da 18ª Primavera de Museus: Museus, acessibilidade e inclusão. E gerou uma audiodescrição de parte da exposição do Museu Casa Guignard, disponibilizada por um QR code que dá acesso ao link (<https://linktr.ee/projetoguignard>). E objetivou a democratização do acesso e comunicação museológica pela tentativa de imersão da complexidade sensorial humana.

Palavras-chave

Curricularização da Extensão, Cursos noturno, Museologia, Projeto Pedagógico, UFOP

**A FORMAÇÃO DE BACHARÉIS EM MUSEOLOGIA EM
CURSOS DE GRADUAÇÃO EAD:**
explorando novos agentes da história do campo museológico

Adriane Maria Raimann

E-mail: adriane.raimann@gmail.com

Ana Carolina Gelmini de Faria

carolina.gelmini@ufrgs.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O trabalho apresenta os primeiros passos investigativos de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), vinculada à linha “Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos”. O estudo analisa dois cursos de graduação em Museologia concebidos a partir da ferramenta de Educação a Distância (EaD) - Centro Universitário Claretiano e Centro Universitário Leonardo da Vinci/Uniasselvi, ambos criados no século XXI e vinculados a faculdades particulares, a fim de aprofundar seus alinhamentos com as diretrizes do Ministério da Educação (MEC) e regulamentação do profissional museólogo. Para seu desenvolvimento, tem como problema de pesquisa o papel dos cursos de graduação em Museologia em EaD no campo da formação destes profissionais. Como ocorre a inserção do EaD na história do ensino da Museologia? O ensino à distância no Brasil possui uma história complexa e já utilizou diferentes ferramentas para que o processo de conhecimento fosse alcançado, indo das correspondências às teleaulas, e chegando à internet, com conteúdos disponibilizados em plataformas digitais e encontros síncronos remotos. A metodologia, de cunho qualitativo, vale-se de pesquisa bibliográfica e documental, com ênfase na análise de conteúdo, a fim de compreender convergências e particularidades dos cursos estudados. Os cursos de graduação em Museologia em EaD possuem particularidades que as diferenciam das outras graduações, como disciplinas que são estudadas ao longo de 4 semanas e encontros semanais online com tutores para tirar dúvidas sobre os conteúdos, o material disponibilizado em trilhas de aprendizagem e livro didático, e laboratórios virtuais de aprendizagem, simulando atividades desenvolvidas nos Museus. Resultados parciais têm mostrado o ensino a distância uma inovação relevante no Ensino Superior, proporcionando flexibilidade e acesso aos conteúdos de forma remota, especialmente em áreas mais distantes dos grandes centros. Conclui sobre a importância de inserir os cursos de graduação em Museologia EAD na historiografia do ensino da área no país, visibilizando novos agentes institucionais nas relações do campo museológico.

Palavras-chave

EAD, Museologia, História do ensino da Museologia, História da Educação





GT16



GT16

Grupo de Trabalho 16.

Documentação Museológica como Ferramenta para a Transformação Sociocultural

Coordenação

Renata Cardozo Padilha

E-mail: renata.padilha@ufsc.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Catarina

Mara Lucia Carrett de Vasconcelos

E-mail: mlcarrett@yahoo.com.br

Filiação Institucional: Museu Victor Meirelles/Ibram

Ana Celina Figueira da Silva

E-mail: ana.celina@ufrgs.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este GT visa estimular a formação e o pensamento crítico por meio do levantamento de investigações teórico-metodológicas relacionadas à documentação museológica e sua interface com as outras disciplinas envolvidas no processo de musealização, a fim de identificar os principais elementos informacionais que representam a diversidade social dos acervos culturais existentes nas instituições museológicas, bem como analisar as metodologias e técnicas que envolvem os processos documentais no século XXI. A documentação enquanto registro de bens é uma prática identificada já na Antiguidade. Entretanto, os estudos e diretrizes sobre documentação no campo da Museologia tem como um importante marco a criação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC/ICOM), nos anos de 1950, dando início a procedimentos técnicos de normatização e registros de bens culturais em museus e que se expande, ao longo das próximas décadas até final do século XX, com discussões que envolvem padrões mínimos de metadados e controle de vocabulários e terminologias. Com a virada do século, identifica-se que as transformações sociais, culturais e tecnológicas, bem como os problemas latentes da nossa sociedade como o racismo, o machismo, a lgtbfobia, o capacitismo, manifestam-se com força nas discussões do campo museológico e requerem mudanças na prática, refletindo na representação da informação nos museus. Considerando a diversidade dos processos museológicos na contemporaneidade, compreendemos que os procedimentos documentais devem atender primordialmente às necessidades informacionais dos públicos e dos grupos representados nas coleções, à salvaguarda e autenticidade dos acervos e à legalidade e ética das instituições museológicas. Para tanto, o GT visa uma abordagem interdisciplinar sobre novas dimensões teórico-metodológicas da documentação museológica que considerem as variedades tipológicas de acervos, os grupos representados e suas narrativas e as áreas envolvidas, e que proponham debates contemporâneos a respeito de temas como acervos digitais, arte contemporânea, diversidade sexual, questões étnico-raciais, interculturalidade, gestão e curadoria compartilhada, repatriação e restituição, acervos operacionais (em uso nos territórios), dentre outros.

OS INDÍGENAS NAS GRAVURAS DE JOHANN MORITZ RUGENDAS DO INSTITUTO RICARDO BRENNAND

Ana Beatriz Nicacio Vieira da Cunha

E-mail: anabeatrizvieiracn@gmail.com

Filiação Institucional: Instituto Ricardo Brennand

Resumo

Esta apresentação possui dois objetivos: um teórico e outro prático. O objetivo teórico consiste em repensar a representação social dos indígenas brasileiros nas gravuras de Johann Moritz Rugendas, que fazem parte da Coleção Oitocentos Brasileiro do Instituto Ricardo Brennand. O segundo objetivo visa propor a adoção de um novo campo na prática de documentação museológica da referida instituição, a fim de dispor uma maneira inovadora de abordar as narrativas sobre sociedades indígenas no museu. Por isso, questiona-se: como é possível repensar a narrativa cristalizada imposta sobre as sociedades indígenas nas obras de Johann Moritz Rugendas que compõem a Coleção Oitocentos Brasileiro do Instituto Ricardo Brennand? Como resposta, é proposta uma perspectiva decolonial para repensar a representação social dos povos indígenas no referido acervo artístico. É proposto, desta forma, repensar esta narrativa, uma vez que o ponto de vista decolonial é uma forma de reafirmar as práticas culturais dos povos indígenas, que romperam com os estereótipos colonizadores. Como forma de concretização do objetivo, a apresentação será dividida em três momentos. Primeiramente será apontado como as obras de Rugendas estão inseridas na Coleção Oitocentos Brasileiro do Instituto Ricardo Brennand. No segundo momento, será abordada a visão decolonial sobre as práticas culturais dos povos indígenas nos museus. Ao final, será proposta a adoção de um novo campo na prática de documentação museológica do Instituto Ricardo Brennand, a fim de provocar novas reflexões sobre as obras de arte realizadas por Johann Moritz Rugendas. A referida prática trata-se de uma sugestão para a composição das informações online sobre o acervo, através do SophiA Acervo, software utilizado pela instituição para gerir as coleções. Para isso, serão utilizadas como referência as diretrizes do Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus (CIDOC), em especial, a Categoria de Informação referente ao Grupo de Informação sobre Assunto Representado.

Palavras-chave

Instituto Ricardo Brennand, Rugendas, Decolonialidade

OS PRIMEIROS PASSOS PELO ACERVO DO NUANCES - reflexões sobre a potencialidade documental de acervos LGBT+

Marlise M Giovanaz

E-mail: mgiovanaz@gmail.com

Ana Celina Figueira da Silva

E-mail: ana.celina@ufrgs.br

Ana Carolina Gelmini de Faria

E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O trabalho apresenta atividades desenvolvidas em disciplinas eletivas do curso de graduação em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nos semestres letivos de 2023 e 2024 junto ao coletivo nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual. O nuances é uma organização não governamental (ONG) que atua há mais de 30 anos na defesa da população LGBT+. Surgiu em abril de 1991 e tem uma trajetória de luta e militância em defesa da população LGBT+ organizando e participando de campanhas, palestras, seminários, passeatas, paradas livres, atendimentos e orientações à toda comunidade, capacitações, mostras de cinema e documentários, intervenções educativas, dentre muitas outras ações. Todas essas atividades produziram uma infinidade de materiais guardados na sede do nuances no centro da cidade de Porto Alegre (RS) e que contam a história do combate à discriminação sexual e de gênero. Para a identificação, quantificação e registro deste acervo, foram utilizadas as metodologias vinculadas ao processo de musealização. Nesse sentido, num primeiro momento, foi realizado um arrolamento com identificação de 1367 itens, sem contar os documentos administrativos. O arrolamento permitiu a verificação do estado de conservação dos itens e apresentou a necessidade de pesquisa e registro adequado para que o material possa ser disponibilizado à consulta. Posterior a essa listagem panorâmica, para a continuidade do trabalho de musealização, foram escolhidas as fotografias que registram as Paradas Livres, iniciadas em Porto Alegre em 1997. Trabalhou-se com as fotografias em suporte papel fotográfico, abrangendo as Paradas de 1997 a 2003. Foi realizada a digitalização e descrição das imagens e o processo de identificação e pesquisa que envolveram a participação dos antigos e atuais membros do coletivo, a partir da realização de roda de memórias e entrevistas. Considera-se que o trabalho de documentação realizado pode ser percebido como uma forma de mobilização social, dando visibilidade a registros apagados da histórica hegemônica da cidade de Porto Alegre, e que também coloca novos desafios em relação aos processos de registro e nomeação destes materiais, que não podem ser realizados sem a participação ativa de seus membros. A preservação de suas narrativas e de seus acervos são um pequeno passo para garantir que suas vozes possam ser ouvidas e suas histórias e memórias legitimadas.

Palavras-chave

Museologia LGBT, Gestão de coleções fotográficas, Documentação Museológica

MUSEU DE ARTE SACRA DE OEIRAS, PIAUÍ: Diagnóstico e Exercício de Documentação Museológica

Pedro Dias de Freitas Júnior

Filiação Institucional: Museu de Arte Sacra de Oeiras

Universidade Aberta de Portugal

E-mail: pedrodiasdefreitasjr@yahoo.com.br

Áurea da Paz Pinheiro

Universidade Federal do Piauí

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Resumo

Este trabalho realiza um diagnóstico museológico do Museu de Arte Sacra de Oeiras, localizado no Sertão do Estado do Piauí, criado em 1983, como parte das celebrações dos 250 anos da Catedral de Nossa Senhora da Vitória. Considera-se também um exercício de documentação museológica do acervo desse equipamento cultural. O Museu tem sua sede no Palácio Capitão-Mor João Nepomuceno Castelo Branco, antigo Paço Episcopal, protege um rico e complexo acervo que precisava ser documentado. A exposição de longa duração do Museu é formada por imagens de madeira policromada, séculos XVII, XVIII e XIX, castiçais e coroas de prata, mobiliário das igrejas seculares de Oeiras, e peças oriundas de colecionadores particulares. Este trabalho nasceu da necessidade de criar estratégias efetivas para salvaguardar o patrimônio sacro da cidade, sob a tutela do Museu de Arte Sacra, que não possui ainda um Plano Museológico e necessita de medidas urgentes na sua infraestrutura, vez que a situação atual do edifício põe em risco seu complexo e rico acervo. As dificuldades enfrentadas pela Instituição levantam dúvida acerca de sua existência, e de seu futuro enquanto equipamento museal. O acervo do Museu traduz uma cultura religiosa, marca de identidade do território; as memórias das pessoas que residem em Oeiras e entorno, identidades representadas no acervo sacro do Museu, que poderão perder-se caso não haja ações efetivas de reafirmação de sua missão e vocação. Diante dessa realidade, e na condição de educador a trabalhar no Museu, executamos este trabalho, por acreditar na necessidade de construirmos programas, projetos e ações que resultem na salvaguarda desse acervo museológico. Nesse contexto, o diagnóstico e o exercício de documentação museológica do Museu de Arte Sacra de Oeiras constituíram-se fundamentais para a construção futura de um Plano Museológico, que aprimore sua gestão, e promova atividades que defendam o patrimônio constituído pelo acervo. O diagnóstico auxilia na tomada de decisões, aponta alternativas, caminhos e novas formas de transformação institucional. Com trinta e cinco anos de existência, para que a função social do Museu seja efetivada, o planejamento estratégico, inicialmente caracterizado pela realização do diagnóstico e de um exercício de documentação museológica, apresenta-se como basilar à existência futura, reafirmando sua função socioeducativa e cultural como ferramentas de gestão. O referido trabalho é resultado de nossas percepções e desafios na condição de servidor do Museu e cidadão preocupado e participante da cultura religiosa local, da promoção de ações educativas nesse equipamento cultural, marca de identidade de Oeiras.

Palavras-chave

Museu de Arte Sacra, Oeiras, Piauí, Documentação Museológica

PARTICIPAÇÃO CIDADÃ:
conceitos e aplicações em documentação de bens culturais

Danca Aparecida da Silva Mesquita

E-mail: danca.aparecida@gmail.com

Elizabete de Castro Mendonça

E-mail: elizabete.mendonca@unirio.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A participação está integralmente ligada à noção de democracia e, nas ciências sociais e políticas, teorizada como uma noção, categoria ou conceito (Gohn, 2019, p. 31). Ao longo das décadas, foi analisada conforme os paradigmas vigentes. Gohn (2016) identifica três abordagens principais para a participação: conceitual, política e como prática social. Esta última, associada aos processos sociais, refere-se às ações concretas de movimentos e organizações para alcançar metas específicas ou ocupar espaços institucionalizados na esfera pública, como nas políticas públicas. Nessa perspectiva, a participação é vista como um mecanismo de viabilização (Gohn, 2016, p. 16-17). Nas décadas de 1960 e 1970, diversos países da atual União Europeia e América Latina atravessaram contextos de autoritarismo, o que reintroduziu o termo no vocabulário político popular (Querol, 2018, p. 85), teorizado como participação popular da sociedade civil (Gohn, 2019, p. 31). Simultaneamente, uma nova abordagem deslocou o conceito de democratização da cultura para o de democracia cultural, evidenciada a partir de 1968 (Lacerda, 2010, p. 6). Entendendo que os museus estão imersos em dinâmicas sociais, é essencial analisar como a participação atua como instrumento da democracia cultural na museologia e nas práticas dos museus. Esta pesquisa, de natureza aplicada e exploratória, com abordagem qualitativa, busca compreender teoricamente a participação cidadã e seus agentes no processo de documentação em museus como mecanismo de democracia cultural, com foco em acervos de matrizes religiosas africanas. O trabalho apresenta resultados parciais de um dos objetivos específicos da dissertação intitulada “Metodologia de participação cidadã aplicada a bens culturais religiosos de matrizes africanas”, que trata de sistematizar a(s) aplicação(ões) de conceito(s) de participação cidadã aplicáveis ao contexto dos debates sobre documentação de bens culturais. Em consonância com a primeira fase do Plano de Trabalho “Documentação de bens culturais populares e compartilhamento de saberes: uma proposta articulada para acervos”, vinculado ao projeto “COSUMUD: Compartilhando Saberes entre Universidades, Museus e detentores de conhecimentos tradicionais populares”, onde estão sendo exploradas as possibilidades de métodos participativos aplicados às coleções do Museu de Folclore Edison Carneiro (MFEC/CNFCP), focando no impacto dessas práticas na construção de ferramentas de democracia cultural.

Palavras-chave

Documentação em Museus, Participação cidadã, Democracia cultural

CONSTRUINDO NARRATIVAS INCLUSIVAS: O Papel da Documentação Museológica na Transformação Sociocultural

Thainá Castro Costa

E-mail: thainacastrocosta@gmail.com

Letícia Felix Voltolini

E-mail: leticiafelix.mus@gmail.com

Filipe Gomes de Souza

E-mail: filiperauen@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Os museus, enquanto instituições de memória, articulam ideologias na construção de discursos e têm o dever ético de refletir sobre as questões contemporâneas (Castro e Padilha, 2022). Nesse contexto, a documentação museológica, responsável pela organização, registro e disseminação informacional dos acervos, deve ir além da simples descrição passiva e adotar uma postura proativa que fomente mudanças nas práticas museológicas (Fortier e Ménard, 2017). Estudos recentes identificaram uma lacuna nos sistemas de catalogação, que frequentemente não abordam temas de inclusão e igualdade. O projeto Documentação Museológica e Desafios Contemporâneos (UFSC) aponta, em diagnóstico preliminar, uma ausência de vocabulários controlados brasileiros gerenciáveis em linguagem computacional, realidade que dificulta o aprimoramento terminológico orientado a práticas inclusivas. Gibson, Chowdhury e Chowdhury (2024) enfatizam a necessidade de metadados para representar questões como direitos das mulheres e deficiência, observando que os padrões atuais não oferecem suporte adequado, limitando a conexão de objetos relacionados a gênero e inclusão. Além disso, a padronização excessiva é criticada por marginalizar saberes indígenas e identidades queer, reforçando visões binárias de gênero e ignorando a diversidade de epistemologias locais (Renshaw e Liew, 2021). O objetivo desta análise é examinar criticamente a literatura atual sobre documentação museológica e propor o uso de ferramentas que desempenham papéis mais progressistas no âmbito da descrição de acervos museológicos, como GLAM-Wiki e DE-BIAS, que incentivam metodologias que favorecem descrições mais inclusivas e sensíveis aos contextos de patrimônio cultural. Portanto, é crucial questionar práticas de gestão que frequentemente desconsideram as necessidades de grupos minorizados, especialmente em relação a questões de raça, gênero e diversidade. A análise da padronização dos metadados e a atualização de vocabulários controlados, reforçam a importância de diretrizes que promovam o reconhecimento das diversidades epistemológicas. Montenegro (2019) e Lefebvre et al. (2019) sublinham a necessidade de que as comunidades tenham controle sobre as informações que as impactam, assegurando que o processo de documentação inclua princípios de conhecimento tradicional. Assim, promover uma cultura de ética e responsabilidade é fundamental para tornar a documentação museológica uma ferramenta de inclusão e transformação sociocultural.

Palavras-chave

Documentação museológica, Padrão de metadados, Vocabulários controlados, Diversidade, Descrição de acervos

LENTES PARA REVER AS CIDADES: difusão de acervos de arquitetura e urbanismo no RS

Andréa Larruscahim Hamilton Ilha

E-mail: presidente@caurs.gov.br

Carline Luana Carazzo

E-mail: carline.carazzo@caurs.gov.br

Barbara de Jesus Hoch

E-mail: barbara.hoch@caurs.gov.br

Filiação Institucional: Conselho de Arquitetura e Urbanismo – Rio Grande do Sul

Resumo

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), criado pela Lei n.º 12.378/2010, regulamenta e fiscaliza a profissão de arquitetura e urbanismo no Brasil, promovendo padrões técnicos e éticos no exercício profissional, e separando-se do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA). O CAU busca garantir a qualidade dos serviços, proteger o patrimônio arquitetônico e urbanístico e promover a arquitetura e urbanismo perante a sociedade e o poder público. Em 2015, o CAU/RS recebeu 2.136 caixas de arquivos do CREA/RS, contendo registros documentais do exercício profissional de arquitetos(as) e urbanistas no Rio Grande do Sul desde o final do século XIX. A análise do acervo, conduzida por profissionais de museologia, arquitetura e urbanismo, revelou seu valor histórico e cultural, tornando-o uma fonte essencial para refletir sobre a formação das cidades gaúchas, a influência europeia na construção civil, as ausências de mulheres até 1950 e as transformações na formação profissional. Contudo, a relevância do acervo vai além de sua dimensão técnica, demandando um debate crítico sobre os contextos socioculturais em que foi produzido. Questões como silenciamentos históricos de gênero, etnia e classe social permitem refletir sobre quais narrativas são preservadas e quais foram apagadas, apontando caminhos para reconstruções mais inclusivas e diversas. Diante dessa percepção, foi criado o Centro de Memória do CAU/RS (CM CAU/RS), primeira instituição museal brasileira dedicada à preservação dessa tipologia documental. Seu objetivo é valorizar histórias, memórias e práticas profissionais da arquitetura e urbanismo, democratizando o acesso à informação. O CM CAU/RS investe na digitalização e difusão de seus acervos, utilizando o software Tainacan. A adoção de padrões de metadados, como o Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados, Categories for the Description of Works of Art e VRA Core, permite criar filtros que atendem tanto pesquisadores quanto o público leigo, traduzindo dados técnicos em linguagem acessível. A perspectiva digital amplia o alcance do acervo, mas também exige reflexões críticas sobre suas metodologias. É necessário compreender como as ferramentas digitais influenciam a preservação, catalogação e narrativa dos registros, bem como os critérios de inclusão e exclusão que moldam a interpretação do patrimônio cultural e urbanístico. Assim, o CM CAU/RS compartilha com a comunidade saberes e práticas profissionais, fomentando um olhar crítico sobre as cidades, suas histórias e os agentes envolvidos em sua construção. Ao sensibilizar o público sobre o meio onde vivem, o Centro promove a participação ativa na construção de cidades mais justas, sustentáveis e inclusivas, estabelecendo um diálogo entre passado, presente e futuro.

Palavras-chave

Arquitetura e urbanismo, difusão de acervos, sensibilização

CATALOGAÇÃO PARTICIPATIVA: colaboração e requalificação de Coleções no Museu Nacional/UFRJ

Paula de Aguiar

Email: paulaasa91@mn.ufrj.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A documentação museológica participativa é um processo que envolve a colaboração ativa das comunidades e indivíduos nas etapas de catalogação e registro de objetos e acervos, promovendo um diálogo entre o conhecimento acadêmico e as tradições culturais. Um exemplo recente desse tipo de prática ocorreu em agosto de 2023, quando o Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional/UFRJ, em parceria com a antropóloga e consultora da Unesco Fernanda Ribeiro Amaro, recebeu a visita do indígena Tsiuya Turuza Waurá. O principal objetivo da visita foi a doação de peças cerâmicas pelo visitante, além da coparticipação no preenchimento da ficha catalográfica, tarefa que ocorreu de forma conjunta, respeitando e incorporando os saberes que Tsiuya Turuza compartilhou com a equipe presente. Essa abordagem participativa não se limitou à doação das peças, mas também incluiu uma requalificação de alguns itens de uma coleção que haviam sido doados ao Museu no início de 2022. Esse momento foi importante para a revisão e atualização dos registros, garantindo que a documentação expandisse as informações sobre aqueles objetos e seus significados atribuídos pelas próprias comunidades aos objetos em questão. Além de promover a valorização do patrimônio cultural das populações indígenas, esse processo de documentação participativa cria um ambiente de respeito e reconhecimento mútuo entre os profissionais de museus e as comunidades detentoras de saberes tradicionais. O trabalho de documentação participativa é, portanto, uma forma de democratizar a gestão de acervos, fortalecendo o papel das comunidades na preservação e interpretação de seu próprio patrimônio. Essa prática contribui para a construção de uma memória mais inclusiva e plural, na qual os objetos se tornam portadores de significados compartilhados entre diversos atores sociais. Cabe ainda uma reflexão de como os museus estão causando impactos efetivos e positivos para essas comunidades em território e como essas ações estão sendo institucionalizadas e ampliadas.

Palavras-chave

Documentação museológica, Wauja; Museu Nacional, Catalogação participativa

DOCUMENTANDO UM ATELIÊ DE XILOGRAVURA - Matrizes de Yolanda Carvalho

Aracely Ferreira Lucena

E-mail: aracely@ifpi.edu.br

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação – Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Áurea da Paz Pinheiro

E-mail: aureapinheiro@ufpi.edu.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Piauí

Resumo

No Brasil a produção acadêmica voltada à documentação museológica é ampla e compreende, normalmente, trabalhos desenvolvidos em museus e outras instituições ou equipamentos culturais que dispõem de acervos sob sua guarda. Não obstante encontramos lacunas quanto a pesquisas realizadas em coleções presentes em ateliês de arte, locais comumente utilizados para fins de produção artística, mas que também conserva e mantém objetos e obras, verdadeiros vestígios e evidências de arte, que contribuem para compreensão da produção artística e na produção de conhecimento. Partindo desse princípio, essa pesquisa desenvolveu-se entre os anos de 2023 e 2024 em Teresina Piauí, especificamente no ateliê da artista Yolanda Carvalho, reconhecida como a grande referência da Xilogravura no estado do Piauí, e que possui uma trajetória de três décadas dedicadas a essa técnica. Dentre as obras e objetos encontrados no ateliê, selecionamos a coleção de matrizes xilográficas compostas por 174 peças que não apresentavam nenhum tipo de documentação, comprometendo assim a conservação e compreensão da trajetória da artista. Diante da ausência de informações registradas e contando com a participação da artista promovemos ações voltadas à documentação museológica que partiram do arrolamento e catalogação, elaboração de fichas e demais documentos que contribuíram no registro das informações acerca de cada matriz proporcionando à artista controle e organização, e aos pesquisadores acesso às informações para construção de conhecimentos sobre a arte da xilogravura no Brasil e no Piauí em particular. produção de conhecimento e contribuindo para arte e cultura local. A pesquisa teve natureza qualitativa, foram usados procedimentos de pesquisa descritiva, exploratória, documental e pesquisa-ação, onde a participação da artista foi de grande relevância para a recuperação das informações e preenchimento das fichas de catalogação. Esperamos com a pesquisa contribuir para o campo da museologia, além de promover a proteção e o reconhecimento da obra de Yolanda Carvalho na cultura local.

Palavras-chave

Museologia, Documentação Museológica, Yolanda Carvalho

MUSEU, JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO E POVOS INDÍGENAS: um estudo de caso do Museu do Ceará

Yasmine Martins Barbosa

E-mail: yasminemartinsbarbosa@gmail.com

Filiação Institucional: Museóloga do Museu do Ceará / Secretaria da
Cultura do Ceará – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Nas últimas décadas, grupos indígenas têm intensificado sua mobilização em busca de acesso à documentação museológica, especialmente em museus que possuem coleções arqueológicas, etnológicas, biológicas, entre outras. Esses esforços visam recuperar informações sobre artefatos, remanescentes humanos e saberes científicos retirados de seus territórios ancestrais, em um movimento alinhado aos mecanismos da justiça de transição. Este estudo de caso analisa o papel ético do Museu do Ceará diante da solicitação de acesso à documentação museológica relacionada aos artefatos arqueológicos e etnológicos possivelmente encontrados na Terra Indígena Taba dos Anacé, localizada entre os municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, Ceará. A requisição foi feita pelo antropólogo coordenador do Grupo Técnico de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Anacé e por uma liderança da Reserva Indígena Taba dos Anacé, buscando evidências que comprovem a ocupação ancestral do povo Anacé na região. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise da documentação museológica do Museu, e na relatoria da requisição e recepção dos envolvidos no caso, na revisão bibliográfica de instrumentos jurídicos e normativos como o Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009), o Código de ética para os museus ICOM (2009), Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2008). Assim como na revisão bibliográfica de teóricos como Mihesuah (2000), Nobrega (2020), Prott (2009), Maranda (2015) e Besterman (2011). Identifica-se como problema central a ausência de documentação atualizada do acervo museológico, o que impede o atendimento às demandas por informação, e a garantia do direito à memória, perpetuando o apagamento histórico e o silenciamento dos povos indígenas. Conclui-se que o Museu deve adotar práticas éticas e participativas, atualizando suas práticas museológicas, principalmente na documentação museológica, envolvendo os povos indígenas na gestão de seus acervos, contribuindo para a promoção e garantia do direito à memória e atuando como espaço ativo por justiça de transição.

Palavras-chave

Museu do Ceará, Justiça de transição, Povos indígenas

VOCABULÁRIOS CONTROLADOS COMO FERRAMENTAS PARA ACESSO E PROMOÇÃO DE DIVERSIDADE CULTURAL

Gabriel da Silva

E-mail: gabrielsilva13cf@gmail.com

Carlos José Klann

E-mail: carlos.klann@gmail.com

Renata Cardozo Padilha

E-mail: renata.padilha@ufsc.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Catarina

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1NAI1N4jDpwuHUDH4SnpEiez2usr59BTF/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT17



GT17

Grupo de Trabalho 17. Exposições, Curadorias e Diálogos Interculturais

Coordenação

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

E-mail: vteixeira2010@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Julia Nolasco Leitão de Moraes

E-mail: julianlmoraes@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio de Janeiro

O GT visa reunir pesquisas no âmbito teórico, prático e experimental que contribuam para reflexões contemporâneas sobre o papel das exposições em um contexto intercultural. A partir de diferentes premissas e abordagens curatoriais e expográficas, as exposições se constituem como enunciados discursivos sustentados em diferentes regimes de valor, disputas de narrativas e arranjos técnico-práticos com vistas à divulgação científica, artística e cultural, à preservação e valorização de variadas expressões de memórias e patrimônios, à problematização de questões relevantes para a sociedade e/ou à luta por pautas sociais afirmativas. Antes unicamente compreendidas como resultado de processos autocráticos ou endógenos aos museus, hoje as exposições podem ser caracterizadas pelas diferentes agências que as compõem e por aquelas que são capazes de produzir, sendo possível afirmar sua natureza potencialmente intercultural. Tendo em vista a diversificação e pluralização dos sujeitos e das perspectivas socioculturais que atravessam os museus nas suas mais diferentes interfaces técnicas, políticas e simbólicas, destaca-se a transformação do conceito de curadoria, assim como de suas ações, articulações e atores sociais. Considerando a complexidade das temáticas, o GT está interessado, sobretudo, em proporcionar um espaço de encontros, diálogos e reflexões críticas sobre a produção curatorial de exposições em diversas concepções e áreas do conhecimento. Trata-se de oportunizar a socialização e o debate de iniciativas oriundas de diferentes prismas, considerando projetos expositivos vinculados a instituições culturais públicas e/ou privadas, às iniciativas museológicas comunitárias, de curatorias individuais e/ou coletivas, de formatos físicos e/ou digitais, de caráter fixo e/ou itinerante e de periodicidades variadas, contemplando exposições de longa, média ou curta duração.

**TRANSPosição CURATORIAL DE UM ACERVO
FOTOGRAFICO PESSOAL NA EXPOSIÇÃO “BABÁ
LODUNCINÊ TAYANDÔ: memória em arte”**

Ramon Augusto Teobaldo Alcantara

E-mail: ramon.teobaldoalcantara@gmail.com

Marcelo Coelho Campos

E-mail: junior_cn3@hotmail.com

Diogo Melo

E-mail: diogojmelo@gmail.com

Gisele Nascimento Barroso

E-mail: gisa.barroso@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará - Museu Surrupira

Resumo

Este trabalho descreve processos curatoriais da exposição “Babá Lodunciné Tayandô: Memória em Arte”, produzida a partir do acervo fotográfico pessoal de Luiz Augusto Loureiro Cunha (1956-2018), mais conhecido como Pai Tayandô, um sacerdote afrorreligioso de Belém (PA). Organizada pelo Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas, a exposição foi exibida durante o mês de dezembro de 2023 na Faculdade de Artes Visuais da UFPA, sendo o resultado da premiação do IV Prêmio Proex de Arte e Cultura. O acervo fotográfico, estava em fase de digitalização e documentação pelo Museu Surrupira e nesta circunstância precisávamos nos aprofundar em conhecimento sobre as dimensões históricas e socioculturais nele representadas. Como rituais, festividades e eventos políticos, que marcaram a trajetória de vida de Pai Tayandô. Deste modo, a produção da exposição foi conduzida a partir de uma método que nominamos de “transposição curatorial”, inspirada no conceito de transposição e recontextualização didática empregado na área de ensino e educação. Este se configura em um processo de ajustes informacionais e com isso produzem novos conhecimentos, visando promover aproximações e compreensões de um público leigo para com conhecimentos específicos, especializados. Nesse contexto, optou-se por atrelar ao conjunto documental os testemunhos e os conhecimentos de dois de seus filhos de santo, Pai Welbe Santos e Pai Junior (Valdecir Junior), os quais serviram de base para a caracterização da proposta expográfica, principalmente este segundo, por ser detentor do acervo e cuja narrativas foram gravadas, transcritas e atreladas às fotografias. Com o aprofundamento no entendimento das representações simbólicas do acervo fotográfico, a curadoria estruturou a exposição em cinco eixos temáticos que refletem as diversas facetas da trajetória de Pai Tayandô. O eixo Congá recriou o altar do sacerdote, enquanto o eixo Sagrado abordou sua conexão com tradições afro-religiosas, como Pajelança, Umbanda, Tambor de Mina e Candomblé, utilizando objetos rituais e manequins com suas vestimentas. No eixo Orixás, Voduns e Encantados, foram representadas as entidades incorporadas por Tayandô e seus filhos, com destaque para a instalação artística “Portal de Encantarias” do Coletivo Surrupira. O eixo Influência Política exibiu o engajamento de Tayandô em eventos políticos e acadêmicos, e o eixo Documentário Meu Terreiro Meu Museu apresentou um audiovisual de Pai Junior gravado no terreiro, narrando o contexto histórico e religioso do local. Deste modo, a memória de Pai Tayandô se construiu a partir do testemunho imagéticos de suas fotografias, somada as narrativas de seus filhos de santo e as perícias museológicas do Museu Surrupira, destacamos que este foi um processo curatorial complexo e bem-sucedido.

Palavras-chave

Museologia, Expografia, Cultura Afro-amazônica

MUSEU FLAMENGO UM DESAFIO PARA NOVAS NARRATIVAS EM MUSEUS ESPORTIVOS

Ariane Corrêa Silvestre da Silva

E-mail: arianecorreadasilva@gmail.com

Filiação Institucional: Fundação Casa de Rui Barbosa

Resumo

A origem dos museus brasileiros é fortemente influenciada por modelos europeus, onde a narrativa predominantemente exalta os feitos de homens, majoritariamente brancos. Isso se reflete também nas exposições dos museus de esportes. Segundo a pesquisa “Memórias Esportivas Brasileiras: Pesquisa e Mapeamentos” (Bonfim e Pinto, 2024), das 214 coleções esportivas analisadas no Brasil, 200 representam homens cisgêneros, enquanto apenas 157 representam mulheres cisgêneros, 28 coleções representando homens trans, 26 mulheres trans e 27 não binários. Além disso, 202 coleções são de pessoas brancas, seguidas de forma decrescente por pretas, pardas, amarelas e indígenas. No que diz respeito à faixa etária, 202 coleções focam em adultos, com menor presença de jovens, idosos e crianças, portanto, os museus esportivos mantêm uma linguagem hegemônica. Mitidieri (2022) observa que as exposições costumam exibir acervos repletos de símbolos de vitória, com destaque para o futebol masculino. Essas coleções são frequentemente formadas por colecionadores privados ou acervos institucionais, refletindo uma visão romântica do esporte. Essa perspectiva é não apenas promovida por dirigentes, mas também sustentada por atletas e torcedores. Como resultado, a curadoria se concentra em grandes vitórias e ícones, o que influencia diretamente a montagem das exposições e as atividades educativas. Um exemplo claro dessa abordagem era a exposição no antigo Centro de Memória do Clube de Regatas do Flamengo, o Fla Memória, que centrava sua narrativa no futebol, especialmente no campeonato Interclubes de 1981, masculino adulto. Diante desse cenário, o novo Museu Flamengo enfrentou o desafio de criar uma exposição que não apenas destacasse grandes nomes e campeonatos, mas que também incluísse diversas modalidades, gêneros, idades e corpos. A curadoria buscou um equilíbrio entre os troféus e camisas tradicionais e novas tipologias de acervo. A equipe de museologia enfrentou a dificuldade da ausência de acervos diversificados. Para contornar isso, conduziu uma pesquisa detalhada, abrangendo diversas modalidades, gêneros e idades. Após essa busca, a equipe procurou atletas ativos e aposentados, além de colecionadores, para novas doações ou acordos de comodatos. Embora o futebol masculino adulto ainda tenha grande destaque, o Museu Flamengo agora apresenta uma exposição com um acervo diversificado, que inclui atletas de base, mulheres e uma seção exclusiva para o basquete. Essa abordagem traz maior polifonia e novas narrativas ao universo esportivo.

Palavras-chave

Museus esportivos, Coleções, narrativa

HOKRHÃ: Um encontro entre culturas e ancestralidade

Regina Aparecida de Almeida

E-mail: cm.manoelapereira@gmail.com

Thays Rodrigues Oliveira

E-mail: thayssoliveira2022@gmail.com

Filiação Institucional: Faculdade Claretiana

Casa da Memória Manoel Alves Pereira

Resumo

A exposição “HOKRHÃ: um encontro entre culturas e ancestralidade”, assim como outras experiências museológicas colaborativas, vai além dos moldes tradicionais de uma exposição etnográfica ortodoxa. Inaugurada em 2023, na Casa da Memória Manoel Alves Pereira, a mostra busca desmistificar o estereótipo do “índio”, e mostrar a diversidade cultural dos povos indígenas. Nesse sentido, Kaingangs e Guaranis - moradores do Território Sagrado Indígena e da Aldeia Araçaí, em Piraquara - convidam outras nações para a exposição na Casa da Memória. Fora o momento passado, os povos originários pouco aparecem nas narrativas oficiais para além do “selvagem domesticado”. Não se trata apenas de um grupo indígena, um modo de viver; são os grupos, os modos de viver, os territórios, tudo é uma grande rede de encontros, povos que se comunicam e constroem histórias coletivas, preservando características singulares. Desde a década de 1970, o movimento indígena busca a garantia de direitos indígenas num sentido político de unidade e proporciona aos “parentes” diversos encontros, ambientes propícios para as trocas culturais. Segundo o relato da Isabel Tukana, liderança dos movimentos indígenas, a ideia de “Hokrhã” surge de lendas ancestrais sobre a formação das comunidades indígenas, presentes desde o norte até o centro-oeste do país, esse grupo, que um dia foi muito unido, passou por desentendimentos internos, e então se fragmentou. Porém, essa memória de unificação dos povos ainda existe nas comunidades. Hoje, o conceito também evoca a união dos povos na luta por seus direitos. O foco principal da exposição é discutir as retomadas de territórios na cidade de Piraquara, destacando os indígenas como protagonistas históricos que estão transformando a realidade atual, e não os indígenas que estão presos em um passado anterior à chegada dos portugueses, e vistos por suas lentes sob uma perspectiva histórica restrita. A exposição aqui produzida apresenta narrativas de disputas sociais da cidade, e busca dar visibilidade às memórias silenciadas da cidade através do diálogo com a comunidade.

Palavras-chave

Curadoria compartilhada, Patrimônio Vivo, Povos Indígenas

MEMORIAL VERÔNICA TEMBÉ: Construção de narrativas sobre o patrimônio indígena amazônico

Bianca Soares da Costa

E-mail: [biancacsoares.cs@gmail](mailto:biancacsoares.cs@gmail.com)

Jimena Felipe Beltrao

E-mail: jbeltrao@museu-goeldi.br

Lucia Hussak Van Velthem

Filiação Institucional: Museu Paraense Emílio Goeldi

Resumo

A pesquisa examina o Memorial Verônica Tembé, um espaço dedicado à preservação do patrimônio cultural indígena amazônico, inaugurado em 2021 no Parque Estadual do Utinga Camilo Vianna, localizado em Belém do Pará. O objetivo da investigação é identificar e analisar as narrativas e vozes representadas no memorial, e se elas, de fato, refletem a rica diversidade sociocultural dos povos indígenas amazônicos. A abordagem metodológica inclui a análise documental proveniente de fontes diversificadas e entrevistas com os responsáveis pelo Memorial, investigando sua concepção e construção, além de pesquisa de campo, realizada na vila de Alter do Chão, em Santarém-PA. O foco está na construção de narrativas museológicas, a partir da perspectiva da Museologia Social, visando compreender como a curadoria compartilhada/participativa, contribui para a inclusão e representação adequada dos povos indígenas enquanto detentores de seus bens e seus conhecimentos tradicionais. O Memorial abriga artefatos etnográficos indígenas, inicialmente pertencentes ao Centro para Preservação da Arte e da Ciência Indígena (CPAI), conhecido popularmente na região como “Museu do Índio”, em Santarém-PA. A análise observa a trajetória desses bens/peças, com o objetivo de entender como o acervo é contextualizado e exposto atualmente, em alinhamento com demandas indígenas contemporâneas e a prática de uma curadoria compartilhada. O Memorial exhibe peças em cerâmica, cestarias, peças utilizadas durante os ritos, instrumentos musicais, além de adornos de diversos povos, em espaço simbólico que homenageia a liderança de Verônica Tembé, importante defensora da memória e dos direitos indígenas. Os resultados esperados incluem uma compreensão crítica sobre a capacidade do Memorial em atender as expectativas dos povos indígenas representados. Espera-se que a pesquisa contribua para práticas museológicas mais inclusivas e no fortalecimento do patrimônio cultural indígena. Este estudo é relevante para os campos da museologia e antropologia, destacando-se como uma análise da representatividade e sustentabilidade de práticas culturais em espaços de memória amazônicos.

Palavras-chave

Populações indígenas, Curadoria compartilhada, Acervo etnográfico indígena

AS EXPOSIÇÕES DO MUSEU NACIONAL/UFRJ NO CONTEXTO PÓS-INCÊNDIO

Guilherme de Almeida Machado

E-mail: gmachado922@gmail.com

Thaís Mayumi Pinheiro

E-mail: mayumi@mn.ufrj.br

Juliana Manso Sayao

E-mail: jmsayao@mn.ufrj.br

Filiação Institucional: Museu Nacional
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O Museu Nacional/UFRJ é a mais antiga instituição museal do país, intrinsecamente ligado ao desenvolvimento científico do Brasil, em especial dos campos da história natural e da antropologia. Em setembro de 2018 o edifício sede do museu foi atingido por um incêndio de grandes proporções e, desde então, diferentes ações compõem os esforços para a sua reconstrução, recomposição de suas coleções e retomada das suas atividades. No contexto pós-incêndio, as exposições são parte essencial da continuidade da existência do museu. Propomos apresentar a atuação da Seção de Museologia, que desde o início dos anos 2000 consolidou-se como a instância de organização de exposições no museu. A atuação de museólogos, bem como a ampliação da referida Seção, formatou a possibilidade histórica de, em meio ao desastre, observar a centralidade do saber-fazer da Museologia no processo da reconstrução. Logo após o incêndio, no ano de 2019, o Museu Nacional/UFRJ realizou seis exposições de curta duração com acervos remanescentes em instituições parceiras. Em 2024 inaugurou-se a Estação Museu Nacional, espaço na própria instituição, com a exposição “Um Museu de Descobertas” apresentando pesquisas do museu realizadas após o incêndio, em um esforço de divulgação das atividades científicas. Paralelamente, desenvolve-se o projeto das Novas Exposições de Longa Duração do MN, com quatro circuitos expositivos que ocuparão o Palácio de São Cristóvão após sua restauração: Universo e Vida, Diversidade Cultural, Ambientes do Brasil e História, Ciência e Sociedade. O grupo curatorial responsável pelo desenvolvimento do conteúdo e seleção do acervo é composto por especialistas das diferentes áreas de pesquisa do MN e coordenado por museólogos. A reflexão sobre a comunicação em museus embasa os processos de elaboração das exposições e diferentes modelos de curadoria, que desde 2018 têm sido coordenados por museólogos e mantém como característica comum o intenso trabalho interdisciplinar. A busca por um processo curatorial colaborativo é parte da construção das melhores práticas de comunicação com seus públicos, demonstrando a importância do olhar da Museologia para a reflexão sobre os processos museais e o tensionamento do lugar de poder dos produtores da ciência no contexto da divulgação científica.

Palavras-chave

Museu Nacional/UFRJ, exposições, contexto pós-incêndio

A EXPOSIÇÃO ENQUANTO DISPOSITIVO PARA A INCLUSÃO DO NÃO-PÚBLICO E DEBATES POSSÍVEIS

Aline Vargas

E-mail: alinevv755@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

As instituições museológicas possuem capacidade de atuar tendo a inclusão como uma de suas vias primárias, valendo-se de seu papel como agente de transformação social, com possibilidade de contribuir para modificar as realidades que as circundam. Partindo dessa percepção, a presente comunicação busca apresentar um recorte da Dissertação defendida em 2023, junto ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa) na linha de pesquisa Museologia, Curadoria e Gestão. O enfoque proposto abarca exposição realizada no Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) que foi composta por trabalhos criados durante as ações educativo-culturais executadas pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS na década de 1970. Partindo da ação extramuros intitulada Encontros de Criatividade, realizada pelo MARGS junto ao Setor de Praxiterapia do HPSP, em 1978, a mostra apresentou os trabalhos produzidos pelos pacientes da instituição psiquiátrica e teve como objetivo estimular a empatia e sensibilizar a sociedade para o assunto da saúde mental. A potência, assim, paira em estimular a participação desses indivíduos mantidos à margem do convívio social com a vida cultural da cidade, ainda que simbolicamente: ao propiciar que seus nomes e expressividade adentrassem o museu, espaço canônico e segmentado, a instituição colaborou para a possível transposição de estereótipos, aproximando o público de discussões que normalmente não se viam naquele museu. Ao investigar e comunicar ações educativo-culturais de museus que compõem o cenário cultural para além do eixo Rio-São Paulo, se tem a oportunidade de entrar em contato com novas formas de fazer, possibilitando ampliar o referencial da prática da Museologia nacional. Nesse sentido, também, registra-se a postura ativa dos profissionais envolvidos em uma época em que as discussões acerca de temas atuais, como a luta antimanicomial, eram distantes dos espaços de poder. A partir da reflexão crítica do objeto de estudo, se tem um terreno propício para projetos no presente - ainda que com novos olhares.

Palavras-chave

Exposição, HPSP, públicos

O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO MUSEAL: uma análise a partir do Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Georgia Riquelme Barriga Sharp

E-mail: geosharp.contato@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de São Paulo

Resumo

O museu, para realizar suas exposições - uma das principais formas de se comunicar com seus públicos - demanda um mecanismo de tradução de um discurso narrativo, curatorial, para o espaço. Tornar uma exposição concreta é também desenhá-la, projetá-la, e o desenho como linguagem permite essa transposição, porque se apresenta como instrumento para organizar o discurso da instituição museológica no espaço físico expositivo. Nesse sentido, a Arquitetura e o Design, como campos de conhecimento técnico, fornecem insumos à Museologia através da ferramenta desenho. Ao mesmo tempo, as necessidades museológicas moldam a metodologia de concepção do desenho, que passa a adquirir um contexto específico. Não basta, nesse sentido, apenas conceber soluções formais e estéticas para um espaço de exposição museal, mas sim entender que se trabalha em um viés específico e que o desenho se submete às práticas museais. Assim, um projeto que espacializa a exposição deve estar articulado com signos comunicacionais atrelados à curadoria da exposição e a informações complementares sobre a natureza dos artefatos que serão expostos. O desenho, então, deve contribuir para a construção da narratividade no espaço, levando em consideração as práticas museais da instituição à qual está atrelado. O ato de projetar espaços expositivos, portanto, pode ser considerado como práxis museal. Essas reflexões surgiram a partir de experiências práticas relacionadas à elaboração das exposições no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, um museu universitário articulado com o tripé ensino, pesquisa e extensão. Essas atividades, contextualizadas no momento de reabertura da instituição em 2022, serviram como subsídios para a reflexão sobre o fazer técnico em museus atrelado à concepção de desenhos para exposições. Estabelecemos, então, três casos expositivos para análise da práxis do que chamamos de desenho de exposições. São eles as exposições “Para entender o Museu”, “Mundos do trabalho”, duas das exposições de longa duração, e da exposição “Memórias da independência”, exposição de curta duração já finalizada. Pretendemos trazer à luz discussões sobre os diálogos entre Museologia e Arquitetura a partir desse estudo, levantando a importância de refletir sobre a práxis museal vista a partir do desenho de exposições. Contextualizar como isso se articula a partir das especificidades do museu que delimita nosso objeto de estudo também é fundamental para refletir sobre a prática e o trabalho técnico em museus. Acreditamos que a práxis, neste caso pautada pelo desenho de exposições como forma de comunicação museal, é uma ferramenta valiosa para construir reflexões teóricas.

Palavras-chave

Desenho de exposições, Museografia, Museu Paulista da USP

DIÁLOGOS ENTRE MUSEUS: quando acervos agenciam encontros pesquisas e exposições

Janaina Melo

E-mail: janamercia@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Marina Seif

E-mail: marinaseif@yahoo.com.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

A exposição “Clara Nunes: Eu sou a tal mineira”, celebra a trajetória e o legado de uma das mais icônicas vozes da música popular brasileira. Construiu uma carreira marcada pela valorização da cultura afro-brasileira e pela defesa das tradições populares em sua musicalidade e modos de vestir. A exposição é o resultado do trabalho conjunto de pesquisa e colaboração entre duas instituições de museais: o Instituto Clara Nunes, localizado em Caetanópolis, Minas Gerais que guarda, pesquisa e difunde o acervo da artista, e o Museu da Moda que é o primeiro museu público de moda do Brasil, inaugurado em 2016, e integra a rede de seis museus públicos municipais. A fabricação da exposição começou com o encontro entre os dois espaços a partir de uma visita realizada ao Instituto e ao Memorial Clara Nunes, sendo o Instituto o responsável pela salvaguarda e preservação do acervo da cantora e o Memorial, um espaço expositivo administrado pelo Instituto, onde são produzidas exposições de média duração com recortes de seu acervo. Durante a visita mediada promovida pela equipe do Memorial Clara Nunes, os profissionais dos dois museus vislumbraram a possibilidade de relação entre as instituições. Tem início aí um projeto de pesquisa integrado sobre o acervo do Memorial numa perspectiva até então pouco explorada pela própria instituição envolvendo a pesquisa sobre os figurinos e modos de vestir. O acervo de trajes em si tornara-se um ponto de reflexão importante. Encontra-se aqui uma primeira circunstância de interesse desta comunicação que reconhece a exposição como plataforma de ativação e impulsionamento de novas pesquisas e projetos. A exposição como espaço de ativação cujo elementos encontram-se em estado de solicitação para novas leituras e abordagens. O mergulho de pesquisa envolvendo os profissionais de ambas as instituições numa colaboração curatorial que pretendemos desdobrar nesta comunicação. Outro ponto de destaque o que desejamos partilhar envolve as descobertas da pesquisa curatorial que relacionam e aprofunda as investigações sobre os modos de vestir e performar, traços marcantes da cultura afrobrasileira celebrados pela artista. Associam-se a ela, rendas, fios de contas e outros elementos presentes nas manifestações da cultura afrodiaspórica. O objetivo desta proposta é apresentar a pesquisa curatorial realizada para a produção da exposição, encontrando nos figurinos um elemento crucial para a construção da imagem da cantora e sua consolidação. Para isso, tanto a exposição, quanto a pesquisa que deu origem a ela, são salutares para a discussão acerca dos preservação e divulgação do legado da cantora e para salvaguardar seu estilo, que exaltava a cultura brasileira, em seus tecidos, cores e adornos.

Palavras-chave

Co-curadoria, acervos de moda, cultura afrobrasileira

A EXPOSIÇÃO “200 ANOS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL” NO MAST: uma autocrítica

Charles Narloch

E-mail: charlesnarloch@mast.br

Sol Nascimento Saraiva

E-mail: solsaraiva@mast.br

Filiação Institucional: Museu de Astronomia e Ciências Afins

Resumo

Este trabalho apresenta uma autocrítica sobre a exposição “200 anos de Ciência e Tecnologia no Brasil: Um olhar a partir dos artefatos”, inaugurada pelo MAST, no Rio de Janeiro (RJ), em agosto de 2023. Analisam-se linguagens expográficas e perspectivas discursivas. Nos museus, as exposições se configuram como espaços de enunciação. Por se tratar de processo complexo, considera-se que a avaliação de exposições restrita a aspectos materiais é insuficiente. Nos entendimentos de Mikhail Bakhtin, toda linguagem é uma instituição social, veículo de ideologias. Ao contemplar aspectos materiais e imateriais, avaliam-se os dois principais eixos de “tensão” da criação expográfica, entendidos por Jean Davallon como “tecnologia da presença” e “tecnologia da concepção”. Um questionário foi aplicado junto à equipe da Coordenação de Museologia do MAST, responsável pela concepção da exposição. Buscou-se verificar se os valores institucionais do museu são refletidos na exposição. Sob perspectivas de análise de discurso, buscaram-se indícios de formações discursivas que possam denotar formações ideológicas controversas na comunicação da ciência. Quanto a aspectos materiais (tecnologia da presença), a exposição se destaca por abordagem atrativa, multissensorial e significativa pela representação de acervos de diferentes instituições científicas. Falhas de acessibilidade, somadas a problemas na relação “objeto-fundo”, sugerem que esses aspectos sejam solucionados nas próximas exposições do MAST. Quanto a aspectos conceituais (tecnologia da concepção), foram observadas, em parte dos textos e em suas relações com os objetos, formações aproblemáticas, por vezes desvinculadas criticamente de seus processos históricos, e sociais, ou que refletem perspectivas de neutralidade da ciência. Se, por um lado, essa exposição permite refletir sobre a relevância da ciência para o desenvolvimento do Brasil nos últimos séculos, pouco se problematiza sobre a participação ou ausência de outros atores nessa construção, apresentada sem contrapontos. Tal como ocorre frequentemente em museus, fica-se na dependência de uma mediação orientada à inteligibilidade. Estes resultados, tratados como exercício autocrítico, pretendem encorajar essa prática no museu, na busca por acessibilidade plena (não apenas material) e por uma linguagem abrangente e problematizadora na comunicação da Ciência e Tecnologia.

Palavras-chave

Comunicação em museus, Linguagem de exposições, Exposições em museus de C&T

MARGS E A RELEITURA DA “1ª EXPOSIÇÃO DE ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA” (1955/2021)

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

E-mail: vteixeira2010@gmail.com

Aline Vargas de Vargas

E-mail: aline2vargas@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

A História das Exposições, como tem sido chamada esse campo de análise, favorece a tessitura de reflexões críticas a respeito das narrativas e aspectos expográficos que nortearam e norteiam a concepção de exposições em museus de diferentes tipologias de acervo. No âmbito das exposições de arte, fomenta que o aspecto singular e canônico seja analisado para além das vertentes artísticas e seus processos, uma vez que nem sempre curadoria-cânone-obra dialogam: assim, a exposição é vista como algo independente e autônomo, capaz de configurar e reconfigurar diferentes relações ao atribuir significados. Frente a isso, ao analisar as exposições sob o prisma da Museologia, incentiva-se instituições voltem-se à sua história com objetivos de traçar uma cartografia dos modelos expositivos aplicados e, mais ainda, revisitar e explorar as relações e arranjos curatoriais das obras em ambiente expositivo, a partir de novas perspectivas e contextos sociopolíticos e temporais. Logo, este trabalho visa explorar e analisar o caso do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) que, em 2021, revisitou sua exposição de estreia, no ano de 1955, intitulada “I Exposição de Arte Brasileira Contemporânea”. À época, a mostra objetivou apresentar a produção de artistas contemporâneos ao período, bem como dar visibilidade para a instituição recém-criada. Sessenta e seis anos depois, integrando o Programa “História do MARGS como História das Exposições”, o evento é rememorado através desta remontagem que contempla a formação do acervo e as diferentes formas de estabelecer diálogos com o público através das exposições. Nessa perspectiva, o trabalho propõe um levantamento histórico acerca da História das Exposições do MARGS com foco nesse caso específico, tendo como metodologia a análise documental e revisão bibliográfica que explorem esse campo de pesquisa em expansão no âmbito dos museus e da Museologia. Por fim, compreende-se que a proposta do Programa Público do MARGS proporciona outras conexões e leituras sobre a memória institucional como fio condutor de outras proposições, contribuindo para investigar a história do museu através de seus agentes e eventos.

Palavras-chave

História das exposições, MARGS, curadorias

SINGULARIDADES DOS PROCESSOS CURATORIAIS DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Célio Emanuel Duarte de Lima Júnior

E-mail: contatocelioemanuel@gmail.com

Marcela Guedes Cabral

E-mail: marcelagcabral@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1hVzvSDCeugSDhd1iU8mDqbOKDPWUXlwH/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



ANÁLISE DOS PROJETOS E RELATÓRIOS DAS EXPOSIÇÕES CURRICULARES DE MUSEOLOGIA UFSC 2018, 2023, 2024

Patrick Sean Mascarenhas

E-mail: mascarenhas@uol.com.br

Andréia Angst

E-mail: andreiaangst16@gmail.com

Cecilia Bruno de Carvalho

E-mail: ccbrcarvalho@gmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Catarina

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1cF1LQEewAvXQKXVHMDuWCKHZSZ2Xt5VN/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



SABERES TRADICIONAIS: Experiência expositiva sobre o benzimento

Verona Segantini

E-mail: veronasegantini@gmail.com

Anna Carolina Oliveira Souza Santos

E-mail: annacarolina.oliveira@outlook.com

Saulo Marques da Silva

E-mail: saulomarquesufmg@gmail.com

Stella de Figueiredo Silveira

E-mail: stellasilveira7@gmail.com

Iolanda Guilherme Soares Pinto

E-mail: iolanda7soares@gmail.com

Breno de Jesus Alves

E-mail: brenomuseologo@gmail.com

Joyce Emanuelle da Cruz Silva

E-mail: joycemdcruz@gmail.com

Deise Joana

E-mail: deisejoan.tome@gmail.com

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/1wWMQ0xKdmLuh8ehWXx61jtpoO6Vv6mEF/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:







GT18



GT18

Grupo de Trabalho 18. Museologia e Arqueologia: processos, contextos e práticas educativas

Coordenação

Itamar Soares Oliveira

E-mail: soaresitamar@hotmail.com

Filiação Institucional: Universidade Federal do Vale do São Francisco

Igor Linhares de Araújo

E-mail: igorlinharesarqueologia@gmail.com

Filiação Institucional: Museu de Arqueologia e Paleontologia

Universidade Federal do Piauí

Este GT é um espaço de discussão interdisciplinar com foco na musealização do patrimônio arqueológico em diversos contextos, tipologias de museus e práticas educativas. A pretensão é contribuir para a reflexão crítica sobre os processos museológicos, oferecendo uma plataforma para a apresentação de investigações que dialoguem com os métodos e abordagens curatoriais aplicados ao patrimônio arqueológico. Esses processos podem ser abordados sob diferentes perspectivas, sejam elas históricas, contemporâneas ou voltadas para cenários futuros. O GT acolherá trabalhos que explorem a interface entre a museologia e a arqueologia, instigando reflexões acerca dos modos de abordagem desses patrimônios e suas implicações para as comunidades, tanto no que diz respeito às suas características identitárias quanto à relação entre a educação em não formais, como os museus. O GT pretende se tornar um fórum onde as implicações dessas práticas curatoriais para a educação patrimonial, arqueologia pública e divulgação científica possam ser amplamente discutidas e aprofundadas, trazendo contribuições para a formação cultural e democrática. Serão aceitos trabalhos de diferentes naturezas, sejam de cunho empírico, como pesquisas finalizadas ou em andamento, ou ainda relatos de experiência que apresentem resultados práticos e inovadores. Também serão bem-vindos trabalhos de natureza teórica, como ensaios críticos, que promovam uma análise aprofundada sobre o campo. O GT valoriza investigações que, além de refletirem sobre os processos metodológicos e curatoriais, avancem no debate sobre a interação entre os museus e o público, considerando as práticas educativas que emergem desses espaços e suas contribuições para o fortalecimento da cidadania. É esperado que os trabalhos submetidos ao GT abordem as diferentes maneiras pelas quais o patrimônio arqueológico é tratado nos museus, desde a preservação até a exposição e interpretação desses bens culturais. Tais investigações devem levantar questões sobre como essas práticas impactam as comunidades locais, ajudando a fortalecer as identidades culturais, além de promover um diálogo construtivo sobre políticas públicas voltadas à preservação, gestão cultural e à promoção de uma educação patrimonial eficaz. O GT também se propõe a explorar as políticas públicas de preservação e musealização do patrimônio arqueológico, refletindo sobre os desafios enfrentados e as soluções propostas no âmbito da gestão cultural. Nesse sentido, debates sobre acessibilidade, inclusão e o papel dos museus na democratização do acesso ao conhecimento arqueológico são fundamentais. A partir dessas discussões, espera-se que sejam delineadas possibilidades que ampliem a participação das comunidades nos processos de preservação e difusão do patrimônio arqueológico, contribuindo, assim, para o desenvolvimento social e cultural, comprometido com a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática. O GT pretende discutir as implicações desses processos educativos e curatoriais para a construção de uma cidadania crítica e informada, comprometida com o fortalecimento das democracias e o respeito às diversidades culturais. Dessa forma, o GT se configura como um espaço essencial para aqueles/as que buscam contribuir com as reflexões sobre os múltiplos aspectos da museologia e arqueologia, promovendo debates que fomentem a construção de um futuro mais inclusivo, educativo e socialmente responsável.

(RE)VISITAR O PASSADO:
patrimônio arqueológico do município de Beneditinos-Piauí

Alves de Carvalho

E-mail: domingosjr@ifpi.edu.br

Filiação Institucional: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

Ana Catarina Peregrino Torres Ramos

Filiação Institucional: Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: ana.tramos@ufpe.br

Resumo

Em todo Brasil houve considerável aumento de visitantes em sítios arqueológicos em decorrência das políticas públicas de turismo implantadas, que ampliaram tanto a sua segmentação, como o turismo doméstico, mudando a perspectiva do turismo em sítios arqueológicos. O município de Beneditinos, no Piauí possui importante acervo arqueológico do período pré-colonial e colonial, como os sítios arqueológicos Toca do Ladino, Canto da Pintada e Pedra do Judas, o sítio histórico Sobrado Velho, e construções como muros e cercas de pedra, do ciclo da pecuária na região, que estão nas áreas de implementação das ações de desenvolvimento do turismo local. O município integra o Plano de marketing turístico do estado do Piauí (2024) e o Mapa do Turismo Brasileiro (2024). Esses sítios devem ser conhecidos, sentidos e “vividos” pela comunidade e visitantes, uma vez que o turismo planejado é um grande aliado na defesa e preservação dos bens culturais. Assim, esta pesquisa objetiva elaborar propostas de intervenção e extroversão do/no patrimônio arqueológico de Beneditinos, buscando condições adequadas para preservação e uso social dessas referências integrantes do seu patrimônio cultural. A articulação entre União, estados e municípios, somada ao crescimento das pesquisas arqueológicas no país, pelo aumento dos cursos de graduação e pós-graduação em arqueologia, e à arqueologia preventiva e de contrato têm oferecido visibilidade aos bens arqueológicos e despertado o interesse e envolvimento das comunidades do entorno. Frente ao exposto, a demanda social e as mudanças recentes na arqueologia têm levado os arqueólogos a refletirem a respeito do uso público desse patrimônio, buscando cada vez mais aproximação com o turismo. A partir de pesquisa bibliográfica, foi possível compreender como a atividade turística vinculada ao segmento do turismo cultural pode ser uma aliada para informar, comunicar e conectar o patrimônio histórico-cultural do município. O resultado foi a proposição de um projeto para conservação e ampliação do uso do patrimônio arqueológico como atrativo turístico em Beneditinos, numa visão de mediação da informação, garantindo a característica social e pública da arqueologia.

Palavras-chave

Patrimônio arqueológico; Turismo; Beneditinos-Piauí

AS AÇÕES EDUCATIVO-PATRIMONIAIS DESENVOLVIDAS PELO LASCA/UFSM

Aline Vargas

E-mail: alinevv755@gmail.com

André Soares

E-mail: andre.soares@ufsm.br

Patrick Ventura

E-mail: patrick.ventura@acad.ufsm.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A presente comunicação visa apresentar e analisar as ações educativo-patrimoniais desenvolvidas pelo Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas da Universidade Federal de Santa Maria (LASCA/UFSM). Criado em 2019, e sendo resultado do trabalho que vem sendo realizado desde 1983, o Laboratório, embora não seja denominado museu, possui acervo, desenvolve pesquisa e extensão, comunica suas produções através de exposições, documentos e realiza ações voltadas à Educação para o Patrimônio. Com o desenvolvimento de aprendizagens integradas com escolas e parcerias com outras instituições de educação não formal, o LASCA se embasa e aplica a museologia enquanto processo, voltada à preservação, educação e comunicação do patrimônio que salvaguarda. Como uma Instituição de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos (IGP), possui em suas reservas técnicas e em exposições, acervo proveniente de anos de escavações arqueológicas que possibilitaram a coleta de artefatos líticos, cerâmicos, ósseos, metálicos, vítreos, além de resquícios de carvões, amostras de sedimentos e sementes. Tais materialidades, que juntas totalizam cerca de 300 mil itens variados, existem sobre a forma de pontas de flecha, pilões, martelos, dobradiças, utensílios para alimentação, boleadeiras entre outros, ou no formato bruto, em pequenos fragmentos e lascas como no caso de rocha e vidro. Considerando que a missão do LASCA é promover a interação da sociedade com o patrimônio por meio da preservação, pesquisa e comunicação dos bens arqueológicos, são elaboradas e desenvolvidas ações voltadas à Educação para o Patrimônio através de Oficinas de Escavação Simulada, Pintura Rupestre e Arco e Flecha. Além disso, a realização de ações em escolas, levou artefatos, réplicas e maquetes a estudantes de diversas faixas etárias, objetivando contribuir com a formação e pensamento crítico acerca das questões históricas. Através dessas ações patrimoniais, objetiva-se favorecer a superação de estereótipos ligados à Arqueologia, História Pré-Colonial e os assuntos que a atravessam, como a questão dos povos originários. Vale salientar que o contexto da cidade de Santa Maria e regiões próximas possuem diversos sítios arqueológicos, logo, o estreito diálogo com a comunidade favorece a tomada de consciência acerca do passado, presente e futuro da história da região.

Palavras-chave

Arqueologia, Ação Educativa, Educação para o Patrimônio

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARQUEOLOGIA: ações educativas no Gabinete de Arqueologia (LEEA/UENF)

Simonne Teixeira

E-mail: simonne@uenf.br

Paula Oliveira de Souza

E-mail: professorapaulasouza@gmail.com

Júlia Erminia Riscado

E-mail: julia_riscado@yahoo.com.br

Filiação Institucional: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Resumo

Nosso intuito, com esse trabalho, é apresentar o Gabinete de Arqueologia | GabArqueo onde temos desenvolvido um programa de criação e curadoria de uma reserva técnica visitável, para a coleção arqueológica sob a guarda da UENF, que visa promover uma melhor conservação do acervo e sua extroversão. O acervo se compõe dos materiais obtidos nos trabalhos de campo realizados e por doações voluntárias de achados pela população local. Possui em comum o fato de serem objetos da cultura material de caráter histórico – compreendendo aqui a arqueologia como história – proveniente de diferentes locais da região Norte e Noroeste Fluminense. Embora não se constitua em um acervo extenso, trata-se do mais expressivo e coerente acervo de caráter arqueológico na região, e que conta ainda com os registros de coleta de campo, permitindo a qualificação dos objetos a partir dos registros que dão conta dos contextos originais. Neste sentido, o GabArqueo tem por objetivo perspicuo contribuir para ao estudo qualificado, do patrimônio cultural das regiões Norte e Noroeste Fluminense, especialmente o arqueológico, tendo por base a cultura material, revelada pelo conhecimento científico e pela prática da arqueologia pública. As atividades desenvolvidas no âmbito do GabArqueo não se reduzem à simples exibição dos artefatos arqueológicos, mas a um conjunto de ações educativas que buscam propiciar o conhecimento sobre a arqueologia, seus métodos e significância. Por outro lado, buscamos por meio da pesquisa qualificada uma consistente reflexão sobre a produção do conhecimento no campo da arqueologia face à constante descaso e até mesmo a destruição do patrimônio arqueológico nesta região. Nossa proposta para este Simpósio é apresentar o planejamento e desenvolvimento de ações pautada nos princípios da interpretação potencializado pela Educação Patrimonial, tendo como objetivo ampliar o acesso de estudantes da rede de ensino e da população interessada aos bens arqueológicos enquanto patrimônio cultural. Neste sentido, discutiremos as ações em curso que buscam promover a inclusão e a diversidade, observando o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento de que temos lançado mão.

Palavras-chave

Coleção, Cultura Material, Reserva Técnica Visitável, Extroversão, Divulgação da Ciência, Norte e Noroeste Fluminense

AS AÇÕES EDUCATIVO-PATRIMONIAIS DESENVOLVIDAS PELO LASCA/UFSM

Aline Vargas,

E-mail: alinevv755@gmail.com

André Soares

E-mail: andre.soares@ufsm.br

Patrick Ventura

E-mail: patrick.ventura@acad.ufsm.br

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A presente comunicação visa apresentar e analisar as ações educativo-patrimoniais desenvolvidas pelo Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas da Universidade Federal de Santa Maria (LASCA/UFSM). Criado em 2019, e sendo resultado do trabalho que vem sendo realizado desde 1983, o Laboratório, embora não seja denominado museu, possui acervo, desenvolve pesquisa e extensão, comunica suas produções através de exposições, documentos e realiza ações voltadas à Educação para o Patrimônio. Com o desenvolvimento de aprendizagens integradas com escolas e parcerias com outras instituições de educação não formal, o LASCA se embasa e aplica a museologia enquanto processo, voltada à preservação, educação e comunicação do patrimônio que salvaguarda. Como uma Instituição de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos (IGP), possui em suas reservas técnicas e em exposições, acervo proveniente de anos de escavações arqueológicas que possibilitaram a coleta de artefatos líticos, cerâmicos, ósseos, metálicos, vítreos, além de resquícios de carvões, amostras de sedimentos e sementes. Tais materialidades, que juntas totalizam cerca de 300 mil itens variados, existem sobre a forma de pontas de flecha, pilões, martelos, dobradiças, utensílios para alimentação, boleadeiras entre outros, ou no formato bruto, em pequenos fragmentos e lascas como no caso de rocha e vidro. Considerando que a missão do LASCA é promover a interação da sociedade com o patrimônio por meio da preservação, pesquisa e comunicação dos bens arqueológicos, são elaboradas e desenvolvidas ações voltadas à Educação para o Patrimônio através de Oficinas de Escavação Simulada, Pintura Rupestre e Arco e Flecha. Além disso, a realização de ações em escolas, levou artefatos, réplicas e maquetes a estudantes de diversas faixas etárias, objetivando contribuir com a formação e pensamento crítico acerca das questões históricas. Através dessas ações patrimoniais, objetiva-se favorecer a superação de estereótipos ligados à Arqueologia, História Pré-Colonial e os assuntos que a atravessam, como a questão dos povos originários. Vale salientar que o contexto da cidade de Santa Maria e regiões próximas possuem diversos sítios arqueológicos, logo, o estreito diálogo com a comunidade favorece a tomada de consciência acerca do passado, presente e futuro da história da região.

Palavras-chave

Arqueologia, Ação Educativa, Educação para o Patrimônio

MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA E PLANEJAMENTO MUSEOLÓGICO EM UM MUSEU UNIVERSITÁRIO

Vinicius Melquíades

E-mail: melquiadesvinicius@gmail.com

Kamila Carvalho Feitoza

E-mail: kamilacfeitosa@gmail.com

Camilly Santana Nascimento

E-mail: camillysantana@ufpi.edu.br

Wallyson Vales Moraes

E-mail: allysonmoraesoficial@gmail.com

Filiação Institucional: Museu de Arqueologia e Paleontologia

Universidade Federal do Piauí

Resumo

O Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (MAP-UFPI) é um museu universitário situado no campus da UFPI em Teresina e foi inaugurado em 2013. Foi constituído como um órgão suplementar da universidade ligado à reitoria, ao Curso de Arqueologia e ao Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP), e se destaca por ser um dos poucos museus no Piauí qualificado a receber endossos de material arqueológico e por ser um ambiente de pesquisas. Apesar de ser uma instituição que conta com o esforço de seus profissionais para a busca de sua constante melhoria, o MAP ainda apresenta diversos desafios em âmbitos institucionais e cotidianos a serem superados. Nesse sentido, após 10 anos de sua inauguração, foi instituído, no ano de 2023, o projeto para elaboração do Plano Museológico Participativo-PLAMPA. O Plano museológico é um instrumento de gestão e planejamento estratégico exigido por lei, que por meio de uma análise de todos os âmbitos de um museu, permite atualizar a instituição e otimizar suas ações e serviços alinhados à missão, aos valores, às metas e à filosofia da instituição. Para alcançar esses objetivos, a execução do PLAMPA é realizada de forma participativa, permitindo que diversos públicos -internos e externos-contribuam na constante avaliação, sistematização e propostas do/para o museu. O PLAMPA busca não apenas a elaboração e implementação do Plano Museológico, mas a (re)visão, atualização e ampliação das atividades do museu, para que ele seja também um ambiente onde as interações com a Museologia, a Arqueologia e a Paleontologia sejam enriquecidas por referências culturais locais, promovendo maior diversidade e identificação da comunidade com o museu. Partindo da Musealização da Arqueologia, neste trabalho, buscamos refletir sobre o que implica, na prática, os processos de elaboração de um Plano Museológico associados à essa linha ou campo de pesquisa. Além disso, mostrar que o plano pode/deve ser mais do que um documento; em se tratando de um museu universitário pode integrar atividades contínuas de pesquisa, ensino, extensão e gestão, buscando uma revisão e atualização junto às novas concepções, diretrizes e função social dos museus, em consonância com as vertentes atuais da Arqueologia e da Museologia, especialmente a Musealização da Arqueologia.

Palavras-chave

Museus Universitários, Musealização da Arqueologia, Planejamento Museológico

DOCUMENTAÇÃO DIGITAL E NOVAS DESCOBERTAS EM UM SÍTIO COM ARTE RUPESTRE NA AMAZÔNIA

Eloise Borges Castro

E-mail: eloisebcastro@gmail.com

Julle Isabele Siqueira Caldas

E-mail: julleisabele10@gmail.com

Marcela Nogueira de Andrade

E-mail: mna@ufpa.br

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

<https://drive.google.com/file/d/15M9tkrCwlptX6DeVt3ZQKspDpv4sJrEL/view?usp=sharing>

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:



ARQUEOLOGIA E MUSEALIZAÇÃO: Panorama de Visitação em Sítios Arqueológicos no Brasil

Ysabel Arruda da Silva

E-mail: ysabelarruda7@gmail.com

Wesley Raiol Pires

E-mail: raiolwesley@gmail.com

Marcela Nogueira de Andrade

E-mail: mna@ufpa.br

Filiação Institucional: Universidade Federal do Pará

POSTER DIGITAL

No link abaixo, acesse o arquivo do Pôster Digital

https://drive.google.com/file/d/1N_uOU2DfYnToEG4_u2fWQQ0xyUyYvx8c/view?usp=sharing

Ou acesse pelo QR-CODE abaixo:





Realização



mapm
Associação de Mulheres Acadêmicas e Profissionais de Medicina

Apoio



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO DELTA
DO PARAIBA